

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Departamento de Antropologia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia- PPGA

Ingrid Ferreira Fonseca

**Sociabilidades em um Clube de Malha:
Perspectivas antropológicas sobre jogo, masculinidade e
envelhecimento**



Niterói
2015

Ingrid Ferreira Fonseca

**Sociabilidades em um Clube de Malha:
Perspectivas antropológicas sobre jogo, masculinidade e envelhecimento**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da
Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção
do grau de Doutora em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo

Niterói

2015

**Sociabilidades em um Clube de Malha:
Perspectivas antropológicas sobre jogo, masculinidade e envelhecimento**

Tese apresentada, como requisito para obtenção do título de Doutora em Antropologia, ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo
Universidade Federal Fluminense - UFF

Banca de defesa de tese:

Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo - orientador
Universidade Federal Fluminense - UFF

Prof.^a Dra. Simone Pereira da Costa Dourado
Universidade Estadual do Maringá- UEM

Prof.^a Dra. Andrea Moraes Alves
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Prof.^a Dra. Simoni Lahud Guedes
Universidade Federal Fluminense - UFF

Prof.^a Dra. Ana Paula Mendes de Miranda
Universidade Federal Fluminense- UFF-

Dedicatória

Ao meu filho Pedro Augusto, hoje com oito anos, que só me conhece como a mãe que estuda o jogo de malha. Ainda pequeno, com uns cinco anos, disse-me que quem estudava dinossauros era paleontólogo, então por associação quem estudava malha era “*malhantóloga*” (sua mãe, risos). Já mais grandinho, no final de tese, me ofereceu uma grande lição de vida: “Mãe, só deixa as coisas mais importantes na sua cabeça” (quando percebeu que eu estava bastante atarefada, com muitas situações para resolver). Meu anjo, meu companheiro de estrada, minha luz. Esta tese é especialmente para você!

Agradecimentos

RESUMO

Na Praça do Patriarca, no bairro de Madureira, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, encontra-se um Clube de jogo de malha conhecido como “Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira”, composto por 12 homens velhos. Estes se reúnem aos sábados e domingos pela manhã para praticar este jogo e também para jogar cartas e brincar de *purriinha*. Existe uma sociabilidade criada internamente entre os sócios jogadores e contribuintes, fazendo interlocução com frequentadores do clube e algumas pessoas da vizinhança. Nesse contexto, o problema da tese baseia-se nas seguintes reflexões: como se constroem e se estabelecem as sociabilidades, principalmente entre homens acima dos 60 anos, não marcadas por parentesco, mas potencialmente por vizinhança e gosto por uma prática esportiva vivenciada em praça pública? Que normas, valores e conceitos medeiam a convivência nesse grupo? Este estudo se apoiou em um método etnográfico, utilizando uma perspectiva *de perto e de dentro*, cuja ênfase acontece nos arranjos desenvolvidos pelos atores sociais na vivência da cidade. A metodologia se enquadra nos estudos urbanos contemporâneos, que, de certa forma, tentam ampliar a discussão sobre a cidade para além de suas fragmentações, trazendo à vista estudos sobre a produção de comportamentos e de determinados estilos de vida. O trabalho reflete sobre a questão de sociabilidade e os significados conferidos pelos sócios e frequentadores do Clube de Malha, correlacionando-os com as teorias especialmente antropológicas que abarcam as discussões sobre a construção social da masculinidade sob a ótica das questões de gênero e dos processos de construção da velhice.

Palavras-chave: Sociabilidade - Jogo - Esporte - Masculinidade. Envelhecimento - Estudos urbanos.

ABSTRACT

At the *Praça do Patriarca* (Patriarca Square), in the neighborhood of Madureira, northern Rio de Janeiro, there is a gaming club named “Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira”, consisted of twelve old men. These men meet on Saturday and Sunday mornings to play the *Malha* game, as well as deck cards and *purrinha*. There is a sociability developed internally between game members and contributing members created internally, which interlocutes with club goers and some neighbors. Within this context, the issue of this thesis is based on the following reflections: how are the sociabilities constructed and established, mainly among upper 60-year-old men and not marked by parentage, but potentially by neighborhood and a taste for practicing a sport in the public square? What norms, values and concepts mediate the interaction within this group? This study was underpinned by an ethnographic method, by means of an *insider* and *home* perspective that emphasizes the arrangements developed by social actors in the city interaction. The methodology fits within the contemporary urban studies, which, somehow, attempt to expand the discussion on the city beyond its fragmentations by bringing in sight studies on the production of behaviors and certain lifestyles. The research reflects upon the issue of sociability and the meanings imparted by the partners and goers of *Clube de Malha*, by correlating such meanings to especially anthropological theories that encompass discussions on the social construction of masculinity under the optics of gender issues and oldness construction processes.

Keywords: sociability – gaming – sport – masculinity – aging – urban studies

INTRODUÇÃO	08
Problematização	08
Construção de um olhar	14
1. METODOLOGIA	26
1.1. O fazer etnográfico	26
1.2. Entrada e saída de campo: os atores sociais em cena	31
1.3. Antropóloga em campo	37
1.4. Entrada do ajudante de pesquisas masculino: meu marido	46
2. CIDADE, LAZER E SOCIABILIDADE ESPORTIVA: O USO DO ESPAÇO URBANO	53
2.1. Estudos urbanos no Brasil	53
2.2. Fazendo antropologia na cidade: o contexto onde ocorre o jogo de malha	57
2.2.1. <i>Algumas ideias sobre a construção do subúrbio carioca</i>	58
2.2.2. <i>A Praça do Patriarca</i>	67
2.3. Sociabilidade esportiva na Praça do Patriarca: o caso do Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira	72
2.3.1. <i>A organização do Clube de Malha na Praça do Patriarca e o início da sociabilidade local</i>	81
2.4. Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira e as relações para além da pista: família e eventos	106
2.5. As representações sobre os espaços público e privado no Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira	115
3. A CONSTITUIÇÃO DO ESPORTE CLUBE DE MALHA PATRIARCA DE MADUREIRA E OS PROCESSOS DE DESPORTIVIZAÇÃO	130
3.1. Pensando nos termos esporte, jogo e brincadeira	130
3.2. A constituição do campo esportivo do jogo de malha: um breve panorama histórico	135
3.3. De “Grupo de Malha” para “Esporte Clube de Malha”: a desportivização do jogo dentro do clube	142
3.4. As corporalidades no jogo de malha: representações sobre o homem velho	153
4. A SOCIABILIDADE NO ESPORTE CLUBE DE MALHA PATRIARCA DE MADUREIRA E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MASCULINIDADE	160
4.1. Construção social da masculinidade	160
4.2. Jocosidades “um jogo dentro do jogo” – base das relações de sociabilidade	166
4.3. Outras formas de sociabilidade para além das relações jocosas	177
4.4. A construção da identidade masculina e a participação no Clube de malha	180
4.5. Mulheres no campo esportivo da malha	188
CONSIDERAÇÕES FINAIS	198
REFERÊNCIAS	
APÊNDICE 1- Regras do jogo de malha utilizadas pelo Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira	220
APÊNDICE 2- As pessoas que participaram da pesquisa, respectivamente com seus nomes fictícios	223
APÊNDICE 3- Fotos com jogadores lançando a malha	232

INTRODUÇÃO

Problematização

Os temas jogo, esporte, lazer/recreação e espaços urbanos sempre me foram próximos, por conta de minha licenciatura plena em Educação Física, finalizada em 1996. Durante e após a minha formação, minhas pesquisas acadêmicas têm se debruçado prioritariamente sobre esses temas. Nesse contexto, entre 1999 e 2000, por ocasião da minha dissertação de mestrado na área de Educação Física (FONSECA, 2000), tive a oportunidade de fazer um trabalho acadêmico com lócus no jogo de bola de gude,¹ na cidade de São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro. Meu foco naquele momento eram as crianças e adolescentes que jogavam bola de gude e as memórias dos adultos ex-praticantes.

Especialmente a partir desse estudo, identifiquei meu interesse pela etnografia urbana, dialogando com questões ligadas aos estudos da construção social da masculinidade, esporte e grupo etário, e também com reflexões sobre as sociabilidades urbanas e esportivas geradas a partir desses momentos de convivência. Destarte, a tese que ora apresento é fruto tanto das inquietações produzidas desde o fim da minha dissertação de mestrado quanto da necessidade de aprofundar algumas das questões elencadas acima, nesse contexto sob a ótica da teoria antropológica.

Neste caso, o lócus da minha pesquisa é um Clube de jogo de malha composto por 12 homens velhos onde se pratica prioritariamente esse jogo; lá também por vezes jogam-se cartas, principalmente a modalidade sueca,² e brinca-se de um jogo/brincadeira conhecido por eles de “porrinha” ou “purrinha”.³ Essas atividades sempre acontecem nas manhãs de sábados ou domingos na Praça do Patriarca, bairro de Madureira, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

A escolha pelo uso do termo velho em detrimento, por exemplo, de idoso tem alguns sentidos: os sócios do clube se referem entre si como jogadores e atletas; muito poucas vezes ouvi termos aludidos à velhice; quando acontecia era usado o termo velho. Vários estudos que discorrem sobre a experiência de envelhecer (LINS DE BARROS,

¹ Para mais detalhes ver Fonseca (2000).

² Um tipo de jogo de cartas com quatro participantes que jogam em duas duplas. Em outros locais do bairro, há apostas em dinheiro, mas no interior do Clube não presenciei tal situação.

³ Um jogo com moedas onde cada jogador dá um lance de quantas o adversário tem em suas mãos. Ganha quem adivinhar três vezes seguidas ou a maior quantidade de vezes no número de rodadas. É realizado tradicionalmente com apostas em dinheiro; contudo, na pista de malha, não vi os jogadores apostando.

2006a; ALVES, 2006) usam o termo velho, porque é a categoria diretamente atrelada ao ato de envelhecer e à velhice. De certa forma também reforçar o conceito de velho não representado nas ideias de obsoleto, inútil e sem valor, mas sim aquele que projeta valores, sentidos e significados para sua vida em associação com os grupos sociais ao seu redor.

O bairro de Madureira, onde o Clube de Malha se encontra, é muito famoso tanto na cidade do Rio de Janeiro quanto nas cidades da região metropolitana,⁴ por possuir o “Mercadão de Madureira”, um aglomerado de lojas comerciais inaugurado em 1914. Além disso, nos dias de hoje continua bastante conhecido, por ser um dos maiores centros comerciais da cidade do Rio de Janeiro. Para acolá da questão econômica, observa-se que assuntos ligados à dinâmica cultural do bairro também tiveram importância entre os cariocas. Como exemplo, temos o samba, um ritmo musical contemplado em “rodas de samba” e principalmente vinculado a duas das mais importantes escolas de samba do estado do Rio de Janeiro: Portela e Império Serrano. No que diz respeito à questão geográfica-espacial, o bairro faz divisa com Cascadura, Cavalcanti, Vaz Lobo, Engenheiro Leal, Turiaçu, Campinho e Oswaldo Cruz.

Identifica-se, no cenário urbano desse bairro e em outros, é claro, uma série de manifestações culturais construídas a partir da organização de identidades sociais e dos grupos de sociabilidade cujos lugares projetam suas memórias, valores e tradições. Esses são fenômenos identificados e estudados nas cidades, e não necessariamente frutos da urbanização como acredito ser o caso do Clube de malha. “Ela [a cidade] não é a principal causa desse fenômeno, embora possa intervir no seu desenvolvimento, mas se constitui no centro de convergência de processos das mais variadas ordens” (OLIVEN, 1985, p. 13).

As diferentes sociabilidades são práticas sociais que dão significado ou ressignificam o próprio espaço urbano, utilizando seus aparelhos de lazer, “[...] lazer enquanto prática que supõe a formação de vínculos e implica determinadas formas de relação com o espaço e equipamentos urbanos [...]” (MAGNANI, 2000, p. 34). Denotam ser também uma das dimensões da vida social urbana cujo pano de fundo é a própria cidade, com suas conexões e seus entraves: “[...] um recorte particular da vida

⁴ A região metropolitana do Rio de Janeiro é composta por 17 municípios: Rio de Janeiro, Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaboraí, Japeri, Magé, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São Gonçalo, São João de Meriti, Seropédica, Mesquita e Tanguá. Disponível em: <http://arquiteturaurbanismotodos.org.br/a-regiao-metropolitana-do-rio-de-janeiro>. Acesso em 24 set. 2015.

social no contexto urbano, focalizando lazer, sociabilidade, práticas culturais” (MAGNANI, 2000, p. 9).

O lazer constitui-se em experiências vivenciadas pelas pessoas que, de uma maneira ou de outra, “[...] cultivam estilos particulares de entretenimento, mantêm vínculos de sociabilidade e relacionamento, criam modos e padrões culturais diferenciados” (MAGNANI, 2000, p. 19) e adotam múltiplas formas de uso do espaço público, atuando de maneira ativa e, por que não dizer, criativa em relação a este. Geertz (1978) já nos alertara sobre isso quando, ao dissertar sobre a cultura, abordava-a como um dispositivo que organiza o agir humano, permitindo dar sentidos e significados às coisas e às pessoas, guiando sua leitura sobre o mundo.

Nesse contexto, o estudo antropológico propicia uma percepção e um registro de determinadas situações que acontecem nas interações sociais, utilizando um olhar mais microscópico das práticas de sociabilidade quotidiana. Sendo assim, surgem indagações que contribuem para a problematização da relação das pessoas com a cidade (vizinhança, políticas públicas etc.), no desejo também de projetar olhares mais macroscópicos sobre ela, construindo “novas” e diferentes imagens e interpretações sobre os acontecimentos urbanos (MAGNANI, 2002).

Os estudos de sociabilidade urbana, tais como o de Magnani (2000), de grande expressão no Brasil, enfocam majoritariamente o tema da juventude – sobretudo de grandes metrópoles, como é o caso da cidade de São Paulo. Discorrem acerca de vicissitudes que acontecem na constituição desses grupos, as relações sociais que surgem nos diferentes espaços na cidade e os significados atribuídos pelos atores sociais a suas práticas culturais e de lazer.

No que tange à sociabilidade dos velhos, dos idosos, da terceira idade – alguns dos termos utilizados no senso comum – aparece em especial a sociabilidade esportiva – principalmente aquela vivenciada pela maioria dos homens em espaços públicos, como formas de ocupar seu tempo livre e suas vivências de lazer. Pesquisas sobre práticas esportivas realizadas por idosos⁵ ainda são menos numerosas em relação aos estudos da mesma natureza entre crianças, adolescentes, jovens e adultos. Contudo, com a elevação da expectativa de vida, o número de idosos no Brasil tem aumentado vultuosamente e (chegou a ser o 7º país em âmbito mundial (RODRIGUES, 2009). De certa maneira, cresce também a vivência lúdica de atividades de lazer.

⁵ Uso aqui o termo idoso, pois estou fazendo correlação com outras etapas da vida que são classificadas desta forma.

Encontra-se neste cenário, principalmente nas grandes cidades, certa predileção de grande número de mulheres por atividades físicas com características do âmbito privado, sendo atraídas por propostas destinadas exclusivamente a esse público – chamada, por exemplo, de “Projetos para Terceira idade”. Por outro lado, ainda identificamos que muitos homens buscam o ambiente público, atrelados a atividades que os façam reencontrar com seus pares e com certa reminiscência dos aspectos do mundo do trabalho (ALVES, 2004).

Concomitantemente, tanto na área da saúde quanto na de humanas e sociais, os estudos acadêmicos vêm cada vez mais se debruçando sobre a temática da velhice, investigando e discutindo questões ligadas aos sentidos dados pelos velhos e velhas às múltiplas experiências de envelhecer em nossa sociedade complexa. Essas reflexões são atravessadas pelas transformações culturais e sociais em que vivem e com temas mais gerais, tais como família, masculinidade, feminilidade, políticas públicas, juventude, saúde, beleza etc. No que se refere à Antropologia:

[...] tem-se indagado sobre as especificidades da velhice hoje, entendendo que elas só fazem sentido se compreendermos o envelhecimento como um conjunto de relações sociais entre gerações, nas quais as dimensões de gênero, classe social, posição na família – para nos atermos aos elementos mais explorados nos estudos sobre velhice- têm um papel central na conformação de seus significados (ALVES, 2006, p. 67-68).

Obviamente, não estou me referindo à categoria velho como algo uniforme, com características marcadas e definidas previamente, sem a interlocução com o sujeito que vive o processo de envelhecer. Penso, assim como Debert (2006), que a velhice é uma condição socialmente produzida que sofre representações distintas, dependendo dos contextos históricos, sociais e culturais diversos. Por isso, faz-se necessário relativizar a questão do envelhecimento, indo além de um conceito baseado somente em determinismo biológico específico, mesmo reconhecendo “[...] que o envelhecimento físico ou a idade legal tornaram-se mecanismos fundamentais de classificação e separação entre os seres” (DEBERT, 2006, p. 61). As representações sociais sobre a velhice são as mais variadas, pois se encontram tangenciadas pelas questões de posição de classe, gênero, interações entre grupos etários e também étnico-raciais (ALVES, 2004).

Ao mesmo tempo que assuntos e situações concretas ligadas à experiência social de envelhecer apareceram durante o trabalho de campo, os Grupos de Malha com os

quais tive contato,⁶ principalmente o Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira, objeto desta tese, exemplificam as variadas maneiras de fruição dos espaços urbanos, sobretudo no uso de equipamentos públicos, como já destacado. E nesta teia urdida de valores e ações em um Clube de Malha, em praça pública surgem também questões interligadas à construção social da masculinidade do homem velho.

Esses grupos se apropriam dos espaços da cidade, construindo suas lógicas internas, produzindo algum tipo de apego e identificação com o lugar, dotando-os de significados. Produzem sentidos em suas práticas e, por que não dizer, em muitos casos, em suas próprias vidas, na maioria das vezes de aposentados. Infere-se que uma das maneiras que os velhos se utilizam para prolongar a vida ativa é a busca dos parceiros, através de atividades como jogo, esporte, jogos de azar, especialmente no espaço público, reforçando ou não determinados estereótipos do que é ser homem.

O estudo das sociabilidades nos informa sobre as culturas que estão na base do apego aos lugares urbanos, e ao mesmo tempo, sobre a reprodução ou reinvenção dos laços sociais nos universos densos, abertos e heterogêneos das sociedades contemporâneas (AGIER, 1998, p. 45).

Aparentemente, pode transparecer tratar-se apenas de um grupo de homens velhos reunindo-se para jogar o jogo de malha, de cartas – “dominados pelo vício”, poder-se-ia dizer no senso comum (TRAVASSOS, 1995) – ou jogos de “purrinha” ou de malha (como no meu campo) – preenchendo o tempo, diriam alguns passantes da praça. Mas, do ponto de vista antropológico, Clubes de Malha constroem símbolos e significados acerca de conceitos que fazem parte do seu dia a dia e das relações sociais com seu entorno, privilegiando os temas da masculinidade, envelhecimento e sociabilidade. É seguindo esses rastros que esta tese vai caminhar.

O encontro com o jogo-esporte, popularmente conhecido em algumas regiões do Brasil como jogo de malha, aconteceu em abril de 2003, de maneira casual durante um passeio turístico pelos municípios de Miguel Pereira e Paty de Alferes, no estado do Rio de Janeiro⁷ (em ambas cidades foi possível encontrar várias pistas de jogos de malha).

⁶ Além do Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira, estabeleci contato com: Ipiranga Malha Clube (Maricá); Clube de Malha Vila Olímpica (Campo Grande- Cosmos); Clube de Malha Bangu (Bangu); Municipal Malha Clube (Nilópolis), Clube de Malha Mauá (São Gonçalo). Além deles, estive presente em dois eventos no estado de São Paulo: 18º Jogos regionais dos idosos (cidade de Caraguatatuba- abril de 2014) e 11ª Taça Brasil de Clubes Campeões (cidade de Bauru, julho de 2014.).

⁷ Cidades situadas na região do Vale do Ciclo do Café, estado do Rio de Janeiro.

Inicialmente, perguntei-me que jogo era aquele, pois nunca o havia visto antes; por conta disso, fiquei instigada em conhecê-lo melhor.⁸

Em Paty dos Alferes, houve uma pista em particular que me chamou bastante a atenção: ficava ao longo de uma das vias de maior movimento na cidade e dispunha de vários homens jovens e velhos ao seu redor (em torno de 30) assistindo ao jogo, além de alguns dentro da pista. Ao seu lado, havia um bar com homens de variadas idades bebendo cerveja e cachaça, seja conversando ou esperando a vez de jogar. Um lugar coberto e com iluminação própria (cheguei lá no fim da tarde), muito animado e com os homens falando alto. Desse modo, ainda como espectadora, resolvi parar para ver o jogo (naquele momento, estava acompanhada do meu marido). Estavam ali exclusivamente homens, com idade aproximada entre 40 e 80 anos, jogando ou observando o jogo na beira da estrada.⁹ Interessada no contexto que observei e de seus possíveis significados para os participantes, iniciei os estudos sobre o assunto. Naquele momento, eles estavam vinculados à área da Educação Física e publiquei um artigo (FONSECA; TELLES, 2006a) baseado na etnografia do jogo de malha naquele lugar.

Com o meu olhar até então aguçado para esse tema, em 2006, tive a oportunidade de conhecer um Clube de Malha no município de São Gonçalo, minha cidade natal, situado dentro do Clube Esportivo Mauá – local de bastante prestígio no município, no qual fiz um trabalho historiográfico no mesmo ano (FONSECA; TELLES, 2006b). Em um dos dias de campeonato, na pista desse clube conheci e conversei com um jogador do então chamado “Clube de Malha Patriarca de Madureira”, sediado na Praça do Patriarca, bairro de Madureira, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Durante o papo, me convidou para ir conhecê-los.

Pela descrição dos jogadores, tanto de São Gonçalo quanto de Madureira, esse era o único grupo majoritariamente de homens velhos que se organizava em praça pública. Todos os outros estavam dentro de algum clube privado ou em algum local murado, separado da vizinhança, e muitos em terrenos baldios.

A pista do grupo de Madureira era fechada com alambrados, mas com horizonte devassado, tendo contato direto visual direto com as ruas, o comércio local e as pessoas que passavam da vizinhança. Possuía um portão do mesmo material, com cadeado. Por

⁸ Dei-me conta também, que do ponto de vista pessoal, de alguma forma já possuía o registro nas minhas memórias sobre o jogo de malha desde a infância, pois fui frequentadora assídua do Clube Esportivo Mauá, que possui uma pista. Para chegarmos até a quadra, um dos espaços mais disputados do clube, fazia-se necessário passar pela pista de malha.

⁹ Dado de 2004, última vez que estive na cidade. Não tenho informações sobre os dias de hoje.

conta dessas características, algumas questões logo me vieram à mente: como se davam as relações entre o público e privado naquele local? Como era a convivência dos homens velhos com a vizinhança e com suas famílias? Como significavam esse espaço? Quais pontos eram simbolicamente elaborados dentro desse universo: violência? Masculinidade? Envelhecimento? Morte? Aposentadoria? Vida? Família? Lazer?

Em julho de 2009, após quase três anos desse encontro em São Gonçalo, fui conhecer a sede do Grupo de Malha em Madureira, já com intuito de preparar a entrada no Doutorado em Antropologia.

Construção de um olhar

Cheguei à Praça do Patriarca por volta das 8h30min da manhã de um domingo de sol, em julho de 2009. Uma praça arborizada, com um anfiteatro a céu aberto, um pequeno campo de futebol, tipo *society* (ao lado da pista de malha), uma quadra poliesportiva descoberta, um espaço com bancos para jogos de carta, um pequeno parque com brinquedos de ferro para as crianças e uma barraca com venda de artigos sobre plantas e jardins. A pista para o jogo de malha ficava em uma das extremidades da praça, fazendo divisa com três outras ruas.

Em uma delas, havia um comércio local formado por um bar, uma *lan house* e uma loja que vende frutas e legumes, além de vendedores de rua, com suas barracas de frutas, sorvete e pastéis. Na calçada do comércio, encontrei homens velhos jogando cartas e alguns outros conversando, principalmente na porta dos bares ou da padaria. Não vi mulheres no local. Na outra rua, lateral, existia uma Igreja Batista. A praça ficava a aproximadamente 200 metros do Serviço Social do Comércio (SESC) Madureira e do Serviço Social de Aprendizagem Comercial (SENAC) Madureira.



Foto 1- Esta parte da Praça do Patriarca fica do lado oposto à pista de malha. Na foto, o anfiteatro, as mesas para os jogos de dama e cartas e a loja com venda de artigos de jardinagem. Junho de 2014.



Foto 2: Pista de malha e a divisa com as ruas. Dezembro de 2013.



Foto 3: Calçada com o comércio, em cujas portas homens velhos conversam habitualmente. Junho de 2014

Andei um pouco pela praça para pesquisar o que ocorria por lá. No campo de futebol, acontecia uma partida do Patriarca Esporte Clube, com aproximadamente 25 homens com idades entre 20 e 70 anos. Nos brinquedos infantis, poucas crianças, acompanhadas de alguns adultos. Ninguém utilizava os aparelhos de ginástica para a

terceira idade. Na quadra, alguns meninos adolescentes brincavam com uma bola. Algumas pessoas, passando pela praça, dirigiam-se a outros locais.

A pista de malha fazia divisa em toda sua extensão com o campo de futebol, do qual se separava por conta do alambrado em toda sua extensão. Quando avistei, já estavam reunidos oito homens entre 60 e 80 anos de idade, quatro deles organizando a pista para o jogo (varrendo, jogando umas bolinhas em cima da pista, pegando a caixa com as malhas etc.) e os outros sentados em um dos bancos, conversando. Um clima de muita descontração, com risadas constantes.



Foto 4: Divisa com o campo de futebol, pista de malha à esquerda da foto. Junho de 2014

A pista fora construída embaixo de duas árvores que geram frescor e sombra, principalmente na “área de convivência”. Essa área, que chamo de “convivência”, era constituída por dois bancos verdes de ferro, onde ficavam os homens velhos que esperavam a vez ou que estavam assistindo aos jogos e ficavam conversando. Existia uma mesa feita com tronco de árvore, que servia de suporte para a caixa de ferro (com cadeado) que guardava dois pares de malha (em torno de quatro quilos), além de servir de apoio para as bolsas dos jogadores. No conjunto dos objetos, havia dois armários cuja função era guardar os materiais, a fim de manter a pista em bom estado de conservação. Eram latas de tinta, escadas, vassouras, panos de chão, baldes, sacos com canjiquinhas,¹⁰ a caixa onde ficavam guardadas as malhas, jogos de cartas etc.

¹⁰ Substância espalhada no solo, antes e durante o jogo, se for necessário, para ajudar no deslizamento da malha.

De certa distância, fiquei algum tempo observando a movimentação dos jogadores: uns estavam pendurando cartazes nos alambrados, outros varrendo a pista, alguns conversando, rindo e outros chegando. Em pouco tempo, já estavam jogando o jogo de malha.

Eram quatro homens velhos, dois em cada extremidade da pista. Os pares ficavam um em cada cabeceira. O primeiro pegava a malha, passava uma espécie de cera, agachava-se, colocando uma perna na frente da outra, inclinando o tronco para frente e lançava a malha que estava em sua mão, em direção ao pino, com o intuito de derrubá-lo. Ao soltá-la, ela deveria bater em uma área específica (pintada de branco, ver foto a seguir). Caso encostasse na linha ou batesse fora da área, a malha estava “queimada” (desclassificada da jogada). Se derrubasse o pino, o jogador ganharia quatro pontos, e automaticamente seu parceiro, que estava perto do quadro de pontos, os marcaria. Caso não conseguisse derrubar o pino, mas mantivesse sua malha dentro da roda, teria que esperar seu concorrente lançar as malhas (são duas em sequência) para acompanhar se ganharia mais dois pontos naquele mesmo lance. No momento em que o adversário lançava a malha, ela desliza e batia na malha do anterior, tirava-a de dentro do círculo e a sua também saía, sem atingir o pau; ninguém pontuava. Fui percebendo, além dessas, outras combinações de jogadas: a malha batia no pino, derrubava-a e ainda permanecia dentro da roda, perfazendo um total de seis pontos. O jogador não acertava nada e, portanto, não pontuava; porém lançava sua malha de maneira que ela ficasse parada na extensão da pista, em um local que pudesse atrapalhar a jogada do adversário, que vinha logo em seguida. Havia diferenças também na maneira de enviar a malha: pela parte lisa ou pela achatada que ela possui. Os pares de malha tinham uma marcação numérica específica. Cada vez que um jogador lançava sua malha, e esta ficava parada no caminho, antes do círculo, por exemplo, o jogador que a lançou ia até o local onde ela parou, agachava-se e a pegava. Cada dupla tomava conta do seu par de malhas e conferia a cada jogada se pegara a malha correta.



Foto 5 - Posição dos jogadores na cabeceira de chegada da malha e com o seu lançamento. Abril de 2013



Foto 6 - As malhas de aço que os jogadores utilizavam. Dezembro de 2013

Visto de fora, o clima parecia bastante amistoso, com jogadores rindo em suas jogadas e gargalhando das dos outros. Enquanto uns jogavam, outros ficavam nos bancos conversando, seja esperando a vez para jogar, seja impulsionando os jogadores, indicando como deveriam jogar a malha: “Joga a malha canoinha que é melhor”. Ficavam também provocando o outro sobre sua habilidade: “O que está havendo contigo?”; “Tá nervoso?”. Alguns passantes paravam e olhavam o jogo, ficavam gritando para os de dentro: “Não tomou café hoje, não?” Outros cumprimentavam alguns que estavam do lado de dentro, e alguns paravam e ficavam olhando e conversando por algum tempo com os jogadores ou com os que estavam sentados. Não

vi ninguém de fora da grade entrando ou com intenção de entrar. Percebi que as gozações que faziam entre si são comuns naquele contexto, com certo aceite de ambos os lados, pelo menos nesta primeira percepção.

Fui aos poucos me aproximando e permaneci do lado de fora da grade que circunda toda a pista, como uma possível curiosa do jogo, como tantos outros e outras que passam pela praça; a diferença crucial era de que eu não era do bairro e uma mulher mais nova que a média de idade do grupo observando atentamente o jogo. No entanto, mantive o olhar interessado no que acontecia dentro da pista, e ao mesmo tempo observava os jogadores envolvidos nas partidas, seus comentários básicos (aqueles que podia ouvir a certa distância, é claro), a interlocução com as pessoas que passavam pelo local, as formas de organização das duplas, a recepção de uns com os outros etc. Continuei envolvida um bom tempo, não sei precisar quanto, provavelmente mais tempo do que um morador ou um comerciante tinha costume de ficar por ali, ou até um pedestre que por curiosidade parava por poucos segundos ou minutos para assistir ao jogo ou falar rapidamente com um dos jogadores. Desconfio que a forma como eu fixei o olhar para o jogo tenha chamado a atenção de um dos jogadores que estava dentro da pista, o qual saiu, veio até a minha direção e disse: “Você quer entrar para conhecer?”. Ele se chamava José.¹¹ Aceitei o convite e entrei junto com ele no local onde ocorriam os jogos.

À medida que íamos caminhando, fui explicando quem eu era, professora de Educação Física (não tinha entrado ainda no Doutorado em Antropologia) e que gostaria de fazer uma pesquisa com aquele grupo. José me acompanhou até a pista de malha e me apresentou como professora Ingrid às pessoas que estavam assistindo à partida pelo lado de dentro da grade. Não percebi nenhum olhar de surpresa ou de reprovação; alguns vieram prontamente ao meu encontro, para se apresentar, e outros continuaram fazendo o que estavam. Espontaneamente, José¹² começou a falar sobre a sua infância e da sua relação com o jogo de malha (Diário de campo, 10 de julho de 2009).

¹¹ Foram utilizados nomes fictícios para os sócios do Clube, com o objetivo de tentar preservar o máximo possível seu anonimato.

¹² O jogador que me convidou para entrar na pista de malha gostava muito de praticar o jogo de malha e disse-me que desde garoto conhecia e praticava; que jogava malha com seu pai, tios e que tinha muito gosto em falar e mostrar coisas que tinham relação com sua família e seu passado. Uma prova dessa ligação acentuada de José com o jogo de malha é que, no dia do seu enterro, em 14 de março de 2014, seu filho falou para mim e para outro jogador: “Meu pai teve dois amores na vida: a aeronáutica e a malha” (Diário de campo, 14 de março de 2014).

Após entrar na área da pista e ter sido brevemente apresentada para outros jogadores e frequentadores que estavam assistindo ao jogo, ao terminar a partida, outro jogador apresentou-se como o tesoureiro do clube e colocou-se à disposição para “falar” sobre o Clube de Malha, que ele representava. Expliquei para ele que gostaria de fazer uma pesquisa acadêmica sobre o jogo (ainda não sabia que ali se constituía um Clube de Malha). Sentei-me em um dos bancos, do lado de dentro, e fiquei assistindo ao jogo.

Ao final da manhã, fui sendo apresentada a todos eles, seja só com um aperto de mão em alguns casos e também com beijo no rosto em outros (apertava só a mão e esperava o retorno, se dessem o rosto para um beijo, eu retribuía). Posteriormente, fizeram um círculo em torno de mim e ficamos conversando sobre o jogo de malha, as regras principais, quando e onde conheceram o jogo. Também me perguntaram por que queria eu estudar o tema, onde tinha o conhecido, se o que eu ia produzir ia aparecer no jornal/revista etc. Além disso, falamos um pouco sobre nossas famílias e a relação com a malha. Após esse bate-papo inicial, cada um foi fazer algo dentro da pista: retirar as placas, varrer, peneirar o que jogaram na pista para ajudar a deslizar a malha, guardar as malhas, organizar o local. Saímos todos juntos e eles fecharam o portão. Essa foi minha entrada no campo. Falei que voltaria na semana seguinte e assim o fiz.

A partir desse primeiro contato e também daqueles que mantive em dias posteriores, além das influências teóricas, tais como as leituras sobre sociabilidade (SIMMEL, 1983; 1979); sobre sociabilidades urbanas (MAGNANI, 2000; 2002; 2012; VELHO, 1994); sobre envelhecimento (LINS DE BARROS, 2006a; 2006b; DEBERT, 2006; TRAVASSOS, 1995) e sobre masculinidades (VALE DE ALMEIDA, 1995; GUTMANN, 2000; CECCHETO, 2004), defini esse Clube de Malha¹³ como o campo que me permitiria refletir sobre as maneiras que se constroem as sociabilidades urbanas esportivas correlacionadas com as questões da construção social da velhice masculina. Aprofundando o que foi dito anteriormente, esse lugar me chamou a atenção, pois também identifiquei que só havia homens, acima de 60 anos, sendo um ambiente, a princípio, no primeiro olhar, essencialmente de sociabilidade masculina.

No interior do Clube de Malha e também quando ocorrem jogos ou campeonatos entre outros clubes, ficavam nítidas em suas dinâmicas de convivência situações e falas que reportavam as ideias de provocação, de jogos de palavras desafiadores. Sejam os

¹³ Interessante destacar que, ao mesmo tempo em que há questões antropológicas sendo pensadas a fim de produzir uma pesquisa acadêmica, há também àquelas de cunho pessoal: percebi que me sentia muito bem entre o grupo de sócios do clube e um enorme bem-estar de estar pesquisando naquela praça e naquele bairro.

sócios do clube que estavam esperando a vez para jogar, aqueles que estavam assistindo aos jogos ou os próprios jogadores, os homens velhos ficavam durante a partida zombando uns dos outros: “E aí acertou! Vai levar dez anos para bater outra igual a essa!” (Diário de campo, 8 de fevereiro de 2014). Todas essas gramáticas foram acionadas para provocar suas habilidades e testar como cada um dos satirizados se comportava a partir das gozações. De maneira geral, essas relações aconteciam “[...] entre duas pessoas, na qual uma é, por costume lícito e, em alguns casos, obrigatório, levada a importunar ou zombar de outra que, por sua vez, não pode ficar aborrecida” (RADCLIFFE-BROWN, 1973, p. 115). São, por esse autor, chamadas de “relações jocosas” (*joking relationship*). Irei trabalhar com esse conceito, a fim de discutir tais relações de sociabilidade entre homens velhos que apareceram no meu trabalho de campo.

Algumas das situações descritas acima indicam que os sócios do clube construíram e constroem experiências de sociabilidade entre si, com os frequentadores do clube, que não são sócios, com a vizinhança e também com os comerciantes locais. Através das interações sociais travadas na Praça dos Patriarcas existem valores, normas e representações sobre os mais diversos conceitos. De certa forma, os sujeitos representam e reafirmam uma maneira de ser no mundo, de pensar o uso do espaço público, a construção e a afirmação de sua(s) masculinidade(s) e de seus olhares sobre seus processos de envelhecimento.

Segundo Simmel (1983, p. 169), a categoria sociológica “sociabilidade”, significa “[...] forma lúdica de sociação”. São formas de interação que têm um fim em si mesmo e que se apresentam como um mundo artificial, no sentido de que as situações ocorridas se baseiam na vida real, porém num contexto mais “reservado”. Não têm a intenção de ser algo além daquilo a que se propõem, mas, por outro lado, exemplificam as situações da vida real. Simmel (1983) entende que as formas de interação surgem a partir de certos impulsos/instintos ou em função de determinados interesses. A interação, de certa forma, obriga os indivíduos a formarem uma unidade em prol dos objetivos em comum. “São fatores de sociação apenas quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para outro – formas que são agrupadas sob o conceito geral de interação” (SIMMEL, 1983, p. 166). Para ele, há um sentimento que os impele a estar juntos e existe uma satisfação associada a isso.

Reportando-me a suas ideias, acreditava inicialmente que meu lócus de estudo seria o clube de malha e essencialmente os sócios¹⁴ atletas ou contribuintes.¹⁵ O ponto de interseção entre eles é o fato de que jogavam o jogo de malha, jogo de cartas, a brincadeira da *purriinha* e também eram espectadores dos jogos dos outros, estabelecendo entre si uma sociabilidade baseada nas relações intergrupo. Tinham liberdade para opinar sobre questões do clube e eram ouvidos nesses momentos; ajudavam a retirar as coisas da pista, varrer e arrumar, interferindo, enfim, na dinâmica de organização do espaço.

Depreendo que esse clube também se sustentava nas interações sociais estabelecidas com determinadas pessoas eleitas pelos próprios sócios, como colegas, amigos do clube e também por outros que se faziam presentes a todo o momento, como partícipes da construção e permanência dos valores sociais ali expostos, mesmo que não possuíssem um papel social estabelecido e querido por eles – paravam à grade, tentando estabelecer um diálogo, dando “pitacos”, ou questionavam sobre situações que estavam ocorrendo dentro da pista e iam embora.

Portanto, a tese central deste trabalho é que a construção da sociabilidade de um grupo não é focada essencialmente nos membros desse próprio grupo, sobretudo aqueles localizados em ambientes urbanos e públicos, como o caso do clube em tela. O que se observa é uma pluralidade de situações, ações, pessoas e representações acerca das coisas e das ações. Há determinadas tramas que supostamente demonstram certa homogeneização e harmonia no interior do grupo, a todo o momento. Entretanto, ao mergulhar no trabalho etnográfico, encontrei diálogos frequentes com outros atores sociais, fixos ou passageiros os quais faziam parte das diferentes cenas do cotidiano e contribuía com novos elementos para subsidiar as interações sociais estabelecidas. Tive de lidar todo tempo com as vicissitudes das sociedades contemporâneas complexas. Com a pesquisa etnográfica e com meu olhar mais aguçado de antropóloga, essas questões ficaram mais destacadas e com espaço para serem problematizadas.

Sendo assim, a problemática da tese baseia-se nas seguintes questões: como se constroem e se estabelecem as sociabilidades, em especial entre homens acima dos 60 anos, chamados por mim de “homens velhos”, não marcados por parentesco, mas

¹⁴ Desde 2009, a mensalidade para o sócio jogador é de R\$ 6,00 reais e a do sócio contribuinte é de R\$ 3,00.

¹⁵ A explicação sobre estas distinções dentro do clube é apresentada no capítulo 3.

potencialmente por vizinhança e gosto por uma prática esportiva vivenciada em praça pública? Que normas, valores e conceitos medeiam a convivência nesse grupo?

Esta tese endossa os debates teóricos no subcampo “Esporte, lazer e sociabilidade” (GUEDES, 2010), ampliando os conhecimentos acerca das sociabilidades advindas do meio urbano, principalmente as esportivas, conjugando-as às reflexões sobre a construção e reforço de uma identidade masculina ou de identidades masculinas na perspectiva de gênero, conjuntamente com os processos da experiência do envelhecer. Logo, problematizarei em especial como as sociabilidades existentes no Clube de Malha ajudam a construir e reconstruir concepções sobre a masculinidade dos homens velhos e os significados da velhice para eles.

A tese está assim dividida: no **capítulo 1, “Metodologia”**, pontuo os caminhos metodológicos que elegi para realizar a pesquisa, indicando minhas possíveis identidades dentro do campo como mulher, destacando ao final o papel do meu ajudante de pesquisa, meu marido, no fazer etnográfico.

No **capítulo 2, “Cidade, lazer e sociabilidade (s) esportiva (s): o uso do espaço urbano”**, debruço-me sobre as teorias sociológicas e antropológicas que discutem os temas “espaços urbanos” e “lazer”, trazendo reflexões sobre uma de suas possibilidades, a “sociabilidade esportiva”. Nesse contexto, destaco as interpretações dos sócios do clube de malha sobre as relações entre os espaços públicos e privados, e quais são as consequências dessas noções sobre suas sociabilidades. O capítulo problematiza as seguintes questões: o que faz com que esses homens idosos escolham o jogo de malha como uma prática de lazer? Quais são os significados que o Esporte Clube de Malha atribui ao uso da cidade, fundamentalmente na apropriação dos espaços públicos? Quais são os significados que atribuem ao lazer no espaço urbano? A partir daí, priorizando os dados construídos no campo tanto em Madureira quanto nos outros clubes que visitei, discorro sobre a organização do Clube de Malha na Praça do Patriarca e o início das sociabilidades locais.

No **capítulo 3, “A formação do Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira e processos de desportivização”** discuto, a partir das teorias do jogo e do esporte, os significados acadêmicos dos termos jogo, brincadeira e esporte, problematizando os olhares dos jogadores sobre os sentidos desses termos e as tensões

que ocorrem quando tais situações acontecem. Apresento a história do jogo de malha no mundo, principalmente no Brasil, destacando as diferentes formas de se praticá-lo, enfatizando a constituição do seu campo esportivo no país. A partir daí, destaco os processos de “desportivização” desse jogo, principalmente no contexto de minha pesquisa, e de que maneira a corporalidade exigida no ato de jogar foi se modificando em função das diferentes demandas sobre a prática esportiva.

No capítulo 4, “A sociabilidade no Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira e a construção social da masculinidade”, centro-me nas reflexões sobre as construções da identidade masculina sob a ótica de gênero dentro do Esporte Clube de Malha, enfatizando o grupo etário dos velhos. Problematizo se existe um tipo de masculinidade que está a todo o momento sendo realimentada pelas falas e ações dos próprios sócios e frequentadores do espaço do jogo, ou se há a promoção de múltiplas masculinidades naquele local. Baseio-me a discussão de masculinidade a partir a ideia de relações jocosas como “um jogo dentro do jogo” – sendo base das relações de sociabilidade do grupo –, possibilitando, em alguns momentos, também a reafirmação ou não de um tipo de masculinidade naquela sociabilidade esportiva. Sendo assim, nesse capítulo, as problematizações ficam em torno de que situações definem para os atores sociais, no contexto do Clube de Malha, o significado de masculinidade na velhice e quais os sentidos atribuídos por eles a esse conceito na construção das relações de sociabilidade.

Nas considerações finais, articulo os quatros capítulos, aprofundando teoricamente o quanto eles possibilitaram a análise das questões antropológicas do grupo social estudado. Seu objetivo principal foi problematizar a questão central da tese, “como e em que valores e condutas se constroem as relações de sociabilidade entre os sócios e não sócios do Clube de Malha, e quais são os significados atribuídos por eles a essas relações?”, articulando-a com os conceitos principais já destacados nos capítulos anteriores: espaço urbano, lazer, masculinidade e envelhecimento. Finalizo a tese com uma breve reflexão sobre a continuidade ou não do Esporte Clube de Malha e do próprio jogo de malha, principalmente no estado do Rio de Janeiro.

Importante destacar que os assuntos relacionados ao processo de envelhecer não foram discutidos em uma seção à parte, mas abordados ao longo de todos os capítulos, como se fosse um fio condutor das análises sobre os assuntos elencados internamente na tese. A ideia foi construir interpretações em torno do processo de envelhecimento deste grupo de homens jogadores e como as sociabilidades criadas por eles estão calcadas,

mesmo que eles não expressem desta forma, em determinada(s) forma(s) de se pensar “velho” e das relações que travam com o bairro, basicamente na relação com seus pares nesta fase da vida.

1. METODOLOGIA

1.1. O fazer etnográfico

O estudo apoiou-se no método etnográfico e, como discorre Magnani (2002, p. 17), é “[...] antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos”. É também uma maneira de descrever a vida das pessoas com rigor e sensibilidade, através do detalhamento das observações, indo além da primeira impressão (INGOLD, 2008). O método possibilita “[...] compreender um momento do processo de construção de um tecido sociocultural em que a interdependência dos elementos presentes se torna visível” (LASK, 2000, p. 13).

De acordo com Geertz (1978), essa maior ou menor visibilidade que pode ser alcançada baseia-se na necessidade de uma imersão total no campo a ser pesquisado, o que o autor chama de uma “descrição densa” da realidade. “[...] [T]emos que descer aos detalhes, além das etiquetas enganadoras, além dos tipos metafísicos, além das similaridades vazias, para apreender corretamente o caráter essencial não apenas de várias culturas, mas também de vários tipos de indivíduos dentro dessa cultura [...]” (GEERTZ, 1978, p. 65). A proposta é ir além da descrição superficial (GEERTZ, 1978), caminhando em direção a diversas compreensões das dimensões que interferem nas ações dos indivíduos, buscando outros ângulos e interfaces, contribuindo de antemão com a interpretação do mundo pesquisado. É fazer da etnografia não simplesmente um método de pesquisa, mas um processo que leve ao esforço intelectual que contribua com olhares menos superficiais sobre os povos estudados.

A opção pela etnografia me permitiu construir tópicos acerca das ações do observado, mediado pelo encontro etnográfico, e não exatamente a compreensão pura e simples da sua cultura. Minha função como antropóloga foi fazer interpretações de segundo e terceiros graus, pois só o nativo faz a interpretação de primeiro grau (GEERTZ, 1978). Nesses termos, a etnografia organizou-se em torno do encontro entre a descrição e as interpretações. “Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana” (GEERTZ, 1978, p. 38).

Oliven (1992) também destaca que realizar estudos urbanos através de métodos etnográficos é observar “[...] os acontecimentos corriqueiros e cotidianos dos quais a antropologia pode construir novas interpretações, uma vez que o trabalho de campo tem um papel central no desenvolvimento da teoria antropológica” (OLIVEN, 1992, p. 11).

E também “[...] estudar os reflexos das grandes transformações no dia a dia e como elas são vivenciadas e reelaboradas por diferentes camadas sociais [...]” (OLIVEN, 1992, p. 11-12).

Dialogando com essas perspectivas e aprofundando as questões da imersão no campo, Magnani (2002) sinaliza uma alternativa para a observação participante, já clássica nos modelos de permanência no campo. Ele a denomina uma perspectiva *de perto e de dentro*, cuja ênfase acontece nos arranjos desenvolvidos pelos atores sociais nos seus campos de atuação na cidade. Esse olhar *de perto e de dentro* é capaz de “[...] apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende dos seus equipamentos” (MAGNANI, 2002, p. 17). O método etnográfico, baseado nessa perspectiva, se dispõe a pontuar, descrever e refletir sobre aspectos que possam dar vazão a uma devida atenção aos detalhes, procurando “[...] identificar as regularidades, os padrões que presidem o comportamento dos atores sociais. Supõe recortes bem delimitados que possibilitam o costumeiro exercício da cuidadosa descrição etnográfica” (MAGNANI, 2002, p. 25).

A perspectiva *de perto e de dentro* é uma maneira de “estar lá dentro no grupo, mas não vivendo com ele”, como indica a observação participante clássica. Essa metodologia se adequa facilmente aos estudos urbanos que possuem dificuldades de realizar a imersão total no campo. Com ela, não privilegiei somente o discurso dos pesquisados, mas também suas ações, contextualizadas nas diferentes paisagens nas quais essas práticas e discursos se desenvolveram.

O uso da fotografia foi fundamental, tanto em relação às fotos tiradas por mim quanto as que me foram doadas ou mostradas pelos sócios do clube, pois se constituíram em maneira posterior de recordar as situações ocorridas no campo e também contribuíram na construção dos dados e na descrição dos detalhes. As fotos ampliaram o campo de observação do fenômeno estudado, fazendo parte deste texto etnográfico. Além disso, as fotos dos registros pessoais dos jogadores e que me foram emprestadas durante um determinado período, serviram para rememorar alguns deles individualmente ou em conversa coletiva sobre como se organizou a pista em Madureira, por exemplo. No caso do uso do vídeo, este foi utilizado como registro de imagens dos jogos e das partidas realizadas para uso em apresentações em congressos e áreas afins.

No campo do dia 20 de julho de 2013, há um áudio gravado de uma conversa entre dois sócios-jogadores e um sócio-contribuinte, comentando como a pista surgiu naquela praça. Para reconstituição dos fatos, lancei mão de fotos antigas (trazidas por um deles) em momentos nos quais a memória deles sobre como era espacialmente a praça não eram claras para mim. Levei em consideração que “[...] um grupo não recorda de acordo com uma modalidade determinada e socialmente organizada, apenas uma proporção maior ou menor de membros desse grupo é capaz disso” (CANDAUI, 2011, p. 24). As fotos ajudaram a “[...] reconhecer que a memória é acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mas do que uma constituição fiel do mesmo” (CANDAUI, 2011, p. 9).

No que diz respeito ao diário de campo, alicerces das descrições e das interpretações, como destaca Sanjek (1990), foi utilizado como certo tipo de escrita que pudesse ter história própria, para além do trabalho de campo, que guardasse “segredos” do dia a dia do fazer etnográfico. Porém, tive atenção na escrita etnográfica com relação muitas vezes a exposição literal dos conteúdos dos diários de campo, a fim de não reforçar determinadas falas que pudessem criar mais estereótipos sobre o grupo que estava sendo pesquisado e também com seus interlocutores.

Essas preocupações sobre o uso da linguagem também já foram apresentadas de maneira embrionária nos trabalhos de campo de Malinowski realizados entre os anos de 1914 e 1918, nas ilhas Trobriand: “[...] *as regards the terminologies, the reader will see that my aim is not to introduce a false precision into native ideas, but rather to ascertain precisely what a certain word means to the native and how it is used by him*”¹⁶ (MALINOWSKI, 1978, p. 4).

Naquele momento, no início do trabalho de campo propriamente dito, o autor desejava pontuar que era preciso “desnaturalizar” a língua. Corroborando essa ideia e ampliando a discussão, Evans-Pritchard (1972) expõe que, para compreender o pensamento de um povo, é fundamental reflexionar seus próprios símbolos, pois tudo aquilo que está contido nas ações, nas relações sociais e nas crenças nos “fala” sobre determinada cultura. Destarte, foi necessário, em alguns momentos, “desnaturalizar” os termos usados pelos jogadores com sentido único, pois foram identificados os diferentes significados conforme o uso. Por exemplo, no clube de malha termos como brincar,

¹⁶ “Com respeito às terminologias, o leitor verá que meu objetivo não é apresentar uma falsa precisão sobre as ideias nativas, mas precisar o que determinada palavra significa para o nativo e como ela é usada por ele” [tradução própria].

treinar, jogar, por vezes têm conotação igual, em outros casos, diferentes. “A gente *brinca* aqui” (Diário de campo, 18 de agosto de 2013); “Me deixa dar um *treino* ali” (Diário de campo, 18 de agosto de 2013). São noções que, nas análises promovidas pela teoria dos jogos,¹⁷ não possuem uma definição unívoca, baseando-se conjuntamente nos sentidos promovidos por aqueles que vivem as referidas situações. O que é brincar pra eles? O que é treinar para eles? Nos diferentes contextos de uso? Há vezes em que a ideia de brincar e treinar tem o mesmo sentido: de se divertir durante a prática do jogo. Contudo, em outros momentos, “dar um treino” significa se preparar para jogar uma partida de um amistoso interno ou com outro clube e, neste contexto, a brincadeira, como a ideia de lúdico em ação, não é o termo utilizado.

As reflexões desenvolvidas no presente estudo estão pautadas nos discursos dos sócios, frequentadores do espaço do clube, e daqueles que mantêm contato direto com eles, dentro ou fora da pista de malha. Elas ocorreram durante as partidas, dentro da pista do jogo, nos encontros festivos do grupo e também a partir da observação do dia a dia dos sócios com a vizinhança e os comerciantes locais. Com os participantes do clube e os frequentadores assíduos do espaço do jogo, tentei promover momentos diferentes de diálogos dentro da pista, assim como, em outros clubes ou, com alguns deles, no traslado no meu carro (quando íamos juntos visitar outro grupo de malha). A intenção era acompanhar o clube e ir construindo os dados com as descrições densas e inscrevê-las no diário de campo, para posteriores interpretações. Porém, isso não foi suficiente. Nem todos os sócios e frequentadores falavam muito durante sua estada na praça.

Quando eu me aproximava e “puxava assunto”, este não rendia: eles não respondiam, seja por inibição, seja porque estavam prestando atenção nas jogadas dos outros. Assim, precisei lançar mão de entrevistas semiestruturadas com os sócios e também com frequentadores do espaço. A entrevista semiestruturada concilia a realização de um roteiro onde as informações são coletadas e oferece ao entrevistador a liberdade de orientar a entrevista como sendo uma conversa informal, explorando, aprofundando e elucidando as questões que achar mais convenientes durante a realização do estudo (MOURA, 1998).

Algumas entrevistas foram realizadas dentro da pista de malha – em situações com as partidas acontecendo ou ao final delas, por pedido dos próprios entrevistados, do lado de fora da pista, sentados em algum banco da Praça do Patriarca. Com um dos

¹⁷ A reflexão mais aprofundada será apresentada no capítulo 3.

jogadores, a entrevista ocorreu na porta do botequim que ele frequentava,¹⁸ por exemplo; com outro, foi na porta de uma loja de gênero alimentício. Elaborei um roteiro prévio e perguntei a cada um deles se queriam lê-lo antecipadamente. Somente um jogador quis levá-lo para casa e trouxe as perguntas respondidas no papel. Contudo, preferi conversar com ele sobre suas respostas, visto que estavam muito enxutas, pouco esclarecedoras e, ainda, porque gostaria de construir mais um canal de comunicação com o referido jogador.

A entrevista semiestruturada também foi realizada com outros atores sociais, a saber: dois ex-presidentes, que não participam mais do clube de malha; a atendente da padaria que alguns deles frequentavam, principalmente ao final das partidas, para beber uma cerveja ou fazer um lanche; a única mulher jogadora que o Clube de Madureira jogou contra; um jogador do time de Nilópolis, que possui alguns dos documentos referentes à Federação de Malha do Rio de Janeiro, que se encontra desativada; e o dono do bar na localidade, o único comerciante que possuía as chaves do cadeado da pista de malha e que usava o espaço da “área de convivência” para fins comerciais.¹⁹

Entrei em contato com cada um e realizei a entrevista no local marcado por eles: a atendente e o dono do bar, no mesmo dia, em horários distintos, dentro da pista de malha, sem os jogadores estarem presentes; um dos ex-presidentes, em sua residência, e o outro, dentro da pista de malha, com o jogo acontecendo; a ex-jogadora de malha, em sua residência; e o jogador de malha de Nilópolis em seu clube, com o jogo acontecendo.

Um comerciante local não quis ser entrevistado, acredito que por não ter relação direta com o clube e por trabalhar na calçada, tendo dificuldades de “parar” seu trabalho para me atender. Sua justificativa foi que não teria nada para acrescentar ao estudo. Como percebi suas dificuldades em participar de maneira mais formal na pesquisa, minha estratégia foi comparecer mais vezes ao seu espaço de trabalho, fazer compras e, nesses momentos, “puxar papo” sobre algo. Não obstante, nada do que ouvi pude aproveitar diretamente no estudo.

Com relação ao grupo pesquisado e as possíveis extensões para outros que se relacionavam com ele, de maneira frequente ou eventual – no meu caso, os times dos

¹⁸ Importante salientar que a entrevista era realizada onde o entrevistado se sentisse mais confortável. E assim foi feito com todos eles, mesmo que, por vezes, em minha opinião, não fossem os melhores lugares; seja por conta dos barulhos externos ou pelas influências dos olhares de outrem.

¹⁹ As reflexões sobre o uso do espaço urbano público de maneira privada serão apresentadas no segundo capítulo 2 desta tese.

clubes de Bangu e também de Cosmos –, Barth (2000) discorre que é necessário analisar determinado contexto sem perder de vista que ele está em constante contato com outras realidades sociais, promovendo uma rede de relações entre si. “Assim, as redes de relações de que participei estendiam-se consideravelmente para além da comunidade e envolviam várias diferenças culturais e circunstâncias físicas e significativas para os próprios Baktaman [...]” (BARTH, 2000. p. 191). O seu trabalho de campo na Nova Guiné exemplifica com nitidez tal argumento: “A minha participação em sua vida e em suas atividades levou-me a visitar outras comunidades vizinhas, além de ter me posto em contato com alguns visitantes que passaram por lá” (BARTH, 2000, p. 191).

Nas considerações de Barth (2000), destaco quando ele considera que o objetivo de trabalho antropológico não é comparar os objetos em si, mas possibilitar a comparação das descrições realizadas pela etnografia “[...] fazendo comparação de relatos antropológicos, ou seja, ficções” (BARTH, 2000, p. 189). Por conseguinte, foi através das experiências vividas por outros grupos e suas sociabilidades que consegui construir questões que me fizeram problematizar certas situações ou ideias que ocorriam dentro do Esporte Clube de Malha. Como exemplo, tive oportunidade de ir a dois campeonatos de jogo de malha: um organizado pela Federação Paulista de Malha e uma Taça Brasil de Clubes, organizada pela Confederação Brasileira de Malha, ambos no estado de São Paulo. Foram situações ímpares que me trouxeram indagações para discutir a desportivização pela qual o jogo passou no interior do Clube de Madureira²⁰.

1.2. Entrada e saída de campo: os atores sociais em cena

Dividi minha permanência no campo em Madureira em três tipos de participações: o primeiro momento consistiu numa aproximação inicial, em julho de 2009, com visitas esporádicas até o início de 2010, para conhecimento do grupo e desenvolvimento das questões antropológicas para o projeto de pesquisa, a fim de dar entrada ao processo seletivo do Doutorado em Antropologia. Naquele momento, ainda me apresentava como professora de Educação Física e dizia que o estudo estava focado em como se organizava o Clube de Malha e em que valores se sustentavam sua sociabilidade e sua prática de lazer.

²⁰ Discorrerei sobre tais itens no capítulo 3 da tese.

O segundo adveio após o meu afastamento de quase dois anos, retornando em dezembro de 2012, já como aluna de Doutorado em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Expliquei ao grupo essa mudança de *status* e o que isto representava em termos de pesquisa. Aproveitei esse momento também para que eles se lembrassem de mim e dos meus objetivos em realizar a pesquisa com o grupo.

O terceiro, que chamo de prática etnográfica “oficial”, estava embebido nas teorias antropológicas que sustentaram a minha metodologia e aconteceu sistematicamente a partir de julho de 2013²¹.

Essas divisões temporais significam que os dados produzidos entre 2009 e 2012 foram aproveitados para os resultados da tese. Alguns registros de situações e falas vêm desse período, assim como as fotos e os vídeos. Neste caso, foi impossível abandonar impressões sobre fatos ocorridos naqueles momentos, que foram importantes na construção do texto etnográfico em acontecimentos que necessitaram de comparações de descrições. Porém, para fins desta tese, o grupo pesquisado e destacado no texto foi aquele encontrado em julho de 2013, cuja participação e frequência eram constantes na pista de malha.

A etnografia foi realizada nos encontros habituais do clube e nos torneios em sua própria pista ou em outros clubes, todos na cidade do Rio de Janeiro. Os Clubes de Malha que organizavam amistosos ou se visitavam mutuamente eram o Clube de Malha Bangu e o Clube de Malha Vila Olímpica (Cosmos), sendo o primeiro mais visitado por eles, ou por alguns deles, seja pela proximidade geográfica ou pela ligação afetiva estabelecida com alguns membros de ambos os grupos. Porém, foram convidados pelo Ipiranga Malha Clube (clube da cidade de Maricá) para participar de sua festa de aniversário. O convite não foi aceito, com alegação de que não dispunham de jogadores suficientes para participar do evento. Em tempos passados, disseram os jogadores, e os documentos do próprio clube comprovam, participavam de torneios entre esses clubes e sempre estavam jogando em outras pistas, assim como recebiam outros clubes na sua também.

Não adotei um caminho baseado nos modelos mais tradicionais de imersão total na comunidade estudada, tal como Foote Whyte (2005) realizou em Corneville, seu campo. Os jogos ocorriam aos sábados e domingos pela manhã. Por conta disto, ficava

²¹ No ano de 2015, nos dias 26 de setembro e 03 de outubro, retornei ao campo para tirar algumas dúvidas em função da escrita da tese e também com o intuito de tirar fotos e realizar uma filmagem com maior qualidade. Estas foram realizadas pelo meu irmão e geradas com o intuito de serem utilizadas em apresentações orais necessárias e no dia da defesa de tese.

em torno de cinco horas na Praça do Patriarca ou nas redondezas, conversando com os sócios do clube. Ia até a padaria, tomava um café, andava pela praça, comprava frutas e legumes no comércio local. Comprava itens de drogaria, ficava conversando com comerciantes locais ou com a vizinhança que, de alguma forma, tinham relação com os participantes ou frequentadores do clube. Muitas vezes na companhia de alguns dos jogadores, ou por vezes, sozinha.

O clube de malha que encontrei em julho de 2013 chama-se “O Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira”; era composto por 11 sócios -jogadores e um sócio-contribuinte, com idades entre 60 e 83 anos. Em agosto de 2014, no final do trabalho de campo, havia oito sócios-jogadores e nenhum sócio-contribuinte. As causas da diminuição foram a morte de alguns e a desistência de outros. Nesse contexto, o dia de etnografia mais difícil e desafiador, para mim, foi o enterro de um dos sócios jogadores. Por coincidência, aquele que me chamou para entrar pela primeira vez no espaço do jogo. Amava jogar malha, estava sempre presente e era muito carinhoso. Quando estava muito doente, fui visitá-lo na casa da sua filha. Ela fornecia notícias dele por telefone; ligávamos com frequência. Dois meses depois, ele faleceu. Sua filha me ligou falando do ocorrido, e consegui ir ao velório e ao enterro, quando fui apresentada, por ela e seu esposo como “amiga” do senhor falecido, e só posteriormente é que falaram que eu era pesquisadora. Contudo, consegui realizar a descrição etnográfica do dia e construir dados necessários para contribuir para a pesquisa, não deixando de tecer impressões subjetivas sobre o momento triste que todos estavam vivendo. Sob esse olhar, há situações tidas como secundárias que podem informar com mais profundidade sobre o grupo estudado e que exemplificam elementos simbólicos essenciais para tal comunidade (GOFFMAN, 2010). O enterro do jogador foi um deles.²²

A maioria dos sócios do Esporte Clube conheceu o jogo de malha na infância, na localidade onde moraram, não exatamente como hoje o entendem e o praticam, mas alguma forma de brincadeira que lembra o jogo de malha atual. Quando viram o jogo de malha na praça, com mais regras, mais sistematizado, logo se reportaram àquelas maneiras de jogar da infância/adolescência.

²² Essas reflexões serão aprofundadas no capítulo 3.

A malha, eu... Dá impressão, quando eu era mais jovem, eu via jogar qualquer coisa em cima de uma marca, eu não julgava que era malha, aí eu até brinquei umas vezes, aí depois quando eu aposentei, foi quando eu comecei a frequentar praças. Um dia passando aqui, vi a turma jogando ali na terra, que era de terra ainda, aí eu comecei brincar ali com eles, brincar, brincar, assim criamos isso aí. Passamos também a frequentar outros campos e tudo, andar pelos bairros, outras cidades (Entrevista - Miguel, 13 de abril de 2014).

Alguns deles jogaram com seus pais, tios e vizinhos.

Ah, sim, eu lembro. Tenho muita lembrança do meu pai. Eu jogava desde os oito anos de idade. Eu jogava meia pista, porque não tinha força pra jogar na pista toda. A pista era de terra. As malhas eram diferentes, eram umas malhas maiores. Meu pai fundou um clube: Esporte Clube Malha de Cascadura. Eu tenho até hoje uma faixa de campeão de 1947 que era dele (Diário de campo, fala do José, 24 de agosto de 2013).

Dois deles contaram que lançavam uma peça de pedra ou ferro em direção a um pino colocado a X metros de distância. Em alguns casos, colocavam em cima do pino de madeira uma moeda, e quem conseguisse derrubar ficava com o dinheiro (brincadeira de garoto, alguns disseram) (Diário de campo, 25 de agosto de 2013).

Os jogadores frequentam a pista de Madureira há mais de 15 anos, sendo que dois deles também jogam em outra. Apenas um sócio entrou para o clube durante o período que estive em campo. Todos têm escolaridade variando entre o ensino fundamental e o médio. São aposentados de diferentes ramos, como bombeiros, militares da aeronáutica, comerciantes, caminhoneiros, funcionários da área de saúde etc. São moradores da região, exceto dois deles, que moram em bairros um pouco mais distantes.

Além desses sócios, circulavam pelo local outros colegas – citados por eles como tal – que não eram sócios e que entravam na área de convivência, sentavam, conversavam, às vezes com tom de jocosidade, e depois iam embora (faziam isso com muita frequência, praticamente toda semana). Havia também um senhor que já fora sócio-contribuinte, parava do lado de fora da pista e “puxava papo” com os jogadores, mesmo nem sempre sendo atendido em sua solicitação.



Foto 7 - Os sócios do clube e os frequentadores do espaço (dentro e fora dele). O ex-sócio citado no texto acima. Junho de 2014.

Dentro desse contexto, à medida que o trabalho etnográfico foi se desenvolvendo, outros atores sociais foram surgindo nas diferentes cenas: não eram sócios do clube nem frequentadores assíduos do espaço do jogo, como os citados acima, mas pessoas que, na relação com os membros clube, interferiam nas interações sociais já tradicionais, trazendo questões para organizar e pensar a sociabilidade daquele grupo. São aqueles que aparecem nos diários de campo e que em algum momento estavam em contato direto com os sócios do clube: a) um jogador do clube de São Gonçalo, que por vezes ia jogar na pista em Madureira, ou ia também jogar nos clubes de Bangu e em Cosmos; b) o vendedor de plantas, que deixava suas mercadorias dentro do espaço do jogo para serem vendidas no dia seguinte; c) dois moradores de rua, que em momentos diferentes “moraram” dentro da pista; d) um jovem rapaz que esteve por dois meses tentando aprender a jogar, mas acabou desistindo; e) o presidente de um clube local que trabalhava para um deputado estadual e que intermediava as necessidades dos sócios do clube em relação à prefeitura; f) os jogadores dos clubes de Bangu (aproximadamente oito) e de Cosmos (em torno de vinte); g) um vizinho que andava de bicicleta e quase todo fim de semana passava, parava e cumprimentava os jogadores.

Até este ponto da escrita, discorri sobre minha entrada em campo. No entanto, um tema interessante e até diferencial é destacar como se efetivou minha saída dele. Na etnografia, muito se fala sobre a entrada – eu mesma enfatizei tal momento na introdução da tese –, porém pouco ainda se problematiza sobre a saída. Quais são os critérios para uma saída de campo? Em qual momento isto aconteceu? Quando ocorreu

o *insight* de que “acabou o campo”? Como se processou essa saída e se romperam ou se modificaram os laços construídos durante o período etnográfico?

Penso na saída de campo como um momento tão importante para o fazer etnográfico quanto a entrada. É necessário deixar os caminhos abertos para um possível retorno a qualquer momento. Inicialmente, cogito retornar para levar informações sobre o estudo finalizado e o que foi produzido na interlocução com eles. No dia 26 de setembro de 2015, depois de um ano e um mês sem ir à pista de malha, resolvi ir ao Clube, sem avisá-los, para tirar algumas dúvidas sobre o campo, e também para combinar com eles que, no dia 03 de outubro, iria tirar fotos e filmar o jogo na companhia de meu irmão. Foi interessante que fiquei do lado de fora da pista, olhando a movimentação deles e de repente, cheguei perto do alambrado, e falei: “- Posso entrar???” Os mais próximos me abriram um grande sorriso. Um dos que estavam lá dentro falou em tom de muita brincadeira: “- Fecha o portão, para ela não entrar!”. E em seguida diz: “- Entra, Ingrid! A receptividade foi excelente. Todos me abraçaram com carinho e sentimento de saudades; até aqueles que eram corporalmente mais distantes me abraçaram; não ficou só no aperto de mão, como era antes. Um dos frequentadores do Clube, foi lá dentro da pista e disse: “- Quem é viva sempre aparece!”, em tom de alegria e descontração. Ganhei um CD de um dos jogadores, que o havia produzido. Identifiquei aparentemente que minha saída de campo não foi traumática para ambos os lados e senti que conquistei uma liberdade para os retornos necessários. Assim, ainda que seja fundamental sair do campo, deixei laços afetivos que possibilitaram o retorno. De certa maneira, eu já tinha experimentado esta sensação, pois minha própria entrada em campo se deu em três momentos diferentes. Creio que a qualidade de minha saída e as interações sociais que ocorreram nesse ano de trabalho de campo, sem contar as visitas realizadas nos outros anos, facilitaram meu retorno em todos os momentos.

Decidi que estava na hora de sair do campo quando completei um ano de etnografia e situações estavam se repetindo, como comemoração de fim de ano. De alguma maneira, já tinha conseguido construir dados (com o campo e as entrevistas realizadas) que pudessem ajudar a interpretar aquela realidade social. Com mais tempo, só iria garantir que outros dados fossem construídos, mas ia continuar nisso até quando?

Depois da decisão, fiquei aguardando um dos sócios ser internado para uma cirurgia, para que eu pudesse observar o grupo de malha sem sua interferência. Ele não tem cargo no grupo, mas é o mais antigo e até hoje um dos mais ativos. Estava sempre presente e reclamava quando os outros não iam ou chegavam atrasados. Participava com

muita intensidade dos momentos de jocosidade, entrando algumas vezes em conflitos intergrupo, principalmente com o presidente do clube. Por sua proximidade comigo, muitos dos dados construídos vieram de suas interpretações sobre si e do próprio grupo. Não é um informante privilegiado, nos moldes do *Doc* de Foote Whyte (2005), mas reconheço que ele tem singular importância na tese. Contudo, a cirurgia foi adiada várias vezes, sem expectativa de que acontecesse logo. Não podia mais esperar esse dia acontecer. No retorno em 2015, ele ainda não tinha realizado a cirurgia de catarata por conta a diabetes em alto grau, assim dizia.

Em agosto de 2014, expliquei a cada um deles que ia precisar me afastar que havia chegado a hora de escrever tudo que tinha “visto e ouvido” por lá. O jogador João Carlos (supracitado) foi o primeiro a ser avisado e logo disse: “-Você vai me abandonar?”. Essas são as vicissitudes do encontro etnográfico; sem ter a intenção, tornei-me importante na vida de um dos jogadores. No meu breve retorno em 2015, ele me apresentou a outro jogador, que não me conhecia, como amigo do grupo. Tive certeza da minha importância para aquela pessoa.

Depois de ter conversado com cada um deles, no dia 16 de agosto de 2014, fui ao campo, com meu marido e meu filho, pratiquei o jogo com eles e, ao final, fiz uma reunião geral e me despedi. Todos me desejaram muito boa sorte e disseram que sentiriam saudades, mas que entendiam a necessidade desse afastamento. E pediram para que eu não sumisse. Após esse dia, ao longo dos meses, tenho feito algumas ligações telefônicas para aqueles dos quais tenho o número, a fim de saber como estão e como o Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira continua em funcionamento. Mas chegou determinado momento que me afastei até dos telefonemas.

1.3. Antropóloga em campo

Têm-se visto com maior frequência antropólogas e antropólogos (CIOCCARI, 2009; MACHADO, 2007; TRAVASSOS, 1995; ROJO, 2012; SILVA, 2000) empenhando-se em problematizar seus papéis dentro do campo, no sentido de manifestar suas experiências mais subjetivas vividas no fazer etnográfico, bem como situações e falas que apresentam a complexidade da interação entre pesquisadores e pesquisados. Apresentam situações que parecem indesejáveis, em primeira interpretação, seja por questões éticas, seja pelo impacto que tais momentos podem gerar na postulada cientificidade da construção de suas etnografias.

Os dados da experiência do antropólogo, principalmente aqueles considerados mais "subjetivos" ("timbres e entonações" das vozes dos informantes), quando expostos, aparecem com cautela na escrita etnográfica, para não correr o risco de tornar a etnografia um experiência única e singular, passível de ser confundida com uma 'obra de literatura' propriamente dita (SILVA, 2000, p. 120).

Sendo assim, Silva (2000) apresenta a dificuldade que os antropólogos têm de incluir em seus relatos etnográficos as subjetividades vividas. Para ele, isso acontece por conta da necessidade de expressar uma etnografia baseada na objetividade e na universalidade exigidas pelos textos científicos.

No sentido de problematizar as questões subjetivas no campo, podemos citar as reflexões realizadas por Rojo (2012), na sua tese de doutorado, em relação à subjetividade erótica do pesquisador em campo e às expectativas de sua imagem em relação aos outros. Em um dos capítulos da tese, o autor destaca que, durante a pesquisa de campo, teve contato afetivo e sexual de dois anos com uma das pesquisadas, a qual, pelas circunstâncias, transformou-se em sua informante privilegiada. Rojo (2012) trouxe para suas análises a maneira como tal situação influenciou a construção dos seus dados etnográficos.

Nesse contexto, minha etnografia perpassou todo o tempo problemática do meu papel como antropóloga dentro de um espaço constituído com base em relações masculinas, sempre atenta aos entraves e às facilidades que ocorrem nos encontros etnográficos (pesquisado-pesquisador).²³ Com o desenvolvimento da etnografia, percebi que minha identidade de gênero influenciava os encontros etnográficos que ocorriam. Identifiquei, entretanto, que essa questão também foi tangenciada pela minha idade, principalmente por eu ser bem mais nova que o grupo – de 25 a 40 anos de diferença. Além do meu *status* social, da minha profissão, da cidade onde moro, dos bens que possuo e de outros fatores que possivelmente não percebi.

O *status* de ser pesquisadora mulher em campo já foi abordado em outras etnografias, como a de Machado (2007, p. 162), que destaca as vantagens e desvantagens de "uma mulher estudando vários homens". A autora aponta, entre as vantagens, o fato de alguns assuntos serem mais facilmente abordados com ela. Relata: "[...] reproduziam comigo, em parte, aspectos da construção da identidade masculina

²³ Interessante destacar que em todas as apresentações que fiz em congressos, eram recorrentes as perguntas como era ser mulher num campo formado por um grupo de homens velhos. Importante destacar que, mesmo com muitas pesquisas já realizadas e também em andamento, este tema, gera bastante interesse e curiosidade, de preferência do ponto de vista metodológico (isto é, como eu iria resolver tal questão).

indicada num encontro com uma mulher [...]” (MACHADO, 2007, p. 162). Por outro lado, ela classifica como desvantagem o não compartilhamento de vários outros assuntos, códigos, práticas e informações do mundo masculino.

No meu caso, o fato de eu ser uma mulher, bem mais nova do que os sócios do clube, sozinha, casada (para aqueles que notaram minha aliança de ouro na mão esquerda), num domingo pela manhã e que poderia ter interesse no jogo chamava mais atenção do grupo e da vizinhança. O que eu estaria fazendo ali? Por que será que efetivamente o senhor José me convidou para entrar?

No primeiro contato que tive com o grupo e que descrevi na apresentação da tese, a princípio, não percebi nenhum estranhamento, pelo menos da maioria dos homens velhos que estavam dentro da pista. Tal como relata Travassos (1995, p. 18), “não me interessava ser vista ali como mulher, mas antes como uma estudante que fazia um trabalho para a universidade. Conseguir ser aceita dessa forma era tudo o que eu queria e precisava”. Acredito que a receptividade deles ocorreu antes em função da possibilidade de eu poder ser um canal de comunicação com o poder público. Posteriormente, perguntaram-me se eu era jornalista – como também fizeram os pesquisados de Travassos (1995) – mesmo eu explicando que essa não era minha função (estavam na época querendo cobrir a pista de malha). Além disso, imagino que eles acreditavam que, de alguma forma, eu poderia dar mais visibilidade ao jogo, que não tem nenhum tipo de apoio, segundo eles. Mesmo eu sendo mulher e bem mais jovem que a média etária do grupo, é possível que eu tenha sido “bem recebida” por conta dos fatores descritos acima.

No entanto, ao longo do campo, percebi que poucas pessoas foram convidadas para entrar no espaço do jogo. Mulheres, apenas uma: certa vez, estávamos conversando sobre a questão da relação com o Daniel (comerciante local), quando percebemos que uma mulher velha já se encontrava havia bastante tempo em pé, do lado fora da pista, como se estivesse esperando alguém. O jogo já havia terminado; o senhor Marcelo foi até ela e lhe perguntou se não queria entrar para esperar. Ela disse que não: estava esperando o marido que se encontrava na Sede de Futebol Patriarca, que fica do outro lado da rua (Diário de campo, 26 de outubro de 2013).

Fui antropóloga em campo, sem ter nenhuma possibilidade de ser confundida com um deles. No meu contexto, isso seria algo improvável, porque nunca existiu na história do clube uma mulher jogadora. Logo, não houve sobre mim nenhum investimento mais acentuado nesse sentido (diferentemente do meu marido, quando

começou a frequentar a pista). Assim, percebi que as possíveis identidades construídas sobre mim no espaço de jogo (e sobre a minha idade) eram representações ou estados adquiridos (CANDAUI, 2011), situando-me em diferentes papéis: filha, neta, antropóloga, mãe, esposa etc.

Muitos interlocutores antropólogos me questionavam se eu iria ou não jogar o jogo de malha. Sempre aguardava um chamado para aprender a jogar, o que nunca aconteceu de fato. O que ocorreu é que aproveitei que o Marcelo (presidente do clube) estava começando a ensinar a um jovem rapaz (cujo pai pediu aos jogadores para lhe ensinar o jogo; ele tinha algum tipo de dificuldade cognitiva), e me insinuei para aprender. Ao mesmo tempo, Marcelo também perguntou se eu não queria aproveitar aquele momento e aprender a jogar. Desde então, comecei a *treinar*, termo que usam para a prática do jogo de malha no dia a dia do clube. Essa prática durou em torno de um mês. O rapaz não foi mais treinar – nem eles e nem eu sabemos por que – simplesmente não foi mais à pista.

Tive individualmente algumas “aulas” em dias posteriores, mas esses momentos terminaram, pois Marcelo precisou se ausentar, por conta de uma cirurgia da esposa. Nenhum outro sócio se dispôs a tomar o lugar dele nessa empreitada, assim como no aprendizado do menino. Com seu retorno, Marcelo passou a me chamar para completar sua dupla ou trocar com algum jogador que queria sair da partida. Eu sentia nele um esforço para que eu aprendesse a jogar e pudesse passar a participar das atividades. O ápice para mim foi o momento quando ele me deu um pedaço de sua cera para que eu guardasse comigo e usasse na hora que fosse necessário.

Entretanto, mesmo que eu quisesse me tornar uma jogadora de malha, ou eles me estimulassem mais para tal, como não era sempre que me chamavam para jogar, não praticava com tanta frequência. Até o fim do campo, um ano e um mês depois da entrada, ainda tinha dificuldades em arremessar a malha e derrubar o pino e entender as malícias do jogo. Não me via como uma boa jogadora, e desconfio que, se fosse um pouco melhor, minha identidade de antropóloga poderia ter ficado menos pronunciada, aproximando-me das experiências próximas (GEERTZ, 2009) vividas pelos sócios do clube.

Segundo Geertz (2009), existem dois tipos de experiências. A experiência-próxima, usado pelos nativos, que aparece naturalmente na sua interação e é facilmente utilizado pelas pessoas da comunidade estudada, traduzindo sem esforço o que elas sentem, veem, imaginam, elaboram. Por outro lado, o conceito de experiência-distante,

muito utilizado pelos antropólogos, está ligado aos objetivos científicos do seu papel social. Na visão do autor, o antropólogo, mesmo estando atento a esses dois tipos de conceito que se encontram emaranhados no fazer etnográfico, “[...] não é capaz de perceber aquilo que seus informantes percebem. O que ele percebe, e mesmo assim com bastante insegurança, é o ‘com que’, ou ‘por meio de que’, ou ‘através de que’ (ou seja lá que expressão for) os outros percebem (GEERTZ, 2009, p. 89)”. Para o autor, o grande desafio é o etnógrafo conseguir captar os conceitos de experiência-próxima que estão espontaneamente no pensamento do nativo e articulá-los com os da experiência-distante formulados pelo antropólogo, conseguindo interpretar os elementos gerais da vida da comunidade estudada.

Entrei para jogar, por volta das 9 h. Tenho dificuldades para acertar a malha, mas neste jogo fui melhor. Fiz dois pontos, deixando a malha cair dentro do círculo. Não derrubei o pino, só consegui fazer isto uma vez. Tenho dificuldades de bater a malha, na parte do chão que deve ser feito. Eu lanço a minha malha e a mesma tende para ir para o lado esquerdo da pista. Só o senhor Marcelo demonstra interesse de me incluir no jogo para que eu possa aprender, tem paciência para ensinar. Ele foi o único que se dispôs a ensinar o menino que apareceu por lá. Durante o jogo, o senhor Arthur ficou ao meu lado e aí pude marcar a pontuação, marcar as rodadas também (mas isto ficava mais com ele). Ao mesmo tempo, ele foi me falando e também me incentivando a jogar. Ele estava jogando muito mal, sem acertar o pino, passava raspando. Teve um determinado momento que o senhor Sandro falou para mim: “não tomou café não?” Nesta circunstância, me senti sendo jogadora de malha (Diário de campo, 23 de fevereiro de 2014).

Nesse contexto, alguns deles resistiam em me aceitar nas partidas, exceto alguns, que me chamavam quando precisavam de alguém para completar o quarteto. Mesmo na possibilidade de não jogarem, alguns optavam em não jogar comigo. Tive a oportunidade de ver esse contraste de interpretações em relação a mim em dias diferentes de campo.

No sábado, dia 24 de maio, quando cheguei à pista, só tinham três jogadores, faltava um para jogar. Quando eu fui à pista de São Gonçalo vi o jogo, um contra um, mas em Madureira não jogam desta forma. O tempo passou e ficaram esperando um quarto chegar. Esse não chegou e nem cogitaram, pelo que percebi, de me chamarem para completar. Conclusão: não jogaram o jogo de malha. O João Carlos ainda cogitou de me chamar para jogar sueca (vi o cochicho com outro jogador), mas este não aceitou (acho que ele disse não, pois queria aproveitar e ir embora mais cedo, fato que acontecia com muita frequência aos sábados) (Diário de campo, 24 de maio de 2014).

Por outro lado, no dia seguinte, Marcelo, logo que uma partida terminou e ele precisava sair para beber um remédio, se dirigiu a mim, e disse: “Ingrid vai jogar”. Ainda falei, “estou há muito tempo sem jogar”. João Carlos entrou na conversa e disse: “você joga comigo”. Perguntou para mim qual a cabeceira que eu queria ficar. Eu perguntei: “qual é mais fácil?” Ele disse: “da direita”,

aí eu disse: “ok, fico na mais fácil”. Marcelo me deu sua cera para eu jogar (Diário de campo, 25 de maio de 2014).

No campo que realizei em São Paulo, em abril de 2014, nos Jogos Regionais dos Idosos (JORIS), um jogador do clube da cidade de Caraguatatuba me alertou, durante uma conversa, que um jogador experiente de malha não gosta de jogar com iniciantes. Em sua opinião, os iniciantes “machucam” a pista, cavando o chão por não saberem jogar a malha corretamente. Existem clubes no estado de São Paulo que possuem duas pistas: uma para iniciantes e outra para quem é mais experiente. Pode ser este um dos motivos pelos quais me chamavam pouco para jogar: sem prática, por vezes, eu “cavava o chão”, danificando a pista. Além disso, a malha mal jogada também faz um barulho ao bater no chão, ruído que, para muitos deles, denuncia um jogador de menor habilidade, e os incomoda. Pode ter sido este um dos fatores que fizeram com que a maioria dos jogadores do Clube de Malha de Madureira não insistissem em me ter na pista jogando.

Aproveito essa situação que apareceu no campo em São Paulo, e através da comparação, discorrer sobre a não homogeneização dentro dos grupos sociais, com a ideia da ocorrência de uma suposta identidade coletiva. Acredito que o Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira seja formado por indivíduos que fazem, todo tempo, arranjos e rearranjos diferentes e particulares, buscando em alguns momentos combinar a satisfação de suas necessidades e seus desejos pessoais com aquelas advindas dos grupos sociais com que têm algum tipo de sociabilidade. Porém, nem sempre isso acontece de maneira amistosa. Simmel (1983) já indicava, em seus estudos, que o conflito é um tipo de associação que combina a discórdia e a harmonia. Para ele, toda forma de associação tem um conflito, necessário para que as interações sociais aconteçam. Destarte, há indivíduos dentro do grupo estudado que ratificam a tese de Simmel (1967) sobre ser a cidade o local de experiências e vivências diversificadas, e que a todo o momento reivindicam autonomia e individualidade frente a organizações sociais identificadas como opressoras (SIMMEL, 1967).

Seja em uma situação mais individualista dentro do grupo ou em outra onde se tenta buscar algum tipo de homogeneização de posturas, dentro dos próprios grupos coexistem diferentes maneiras de ver as situações, as tradições culturais e a divisão social do trabalho. Desse modo, não é possível afirmar que o Grupo de Malha pensa assim ou de outra forma. Existem assuntos sobre os quais os sócios concordam entre si, mas há outros que servem até como pano de fundo de disputas de poder interno, como já destacara Simmel (1967). Esses conflitos internos ficaram evidentes à medida que a

etnografia avançou, ajudando-me a interpretar, por exemplo, por que um sócio quis que eu jogasse e o outro, no mesmo momento, não permitiu. Não estava ali presente só a minha menor habilidade. Sob esse olhar, Velho (2013) destaca que há

[...] inúmeras descontinuidades e diferenças provindas de trajetórias, experiências e vivências específicas. Isto fica particularmente nítido quando fazemos pesquisa em grandes cidades e metrópoles, onde a heterogeneidade provinda da divisão social do trabalho, a complexidade institucional e a coexistência de numerosas tradições culturais expressam-se em visões de mundo diferenciadas e até contraditórias (VELHO, 2013, p. 83).

Para além do jogo de malha, o jogo de cartas sinalizou diferentes maneiras de lidar com minha identidade de antropóloga no campo, no sentido de que me aproveitei melhor da minha expertise com esse tipo de jogo. Os dados referentes a esse assuntos começaram a ser construídos a partir de maio de 2014 e duraram até o fim do campo. Esse contraste de situações trouxe novos elementos para pensar outras possíveis identidades construídas no campo, dessa vez relacionadas a uma possível construção de uma “performance masculina de gênero” (BUTLER, 2003), não diretamente ligada com qualquer orientação sexual. Para Butler (2003), faz-se necessário atentar para que as identidades de gênero não sejam naturalizadas ou essencializadas, mas

[...] reconcebidas como uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas imitativas que se referem lateralmente a outras imitações e que, em conjunto, constroem a ilusão de um eu de gênero primário e interno marcado pelo gênero, ou parodiam o mecanismo dessa construção (BUTLER, 2003, p. 197).

Na Praça do Patriarca e nas redondezas, acontecem vários jogos de carta, com ou sem aposta. Não vi nenhuma mulher nesses ambientes jogando; são locais eminentemente de ações e práticas masculinas. Atributos bastante vinculados à identidade de gênero masculino no Brasil estão presentes nesses espaços: atividades em lugar público, provocações, sátiras, piadas, falas sobre jogos de futebol (GASTALDO, 2010).

Com relação ao jogo de cartas, depois da minha primeira vez, fui convidada por mais três vezes consecutivas para jogar o jogo de sueca. Nesse caso, tinha muito mais habilidade e “malícia” e era também mais astuta, pois conhecia o jogo desde a juventude e já havia jogado inúmeras vezes. Percebia um maior entusiasmo por parte dos sócios, mais especificamente cinco deles, em me chamarem para jogar. Ficávamos horas jogando juntos, após o jogo de malha terminar.

Entretanto, durante as partidas, eles ainda tinham ressalvas em proferir palavras com conotações sexuais, gerar brincadeiras mais agressivas entre eles, dizer palavrões, ou palavras de baixo calão perto de mim. Às vezes, pediam desculpas ou licença para falar algo que consideravam que não devia ser dito perante uma mulher, e possivelmente também pesquisadora: “-A Ingrid tá aqui”. Além disso, não me corrigiam e nem me cobravam publicamente: se fazia algo errado na pista de malha ou no jogo de cartas, percebia que eles não me chamavam atenção. Entre eles, essas ações eram muito comuns, motivo de muita jocosidade, por exemplo.

Ao longo do tempo, com maior intimidade entre nós, eles contavam piadas com mais frequência quando eu estava na pista. Essa situação também trouxe questões para me indagar sobre mudanças da minha identidade de gênero dentro do campo. Não acreditando haver coincidência, minha entrada no jogo de cartas trouxe para esse contexto uma identidade de gênero masculino, que até então não havia ocorrido. Nesse rastro, os sócios e não sócios começaram a contar piadas cujos temas, inicialmente, eram assuntos mais gerais. Com o desenrolar, alguns deles começam a trazer temas com conteúdo sexual. Alguns ainda pediam licença e perguntavam: “Você se importa?”. Eu sorria e falava: “Claro que não! Vocês acham que eu não falo palavrão e não ouço piadas deste tipo?” (risos) (Diário de campo, dia 24 de maio de 2014).

No que tange à maneira de lidar com os sócios, procurei estar sempre atenta à minha vestimenta, não usando nenhuma peça de roupa que tivesse tom provocativo. O intuito principal era chamar menos atenção possível sobre aspectos do meu corpo que pudessem atrapalhar minha relação com eles e também com a comunidade ao redor. Ficava o tempo todo exposta na praça, sendo observada por todos que passavam. Usava um mesmo estilo de roupa e calçado para ir a campo: bermudas ou calças jeans, sandália baixa ou tênis e blusas de malha mais soltas, que não marcassem o peitoral e a cintura. Além disso, tinha a preocupação de ir com uma roupa adequada para que pudesse jogar o jogo de malha (precisava dobrar o meu joelho e aproximá-lo ao chão, flexionando a coluna). Acredito que essas roupas e calçados pudessem despertar menos sentimentos ligados à sexualidade, galanteios e “cantadas” – sei, no entanto, que essas concepções não estão ligadas unicamente à vestimenta. Tentei minimizar os casos, mas mesmo assim, eles ainda ocorreram.

Um deles [sócios] tem um olhar mais observador sobre mim: dá-me dois beijos no rosto de maneira mais melosa, compara que beije um colega e não ele. Em determinado dia, quando fui chamada para jogar o jogo de cartas chamado “Sueca”, durante a distribuição de cartas, o senhor Januário fez um comentário: “Como é bom jogar com uma moça bonita, jovem”. Nenhum dos jogadores falou nada, e dei aquele sorriso, acho que meio sem graça, e não falei nada (Já tinha percebido que ele olhara para mim de modo diferente dos outros). Ele é um dos mais jovens do grupo, tem 62 anos. Percebo que, com suas atitudes, mesmo sem eu querer, comecei a ter alguns mecanismos de defesa, que de certa forma, me afastaram dele, da sua presença “melosa”. Ainda preciso retomar tal questão, pois ele é um dos jogadores mais antigos do grupo e tem muitas representações sobre a sociabilidade local. Porém, os outros também têm reservas sobre ele, dizendo que ele é mal educado, grosso e não é confiável (Diário de campo, 08 de fevereiro de 2014).

Sei que posso estar exagerando nessa dimensão corporal no trabalho de campo, correndo o risco de opor emoção e razão, no sentido de tentar objetivar o máximo possível meu objeto, deixando em segundo plano características como as das subjetividades eróticas (ROJO, 2012). Entretanto, esse foi o caminho que encontrei para ficar mais à vontade dentro de campo e não valorizar minha beleza ou atributos corporais, mesmo intuindo que esses comentários poderiam acontecer em momentos nos quais eu não estivesse presente.

Houve outra situação que me permitiu perceber uma mudança de construção de identidade em relação a mim, que deixei de ser antropóloga por alguns instantes.

Um jogador dentro da pista de jogo não fala sobre sexualidade, mulheres e assuntos deste naipe comigo e também não o vejo falando sobre isto com outros homens abertamente quando estou por perto. Por vezes proferi piadas que se referem a tais temáticas. Contudo, em um sábado ensolarado, o prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes foi visitar a Praça do Patriarca e como pesquisadora resolvi acompanhar tal momento. O citado jogador estava sozinho e me encontrou na praça, fora da pista de jogo, do horário do clube de malha (ele foi em casa, tomou banho, trocou de roupa e almoçou). Começamos a conversar sobre assuntos diversos, ligados basicamente à política e o espaço da pista malha na praça, quando em determinado momento, uma senhora passa, o cumprimenta e depois para com o intuito de falar com ele. Ele me apresenta a ela, dizendo que era companheira dele “de copo”, quando ainda frequentava os bares da vizinhança. E a partir daí, eles começaram a lembrar das farras que faziam e o jogador, que neste momento, construiu naquela interação outra identidade, começou a falar mal e a lembrar do envolvimento com bebida. Falou abertamente de situações, que eu nunca saberia que teria tido, só tendo o contato com ele como pesquisadora da malha, dentro do espaço do jogo (Diário de campo, 21 de junho de 2014).

Possivelmente, o deslocamento do espaço geográfico e o encontro com uma pessoa que não tinha envolvimento direto com o Clube de Malha acionaram repertórios simbólicos que deram vazão às emoções vividas e sentidas, demonstradas a mim, que também, de certa maneira, participava desta ação em espaço público. E assim, naquele

momento, minha identidade de pesquisadora se deslocou, mesmo que por alguns instantes e ganhei *status* de alguém que participava da conversa entre dois grandes conhecidos, de longa data.

Acredito que muitas situações de certo distanciamento em relação ao fato de eu ser mulher ocorreram por nunca ter havido mulheres sócias ou frequentadoras do clube. E também, por suas mulheres e filhas não frequentarem o clube de malha. A única jogadora com que tiveram contato foi Laura, esposa do Luiz²⁴ (presidente do Clube IX de Junho e também, por um período, da Federação de Malha do Estado do Rio de Janeiro). Durante o campo, os sócios de Madureira enfatizaram que ela era uma grande jogadora de malha e acompanhava sempre seu marido, e também em competições contra aquele time. Um dado interessante é que muitas das falas nas relações jocosas giravam em torno de determinados jogadores terem perdido para essa jogadora. Tratarei dessa questão com mais profundidade no capítulo 4.

1.4. Entrada do ajudante de pesquisa masculino: meu marido

A entrada de um homem como assistente de pesquisa, no campo etnográfico, foi tanto indicada pela banca que avaliou meu projeto de pesquisa quanto um “chamado do próprio campo”, no sentido de trazer outras questões para pensar a sociabilidade masculina velha naquele contexto.

Durante o campo, em vários momentos, os homens se fechavam em rodas, abaixavam o tom de voz, tratando de assuntos aos quais eu não era convidada a compartilhar, como ilustra a seguinte anotação no diário: “Não sei o que os dois conversaram, mas depois se distanciaram da gente e falaram mais baixo...” (Diário de campo, dia 24 de maio de 2014). Nela, indico o distanciamento que alguns jogadores promoviam em relação a mim para falar de algo que provavelmente não desejavam que eu ouvisse.

Em sua investigação sobre como é construído *o ethos* masculino do grupo de homens que estudou, a partir da sociabilidade fomentada por um churrasco no subúrbio carioca, Souza (2003) indica ser esse um lugar onde se celebra e se afirma a masculinidade, não parecendo ser um espaço para as mulheres. Ali se encontram interesses, gostos e temperamentos culturalmente conferidos ao mundo masculino.

²⁴ Resolvi no caso deles não trocar os nomes; pois são únicos dentro do contexto do clube de Madureira.

Guedes (1997), em seu estudo sobre o grupo de futebol (“Unidos Futebol Clube”), também identifica esse tipo de associação num local de celebração das masculinidades que acaba não sendo um lugar para as mulheres:

Na verdade, esse clube de futebol local deve ser compreendido como a demarcação mais formal do espaço público como espaço de exibição e negociação da masculinidade. Organizado por homens e para homens, insere-se juntamente com bares e botequins no território mais legitimamente reservado às interações masculinas, que, comumente, só pode ser observado de longe pelas mulheres (GUEDES, 1997, p. 131).

A presença da figura masculina possivelmente traria situações contrastantes que poderiam evidenciar maneiras distintas do grupo em lidar com os gêneros feminino e masculino, não pertencentes ao clube de malha e não moradores do bairro e das redondezas. Os gêneros são categorias contextuais, criadas culturalmente a partir das relações estabelecidas entre os pares. A partir dessa reflexão, considero que o gênero é constituído como masculino e feminino na sua formação inicial, mas os indivíduos agenciam suas ações, mesclando ou alterando tais percepções sobre seus gêneros (ROJO, 2015).

Inicialmente, o ajudante de pesquisa seria o meu pai, por sua correspondência com a idade dos sócios do clube, de modo que houvesse maior proximidade entre interesses e assuntos. O convite, porém, não foi aceito. Ainda com o propósito de inserir um ajudante de pesquisa masculino, apostei que poderia ser interessante a entrada do meu marido na etnografia, ainda que ele tivesse laços afetivo-sexuais comigo. Sua facilidade de horários para estar aos sábados e domingos e a possibilidade de deslocamento em conjunto foram fatores decisivos para a escolha. Nesse momento, intuía que sua idade (17 anos mais novo que o mais jovem do clube), do mesmo modo, traria outras maneiras de situá-lo, visto que, mesmo sendo homem, sua identidade de gênero também estava sendo atravessada pelas questões de idade, classe social, etnia etc. Em alguns dias de campo, precisamos levar nosso filho conosco. Por conseguinte, quem tomava conta dele era o meu marido, dando-lhe lanche, olhando por ele, estando ao seu lado o tempo todo. Eu só era acionada caso ocorresse algo de extrema necessidade.



Foto 8: Meu marido chegando à pista com meu filho, cumprimentando os jogadores do clube.
Junho de 2014

É importante destacar que essa identidade de gênero de “tomar conta e alimentar a sua prole”, ligada no senso comum ao feminino, era desempenhada por ele de maneira muito “natural”, por ser rotineira em nosso modo de viver. Desta forma, as performances de gênero são acionadas de acordo com as necessidades de determinados contextos. Como destaca Butler (2003), o gênero é performativamente produzido de maneira repetida no interior de determinado discurso e constituído pelos atos que fazem parte da realidade.

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos (BUTLER, 2003, p. 194).

Pelo fato de meu marido não ser antropólogo e não ter formação em Ciências Sociais,²⁵ sua função como colaborador homem era se utilizar de um olhar mais aguçado no que tange ao universo masculino e tentar captar alguns códigos e condutas associados à sociabilidade dita masculina no interior do grupo. Naquele momento, eu acreditava que muitas informações me eram negadas ou restringidas por eu ser mulher e, possivelmente, na maioria dos contextos, não construir uma identidade de gênero masculina. Outra função de sua entrada no campo era abrir caminhos para ampliar

²⁵ Meu marido chama-se João Neto, é natural de Niterói e tem 43 anos (2014). É formado em Direito, mas trabalha na área de Tecnologia da Informação. Estamos casados há 13 anos (completados em 2015) e temos um filho de sete anos (completados em 2014). Não uso aqui nome fictício, por não ser necessário.

minha interlocução em diferentes grupos. Eu aproveitaria seu contato com o grupo para ter acesso a determinados assuntos que, sozinha, eu não conseguiria captar.

Durante os dias em que ele esteve presente, na ida para a pista de malha ou para os locais onde os torneios aconteceriam, conversávamos no carro sobre assuntos a que eu gostaria de ter acesso naquele fim de semana, tais como: por que as famílias dos jogadores não participam do ambiente do jogo de malha? Porque não há mulheres naquele local? A ideia era que ele estivesse atento aos diálogos dos jogadores sobre esses assuntos e pudesse me chamar para ouvir o que falavam. Caso não fosse possível minha presença, ele prestava atenção a determinado assunto (gravando ou anotando) para saber a opinião dos sócios e não sócios. Algumas vezes, ele gravava as conversas e perguntava aos jogadores se poderia fazê-lo.

Antes de chegarmos à pista de malha, combinei com João Neto que ele ficaria com o gravador durante todo o tempo ligado, no sentido de tentar captar falas ligadas aos assuntos: a masculinidade e família. Eu ficaria mais “ligada” nas pessoas da Federação e ainda iria ver um jogo de malha por inteiro. E assim foi feito, aproveitei e tirei muitas fotos. João Neto ficou mais debruçado sobre a lateral da pista, e eu vendo o jogo e ainda conversando os outros árbitros da Federação, tentando chegar naqueles que não tive oportunidade de conversar nos dois outros dias (Diário de campo, 27 de abril de 2014, cidade de Caraguatatuba).

Sei que, dessa forma, além de abrir caminhos, aumentando o repertório de assuntos abordados no campo, meu marido, ao escolher determinado assunto a ser registrado, efetuava alguns recortes, também construindo dados. Por conta disso, ao terminar o dia, conversávamos sobre o que ele tinha realizado e, a partir daí, focando na questão ética, decidia utilizar ou não tais informações e por quais caminhos metodológicos as aproveitaria.

Intuí desde o início que a entrada do meu marido como colaborador de pesquisa poderia me trazer múltiplas identidades frente ao grupo: antropóloga, mulher, casada, mãe de um filho (dona de casa), entre outras. Sendo assim, sabia que esses aspectos situacionais poderiam interferir (negativa ou positivamente) nos encontros etnográficos entre pesquisador e pesquisado.

[...] a utilização das duas perspectivas (do observador e do observado) foi importante para que eu pudesse compreender melhor as dimensões básicas do encontro etnográfico: representações que o antropólogo faz do grupo que estuda e as representações do grupo sobre os antropólogos e seu trabalho [...] (SILVA, 2000, p. 21).

Foi interessante perceber que introduzir meu marido no campo, de alguma forma, afetou os olhares da vizinhança sobre mim. De certa maneira, esta situação me permitiu maior conforto ao transitar por aquele local do bairro de Madureira.

Indo em direção ao carro, ao passar em frente ao bar, cumprimentei dois senhores que bebiam cerveja. Isso já devia ser por volta das 12h de um dia de domingo. Um dos senhores os quais cumprimentei verbalmente, dizendo olá!, pegou no meu braço, me parando, e me perguntou: “Seu marido não tem ciúmes de você ficar ali na pista?. Eu respondi: “Não! Ele sabe que eu estou trabalhando, fazendo uma pesquisa. Além disto, ele já esteve aqui algumas vezes, todos o conhecem. Meu filho também já teve aqui na malha (Diário de campo, 16 de março de 2014).

Essa dinâmica de campo é emblemática para demonstrar como a antropóloga está sendo vista e analisada no campo, e muitas vezes nem percebe – sobretudo por parte daqueles que não participam diretamente da pesquisa, mas que criam noções sobre nós quando estamos trabalhando nos locais de campo. São pessoas que emitem opiniões e que podem produzir conceitos que qualificam os que passam a frequentar o bairro, como foi meu caso. Além de ser uma antropóloga que estava realizando uma pesquisa, era uma mulher casada, que mostrava disponibilidade nos sábados e domingos pela manhã para estar ali, que circulava por aquele espaço urbano, onde as pessoas potencialmente já se conheciam. Possivelmente, se fosse solteira, outras identidades sobre mim seriam produzidas; diferentes construções de dados poderiam ser realizadas. Nesse caso, o senhor em questão não faz parte e nem frequenta o clube de malha – só o vi uma vez na pista, mas cumprimentava com muita frequência os jogadores ao passar pela praça; fazia isto toda semana. Geralmente, ele passava pela praça, cumprimentava os que estão lá dentro e, às vezes, conversava com um deles sobre futebol. Mas, por estar sempre no bar, muito próximo à pista, prestava atenção nas situações vividas naquele pedaço do bairro. Criava representações sobre os momentos assistidos e fazia interlocução com pessoas do mesmo grupo, interpretando os fatos pelo o que vê e ouve.

Desde a chegada do meu marido ao campo, apresentei-o ao grupo de malha como tal, ressaltando que suas funções seriam me fazer companhia no fim de semana e também atuar como ajudante de pesquisa. Não entrei em maiores detalhes de como funcionaria sua atuação (até porque, naquele momento, nem eu mesma sabia como efetivamente isto iria acontecer), mas tampouco nenhum dos jogadores me perguntou como isso se daria na prática. Disse por fim que ele eventualmente tiraria fotos e usaria

o gravador. Não houve qualquer objeção a estas ações. Logo que o apresentei ao grupo de jogadores, perguntaram-no se ele sabia jogar malha.

João, quer jogar? Joga com fulano. João começa a jogar a partida, e com o desenrolar da mesma, consegue acertar o pino. João (jogador do clube) se aproxima dele e começa a dar sugestões de como ele pode jogar melhor. Ele tenta seguir o que o jogador fala, e também presta atenção na jogada que o seu adversário, mas que está ao seu lado, faz. Este também acaba por tentar ensiná-lo (Diário de campo, 18 de agosto de 2013).

Certamente, o fato de meu marido ser homem e ter destreza em jogar as malhas, – acertou o pino na primeira vez que estive lá – facilitou a sua aproximação com o grupo, permitindo-lhe, por consequência, ter acesso a conversas sobre diferentes assuntos. Observar os jogadores querendo ensiná-lo a jogar foi interessante para eu entender melhor como se processava essa transmissão oral das regras e táticas no jogo de malha – observando *in loco* elementos mais singulares para o seu aprendizado – principalmente nesta perpetuação de valores de uma sociabilidade tida como masculina. Essa situação me ajudou a elencar as características necessárias para a constituição do *ethos* de ser jogador de malha.²⁶



Foto 9 - João, meu marido, arremessando a malha na pista do Clube de Bangu. Dezembro de 2013.

²⁶ A discussão sobre *ethos* será aprofundada no capítulo 4.

De maneira geral, a experiência de ter meu marido no campo como ajudante de pesquisa me mostrou, no contexto estudado, que certos assuntos também não eram comentados na frente dele. Ele não percebeu mais falas sobre mulheres, sexualidade ou outros assuntos que eu já havia relatado, quando estava junto do grupo. Acredito que esses dados exemplificam que não foi só questão de gênero que predominou como eu supunha. O fato de não pertencermos ao clube e não termos certa intimidade com os membros foram mais relevantes. Um aspecto importante também a considerar que, de certa maneira, meu marido, mesmo sendo homem, pode ter sido visto como uma extensão de mim no campo, sendo negado a ele acesso a valores, normas e assuntos que de alguma forma me eram também. No entanto, em relação a determinados assuntos ou situações, sua estada em campo foi fundamental. Em alguns momentos, eu estava muito envolvida com determinado recorte no campo, e ele me apontava que estava acontecendo outra situação que julgava ser importante para minha pesquisa. Em um dia de campo, na pista do Clube de Maricá, se ele não estivesse presente, eu teria perdido a oportunidade de assistir e posteriormente de conversar com um senhor de 92 anos que ainda jogava o jogo de malha. Por conta disso, tive o prazer de vê-lo jogando. Contudo, como não era antropólogo e nem estudante da área, tinha dificuldade para desenvolver principalmente o “ouvir”, uma das características fundamentais do trabalho de campo (OLIVEIRA, 1998). Assim, aconteceram problemas metodológicos, como por exemplo, suas repetidas intromissões em determinadas conversas, colocando demais sua opinião sobre algo. Com orientação da minha parte, fomos conversando e construindo sua maneira de estar no campo, minimizando suas falas dentro daquele local.

A experiência que tive em alguns momentos na minha vivência etnográfica vai ao encontro de outros estudos antropológicos que também apontam a entrada do cônjuge durante a pesquisa etnográfica. Nesse contexto, destaco a etnografia realizada por Foote Whyte (2005). No primeiro momento em Corneville, um pesquisador solteiro, que fora viver na casa de uma família italiana, construiu seus dados a partir do lugar social no qual estava inserido. Com seu casamento e a ida de sua esposa para a cidade (diretamente, ela não era ajudante de pesquisa), as mudanças de moradia e de seu *status* mudaram os encontros etnográficos. Questões antropológicas foram colocadas por ele, no sentido de pensar seu campo a partir de um “novo” lugar. Comparando minha situação com a vivida por Foote Whyte (2005), o que mais me importou foram as questões suscitadas dentro do campo e que me fizeram refletir sobre aspectos até então não percebidos sem sua presença.

2. CIDADE, LAZER E SOCIABILIDADE ESPORTIVA: O USO DO ESPAÇO URBANO

2.1. Estudos urbanos no Brasil

No Brasil, os estudos urbanos foram ganhando maiores contornos na Sociologia brasileira, desde a década de 1930, com pesquisas sobre a cidade de São Paulo e seus arredores. Tanto a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), quanto a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), que na década de 1970 se transformou em Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo produziram pesquisas que abordavam temas que de certa forma atravessavam as questões ligadas à cidade (mesmo que na época não houvesse a clareza de que eles estariam relacionados a uma chamada Antropologia Urbana). A ELSP desenvolvia pesquisas de comunidade, com influências da Escola de Chicago,²⁷ e a FFCL, com influências mais europeias,²⁸ praticava pesquisas com imigrantes.

No que diz respeito à Antropologia, somente na década de 1970 adquiriu crescente prestígio em relação às Ciências Sociais. Acredita-se que a expansão dos cursos de graduação, de pós-graduação, maior acesso aos grupos de fomento de pesquisas e também as mudanças sociais que ocorreram no Brasil, no período final da ditadura e após seu término – trazendo à tona temas como “movimentos” e lutas sociais – foram fulcrais para sua maior expressividade no cenário acadêmico (MAGNANI, 2012).

Movimentos como o negro, feminismo e indigenismo geraram demandas de estudos que envolveram integralmente a Antropologia. “Esta conjuntura – política, acadêmica, institucional – abriu espaço para estudos de caráter antropológico sobre a realidade dos grandes centros, pois era preciso conhecer de perto esses atores, seu modo de vida e aspirações [...]” (MAGNANI, 2012, p. 35). Nesse contexto, pesquisas antropológicas, principalmente aquelas que se reportavam ao cotidiano e aos aspectos familiares na sociedade urbana, ganharam cada vez mais espaço no cenário nacional. Uma representante desse processo foi a revista *Anuário Antropológico*, fundada em 1977 pelo antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira, professor do programa de Pós-

²⁷Estudos sobre cidade aparecem fortemente com Escola de Chicago (EUA), com análises sobre o vertiginoso crescimento daquela cidade e os problemas sociais por ele acarretados, tais como: prostituição, criminalidade, delinquência etc. Essa Escola foi o nome criado para agrupar pesquisadores do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago com intensa atividade intelectual entre os anos que vão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) até a década de 1940.

²⁸ Claude Lévi-Strauss, Marcel Mauss, entre outros.

Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. Nessa publicação, havia uma seção destinada aos estudos de Antropologia Urbana. O primeiro texto tinha como título: “A organização social do meio urbano”, de Gilberto Velho e Luiz Antônio Machado.

No conjunto desses temas, as práticas de lazer comunitárias, em especial as de periferia, surgiram como uma das vertentes dos estudos nas Ciências Sociais.²⁹ Temos como exemplo significativo da década de 1980, a tese de doutorado de Magnani (1980³⁰), cujo foco foi investigar as formas de lazer de São Paulo, a partir da manifestação cultural “circo-teatro”.

Os temas e objetos centrais passaram, então, a ser os moradores da periferia de São Paulo; as estratégias de sobrevivência na metrópole; as religiões populares urbanas (umbanda, pentecostalismo, candomblé); as comunidades eclesiais de base; cultura e festas populares; as formas de lazer e entretenimento [...] (MAGNANI, 2012, p. 35).

Concomitantemente, no Rio de Janeiro, tínhamos uma “[...] certa antropologia urbana realizada no programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do museu nacional da UFRJ,³¹ que teve como pioneiro e articulador intelectual Gilberto Velho, em dois estudos (1972, 1975) *A Utopia Urbana e Nobres e Anjos* ” (COELHO, 2009, p. 293). Nesses e em outros projetos que se seguiram, e também em dissertações e teses orientadas por ele, as preocupações giravam em torno principalmente da pluralidade de estilos de vida e visões de mundos urbanos, em especial das camadas médias. Os alicerces teóricos se pautavam em George Simmel e a experiência individual na metrópole.

²⁹ No momento em que as Ciências Sociais abrem espaço para os temas como os do lazer, outras áreas, tais como a Educação Física, já vinham pesquisando tal assunto, muito por conta da associação que se estabelecera com a Recreação, tema bastante discutido no interior das pesquisas na área destacada. Na década de 1970, dialogando com as Ciências Sociais, leituras como as do sociólogo Joffre Dumazedier, (1974) e na década seguinte, do sociólogo Nelson Carvalho Marcelinho (1987), ampliaram as reflexões sobre os temas Recreação e Lazer. O crescimento no número de pós-graduações, nesta área, também contribuiu enormemente para aumento e maior profundidade dos debates desses temas.

³⁰ O professor José Magnani (1998, 2000, 2012) lidera o Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) em torno dos eixos Lazer, Religião e Jovens, e se dedica a pesquisas cujo ponto principal é o conhecimento das diferentes manifestações culturais encontradas na cidade de São Paulo, enaltecendo o estudo, por exemplo, da sociabilidade nos bairros de periferia da cidade “[...] tendo a cidade às vezes como contexto, às vezes como tema de análise (tal ou qual espaço, instituição ou equipamento urbano [...])” (MAGNANI, 2012, p. 71).

³¹ O Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional foi pioneiro no Brasil e fundado em 1968.

Influenciando-me pelas produções teóricas desses autores e identificando o maior espaço que os estudos urbanos foram alcançando no Brasil ao longo das décadas seguintes, reconheço que os atuais arranjos da modernidade nos instigam a refletir com maior profundidade sobre as diferentes subjetividades que se manifestam nas cidades, sobretudo no que diz respeito ao lazer,³² as sociabilidades locais, as esportivas e as práticas culturais de diferentes grupos etários.

As opções de lazer estão ligadas às realidades da vida cotidiana, parafraseando Berger e Luckman (1985), e em vários casos, coadunadas com as tradições de alguns grupos e de seus antepassados. Reconhecer e registrar as culturas produzidas por eles torna-se um dos caminhos interessantes para compreender os significados que esses grupos produzem sobre si próprios e o sentido que conferem a suas vidas. É fundamental compreender seus modos de pensar e agir em consonância com as dinâmicas sociais nos contextos urbanos atuais. “[...] perceber como a cultura reflete e medeia as contradições de uma sociedade complexa, procurando estudar a cultura não como algo externo, mas como um fenômeno que é produzido pelos homens nas relações sociais” (OLIVEN, 1985, p. 11).

Além disso, as diversas vivências de lazer sejam as que estão acontecendo no momento vivido, ou as que permanecem na memória daqueles que experimentaram ou observaram as variadas situações, contribuem para o delineamento da paisagem urbana. Interessante pensar que a memória não é só o que está na “cabeça das pessoas”, mas naquilo que se materializou através das marcas e dos resultados no tempo-espaço. Nesse contexto, a cidade está sendo pensada como uma construção dos homens e das mulheres, de diversas gerações, em distintos momentos da história, sendo que em muitos casos foram e continuam sendo agentes significativos nas interações sociais travadas no interior do espaço público.³³ Ou seja, as cidades “[...] não existem fora das experiências sociais dos sujeitos que os habitam, e seus sentidos são um entrecruzar de experiências históricas variadas, contraditórias e às vezes, até antagônicas” (MACIEL, 2010, p. 193).

³² Entendo o lazer como as culturas produzidas e vivenciadas pelas pessoas no seu tempo-espaço disponível. Estão interligadas às questões sociais e econômicas, não sendo o oposto ao trabalho; porém ambos são momentos de vida que fazem parte da mesma realidade social, tendo relações diretas (FONSECA, 1996).

³³ Mais à frente, neste mesmo capítulo, descrevo e interpreto as maneiras pelas quais os jogadores do clube de malha influenciaram na organização do espaço público e as marcas concretas deixadas e também recriadas por eles neste cenário urbano do bairro de Madureira.

Seguindo este raciocínio, a teoria antropológica no coloca o desafio de problematizar duas vertentes de pesquisas relacionadas à cidade: antropologia *da* cidade e outra *na* cidade.

Gilberto Velho e Luiz Machado, em 1977, como já discorrido—sendo o primeiro um dos pioneiros dos estudos do urbano no Brasil – apontaram a ocorrência dessas duas maneiras de refletir a cidade. Segundo eles, é necessário estar atentos às situações, ações e relações sociais que surgem no quadro espacial da cidade. De seus pontos de vista, não é necessário elaborar uma “[...] “ciência social urbana” (p. 71); porém admitir que o instrumental das ciências sociais pode ser eficaz no desenvolvimento dos chamados “problemas urbanos”, colocando-os em termos de comparabilidade.

A Antropologia *da cidade* se configura em torno de estudos que se baseiam na cidade como um objeto próprio, fazendo emergir questionamentos sobre o urbano e tudo que nele ocorre. Contudo, como enfatizam Gilberto Velho e Luiz Machado (1977), não é entender o urbano como fenômeno isolado da vida social; é mais um domínio que tem interlocução com outros setores da vida. Nesses termos, a cidade é identificada como uma categoria social a ser analisada, “[...] como uma potência social capaz de gerar através de sua influência as mais diferentes consequências na vida social” (OLIVEN, 1985, p. 14).

Por outro lado, e por vezes de maneira complementar, no que diz respeito à Antropologia *na cidade*, o mais significativo é compreender as situações que ocorrem nas cidades, tentando interpretar como as pessoas se organizam, quais são seus objetivos, seus valores, sem necessariamente ser obrigado a explicar tais significados em alusão ao quadro espacial onde ocorrem (VELHO; MACHADO, 1977).

No rastro dessas ideias, Magnani (2010; 2012) corrobora que este tipo de antropologia se utiliza da cidade como um contexto cujos processos e manifestações sociais e culturais aparecem e dialogam ou não entre si. A cidade não é a causa de todos os movimentos que acontecem dentro dela; muitas vezes, constitui-se como pano de fundo dos fenômenos pesquisados. “A cidade é apenas o lócus da actividade, mas não o *focus* da investigação” (CORDEIRO; BAPTISTA; COSTA, 2003, p. 9). Esta maneira de pensar a cidade vem ao encontro do que Geertz (1978) declara sobre o objeto da Antropologia. “O lócus do estudo não é o objeto do estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam nas aldeias” (p. 32). Sendo assim, no campo das pesquisas urbanas, o que predomina são aquelas cujo tema “cidade” não é visto como um objeto em si (antropologia *da* cidade), mas como um

lócus para o desenvolvimento de estudos sobre aspectos culturais e sociais relevantes ao conhecimento do urbano (antropologia *na cidade*).

Portanto, esta tese está calcada em uma Antropologia *na cidade*, apresentando formas de sociabilidade construídas por um grupo de homens velhos que praticam o jogo de malha, destacando o olhar mais microscópico das práticas de sociabilidade esportiva quotidianas. Nada obstante, no meu ponto de vista, intento, através do objeto de pesquisa, contextualizar o espaço urbano onde essas vivências aconteceram e foram/são reinventadas em vários momentos do tempo-espaço vivido por eles. Assim é possível, através do clube de malha estudado e também daqueles que possuem contato direto com eles, problematizar e compreender os arranjos tanto concretos quanto simbólicos pelos quais constroem criativamente suas vidas na interface com o cenário urbano, e muitas vezes as arrumações locais que utilizam para elaborar imagens sobre si e a respeito da própria cidade. Por conta desta preocupação, no próximo item discorrerei sobre a origem do subúrbio carioca, local onde o bairro de Madureira está inserido tanto simbólica quanto geograficamente, e a Praça do Patriarca na dinâmica urbana daquele local.

2.2 Fazendo Antropologia na cidade: o contexto onde ocorre o jogo de malha

O Esporte Clube de Malha Patriarca do Madureira, objeto de estudo desta tese, fica localizado na Praça do Patriarca, bairro de Madureira, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Como indiquei anteriormente, entendo ser necessário refletir a cidade como um contexto onde ocorrem as práticas esportivas e problematizar fatos e situações que acontecem nessa realidade e que afetam, no meu caso, a sociabilidade criada pelos participantes do jogo. Assim, tem-se a possibilidade de compreender com mais profundidade quem são as pessoas envolvidas, o que pensam sobre suas próprias vidas e que significados atribuem às ações, aos valores vividos e situações que acontecem no seu entorno, no ambiente onde praticam o jogo de malha. Por exemplo, os sentidos gerados em torno do ato de gradear um espaço dentro da praça (fato que será exposto e discutido mais à frente, neste mesmo capítulo). O que isto representa para essas pessoas em termos das relações entre as dimensões do público e do privado? E como tais significados interferem no processo de construção e usos do espaço comunitário?

Para tal, inicialmente construí uma história³⁴ sobre a origem do subúrbio carioca e do bairro de Madureira dentro dessa realidade, com a intenção de apreender com mais profundidade a conjuntura no qual a praça está inserida e as pessoas que ali interagem.

2.2.1. Algumas ideias sobre a construção do subúrbio carioca

Um dos momentos importantes para as modificações urbanas na antiga cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro aconteceu após a chegada da corte portuguesa ao Brasil (1808). Houve um salto demográfico e social; pois além dos membros da corte, tantos outros “agregados” vieram a reboque. Na época, a cidade estava confinada dentro de limites bastante estreitos “[...] as ruas eram estreitas e, por isso, perigosas e inconvenientes para quem quisesse caminhar” (EL-KAREH, 2010, p. 20). Mas nos seus arrabaldes, ainda era possível arejar-se, mesmo com ruas sem calçamento. A maioria destas terras era subordinada às paróquias católicas e foram ocupadas por fazendas, engenhos de açúcar e aguardente, cujo comércio foi baseado nesses produtos. Porém, para chegar a esses locais, era necessário atravessar os mangues, o mato alto e os animais que ali viviam, o que dificultava o trânsito de pessoas e conduções.

Sendo assim, as mudanças começaram a ocorrer e ficaram concentradas do centro da cidade até seus seis arrabaldes (Botafogo, Catete, Glória, Região da Lapa, Catumbi e Mataporcos (Engenho Velho) (EL-KAREH, 2010). “De uma extremidade a outra, havia uma série de casas novas que rivalizavam em elegância. Essas residências eram reservadas em geral à nobreza e às pessoas ricas, nacionais ou estrangeiras” (EL-KAREH, 2010, p. 28). Ao longo dos anos, as ruas estreitas e escuras transformaram-se em outras mais claras e largas. Os mangues, os animais do habitat e o mato alto foram dando lugar a várias estradas, assim como o maior número de habitações. O comércio também foi se expandindo.

Com o desenvolvimento do café fluminense, houve aumento das exportações brasileiras e o Porto do Rio de Janeiro começou a receber vultosamente ricos comerciantes, e também imigrantes europeus à procura de trabalho. Nesse contexto, a capital imperial absorveu também para escravos e alforriados e brancos pobres “[...] que

³⁴ Importante destacar que as “explicações históricas” que aparecem neste texto foram criadas a partir de um recorde de dados apresentados por outros autores e que não devem ser lidos como únicas e verdadeiras. Foram os dados construídos por mim, para fins de contextualização dos assuntos centrais da tese: jogo de malha, envelhecimento e masculinidade.

se apinhavam em pequenos quartos de aluguel, em pensões baratas, e nos primeiros cortiços, que tomavam o lugar das antigas moradias assobradadas de dois, três e quatro andares” (EL-KAREH, 2010, p. 29).

Com o crescimento do número de pessoas em torno do porto, vieram os problemas sociais no que diz respeito a suas condições de vida. Questões ligadas a saneamento básico e água potável, por exemplo, eram fulcrais naquele momento. Por outro lado, a burguesia imperial em ascensão, espelhada nos modelos europeus de viver, começava a se espalhar pela cidade, buscando locais mais aprazíveis para morar.

O Rio de Janeiro, em fins do século XIX era ainda uma cidade de estrutura colonial-mercantil que experimentara rápido crescimento em poucas décadas. Sua população aumentou 72% de 1838 a 1870, passando de 137.078 para 232.291 habitantes, e quase dobrou em menos de duas décadas, elevando-se de 274.972 para 522.651 habitantes no curto período de 1872 a 1890 (OLIVEIRA, 2010, p. 98).

Concomitantemente a todos esses processos, o primeiro grande surto industrial brasileiro aconteceu na década de 1890 e se estendeu até os primeiros anos da década seguinte. Nos fins do século XIX, foi criada a Companhia de Progresso Industrial do Brasil (CPIB), e conjuntamente, outras indústrias têxteis participaram deste processo (OLIVEIRA, 2010).

O processo de industrialização atravessou a Proclamação da República (1889), trazendo consigo outras grandes mudanças urbanísticas na cidade. O conceito máximo era transformá-la em uma metrópole moderna que pudesse seguir as tendências internacionais do que seria uma cidade cosmopolita. Fazia-se necessário deixar para trás o ar de colonialismo que se tinha no Brasil, um país que vivia em função de outra metrópole: Portugal. Afastava-se tudo que se relacionava à noção de “atraso”.

Para tanto, várias medidas foram tomadas pelo governo republicano brasileiro, principalmente no início do século XX, justamente para contemplar as “novas fases” política, econômica e social que o país começava a atravessar. O principal objetivo era transformar a cidade do Rio de Janeiro em estilo europeu: com ruas largas, avenidas e imponentes edifícios. Um dos caminhos para conseguir tal façanha foi extinguir os chamados “cortiços”, entendidos como construções precárias e que disseminavam doenças para toda a cidade – assim, muitos foram destruídos. Por conta disso, os moradores, sobretudo os mais pobres e negros, não tiveram alternativa a não ser subir os morros, principalmente os do Centro, e seguir em direção à parte norte da cidade (SOUZA, 2010).

Uma população pobre vive nos sobrados antigos da área vizinha ao porto, que se integra na zona de obsolescência da cidade, e que é habitada por essa classe trabalhadora, constituída em parte, por emigrantes portugueses aí encontrou alojamento barato e próximo do centro da cidade (SOARES, 1965, p. 14-15).

Além dessa “limpeza higiênica” – a remoção dos negros e pobres, dentro da própria cidade do Rio de Janeiro –, surgiu um processo migratório do Vale do Paraíba, Região Serrana Fluminense, e ainda da Zona da Mata Mineira, por conta do declínio das lavouras cafeeiras. O novo cenário se acumulou ao anterior e as pessoas, principalmente as das classes populares, por conta da crise habitacional, foram à procura de áreas da região periférica da cidade. “Durante este processo, as regiões para onde os negros e pobres foram removidos passaram a ser vistas com desprezo pela elite, como uma reminiscência de um passado que insiste em existir” (SOUZA, 2010, p. 47). O grupo proletariado foi deslocado para essas regiões, que surgiram em função das primeiras indústrias na região.

De maneira geral, os habitantes concentravam-se na área central da cidade. Em 1920, por exemplo, o número de pessoas quase dobrou para um milhão (SILVA, 2010). Essa explosão demográfica estava diretamente ligada ao crescimento do número de estrangeiros vindo para a capital, e também da migração dos próprios brasileiros que se deslocavam de outras regiões do país, para tentar “a sorte” na capital da recém-promulgada república. Esse movimento também teve a participação dos escravos libertos, que vinham da decadente lavoura cafeeira com o intuito de trabalhar na indústria têxtil. Todo esse cenário estava diretamente relacionado ao crescimento econômico-portuário da cidade, ampliado com o aumento da industrialização.

Nesse contexto, o conceito de subúrbio estava ligado à ideia de um espaço geográfico em torno da cidade, no caso do Rio de Janeiro. Era o local onde a família real, a nobreza e as classes mais abastadas residiam em suas chácaras, vivendo em lugares mais calmos e aprazíveis. Sendo assim, seu significado encontrava-se atrelado à ideia dos arrabaldes: fora do centro ou da cidade do período (SILVA, 2010). Botafogo, Copacabana e Leme, também estavam contidos nesses espaços e a terminologia não ia além da distância em relação ao centro cujo símbolo era o poderio socioeconômico e a infraestrutura preponderante (MACIEL, 2010).

As migrações foram facilitadas com a interiorização dos trens para a zona norte da cidade. A construção do primeiro trecho da estrada de ferro Dom Pedro II entre o

campo de Santana e a cidade de Queimados consolidou a era ferroviária no Brasil e contribuiu com a urbanização das freguesias rurais do Rio de Janeiro e da ida de negros e brancos pobres para essas regiões. “O serviço de passageiros de subúrbio foi implantado aproximadamente por volta de 1870 e experimentou sua maior expansão até cerca de 1930 [...]” (LINS, 2010, p. 150). “Ao atravessar locais da periferia de baixa densidade, trouxe nova mobilidade para essas regiões e facilitou o acesso ao centro da cidade” (LINS, 2010, p. 150).

A maioria das ruas dos bairros suburbanos foi criada a partir das linhas férreas, sendo perpendiculares ou paralelas a elas. Com a construção de muros nas laterais das linhas, separou-se o bairro em dois lados – de um lado e outro da linha do trem. Isto também trouxe novos contornos para o espaço urbano, pois as ruas mais próximas às linhas férreas possuíam menos moradias, ficaram mais “abandonadas”, com espaços degradados. E ao contrário, as mais distantes constituíram-se de residências e serviços com melhor aparência física (LINS, 2010).

Nesse contexto, a noção de subúrbio que era utilizada foi paulatinamente se modificando a partir de processos de construção de representações diversificadas desse modelo, muito influenciados pelo quadro social destacado acima. Como aponta Fernandes (1996), houve um raptó da categoria “subúrbio”, que passou a se subordinar às concepções de que um lado era a Zona Sul (brancos e ricos) e de outro a Zona Norte/Oeste (negros e pobres). Ser suburbano tornou-se um conceito introduzido como um mote de diferenciação entre a elite branca da época e os negros e brancos pobres que viviam na cidade do Rio de Janeiro. Com essa separação, criaram-se concepções do que seria ser suburbano, indo muito além da questão geográfica.

A modernização da cidade do Rio de Janeiro continuou a acontecer de forma crescente. No período do Estado Novo (1937-1945), temos como exemplo a abertura da Avenida Brasil, cuja consequência direta foi o fato de muitos moradores sem-teto e famílias pobres irem procurar outros lugares para viver. Ao mesmo tempo,

[...] não estamos falando apenas de pessoas humildes, do proletariado, de trabalhadores apenas, mas de uma camada média urbana, advogados, jornalistas, tipógrafos. Até o último quartel do século XIX a região suburbana pode ser caracterizada como local de moradia dessa pequena classe média, formada por funcionários públicos, comerciantes e até por alguns operários de remuneração mais estável, capazes de bancar os pesados custos³⁵ de uma

³⁵ Os custos com o transporte ferroviário era um dos principais fatores que impediam a maior ocupação do subúrbio da Central até o final do século XIX, principalmente pela classe trabalhadora. Assim,

moradia mais afastada da região central da cidade (MENDONÇA, 2007, p. 39-40).

Já no final da década de 1950, estabeleceu-se de forma consistente a relação subúrbio-indústria-proletariado nas áreas dos caminhos do deslocamento das indústrias (SILVA, 2010, p. 182). No período da ditadura militar (1964-1985), o processo também não foi diferente, com a remoção de diversas famílias do Centro e da Zona Sul para Zona Norte e Zona Oeste da cidade.

Nesses diferentes contextos, com sucessivas e crescentes formas de se reconfigurar a cidade do Rio de Janeiro, em busca de um ideário progressista e moderno – modelo europeu de ser e viver – surgiu a ideia de um subúrbio carioca.³⁶ Esta concepção vem a partir do contraponto do que seria urbano e encontrava-se ligada à ordem e limpeza: melhorias de rede de esgoto, pavimentação, abastecimento de luz, recolhimento de lixo etc. Sendo assim, a percepção do que era ser suburbano estava atrelado ao contrário disto – foi esse um dos aspectos que se disseminaram e ajudaram a construir as diferentes representações sobre essa divisão geográfica e social na cidade. O entendimento perpassava a ideia de que a cidade era o lugar da civilidade e o subúrbio exatamente o contrário disto. Para Lins (2010), essas formas de conceber o subúrbio já indicavam uma espécie de segregação “[...] em relação ao núcleo original ou dominante” (p. 139).

Seguindo esta linha de raciocínio, houve um empréstimo do uso do termo “subúrbio”, que tanto em inglês quanto no francês significam áreas foras dos limites administrativos de uma cidade ou região. Porém, o sentido atribuído ao termo se construiu de maneira muito particular no interior da cidade do Rio de Janeiro, carregado de sentidos segregadores. Este não se referia simplesmente “a qualquer bairro afastado do centro”, mas a um conjunto de bairros da cidade cortados pelas linhas férreas das antigas Central do Brasil, Leopoldina e da extinta Auxiliar Rio D’Ouro e localizados na Zona Norte e Oeste da cidade. “[...] No conceito carioca de subúrbio, o trem como meio de transporte e o predomínio de uma população de recursos escassos” (SOARES, 1965, p. 42). Eram os bairros dos “trabalhadores”, cuja ligação direta estava com a era Vargas,

cobrava- sede prefeitura de Pereira Passos uma série de exigência tida como legais que encareciam as construções das moradias (MENDONÇA, 2007).

³⁶ Em novembro de 2008, houve um colóquio sobre *150 anos do subúrbio carioca*, organizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Urbanas (NEURB), com o apoio do Programa de pós-graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense. O colóquio, que deu origem ao livro *150 anos de subúrbio carioca*, fora a leitura realizada que deu base para essas discussões sobre o surgimento de um conceito de subúrbio carioca que exponho neste texto.

que tanto nos anos 1930 quanto 1940, traziam à baila a figura do trabalhador regulamentado (SILVA, 2010). Sendo assim, constituiu-se um conceito carioca de subúrbio que levava “em consideração a relação espacial e social entre aqueles que moravam na zona sul e norte da cidade”.

Hodiernamente, é possível pensar em uma forma de segregação espacial e social que foi fomentada por uma elite intelectualizada localizada principalmente na Zona Sul (LINS, 2010, p. 140): “O desenho das cidades sempre reproduziu e gravou em seu território a segregação entre as classes”. O imaginário que se constituiu em torno do subúrbio carioca muitas vezes foi e é depreciativo. A morfologia urbana deste local é vista por muitos como “[...] liberal, medíocre, feia e desorganizada, obra de descuidados loteamentos, da especulação de particulares e da omissão da prefeitura” (OLIVEIRA; FERNANDES, 2010, p. 63). Sustentou-se uma estigmatização em torno do que seria o então subúrbio carioca, trazendo consigo preconceitos de classe que vão além da questão geográfica.

Não seria exagero, portanto, dizer que o Subúrbio Carioca traz em sua história um estigma criado pelas autoridades públicas e a elite intelectual carioca, uma vez que ambos são oriundos da mesma burguesia letrada. Este estigma se mantém vivo no imaginário da atual elite intelectual, as representações do Subúrbio Carioca em jornais, em especial nos suplementos de “cultura” e entretenimento, na Literatura e na teledramaturgia com seus núcleos suburbanos de novelas, os estigmas estão presentes (SOUZA, 2010, p. 49).

Acredito que este seja um dos olhares sobre o subúrbio carioca, especialmente com o ideário de um grupo de pessoas iletradas, sujas, pobres e com noções de “atraso”. São representações muitas vezes registradas no senso comum e facilmente propaladas por alguns estudos no interior das Ciências Sociais.³⁷ Contudo, as visões que criaram um tipo “ideal de subúrbio carioca” também convivem com a noção muitas vezes estereotipada de ser um “[...] lugar onde as relações pessoais, comunitárias e as tradições seriam mais fortes” (SOUZA, 2010, p. 99). Talvez um local onde é possível se sentar nas calçadas para papear, onde os laços de vizinhanças são mais estreitos, cuja sociabilidade comunitária aparece com mais visibilidade e profundidade.

³⁷ “Termo esse [subúrbio] que foi utilizado sem a menor problematização em inúmeros trabalhos, produzidos por urbanistas, geógrafos, intelectuais ligados às escolas de samba, e historiadores que abordaram a constituição histórica dos chamados “subúrbios” do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX” (MENDONÇA, 2007, p. 8).

Deve-se ter cuidado com essas afirmativas, que trazem à tona a antiga e conhecida dicotomia entre os valores e ações do rural em relação ao urbano que a Escola de Chicago, de certa forma, enalteceu em seus estudos de comunidade, quando deu ênfase ao caráter individual e solitário do Urbano no contraponto com o harmonioso e solidário no Rural.

Como já fora amplamente discutido no interior da Antropologia, em debate realizado especialmente nos anos de 1970 e 1980, faz-se necessário relativizar a postura de que a vivência do urbano necessariamente traz a figura do individual, rompendo com os laços mais genuinamente comunitários.³⁸ E que, com isto, de certa forma tenha havido uma suposta “corrupção” dos valores do rural em detrimento da chegada da urbanização. Velho e Machado (1977) indicaram que esta relação entre rural e urbano não acontece de forma linear:

Assim, a desagregação de laços comunitários não pode ser vista como inevitável por mais que um estilo de vida individualista possa aparecer como dominante em certas camadas sociais. Isto vai depender não só do lugar ocupado pelos grupos no processo de produção, mas também – e em função delas –, de uma série de outras características culturais como tradições religiosas-, origem regional etc. A maior ou menor facilidade de acesso, aos recursos, a escassez relativa, a distância física e social dos centros de poder, tudo isto concorre para um acentuado processo de diferenciação. Tanto no campo como na cidade encontraremos uma grande heterogeneidade de situações (VELHO; MACHADO, 1977, p. 78).

O clube de malha pesquisado é exemplo de uma prática que não necessariamente é urbana, mas foi acolhida e reinventada no seu interior. É interpretada por seus frequentadores como algo que de certa maneira traz a todo tempo valores da vida familiar e também das ligações comunitárias em diálogo com valores individuais. Não se apresenta como uma dicotomia entre rural e urbano, pelo contrário.

Com base nessas possíveis contradições, deve-se estar atento para o fato de que não há um tipo de subúrbio, com características estáticas e monolíticas. “O subúrbio é multifacetado, há muitos subúrbios” (OLIVEIRA; FERNANDES, 2010, p. 16). Para algumas pessoas, morar no subúrbio é algo ruim; mas para outras é uma excelente opção de moradia (LINS, 2010).

Dentro desse contexto, o bairro de Madureira foi uma região que conheceu a rapidez de sua ocupação nas primeiras décadas do século XX; entretanto, isto não

³⁸ Não é mais factível explorar a ideia de que há mais individualismo nos grupos sociais urbanos em detrimento das sociedades rurais (o clássico dualismo entre rural e urbano). Esta divisão atualmente não é mais questionada, até porque as redes sociais estão aproximando cada vez mais os valores e normas tidos simbolicamente por cada um desses grupos.

significou uma uniformidade do ponto de vista social. Relações de trabalho nos moldes capitalistas ocorreram com intensidade no bairro, havendo ao mesmo tempo o convívio de domésticas, trabalhadores do porto, ambulantes, comerciários e os que estavam ligados ao jongo e ao samba; militares de baixa patente e os comerciantes de pequenos estabelecimentos, jornalistas, servidores públicos advogados, médicos, dentistas etc. Ao longo dos anos, com esta diversidade social, o bairro foi ganhando diferentes contornos da fruição da vida social e de lazer, e passou a ser conhecido como a “capital dos subúrbios” (MENDONÇA, 2007).

Com o passar do tempo, foi-se legitimando e tornando-se conhecido pelos cariocas pela variedade de estabelecimentos comerciais – bairro onde funciona o Mercado de Madureira – sendo o segundo polo comercial e econômico da cidade do Rio de Janeiro; e ainda pela existência das duas escolas de sambas mais tradicionais do carnaval carioca: Portela e Império Serrano. Outro destaque do bairro fica por conta da imensa amplitude de linhas de ônibus que levam a diversos lugares da cidade do Rio de Janeiro. O bairro faz divisa com Cascadura, Oswaldo Cruz (RJ), Vaz Lobo, Turiaçu, Campinho, Engenheiro Leal.³⁹

Mapa do bairro



Mapa 1 - Bairros que fazem divisa com Madureira (ponto em vermelho)⁴⁰

³⁹ Madureira faz parte da XV Região Administrativa, que engloba também os seguintes bairros: Oswaldo Cruz, Vaz Lobo, Turiaçu, Cascadura, Rocha Miranda, Engenheiro Leal, Bento Ribeiro, Campinho, Cavalcante, Marechal Hermes, Honório Gurgel e Quintino Bocaiúva (MENDONÇA, 2007).

⁴⁰ Disponível em: <<http://www.wikirio.com.br/Madureira>>. Acesso em: 29 set. 2015.

Baseando-me no que foi dito acima, quando se reporta especialmente a esse bairro, as representações sociais são das mais variadas: berço do samba carioca, do baile charme⁴¹, dos botequins, do futebol, do jongo da serrinha⁴², do intenso comércio, da grande diversidade cultural; um lugar vocacionado para o divertimento e para o lazer. Um bairro já cantado em versos e prosas como, por exemplo, na música “Meu lugar”⁴³ de autoria de um cantor que afirma ser “filho de Madureira”: o sambista Arlindo Cruz.

Entretanto, meu trabalho de campo na pista de malha, que se encontra situada nesse bairro, pelo menos do ponto de vista geográfico e social, me faz refletir sobre os diferentes ritmos de vida que o bairro de Madureira possui. A praça e seus arredores, onde estive por quase um ano e meio, me sugerem um ritmo de tempo e espaço que não são iguais a essa Madureira que muitas pessoas conhecem, imaginam ou a mídia alimenta através de minisséries e novelas brasileiras, e que a própria letra da música enfatiza. A pesquisa de campo de certa forma ajudou também a visualizar os moradores como um grupo não homogêneo, tanto social quanto culturalmente falando.

Penso que na Praça do Patriarca e seus arredores, naquele pedaço do famoso bairro, mais distante da linha ferroviária, formado por casas, comércio local e alguns aparelhos de lazer, tem seu ritmo próprio, uma forma de ser urbano: o uso intenso das calçadas para diversos fins; bate-papos em pé na porta de bares e no comércio local, venda de produtos na calçada; a convivência entre os vizinhos; conversas na porta dos

⁴¹ Há mais de vinte anos reduto carioca da música *black*, o Baile Charme reúne até duas mil pessoas aos sábados, sob o viaduto Negrão de Lima, conhecido por Dutão, em Madureira, na Zona Norte da cidade. Na pista central, coreografias de passos combinados coordenadas por charmeiros de carteirinha são seguidas por um público que desfila estilos variados da cultura negra, da estética à atitude. No palco, comandam as *pick ups djs de hip hop, rhythm and blues e soul*. Disponível em: <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/baile-charm-2>. Acesso em: 29 set. 2015.

⁴² Jongo dança popular entre os escravos. Instalou-se no morro da Serrinha, no bairro de Madureira, e até os dias de hoje preserva a dança. Em 2000, foi criado o Grupo Cultural Jongo da Serrinha. Disponível em: <https://www.mail-archive.com/tribuna@samba-choro.com.br/msg20307.html>. Acesso em: 29 set. 2015.

⁴³ Que também é tema e letra de música. “O meu lugar do compositor e cantor Arlindo Cruz”. O meu lugar é caminho de Ogum e Iansã, lá tem samba até de manhã, uma ginga em cada andar. O meu lugar, é cercado de luta e suor, esperança num mundo melhor, e cerveja pra comemorar. O meu lugar, tem seus mitos e seres de luz, é bem perto de Oswaldo Cruz, Cascadura, Vaz Lobo, Irajá. O meu lugar, é sorriso é paz e prazer, o seu nome é doce dizer, Madureira, lá, laiá. Madureira, lá, laiá. O meu lugar, é sorriso é paz e prazer, o seu nome é doce dizer, Madureira, lá, laiá. Madureira, lá, laiá. Ah que lugar, a saudade me faz lembrar, os amores que eu tive por lá, é difícil esquecer. Doce lugar, que é eterno no meu coração, e aos poetas traz inspiração, pra cantar e escrever. Ai meu lugar, quem não viu Tia Eulália dançar, Vó Maria o terreiro benzer, e ainda tem jongo à luz do luar. Ah que lugar, tem mil coisas pra a gente dizer, o difícil é saber terminar, Madureira, lá, laiá. Madureira, lá, laiá. Em cada esquina um pagode um bar, em Madureira. Império e Portela também são de lá, Em Madureira. E no Mercado você pode comprar, por uma pechincha você vai levar, um dengo, um sonho pra quem sonhar. Em Madureira e quem se habilita até pode chegar, tem jogo de ronda, caipira e bilhar, buraco, sueca pro tempo passar, Em Madureira. E uma fezinha até posso fazer, no grupo dezena, centena e milhar, pelos setes lados eu vou te cercar, Em Madureira. Lalalaialalaialalaiá, em Madureira Lalalaialalaialalaiá, em Madureira.

Fazenda do Campinho. Dona Rosa faleceu em 1846. Ainda em vida, dividiu parte da sua propriedade a parentes e pessoas amigas. O inventariante Domingos Lopes Cunha e o amigo de Dona Rosa, Vitorino Simões foram um dos que receberam lotes. Domingos Lopes que era sobrinho do presidente da Central do Brasil e foi um homem pioneiro e incentivador da região,⁴⁵ casa-se com a filha do Vitorino, Dona Clara Simões,⁴⁶ que posteriormente dá nome à estação de trem.

Apareceu como um curto ramal de apenas um quilômetro, em forma de círculo, que partia da linha da Central do Brasil e retornava à principal (linha do centro). Em 1937, com a eletrificação da estrada de Ferro Central do Brasil a estação fora desativada, visto que os trens elétricos não precisavam dar mais a volta.⁴⁷ Infirmo que o lugar do ramal ferroviário é o que se chama hoje de Praça do Patriarca.



Foto 10 - Estação D. Clara, ponto da linha circular, em 1908. Foto cedida por Marco Giffoni ⁴⁸.

⁴⁵ Fonte: Histórico da Praça do Patriarca: Projeto Rio Boa Praça. Ed. Fundações Roberto Marinho. Por José Geraldo. s/d. Encontrado no Arquivo público da cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2015.

⁴⁶ Informações sobre a história da estação de trem Dona Clara. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_linha_centro/donaclara.htm. Acesso em: 20 ago. 2015.

⁴⁷ Há outra versão para data de desativação da estação de trem. O Decreto nº 24.560, de 25 de agosto de 2004, assinado pelo então prefeito César Maia em 25 de agosto de 2004 - 440º de Fundação da Cidade. Indica que fora desativado em 1928 e deu lugar ao que hoje se conhece como Praça do Patriarca. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4722991/4122052/226DECRETO24560BensMadureira.pdf>. Acesso em: 29 set. 2015.

⁴⁸ Foto e informações disponíveis em: <http://oriodeantigamente.blogspot.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2013.

Por conta da falta de documentação escrita, aproveitei-me das memórias de dois moradores do bairro; um deles me forneceu mais detalhes sobre como foi constituído o ramal ferroviário e o que se recordava das transformações nesse período da história urbana e de sua vida pessoal. O bate-papo foi realizado em 20 de outubro de 2013, em pé, do lado de fora da pista – nós dois encostados na grade da pista de malha.

Eduardo, que naquele ano tinha 88 anos, mora perto da pista desde os 7-8 anos de idade. Não é sócio do clube de malha e nunca teve interesse em praticar o jogo. Anda de bicicleta e passa pelas ruas ao redor da praça, nos fins de semana. O pai dele tinha uma loja de serralheria em frente à antiga estação ferroviária e começou a trabalhar lá aos 12 anos, só saindo ao se aposentar. Ele presenciou todas as transformações pelas quais a praça passou. Foi-me falando, ao mesmo tempo me mostrando, sempre apontando com as mãos, onde ficavam os locais, baseando-se nas lembranças da época.

Quando veio o trem elétrico para aqui, ele vinha da central até Madureira, e voltava para central, não ia até Deodoro. E o a vapor vinha por aqui, parava aqui na estação e fazia o círculo e voltava para central. A estação de Dona Clara era mais ou menos aqui, tinha também a rua de estação aqui. Então o trem saía ali naquele beco [*apontando*], parava aqui, daqui contornava e saía ali na Rua João Vicente, fazendo o contorno e voltava pra cidade. Era o trem parador. Depois que desativaram, acho que foi entre 1937- 1940, ainda ficou um ramal. Um ramal que tinha o frigorífico ali, negócio de carne, o que acontecia? O trem vinha, dava uma marcha ré, entrava num desvio que tinha ali [*apontando*] ia lá adiante ao frigorífico para descarregar aqueles lajões de carne. Era Oliveira Irmão, o nome do frigorífico. A plataforma de trem ficou abandonada anos ai. [*não lembra a época*]. E nós, eu devia ter uns 15 anos, jogávamos uma bolinha [*jogo de futebol*] ai, em cima da plataforma. Virou um terreno baldio. E a vida foi esta assim. Não me lembro quando virou praça, mas lembro quando foi construída. Esta praça teve umas duas, três modificações. Quando começou tinham dois canteiros um de cada lado, e uma rua no meio que dava de frente ali para o seu Marcos que tinha um depósito de material de construção. Não tinha nada recreativo [*não se recorda o período*], só brinquedos para crianças, tipo escorrego, balanço. Naquela época tinham muitos vagabundos, matadores e pegaram tudo e venderam. Deve ter sido entre 1940-1945. Esse campo, a quadra, foi a ultima obra. Foi a prefeitura que agiu isso aí, é claro que a comunidade berrou, porque ficou isso aqui tudo jogado durante muitos anos (Diário de campo, 24 de outubro de 2013,- relato do senhor Eduardo, 88 anos, morador de Madureira, desde os 7 anos mora no local).⁵¹

O outro era um sócio-contribuinte do clube de malha, tinha 74 anos (em 2014) e foi morar próximo à praça em 1943. Disse-me que soltava pipa onde ficava a plataforma, mas não tem muitas recordações de como aquele espaço se transformou em praça pública.

⁵¹ As lembranças dele sempre estavam atreladas às pessoas que eram donos ou trabalhavam no local.

Nos dias de hoje (2014), a praça encontra-se assim:



Foto 11: Extremidade da praça voltada para a Rua Carolina Machado onde circulam muitas linhas de ônibus.



Foto 12 - Foto com vista aérea da Praça do Patriarca e uma de suas duas extremidades, a que possui a pista de malha.

2.3. Sociabilidade esportiva na Praça do Patriarca: o caso do Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira

Dentre as práticas de sociabilidades pública e privada para os homens velhos, seja na Praça do Patriarca ou nos arredores, encontramos, do ponto de vista da minha observação empírica e na fala dos entrevistados, as seguintes opções ou aquelas de que eles buscam participar: jogar cartas na praça; conversar; fazer lanches e/ou beber nos botequins ou na padaria; jogar futebol; frequentar o Serviço Social do Comércio (SESC); por vezes participar das sociabilidades que existem em um clube social próximo a pista, chamado Campo Novo (tais como almoços em dias de domingo); “fazer a fezinha⁵²” no jogo de bicho; jogar carta com apostas; fazer compras no comércio local, aproveitar e bater papo; ficar em pé, conversando nas calçadas do comércio; fazer exercícios físicos nos aparelhos de ginástica para terceira idade e, no caso do meu grupo, praticar o jogo de malha.

A cidade é um dos locais frutíferos onde convivem diversos grupos com experiências e vivências que muitas vezes são parecidas ou não. Isso fica muito nítido no uso dos aparelhos de lazer da cidade e olhares projetados sobre eles. Na Praça do Patriarca, como afirmado anteriormente, há aparelhos de ginástica para a terceira idade, que foram implantados pelo Governo Federal em todo o território nacional. Porém, naquele contexto, aqueles equipamentos ficam desocupados a maior parte, nos fins de semana, e para as pessoas que participaram da minha pesquisa e que seriam potencialmente alvo desta política pública, tais instalações não construíram significados que possam ser percorridos no estudo como algo importante para suas sociabilidades locais. Aliás, vi muito pouca gente usando esses aparelhos.

A literatura sobre o assunto, principalmente no domínio entre os homens, sejam eles jovens, adultos ou idosos, também corrobora essas imagens visualizadas naquele canto de Madureira: partidas prioritariamente de futebol em quadras ou campos de várzea (GUEDES, 1997); jogos de cartas nas praças ou em lugares “escondidos” (TRAVASSOS, 1995); jogos de azar “dentro de bares ou nas calçadas” (SOUZA, 2010); jogos de outra natureza, tais como a bocha (SILVEIRA, 2007); torcidas em bares durante jogos de futebol (GASTALDO, 2010); churrascos realizados nas calçadas (SOUZA, 2003) e sociabilidades diversificadas em bares (SANTOS;VOGEL, 1985).

⁵² Expressão que no senso comum significa fazer apostas no jogo do bicho.

Como destaca Melo (2010, p. 8), “[...] ambos [lazer e esporte], desde suas origens, compartilham muitas situações históricas e sentidos e significados construídos em diversos contextos, chegando mesmo a ser, em determinados momentos, sinônimos”. Especialmente na Antropologia brasileira, isto não foi muito diferente: os estudos dos esportes ficaram enviesados pela classificação: “esporte e lazer”, com forte influência dos estudos de futebol, em especial. Inicialmente, muitas dessas pesquisas foram realizadas sob a tutela tanto da Antropologia Urbana quanto da Antropologia das Sociedades Complexas, e com isto essas temáticas ficaram dispersas em diferentes instituições e linhas de pesquisa.

Ao longo de trinta anos de desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, foram se ampliando paulatinamente para além dos estudos de futebol. Nos dias atuais, posso afirmar que meu objeto de pesquisa está acolhido em uma Antropologia das Atividades Esportivas. Segundo Guedes (2010) – uma das precursoras dos estudos sobre futebol no Brasil e antropóloga muito atenta às questões esportivas de maneira mais geral –, esse tipo de Antropologia se apropria das temáticas esporte, lazer e sociabilidade, mas ainda com muita ênfase nos estudos de futebol. Meu trabalho, de certa maneira, ajuda a fortalecer o debate acerca de outras temáticas esportivas que não a do futebol, baseando-se nas discussões que envolvem os três eixos citados acima.

No que se refere ao conceito de sociabilidade, como já destacado na introdução, fundamento-me na ideia apresentada por Simmel (2006), cujo aporte fundamental é a ideia de que esta se configura como uma interação entre indivíduos que buscam certas finalidades, ou determinados interesses e necessidades que se baseiam na reciprocidade dos envolvidos na relação. Esse contato permite ao ser humano entrar “[...] com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro, contra o outro, em um estado de correlação com os outros (SIMMEL, 2006, p. 60)”. Podemos identificar que estas variadas formas de relações sociais produzem e reproduzem diferentes maneiras de se organizar as sociabilidades. Não existe apenas um caminho a ser seguido; uma única forma de *sociação*.

A *sociação* é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideias, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados – se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam (SIMMEL, 2006, p. 60).

Uma questão interessante colocada pelo autor é que, unidos aos interesses que advêm do fato de estarem juntos, têm-se a satisfação e os sentimentos envolvidos nestes momentos de *sociação*. A união de conteúdo e forma é que provoca a verdadeira socialização. No clube de malha pesquisado, as sociabilidades não se baseiam em redes de parentesco. No início da criação do grupo, os primeiros até eram vizinhos de bairro, se conheciam “de vista” e somente um era compadre de outro. Porém, com o tempo, os que gostavam de assistir e praticar o jogo foram se aproximando do clube e sendo atraídos pela dinâmica local, fazendo parte dela. Algumas pessoas eram conhecidas do bairro, outras vieram de outras localidades, todas tinham em comum o gosto em jogar e assistir ao jogo de malha e, de certa forma, ocupar seu tempo disponível.

Depois que eu aposentei, família criada, casa pronta já e tudo, aí quando foi que eu comecei a frequentar praças. Aí vindo aqui, um dia, passando aqui, vi a turma jogando ali na terra, que ainda era de terra. Aí eu comecei brincar ali com eles ali, brincar, brincar, assim criamos isso aí, aí passamos já também a frequentar em outros campos e tudo, andar pelos bairros, outras cidades aí tudo, e aí vai (Entrevista Miguel, 13 de abril de 2014).

O grupo foi atraindo homens adultos trabalhadores e velhos aposentados que eram provenientes do comércio, da indústria, funcionários públicos, profissional liberal (advogado), “biscateiros⁵³”, funcionários das forças armadas. A ocorrência dessas profissões entre eles não é um coincidência, pois na seção que trato do surgimento do subúrbio carioca informo que os trabalhadores e profissionais liberais foram os que se mudaram para a região de Madureira e por consequência são essas as profissões lá encontradas em abundância. Por outro lado, o nível de escolaridade, as diferentes formas de ocupação, a inserção profissional, as várias práticas sociais experimentadas, as questões ligadas à etnia, à classe, ao credo religioso, o contexto familiar e local de moradia, de maneira combinada ou não, em muitos casos possibilitaram a existência, no grupo, de diversas visões de mundo e a coexistência de estilos de vida muito particulares, mesmo com todos vivendo o contexto do bairro onde moravam ou transitam com muita frequência.

Destarte, nesta tese, não irei me basear na ideia de classe social. Segundo Giddens (2005), “classe social” é uma estrutura socialmente construída a partir da uma estratificação do arcabouço organizacional do processo socioeconômico e produtivo. (GIDDENS, 2005). Dentro do marco teórico clássico, há duas classes: a burguesia

⁵³ Não têm um emprego formal, fazem diversas tarefas para sua subsistência. Colocam barracas de salgados em festas da região, vendem cerveja na praia em período de calor etc.

(donos dos meios de produção) e classe trabalhadora (vende sua força de trabalho para sobreviver). Apesar desse entendimento, faz-se necessário complementar esse conceito com “novos” assuntos presentes na sociedade contemporânea cujos fatores culturais, estilos de vida e padrões de consumo, introduzem novas temáticas e influenciam a concepção quando ao pertencimento de classe social. Por conta da complexidade do tema e das diversas questões presentes na discussão de “classe social”, escolhi usar a ideia de “camadas”. Acredito que esta abarca de forma mais ampla o pertencimento a um lugar socioeconômico e cultural nas sociedades. Essa abordagem refina o uso das ideias de “símbolos” e estilo de vida, para além do pertencimento socioeconômico.

Alguns autores até mesmo preferem não utilizar o termo “classe média”, mas “classes médias” ou até mesmo “camadas médias”, devido à diversidade de ocupações, situações de *status*, de oportunidades de vida que caracterizam seus membros (GIDDENS, 2005). O significado desse pertencimento confere um *status* e também pode ser a base para fazer novas ou manter relações com outros indivíduos pertencentes a esse local. Esta noção de camadas não depende exclusivamente da renda ou da venda do seu trabalho, como dito anteriormente, levando em consideração as dimensões simbólicas nas quais os indivíduos estão embebidos. Temos estilo de vida, alimentação, vestimenta, cuidado com o corpo, assuntos ligados às escolhas individuais, mesmo atravessados por uma esfera coletiva de significados, por exemplo. Entretanto, mesmo com algumas diferenças dos pontos de vistas econômico, social e capital simbólico, as sociabilidades construídas pelo grupo ajudaram a preencher suas vidas e lhes conferiram significados, sobretudo correlacionados aos temas fulcrais da tese: a construção social da masculinidade e do processo de envelhecer (serão destrinchados ao longo deste trabalho).

É interessante identificar que as interpretações sobre os acontecimentos e ações para cada um dos sócios do Clube não aconteceram de maneira homogênea: para uns, é imprescindível o jogo acontecer no dia a dia e saber que no final de semana vão ter as partidas de malha; para outros, é mais uma ocupação da sua vida diária, com certa importância, mas não é a única atividade social em sua vida.

Exemplo desta última ideia é o caso de um dos jogadores que viaja com frequência para outro estado (tem um apartamento alugado e vai com sua namorada para lá) e tem outra atividade paralela, que é cantar em serestas. É viúvo, sem filhos, e fica muitas semanas sem ir jogar malha, por conta dessas viagens, que realiza com frequência.

Ao encontrar com jogador seresteiro na Praça do Patriarca, fora da pista da malha, durante nossa conversa, me disse que ia viajar por dez dias para Guarapari (Espírito Santo). Alugou um apartamento que em média custava R\$ 1.000,00 reais por mês [ano de 2014]. Disse-me que no dia anterior chegou às três horas da manhã, por conta das serestas de que participa; dormiu e acordou as sete para estar no Clube de Malha. Estava visivelmente cansado, mas todo arrumado como geralmente ele anda, bermuda social e tênis. Falou-me que canta por prazer, tem até CDs gravados, mas também gosta de ganhar o dinheiro que advém com os shows que realiza. Gosta de ver o dinheiro na conta e na poupança. Tem o compromisso de estar uma vez por mês no clube de malha para receber os pagamentos dos sócios, assim como distribuir dinheiro para o presidente do clube, com o intuito de comprar algo que é preciso. Ele é o tesoureiro atual do Esporte Clube de Malha e cumpre com seu compromisso, mesmo ficando algumas semanas sem ir à pista jogar (Diário de campo, dia 08 de fevereiro de 2014).

Seguindo um pouco na mesma direção, Miguel não incluiu o jogar malha como atividade de lazer. Quando em sua entrevista perguntei sobre as suas atividades preferidas foi taxativo em dizer:

Agora, meu lazer, né? Eu gosto de pescar, eu gosto de caminhar, de preferência na orla marítima olhando o mar, é bonito a gente olhar o mar, e essas coisas assim que eu costumo fazer. Pagode, às vezes tem um grupo, tem uns colegas que tem um grupo de pagode, componho muito ele, esse é o lazer (Entrevista com Miguel, 13 de abril de 2014).

Ele tem algumas ressalvas em relação a algumas pessoas que participam do clube de malha, pois fez algumas cirurgias e nunca nenhum dos pares, perguntou por ele ou foi visitá-lo (ele tem o contraponto com os colegas do clube de futebol, que fizeram exatamente o contrário). Além disso, acha que tem dois colegas no interior do clube que se estressam muito entre si; ele diz que quando sai de casa é para se distrair e não para se aborrecer. Acredita também que há preferências por alguns colegas dentro do clube, e não aceita isto. Ele gostava da época que jogavam contra outros times e das comemorações que aconteciam em função disto. Como estas situações foram diminuindo muito, não tem mais tanta vontade de participar; ficou muito monótono o jogo. Segundo ele, por estas questões mais salutaras, não se integra atualmente com tanta frequência quanto antigamente; mas de vez em quando ainda aparece na pista.⁵⁴

⁵⁴ Interessante destacar que, por inúmeros dias de jogos na pista, ele se encontrava em frente à padaria (que os sócios do clube frequentam após os jogos), sentado em uma cadeira, conversando com pessoas que ali estavam e também com alguns dos sócios do clube de futebol que funciona na localidade, como ele já descrevera. Não chegava perto da pista, não entrava, não passava em frente para conversar. Ficava do outro lado da calçada. E dentro da pista, um dos sócios questionava e falava para mim exatamente este lado de não participação desse jogador, enfatizando que não dava para contar com ele, por isso também não o convidava quando tinha alguma comemoração ou jogo contra, seja com o time de Bangu seja com o de Cosmos.

Por outro lado, há um jogador, o mais antigo do clube, cuja vida praticamente está atrelada à prática do jogo de malha. Por conta disso, ele cobra a presença dos outros, fica insatisfeito quando não vão e fica chateado quando as partidas não acontecem (é um dos que o Miguel disse que se estressa muito na pista). “Aí, João Carlos disse: “ Fico aborrecido, aí enjoa, pois venho para cá, não tem jogo e aí também não vou para Bangu (outro time com o qual o Esporte Clube joga junto e por vezes, joga contra). A hora que eu chegar lá, tá chegado” (Diário de campo, 19 de maio de 2014). Neste contexto, não é possível afirmar que todos têm o mesmo nível de envolvimento com o clube de malha; o ter ou não a chave do portão também é mais um elemento que indica isto (os que possuem são os que têm algum cargo no clube, ou João Carlos, que é o mais antigo de participação no grupo). Obviamente, neste caso perpassam também as questões com o *status* que cada um adquire dentro deste contexto e os cargos contribuem com isto.

Os jogadores e frequentadores têm maneiras diferentes de se relacionar com o clube. Contudo, utilizando uma descrição superficial (GEERTZ, 1978), parece que se constituem em bloco homogêneo, onde todos pensam e agem de maneira igual ou bem similar – o que não é real. Neste sentido, concordo com Velho (2013), quando ele alerta “[...] a importância de procurar perceber como os indivíduos da sociedade investigada constroem e definem sua realidade, como articulam e que peso relativo têm os fatos que vivenciam” (p. 82). Foi isto que fiz o tempo todo como etnógrafa, procurando tensionar as relações entre familiar e exótico, já destacadas por esse autor, estranhando situações que por vezes pareciam familiares a mim; por outro lado, não evitando cair nas armadilhas de achar que determinada situação naturalizada para o grupo fosse muito inusitada para mim – mesmo identificando que todos nós fazemos parte da mesma sociedade tida como complexa, compartilhando valores, crenças e ideias sobre a vida.

As bases de sociabilidade no clube de malha são a conversação (SIMMEL, 2006) e o envolvimento nas relações jocosas (MAUSS, 1934; RACLIFFE-BROWN, 1973). As conversas giram em torno de assuntos ligados a futebol, o trabalho de um ou outro, assuntos políticos, problemas na vizinhança, saúde, dificuldade internas em relação à manutenção da pista de malha, recordação de momentos vividos em outras épocas, sobre as jogadas deles próprios. Não vi assuntos sobre família e mulheres, de maneira geral – diferentemente de Brigeiro (2000), que identificou em sua etnografia que a base da socialização é a sacanagem, as provocações com conotações sexuais.

Internamente, nos momentos vividos dentro do clube de malha e na interlocução com frequentadores da pista, alguns vizinhos, e principalmente com o Clube de Malha

Bangu, existem sociabilidades que por vezes acontecem de maneira amistosa ou não. Há, no entanto, algo que chama atenção, que é a concentração naquele tempo-espaço de afirmação de valores como parceria, companheirismo, atenção ao outro, reforçando outros valores como amizade para alguns e coleguismo para outros, mesmo que sejam efêmeros, quando se está exclusivamente vivendo as experiências de ser um membro de um clube. Existe uma relação de reciprocidade que se estabelece ali dentro, muito evidente em momentos das jogadas, quando um, que é adversário do outro, sugere dicas de como se dever lançar a malha para conseguir melhor resultado.

Foi possível visualizar claramente esta situação quando por ocasião do meu retorno ao campo, no dia 03 de outubro de 2015, com o intuito de tirar fotos e realizar filmagens para aproveitá-los na escrita final da tese e no dia da defesa. Nesse dia, um jogador mais antigo do grupo, que está há mais de um ano esperando para fazer a cirurgia pelo Sistema Único de Saúde (SUS), participou de uma cena cuja demonstração de ajuda mútua foi possível, mesmo em momentos de competição. Esse jogador está com diabetes em alto grau e cada vez mais perdendo a visão. Ele diz que por conta da doença tem dificuldades para conseguir o risco cirúrgico para realizar a cirurgia. É um grande apaixonado e defensor da malha e do clube de malha, e todos os outros sócios sabem disso.

Quando cheguei ao campo, depois de um ano sem comparecer, os colegas comentaram sobre sua situação com certa comoção, e ele também explicou sobre isto e como a baixa visão dificultando sua participação nas partidas. Ele só consegue derrubar o pino porque conhece a “batida da malha” e tem incorporado a forma como tem que posicionar seu corpo e lançar a malha, por já ter feito isto repetidas vezes (MAUSS, 1934), por anos a fio. Ele não enxerga o pino que está do outro lado da cabeceira; ele reconhece a queda pelo barulho que o pino faz ao cair no chão, ou porque seu parceiro, que está do outro lado ovaciona a façanha realizada. Seu companheiro, que fica na outra cabeceira diz: “Joga canoinha, joga mais fraco, mais forte”, assim como o adversário que está ao seu lado também o estimula a fazer o movimento mais correto possível para acertar o pino, ou pelo menos deixar a malha em jogo, dentro da roda. Até este dia, não tinha me dado conta das deficiências; vi ali que uma pessoa cega, por exemplo, conhecendo muito bem o jogo, pode continuar jogando. Claro que sua habilidade diminuiu, faz menos pontos, mas tem condições de continuar sendo um jogador de malha, e isto é o que importa.

Estas emoções vividas dentro do clube, muitas vezes, como alguns evidenciaram, substituem o afastamento familiar, muito comum nesta fase da vida e a impessoalidade marcada por terem deixado de ser produtivos, de serem trabalhadores. Sendo assim, jogar malha preenche um pouco deste vazio do sentido da vida, contribuindo também para suprir necessidades ligadas à ocupação do tempo livre deles.

Um cenário importante na convivência do grupo é a não permissão de uso de bebidas alcoólicas durante o jogo; um deles ingere todos os sábados bebida destilada antes de entrar na pista e é alvo permanente de chacotas e jocosidades por conta disso. Porém, como é de costume, a relação dele com os outros já se baseia nesse tipo de assunto. Em outros clubes de malha isto também aparece. Em um deles, em Cosmos (Campo Grande), tem-se uma placa dentro da pista alertando sobre a proibição, o que não acontece em Madureira. Neste clube é uma convenção simbólica aceita por todos, assim como também o é para o não uso do palavrão.

Interessante contrastar com outra etnografia envolvendo homens velhos: existe no estatuto do Clube de Bocha⁵⁵ o item: “É proibido o uso de palavrão e de bebidas alcoólicas” (SILVEIRA, 2007). Em pistas que possuem jogadores mais jovens, pude perceber a associação entre o uso de um bar com a pista de malha, sem separações. No Clube de malha Ipiranga, na cidade de Maricá é assim. Porém, tem-se sempre a preocupação de não praticar o jogo alcoolizado a ponto de provas brigas ou ficar sem condições físicas de jogar”. O uso do cigarro também não é algo comum na pista de malha, o mesmo jogador que bebe antes de ir para pista também fuma; mas não tinha o visto fumando durante o jogo. Tive a oportunidade de perceber tal ação quando, no retorno ao campo, em 03 de outubro de 2015, um mais novo integrante do grupo e também mais jovem de idade, com 58 anos, fuma durante os jogos; vi este homem velho também fumando ao longo da partida.

Fazendo um contraste com o bar, que é tido também como a “casa dos homens”, na maioria das vezes, a ingestão de bebidas alcoólicas, o consumo de cigarros e falar palavrões são repertórios acionados nesse contexto e dizem simbolicamente características da construção da masculinidade ali circulante. O assunto bar-botequim já foi tratado em diversos estudos (SANTOS;VOGEL, 1985, JARDIM, 1991, SOUZA, 2010). A masculinidade construída ligada a esses assuntos no campo de malha em nada

⁵⁵ O objetivo do jogo consiste na marcação de pontos, através do lançamento das bolas, a fim de que elas se aproximem de um ponto, determinados aleatoriamente pelo lançamento de um objeto, o bolim. A cancha de bocha tem semelhança tanto no comprimento quanto na largura com a pista de malha. E ambos os jogos tradicionalmente tem maior apelo entre os homens velhos.

se parece com as características joviais; trazem elementos para pensar o envelhecimento de uma masculinidade que se torna mais “caseira”, mais “pura”, com ares de certa sacralidade.

No que diz respeito às sociabilidades conectadas ao grupo, alguns apontam certas mudanças, como: menos quantidade de pessoas; poucos eventos festivos internos; menor participação em jogos interclubes, muito em função do tipo de presidência que existe nos dias atuais no Esporte Clube de Malha. Alguns sócios apontam muitas “falhas”, sua pouca iniciativa. Para além das reclamações, sobretudo advindas do jogador mais antigo do clube, não percebi em momento algum nenhum outro se colocando à disposição para assumir o cargo ou convocar novas eleições, como era realizado em passado recente. Interessante que há sócios que reclamam da atual gestão, mas não se predispõem a assumir cargos para quem sabe dar novos rumos ao próprio grupo. O quadro atual é que, desde 2005 não existem eleição para diretoria, não se trocam os cargos, como era realizada de dois em dois anos, desde a fundação do Esporte Clube, em 1996. Não ocorrem debates sobre o assunto e não há mais registros em ata. A última escrita de ata de reunião foi do dia 17 de outubro de 2005.⁵⁶

Com a leitura das atas, é possível perceber certa mudança na relação entre o presidente e os sócios. Nas descrições realizadas entre 1996 e 2000 (sob a presidência de Alexandre), as questões mais importantes eram colocadas nas reuniões e postas em votação. Em maio de 2000, quando Carlito assumiu a presidência, anistiu os que estavam longe e decretou: “[...] que o atleta que atingir os 80 anos de idade, fica isento de pagar a mensalidade e que para os demais, o limite máximo de atraso será de três meses e o não cumprimento desta norma ficará impedido de jogar até que esteja em dia com o pagamento” (Ata dia 11 de junho de 2000).

Em 2005, assumiu de maneira interina o senhor Mário, que se encontra no cargo até os dias de hoje, sem haver novas eleições ou realizar votações e anotações em ata. Quando há algum problema para resolver, logo após os jogos se reúnem e debatem o assunto. Segundo João Carlos, o mais antigo, perdeu-se um pouco daquela característica que antes tivera de clube de malha, em que todos participavam mais das decisões. A redução do número de jogadores contribui também para isto; há menos pessoas para os cargos e tarefas do clube, e também o tipo de direção que se constituiu, que

⁵⁶ Tema da reunião: Prestação de contas pelo tesoureiro, tendo em caixa R\$ 2.087,76. Assumiu nesta data Mário, como presidente interino. A partir desta data, ficou estabelecido que o clube pagará as passagens para os seguintes locais: Santa Terezinha, Paciência, Municipal”. Assinado: tesoureiro, Marcio e o presidente interino, Mario.

internamente cuida muito da pista, mas que tem dificuldades de articulação com o âmbito externo, seja ela a vizinhança ou os outros clubes.

No item seguinte, irei discorrer sobre como aquele local na praça se constituiu em um *pedaço* e de que maneira um clube de malha começou a funcionar, conseguindo permanecer por quase vinte anos naquele “canto”.

2.3.1. A organização do Clube de Malha na Praça do Patriarca e o início da sociabilidade local

Esta versão sobre a origem da pista de malha em Madureira baseia-se na interseção dos dados construídos no dia a dia etnográfico, das informações fornecidas pelos entrevistados, além do acesso a fotos antigas e documentos do clube. No que diz respeito ao conteúdo, apropriei-me das memórias individuais em relação às transformações vividas e sentidas por cada um dos jogadores em relação ao grupo.

Quando necessário, busquei o que era comum nas informações fornecidas, interpretando-as. Nesses termos, adotei como parâmetro de descrição a cronologia correlacionada com as lembranças mais marcantes para os sócios do clube. Esse procedimento corrobora as ideias de Candau (2011), que indica que a memória está baseada tanto nas balizas temporais (que são sua origem), quanto nos acontecimentos ocorridos. O singular foi a aproximação com as memórias que construíram lembranças, representações das situações e significados adquiridos por cada um dos sócios do clube no contexto vivido. Tal como Duvignaud (2006) aponta no prefácio do livro *A Memória Coletiva*, de Maurice Halbwachs, entendo que a memória individual existe, porém está situada em diversos contextos, e que

[à]s encruzilhadas dos tempos sociais em que a lembrança está situada, correspondem às encruzilhadas do espaço, quer espaço endurecido e “cristalizado” (em toda parte de si mesmos os grupos imitam a passividade da matéria inerte), quer extensões vivenciadas em que grupos fixam, provisória ou definitivamente, os acontecimentos que correspondam as relações mútuas com outros grupos (DUVIGNAUD, 2006, p. 15).

O jogo de malha foi implantado na Praça do Patriarca, bairro de Madureira, aproximadamente em 1994, por três colegas homens praticantes da modalidade, moradores do bairro e oriundos de outras pistas de malha, sobretudo a de Bento Ribeiro.

Aos poucos, foram convidando outros jogadores para participar junto com eles (alguns eram do bairro e também compadres).

Amadeu e Mineiro foram os fundadores, jogavam no canteiro em Bento Ribeiro. Tião foi lá em casa: ‘Ô, cumpade, nós estamos preparando uma pista lá na praça, que tal você ir lá com a gente? Por enquanto só estamos eu e Amadeu’. Respondi – ‘Tá legal!’ Aí, um dia eu vim aqui, eles estavam jogando. Aí começou, aí começaram a aparecer os outros (Diário de campo, fala do João Carlos, dia 20 de julho de 2013).

Não consegui saber com exatidão quais foram as pessoas que deram início à criação da pista de malha. Os sócios atuais e ex-sócios mais antigos divergem sobre os nomes. O que mais se assemelha é que três homens começaram e logo depois foram chamando outros, como o Alexandre. Do ponto de vista de quem passa pelo local, que é o caso do Eduardo, foram quatro que começaram tudo por lá. “Enfim, cada um de nós tem uma ideia de sua própria memória e é capaz de discorrer sobre ela para destacar suas particularidades, seu interesse, sua profundidade ou suas lacunas [...]” (CANDAU, 2011, p. 24).

Os atuais jogadores e os vizinhos de bairro que conheceram essas pessoas que iniciaram a pista (todos falecidos) contaram-me que eles identificaram haver espaço livre na Praça do Patriarca, e que ela poderia se transformar em um lugar para o jogo de malha. E, assim, começaram a praticá-lo. “Fizeram este campo [...] e aí inventaram de jogar malha aqui: Miron, Mineiro, Amadeu e Carlos, eram os quatro, colocavam um toco de um lado, o outro do outro e jogavam os ferrinhos para cá e para lá, e assim começou esse negócio de jogo de malha aqui” (Diário de campo, Eduardo, dia 20 de outubro de 2013⁵⁷). Carlito, um dos ex-presidentes do grupo de malha, em sua entrevista confirma a versão de Eduardo para o início da pista:

Eles chegavam aqui, pegavam um pedacinho de pau pra fazer um círculo aqui e outro lá embaixo, e, dependendo da circunstância do terreno, porque às vezes chovia, e não dava, sabe? Então vamos fazer mais para ali, entende? Não tinha lugar. Fazia uma roda lá e outra roda aqui e começava o jogo, um jogo de malha lá no alto, por cima de fio, entende? Porque tinha que ser assim, porque a pista era cheia de buraco, irregularidades, pedra aqui, pedra ali, então não podia ser uma malha rasteira como é hoje né? Uma pista preparada (Entrevista com Carlito, 31 de agosto de 2013).

⁵⁷ Eduardo não é sócio do grupo. É morador do bairro Madureira, bem próximo à pista. Tinha 87 anos em 2014, andava de bicicleta e passava pelas ruas ao redor da pista nos fins de semana. Cumprimentava os jogadores, e por vezes, conversava com uns e outros (não entrava na pista, pelo menos nunca presenciava tal fato).

Desenhavam-se os círculos no chão, com um pedaço de madeira, colocavam as estacas de madeira no centro do círculo e lançavam as malhas a fim de derrubá-las. Um dos jogadores tinha malha sextavada e levava para o jogo. Com o tempo, o clube de malha comprou seus pares de malha para uso coletivo. Três jogadores tinham seus pares pessoais (dois compraram e um ganhou de herança de um ex-jogador, já falecido), mas não os levava para o jogo, até porque os danificaria com mais facilidade, pois tinha que poli-las com frequência.

Improvisada, tudo improvisado, aí saiu essas cerquinhas, aí improvisando aqui, aí as pessoas já não corriam esse risco de atravessar e levar uma malhada. Muito bem, com isso nós fomos conhecendo outros clubes que se interessaram em ver o nosso jogo aqui, gostaram e vinham, e nós com isso também conhecemos outros clubes e fomos vendo o que era uma pista de verdade, uma pista oficial com terra e tal. Aí falamos: “Vamos fazer, vamos fazer” (Entrevista com Carlito, 31 de agosto de 2013).

Com o passar dos anos, a fim de tornar o lançamento da malha cada vez mais rasteiro, começaram a preparar o terreno para o jogo: peneiravam a terra, colocavam-na sobre as pedras do chão da praça, molhavam-na com água para não levantar poeira na hora das jogadas. Posteriormente, aplicavam areia da praia (e com a entrada do jogador Mario, essa vinha da praia de Itaipuaçu, município de Maricá⁵⁸) sobre a terra batida, a fim de facilitar o deslizamento da malha. Mas a maneira de fazer os desenhos na pista continuava da mesma forma: faziam dois círculos, um em cada cabeceira, colocam os pinos e arremessavam suas malhas. Para cercar as laterais e o fundo da pista, introduziram cal branca na marcação de chão. Porém, sempre que jogavam, precisavam retocar o produto, pois os passantes da praça pisavam nas marcações (não havia nada lateralmente delimitando a pista). Com o tempo, continuaram a usar cal, mas tiveram a ideia de cercar o local com fios de telefone presos em cabos de vassouras (como na foto abaixo) para dar maior visibilidade para a vizinhança de que naquele espaço havia um lugar com ações definidas – de certa forma, havia um “dono”, mesmo que fosse temporário.

⁵⁸ Um dos jogadores do clube de malha, cujo irmão tinha casa de veraneio na cidade de Maricá, recolhia um pouco da areia da praia e a transportava para o uso do clube de Madureira.

Ah, isso aqui era muito, era tudo de chão, tudo terra, tinha terra mesmo, depois quis fazer uma cerca pra poder isolar. Não tinha pista, aonde a malha batia, era tudo, cercaram, meteram o arame de cerca aí, dois fios, um em cima, outro em baixo, metiam, afundavam uma, fincavam uma ripa pra poder prender os arames, era muito engraçado, era muito engraçado (Entrevista Guilherme, 30 de março de 2014).

Em outras palavras, a construção de identidades grupais sempre esteve ligada a determinada ocupação de espaço e, nesse contexto, a uma projeção de valores, normas, regras, memórias e histórias: “A preocupação em demarcar fronteiras era fundamental neste processo” (OLIVEN, 1985, p. 73).



Foto 13 - Arquivo pessoal de Marcelo (1998). Pista de malha em terra batida. Marcação lateral com cal. Bexigas doadas por um comerciante local, em dias de campeonatos, que também gostava de jogar⁵⁹

A foto acima mostra possivelmente o terceiro estágio da pista de malha na Praça do Patriarca, como discorri anteriormente. A primeira, sem marcação alguma, só tinha terra batida; a segunda, com cal para delimitar as laterais; e a terceira com pintura de cal, mas com os fios de telefone, cercando-a. Esta foto foi cedida por dois jogadores. Infelizmente, não consegui fotos das duas primeiras fases da pista de malha.

O sócio-contribuinte Sandro explica porque houve a introdução de bexigas de ar, visualizadas na foto anterior.

⁵⁹ Essa é a foto da primeira pista que consegui junto aos sócios do clube. Antes dela, como descrevi, havia a pista sem pintura, só com a terra batida e a cal para delimitar as laterais e o fundo. Não tenho fotos dessa pista. A sua descrição foi construída a partir das memórias dos jogadores.

E, ele tem uma coisa de bom, ele, quando tinha torneio, sabe o que ele fazia? Ali tem uma casa de festa, ali na esquina ali, ele apanhava as bolas que no dia seguinte já não eram usadas, ele podia pegar, ele pegava, isso aqui era arame, era cercado de arame, ele colocava as bolas tudo aqui, e depois quando acabava ele dava pras crianças que passavam aqui, ele que fez (risos). Ele era legal (Diário de campo, bate-papo com Sandro, 15 de março de 2014).

O fato de moradores separarem locais em espaços públicos para fruição dos seus lazeres não é algo novo. Outros estudos apontam a ocorrência desse fenômeno, dando vazão às sociabilidades, sejam elas esportivas ou simplesmente de divertimento. Simoni Guedes (1997), quando abordou o assunto da construção social de trabalhadores, destacou a criação e separação de terrenos apropriados para jogos de futebol, através de um esforço coletivo dos homens envolvidos: “No local, esse processo criou dois campos de futebol. O primeiro, mais interno, o do próprio Unidos, contíguo à sede. O segundo, numa área não edificada próxima ao terreno na Eletrovidro, em Vila Lage, transformada em campo de futebol” (GUEDES, 1997, p. 133).

Situação semelhante também foi realçada por Souza (2003) sobre a construção social da masculinidade, quando menciona um grupo de homens que se apropriou de uma calçada do subúrbio carioca para preparar um churrasco: “[...] embora o espaço da esquina seja público, o grupo da esquina dele se apropria, tornando-o, assim, território de uso exclusivo do grupo” (SOUZA, 2003, p. 39).

Inicialmente, a raia, a pista, o campo, a cancha (chamada assim em São Paulo) na Praça do Patriarca, por ser de terra batida, dificultava o jogo, pois, com as chuvas, formava-se muita lama. A existência de pedras também dificultava os lances; por serem muito irregulares, era necessário imprimir muita força para o lançamento das malhas, que, sem controle, projetavam-se pelo alto. As malhas dessa época (que alguns chamam de *malhão*) eram maiores e mais pesadas do que as de aço, utilizadas atualmente. Eram feitas de ferro e não eram circulares, e sim sextavadas. Não era necessário passar nenhum tipo de produto na malha para que a ajudasse a deslizar; a areia de praia fazia esta função.



Foto 14- Foto tirada por mim no Clube de Malha na cidade de Paty dos Alfares, no ano de 2004. A malha em azul, sextavada, parece ser a mesma que utilizaram no início dos jogos na pista na Praça do Patriarca⁶⁰

Uma maneira encontrada para tornar o chão mais liso foi conseguir um rolo compressor junto a uma empresa de sabonetes, na qual um dos jogadores trabalhava e ainda nos dias de hoje trabalha. Segue abaixo o relato de uma conversa que tive com dois sócios jogadores e um sócio-contribuinte, que discorrem sobre o fato em meio a muitas risadas sobre as situações ocorridas no traslado e no uso do rolo compressor.

Isso aqui era puro chão [...], aquele rolo compressor? É... [risos]. Tá aonde? Tá com Liminha. Foi um acordo com o pessoal do futebol. Era para colocar aqui [muitos risos]. Trouxemos o rolo compressor no carro de um sócio-jogador, uma Belina, e pesava muito (muitas risadas pelos três). O rolo compressor deixava o chão lisinho. Para jogar tinha que fazer isso, principalmente depois de chover; formava muita lama (Diário de campo, conversa entre João Carlos, Leandro e Sandro, dia 20 de julho de 2013).

Nesse dia, ao falarem sobre como começou o jogo de malha na praça, lembraram-se também das jogadas, com lançamento das malhas pelo alto; isso tudo em clima de bastante animação e recordações prazerosas. João Carlos, Leandro e Sandro disseram que o pessoal não sabia jogar, e arremessavam a malha numa árvore próxima (apontam para ela, que ainda se encontra na praça), por cima do galho. Para que a malha fosse de uma cabeceira a outra, era preciso imprimir muita força, principalmente quando a pista estava molhada. Um disse: “Aí, danava!?”; e o outro: “Tempo bom...” (sempre rindo).

Sandro lembrou-se de um fato: “Teve um que jogou no seu Amaral a malha!” (comércio local do outro lado da rua onde fica a praça). Teve outro que jogou tão forte

⁶⁰ Não consegui com os jogadores de malha do Clube de Malha de Madureira nenhuma foto da primeira malha que utilizaram. Lembrei-me que tinha uma foto de malhas que foram usadas na pista da cidade de Paty dos Alfares; estou usando-a como referência.

que caiu dentro do bueiro e está lá até hoje. Todos os três, mostrando-me com suas faces que se lembravam do ocorrido, riam com bastante satisfação (Diário de campo, 20 de julho de 2013).

Essa situação ocorrida no campo me remete às considerações de Halbwachs (2006) sobre como a memória individual se aproveita da memória dos membros do grupo para se manifestar.

[...] não basta que estes (memória de outros) nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstituída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Candau (2011, p. 48) também aponta que “[...] não pode haver construção de uma memória coletiva se as memórias individuais não se abrem umas às outras visando a objetivos comuns, tendo um mesmo horizonte de ação”.

Para participar do jogo, bastava parar para assisti-lo, pedir para jogar ou esperar ser chamado: “Paravam para ver, um passava para o outro. Perguntavam? Quer brincar? Entra aí, e assim começou, e eram muitos, jogava-se por ordem de chegada” (Diário de campo, 20 de julho de 2013). Os mais antigos lembraram que nessa época havia em torno de 30 a 40 jogadores. À medida que iam chegando, deveriam escrever seu nome no quadro que ficava pendurado no armário de ferro, e aguardavam a vez para jogar. A disputa já começava na fila de espera.

Era por ordem de chegada, tinha uma prancheta, do lado do armário, então cada um que chegava colocava seu nome ali pra não embolar, né? Então, às vezes você saía do jogo e você levava um tempo. Naquele tempo tinha bastante gente, tinha bastante dupla, né? Hoje não, hoje você pega a malha pra jogar, você joga direto (Diário de campo, fala João Carlos, 05 de abril de 2014).

Além do número de jogadores interessados em participar ser grande, a pontuação da partida era mais um elemento que contribuía para sua demora. Nesta época, a partida era computada em quem conseguisse alcançar primeiramente os cem pontos (seja dupla ou individual). Não obstante, a derrubada de um pino poderia valer oito pontos, por exemplo. Esses valores eram todos combinados entre os jogadores antes das partidas se iniciarem. A foto abaixo nos dá uma noção da quantidade de pessoas que ficavam aguardando as partidas acontecerem.



Foto 15 - Arquivo pessoal do jogador José, 1998. Os jogadores esperando sua vez para jogar e os espectadores do jogo

Com o aumento do número de jogadores e também com as experiências trazidas por cada um deles para o campo de jogo, foi surgindo a necessidade de modificar ainda mais a pista de malha. Para tanto, discutiram-se em uma reunião⁶¹ as possíveis mudanças. A principal e mais fundamental foi a intenção de colocar saibro⁶² nas duas cabeceiras da pista, tanto de saída quando de chegada, indo da faixa amarela até a roda principal (local onde a batida da malha precisa acontecer); a pista, entretanto, continuaria sendo de terra batida (como na foto acima). “Antigamente, a pista era de saibro, e aí a malha era mais leve, ou com pesos variados, e eles jogavam ela alta (até batia no galho da árvore)” (Diário de campo, fala do José, 18 de agosto de 2013). Simbolicamente, as identidades do grupo foram se constituindo tanto em relação a eles mesmos quanto à vizinhança e aos outros times. A maneira que encontraram para se organizar internamente foi colocar em pauta as necessidades do próprio grupo, com assuntos discutidos em reuniões mensais.

Por um lado, essas modificações evitavam que a malha atingisse os passantes, ou pelo menos os deixavam mais atentos pra o que acontecia naquele local; por outro, facilitava o arremesso da malha, evitando que ela fosse muito pelo alto. Os jogadores mais antigos não se recordam quem ou como as malhas de aço circulares, usadas atualmente e que eram compradas em São Paulo, começaram a ser utilizadas por eles. Mas, em algum momento elas foram introduzidas na dinâmica do clube, possivelmente

⁶¹ Informações a seguir foram obtidas na ata de reunião do dia 15 de junho de 1997.

⁶² Argila misturada com areia e pedra.

em conjunto com as mudanças físicas da pista e adoção do uso de ceras de carnaúba para ajudar no seu deslizamento. As mudanças aconteceram de maneira integrada.

Entendo que diferentes configurações foram sendo realizadas à medida que novos jogadores foram se aproximando do grupo, trazendo consigo suas bagagens culturais acerca do jogo de malha, e com isto “novas ideias” apareceram e conseguiram ser absorvidas e recriadas pelo próprio grupo, que se encontrava em formação. Exemplo disto foi a entrada do Mario, que aprendeu o jogo no Espírito Santo, em sua infância. Contudo, na década de 1980, já como funcionário da empresa *General Electric*, organizava e participava de campeonatos promovidos pelo Serviço Social da Indústria (SESI). Essas eram pautadas nas regras ditas por ele como oficiais – segundo seu relato, muito próximas das organizadas pela Federação Paulista de Malha.

Seja usando a malha de ferro (mais pesada) ou a de aço (mais leve), a consequência direta era que os jogadores podiam lançá-las de várias maneiras: tentava-se jogar a malha mais rente ao chão; mas, com as mais pesadas, aqueles que tinham dificuldades em projetá-las arremessavam-nas mais para o alto, de modo que faziam uma curva e depois batiam no chão.

O autor lusitano Mario Serra (2001), ao se reportar sobre os episódios lúdico-festivos das antigas ocupações agrícolas e pastoris coletivas, corrobora essa questão fazendo menção ao jogo de malha português. Destaca: “Os jogos de tradição ainda hoje praticados ou conhecidos, muitos provêm das práticas lúdicas e rituais [...], como a luta, os lançamentos de pedras e paus, o manejo dos cajados, os saltos e as corridas” (p. 14).

Vários jogadores e frequentadores do espaço relataram que “essa época foi muito engraçada”, pois as formas de jogar eram inusitadas, com desfechos divertidos, como no exemplo da malha que atingiu os galhos de árvore, citado anteriormente. Nesse contexto de bastante diversão no ambiente da pista de malha, um sócio-contribuinte se referiu a um banco, apelidado por ele de “banco da fofoca”, e falou do assunto sempre rindo:

Tinha, olha, tinha um banco ali, era o banco da fofoca, eu ficava no meio, que eu gostava, mas eu não fazia fofoca não, eu ficava ali no meio (risos). Ali tinha o falecido Joel, o... como é? Aquele Miely, tinha outro também, o Luiz... (risos). Fazíamos fofoca, metendo malho nos outros (risos) (Diário de campo, bate-papo com Sandro, 15 de março de 2014).

Com o desenvolvimento do jogo e um número maior de adeptos, em 26 de abril de 1996 foi fundado o Grupo de Malha Patriarca de Madureira pelos próprios

praticantes do jogo, sendo aclamados presidente e vice-presidente, respectivamente, Carlos Silva Ferreira e Sebastião Luz da Silva.⁶³

Através da leitura das atas, percebe-se que houve uma construção coletiva das normas e regras do grupo de malha, e que algumas questões pontuais eram levadas às reuniões para aprovação dos membros. Trata-se de uma interpretação realizada por mim, a partir da constatação de que, em um mês, os membros deliberavam algo e, no outro, voltavam atrás após a experiência vivida com a regra imposta por eles próprios. Por exemplo, na reunião de 16 de fevereiro de 1997, estabeleceu-se uma regra que vai de encontro à da federação: “As duas malhas não serão jogadas consecutivamente por um jogador, será uma malha de um jogador e depois uma do oponente”. Nas regras da federação: “Cada jogador tem o direito de arremessar duas malhas seguidas em cada jogada, alternando-se a mesma com o seu adversário” (p. 6). No mês seguinte, voltaram atrás e continuaram jogando com dois arremessos consecutivos, como praticam até os dias de hoje.

Na primeira ata, do dia 14 de abril de 1996, tem-se a seguinte colocação: “As questões internas e administrativas, à medida que forem surgindo, serão discutidas nas próximas reuniões”. Pude constatar tal intenção tendo acesso a outras atas, tais como: a de 14 de abril, 19 de maio, 14 de junho, 14 de julho, 27 de outubro e 07 de dezembro de 1996; e 16 de fevereiro, 30 de março, 20 de abril, 04 de maio e 15 de junho de 1997.

As atas às quais tive acesso estavam organizadas em ordem mensal entre 1996 e 1997. Não aparecem as do segundo semestre de 1997 até março de 1999, havendo a retomada somente em abril de 1999. Com alguns meses de intervalo, o registro termina em 2005 (última data de ata).

Em cada uma delas, aparecia um dado novo na construção das regras e das normas de convivência do grupo – por exemplo, o número de pontos máximos por partida. Na ata de 19 de maio de 1996, tem-se: “Pela maioria, fica decidido que a partida será de 36 pontos, jogada normalmente quando estiverem presentes mais de cinco duplas. Quando o número de duplas for inferior ou igual a cinco, a partida será de quarenta e oito pontos” (p. 1).

⁶³ Informações encontradas na ata de reunião do dia 14 de abril de 1996. Nesta também o presidente indica os nomes de Nilton do Nascimento para acumular as funções de secretário e tesoureiro, e de Roberto Oliveira como relações públicas. Decidiu-se que o mandato do presidente duraria um ano, podendo haver reeleição. Ratificou-se a importância de R\$ 3,00 reais como mensalidade a ser paga até o dia 15 de cada mês, para a manutenção da pista e de outras despesas inerentes à prática do jogo. “Também ficou deliberado que o presidente tem autoridade sobre o grupo e colocará em discussão todas as sugestões apresentadas, podendo, sumariamente, vetar as que forem intempestivas ou que coloquem em risco a sobrevivência ou a harmonia do grupo” (p. 1).

Com o tempo, e os mais antigos sócios do clube não sabem precisar, a partida parou de se basear em quantidade de pontos e introduziu a contagem com a quantidade de pontos realizada em x números de arremessos, que variavam de 6 a 12.



(Foto 16- Placar com contagem de pontos, sem arremessos. Setembro de 2015.



Foto 17- Placar baseado na pontuação efetuada no número máximo de 12 arremessos. Setembro de 2015

Foi o atual presidente do clube quem fez esses dois placares, mas ele não se recorda do ano. Um tem o intuito de marcar pontuação, quando, por exemplo, é preciso

fazer uma seleção de jogadores para competição; e o segundo, espelhado em um modelo do Clube de Malha Bangu, conjuga a pontuação com o número de arremessos. Todos os dois foram construídos artesanalmente por ele. A título de curiosidade, há clubes de malha que possuem placar eletrônico, como o Clube de Malha Mauá (São Gonçalo) e o Clube de Malha Nilópolis (Diário de campo, 26 de setembro de 2015).

O principal assunto das reuniões era transformar de barro (saibro) para cimento o local das batidas da malha, a área onde se deve jogar (bater) a malha, para que ela avance em direção ao pino. Esse assunto foi apresentado em reunião no dia sete de maio de 2000. Tomada a decisão de mudança, sem fazer pedidos à prefeitura, ou consultas à vizinhança, cimentaram as cabeceiras e construíram um pequeno muro ao longo da pista, para demarcar melhor sua largura e comprimento. Foi uma obra coletiva, realizada pelos próprios jogadores, com dinheiro do clube, que advinha das contribuições dos sócios. A foto abaixo ilustra essa situação.



Foto 18 - Arquivo pessoal de Carlito. Pista, aproximadamente no ano 2000, com lateral construída para evitar que a malha saísse do campo de jogo e organizá-lo

Uma das consequências da mudança do piso da cabeceira, da introdução da malha de aço, do uso da cera de carnaúba na malha para ajudar no seu deslizar foi a possibilidade de conseguirem maior comunicação com outros clubes de malha da redondeza. Alguns deles já estavam filiados à Federação de Malha do Estado do Rio de Janeiro, que nos anos 2000 encontrava-se em pleno funcionamento e associada à Confederação Brasileira de Malha. A ideia do grupo de Madureira era “jogar, jogar fora, entrar em campeonatos e torneios” (Diário de campo, 20 de julho de 2013).

Foi o Clube IX de Junho, do bairro de Pavuna, que intermediou junto à Federação de Malha do Estado do Rio de Janeiro a filiação do Grupo de Malha de Madureira. “Difícilmente, a pista de malha, no barro, é difícil entrar em campeonato, né? Entendeu como é que é? Então, depois que surgiu aquele negócio de campeonato, aí as pistas. Aí, o piso mudou” (Diário de campo, fala de João Carlos, dia 24 de agosto de 2013).

Foi nesse contexto que se idealizou o uniforme do clube, cujas cores, amarelo e azul e o brasão, fazem alusão às do Madureira Futebol Clube, time do bairro. Os jogadores vestiam-no em campeonatos e torneios promovidos pela federação, pelos próprios clubes ou em suas festas internas comemorativas (fim de ano e Dia dos Pais, por exemplo). Quem confeccionava os uniformes para o Esporte Clube era dona Laura, jogadora do IX de Junho e única a jogar contra eles. Durante todo o trabalho de campo (julho de 2013- agosto de 2014, não os vi usando uniforme. Somente em 2010, quando ainda só visitava o grupo, consegui presenciar um amistoso contra o time de Bangu, em uma festividade de fim de ano na qual os sócios-atletas utilizaram o uniforme oficial.



Foto 19- Sócios-atletas do Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira, com uniforme do clube. Foto cedida pelo José, tirada em 2006



Foto 20- Brasão do Esporte Clube de Malha, com as iniciais do Clube, seguindo as cores e desenho do Madureira Futebol Clube

Paralelamente à vontade dos jogadores de cimentar toda a extensão da pista e ampliar seu tamanho, tanto na largura quanto no comprimento, no início dos anos 2000, o então prefeito da cidade, César Maia, durante uma campanha eleitoral, foi à Praça do Patriarca. Através da figura do presidente do Clube de Malha da época, Carlito, os jogadores solicitaram ao político algumas mudanças na pista, visto que já estavam participando de torneios contra outros grupos e também os recebendo para realização de campeonatos. Sendo assim, precisavam de melhorias físicas, para estar o mais próximo possível das medidas de outras pistas. O então prefeito acionou o Departamento de Esportes do seu governo, que posteriormente esteve no local e, junto ao presidente Carlito, identificou as necessidades do grupo.

Eu fui à prefeitura, o pessoal da secretaria veio, viu a possibilidade de fazer alguma coisa, aqui era uma praça, né? Era uma praça, então falou: “vamos cercar esse pedacinho para esse pessoal, a maioria é pessoal idoso e tal”. Bom, mas ainda não era, ainda não satisfazia, porque o pessoal todo vinha aqui disputar campeonatos nessa ocasião, os outros grupos tinham pista coberta, e aqui nós participando de campeonato e várias vezes o jogo teve que ser adiado porque prejudicava o campeonato, entende? Porque todo campeonato tem a sua tabela de jogos, não é isso? Quando um não é realizado, tem que jogar pra frente e atrapalha tudo, né? Fui à prefeitura novamente, reivindicando que fosse coberta, levei essas fotos e mostrei a ele como que ficava nas épocas de chuva (Entrevista Carlito, 31 de agosto de 2013).

Na época, o que conseguiram junto à prefeitura foi cimentar as laterais e cercar toda a pista com alambrado. A pintura ficou por conta dos próprios sócios.

Essa pista já cimentada, essa, essa pista já cimentada não, era terra, porém, com esta gradezinha, direitinho, está vendo? [*mostrando-me a foto abaixo*]. Uma calçada aqui, outra calçada lá, e aqui onde o jogador ficava já o cimento com essa roda bonitinha que você vê aí, está vendo aqui? Já foi um melhoramento (Entrevista com Carlito, 31 de agosto de 2013).



Foto 21 - Cabeceiras e mureta lateral, ambas cimentadas. Pintura destacando as áreas da batida da malha. O restante da pista em terra batida, com alambrado em volta. Foto doada pelo Carlito, estima-se entre os anos de 1999- 2000

No mesmo período, o Grupo de Malha Patriarca de Madureira (GMPM) tornou-se Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira (ECMPM),⁶⁴ e para tal foi elaborado um estatuto que pudesse organizar e dinamizar esta prática esportiva e de lazer, e que estivesse de acordo com as normas da Federação de Malha do Estado do Rio de Janeiro. Com a mudança de *status* e um espaço físico mais próximo das outras pistas, o time de Madureira tornou-se mais competitivo, participando ativamente dos campeonatos regionais – situação que já vinha ocorrendo com outros clubes da região, tais como: Bom Conselho e Bangu. No entanto, para que isso se efetivasse, era fundamental que o espaço de jogo também fosse modificado, passando a ser totalmente cimentado, e as medidas seguissem o mais próximo possível as normas determinadas pela federação. Destarte, o então secretário do clube, Carlito, continuou procurando a prefeitura do Rio de Janeiro, com o intuito de conseguir mais melhorias para a pista de malha, sobretudo cimentá-la em toda sua extensão e cobri-la totalmente.

Com o Esporte Clube constituído, os sócios foram divididos em duas categorias: 1) contribuintes: aqueles que não jogam por diversos motivos, porém desejavam participar das atividades do clube. Estes tinham livre acesso ao campo de jogo e às festividades no local. Ficavam geralmente na lateral da pista, “jogando conversa fora”

⁶⁴ Os sócios não sabem precisar a data, e os documentos aos quais tive acesso também não estão datados. O estatuto organizado não foi registrado em cartório e não tem data em suas folhas.

(como dizem), lendo jornal, assistindo ao jogo de futebol, jogando *purrrinha* e também “zoando os jogadores” (como diziam, provocando-os em suas habilidades no jogo: “Aquele ali não tem jeito, não, a barriga não sai mais” (Diário de campo, 04 de outubro de 2013); e 2) jogadores: autointitulados atletas – são aqueles que efetivamente jogavam o jogo e participavam dos campeonatos e torneios. As duas categorias de sócios pagavam uma taxa mensal para manutenção da pista, para comprar os uniformes e alimentos para as festividades no local, e também para servir de ajuda de custo na participação de campeonatos em outros locais no município e no estado do Rio de Janeiro. Os jogadores pagavam R\$ 6,00 e os contribuintes, R\$ 3,00 (valores de 2014). Essa divisão não está explícita no estatuto do Esporte Clube, mas foi enfatizada pelos próprios sócios do clube durante a etnografia.

Coincidência ou não, em torno do ano de 2002, a partir do encontro com o prefeito e do contato com o subsecretário de Madureira, a praça foi totalmente reformada pela prefeitura.⁶⁵ Os sócios do clube puderam dar sugestões de como deveria ser a nova pista; conseguiram ainda aumentar suas medidas, tornando-a mais próxima daquelas exigidas pela Federação.⁶⁶ A raia de malha passou a ter um piso cimentado, por cima do qual foi colocada uma camada de massa e pintura acrílica. Passava-se cera de carnaúba na malha⁶⁷ e jogava-se “canjiquinha”⁶⁸ sobre o piso para facilitar seu deslizamento. Todo este processo com a prefeitura não se deu sem tensão, como relataram os sócios. Muitas tentativas de negociações foram realizadas pelo clube, com a negativa da prefeitura. Não conseguiram a cobertura, a instalação de um banheiro, a colocação de água e de luz. O que a prefeitura fez foi refazer a pista de malha em função das mudanças estruturais a que toda a praça estava sendo submetida. Entregaram a pista pronta, com o alambrado em volta, sem atender aos outros pedidos do clube de malha.

⁶⁵ Tentei por diversas vezes ter acesso a documentos e pessoas que participaram na época da construção da pista na prefeitura do Rio de Janeiro, no intuito de conseguir informações que pudessem me ajudar a construir dados sobre a questão da obra da praça. Todas as tentativas de contato com o serviço público municipal foram negativas. Não consegui ter o olhar do poder público da época sobre a reforma da praça e a permanência da pista de jogo de malha.

⁶⁶ A medida oficial da pista de malha: “Dimensões: O campo será retangular, devendo seu comprimento ser exatamente 36 metros e sua largura, 2,50 metros (internos)” (Regulamento do jogo de malha, 2014). A pista de Madureira tem 28 metros de comprimento com 2,5 de largura.

⁶⁷ Essa malha tem forma de disco e é confeccionada em aço. Seu peso mínimo é de 600 gramas e máximo, de 800 g. Seus diâmetros máximo e mínimo são, respectivamente, 11 e 9 centímetros.

⁶⁸ O material a ser jogado sobre a pista é mais uma diferença entre a de Madureira e as que seguem a metragem e o piso indicados pela federação. Nessas pistas, utilizam -se as de polietileno (esferas plásticas), vendidas pela Federação Paulista de Malha. Em Madureira, utiliza-se a canjiquinha, pois as esferas de plástico não fazem a malha deslizar no piso disponível. Todo final de partida eles varrem a pista, e peneiram a canjiquinha para seu reaproveitamento.

Segundo os sócios João Carlos e Alexandre, foi o presidente, e posteriormente o secretário Carlito, quem trouxe a maior aproximação com a Federação de Malha do Estado Rio de Janeiro, por conta do seu contato com o presidente do Clube IX de Junho, na época acumulava a presidência da federação. Foi Carlito quem enviou alguns ofícios para a prefeitura solicitando reparos na pista de malha. Pelos relatos dos jogadores e das atas do clube, foi uma pessoa muito engajada em conseguir melhorias para o Grupo de Malha,⁶⁹ tendo sido presidente durante aproximadamente cinco anos (2000-2005).



Foto 22 – Reforma da Praça do Patriarca e da pista de malha, realizada pela Prefeitura no início dos anos 2000

Com a reestruturação da praça, criou-se ao redor da pista uma área que passou a servir de espaço de trânsito entre os jogadores e local de armazenamento dos objetos para prática do jogo (a área que chamo “de convivência”, citada na introdução). Nesse local, alguns dos sócios também criaram um jardim, com plantio de flores e árvores e cuidavam dele com frequência.⁷⁰ A foto a seguir ilustra a construção dessa área:

⁶⁹ Em agosto de 2005, Carlito mandou ofício para o Colégio Santa Mônica solicitando o patrocínio para uniformes, o jogo de malha, latas de massa acrílica e também tinta para a pista. Sua solicitação não foi atendida. Antes disso, em 2000, recebeu em nome do Clube de Malha do Patriarca uma Moção Honrosa da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, na figura do vereador e um vice-presidente, Alexandre Cerruti. Aconteceram também em sua gestão duas reportagens em jornais, uma no *O Globo*, de 23 de novembro de 2000, com o título “Malha é atração em Madureira”, e outra no jornal *O Madureira*, sem data, com o título: “Tem um poste na pista, na pista tem um poste”.

⁷⁰ Há uma árvore fica do lado de fora da pista que foi plantada por um dos fundadores do clube de malha, Avelino. Hoje a árvore está grande e tem mais de 20 anos.



Foto 23- A entrada dos ferros para colocação dos alambrados, fechando a pista. Área de Convivência à esquerda. Foto doado pelo Carlito, início dos anos 2000



Foto 24- jardim dentro da área de convivência, setembro de 2015

Posteriormente, ao poucos, os próprios jogadores, liderados pelo presidente Carlito, modificaram a estrutura inicial da prefeitura, colocando um portão e um cadeado, conferindo ao Esporte Clube de Malha a responsabilidade pela manutenção desse espaço.



Foto 25- Alambrado e portão instalado pelos sócios do clube, com cadeado pendurado. Junho de 2014

Ainda na perspectiva de organização do espaço, dotando-o de significados próprios, um dos sócios jogadores criou algumas placas com dizeres, produzidos por ele, com tons de estímulo e reflexão sobre o ato de jogar, praticar algo e sobre a vida. Elas ficavam penduradas no alambrado, de frente para a pista e a rua. As frases eram: “Não sou favorito a prova nenhuma mais pratico para ser favorito em qualquer prova” (sic); “ No jogo da vida, só conseguimos empatar, nada trouxemos, nada vamos levar”; “Não existe o sabe-tudo, alguns sabem um pouco mais”; “Só percebemos o valor da água, depois que a fonte seca, ou alguém a turve”; “Não queremos ser os melhores, procuramos errar menos”.



Foto 26 - Placa pendurada no alambrado, com dizer criado pelo Marcelo. Foto do ano de 2009



Foto 27 - Placas do lado direito da foto, voltadas para dentro da pista e para a rua principal, ano de 2010

Após quase dez anos, em 2012, o Esporte Clube de Malha conseguiu, junto à Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, com ajuda de um político local,⁷¹ que a pista e a área de “convivência” fossem cobertas.⁷² Nesse período, o presidente do clube era o senhor Mario, no cargo desde 2005.

Atualmente, não tem havido eleições para renovação da diretoria, nem reuniões oficiais com atas para descrição das situações expostas. Quando é preciso discutir algo, os sócios reúnem-se logo após os jogos e debatem, sem registros escritos das questões analisadas e as medidas tomadas, como eram realizadas em anos anteriores⁷³.

⁷¹Há um morador de Madureira que é presidente de um clube, próximo à pista, chamado “Brasil Novo”. Além desse cargo, ele trabalha diretamente com um deputado estadual da região.

⁷² No *Diário Oficial da Prefeitura do Rio de Janeiro*, no dia 13 de dezembro de 2011, sob o número 6125790, saiu publicada a indicação da obra de implantação da cobertura da quadra de malha da Praça do Patriarca.

⁷³ Por exemplo, ao longo da etnografia, alguns dos sócios do clube, sobretudo o presidente, o tesoureiro, e o mais antigo de todos, conversaram sobre a possibilidade de, durante seis meses, dar anistia de pagamento da mensalidade para ver se conseguiam atrair os colegas mais antigos e que se encontravam afastados. Nem todos do grupo foram ouvidos sobre essa mudança e, posteriormente, também não souberam formalmente, só depois com o desenrolar do tempo foram tendo acesso a tal informação.



Foto 28 - Pista de malha coberta. Dezembro de 2012

E após mais de vinte anos da existência da pista e do jogo de malha na Praça do Patriarca, com todas as transformações sofridas nos seus aspectos físicos e regulamentares, os jogos a que assisti nos fins de semana durante o campo (entre julho de 2013 e agosto de 2014) aconteciam em uma pista retangular, com aproximadamente 28 metros de comprimento (de cabeceira a cabeceira) e 2,5m de largura.

O piso é cimentado, sobreposto com massa acrílica, plano, firme e pintado. Nas extremidades da pista, um círculo em cujo centro há um pino cilíndrico de madeira, com ponta arredondada e 18 e três centímetros de comprimento e diâmetro, respectivamente. Em cada uma das extremidades, encontram-se dois jogadores, um de cada time. O objetivo do jogo é lançar as malhas – peças de aço em forma de disco, com peso em torno de 750 gramas – em direção ao pino oposto. Marcam-se pontos pela derrubada do pino (quatro pontos) e de acordo com o local onde a malha para (dois pontos dentro do círculo azul). Ganha a dupla que fizer o maior número de pontos depois de oito arremessos⁷⁴.

Essa versão do surgimento da pista de malha na praça e também da organização do jogo me ajudou a compreender algumas das circunstâncias e características dos processos de construção de sociabilidade dentro do grupo e os diálogos necessários com o poder público e com a vizinhança, para que o grupo pudesse se constituir e continuar existindo.

Muitas situações que presenciei e falas que ouvi no campo, no meu ponto de vista, são resquícios ou interpretações dos próprios sócios sobre os processos de

⁷⁴ Detalhes sobre as regras do jogo de malha no Apêndice 1.

construção de que participaram. Meu entendimento sobre esses aspectos me permitiu identificar que a familiaridade com determinados fatos me facilitou conhecer melhor os jogadores, tornando-se fundamental para que eu não estranhasse determinadas posturas e falas no cotidiano do Clube de Malha.

Assim, em princípio, dispomos de um mapa que nos familiariza com os cenários e situações sociais do nosso cotidiano, dando nome, lugar e posição dos indivíduos. Isso, no entanto, não significa que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em situação social, nem as regras que estão por detrás dessas interações [...] (VELHO, 1994, p. 127).

A familiarização me ajudou a entender e interpretar como as relações sociais se estabeleceram naquele lugar, que tipo de situações e em quais contextos foram vividos e quais as posturas adotadas pelos componentes do clube para enfrentar os conflitos internos e externos. Por exemplo, suas memórias sobre o passado me situaram no sentido de eu saber se determinada situação era nova dentro do convívio entre eles, ou uma postura que estava sendo mal interpretada por um deles naquele contexto. Ou, ainda, perceber que algo estava acontecendo de dada maneira e não de outra, não por ser exótico (VELHO, 1994), mas por ter uma relação direta com uma situação ocorrida no passado.

Essa versão construída por mim para apresentar os processos sociais que influenciaram a construção do jogo de malha na Praça do Patriarca também contribuiu para que eu identificasse as diferentes fases pelas quais o jogo e de que maneira constituíram um *pedaço* dentro daquela praça.

É um conceito inaugurado pelo autor supracitado, que adveio da apropriação de uma ideia nativa em um dos seus estudos.⁷⁵ Baseia-se em um alargamento das ideias de Da Matta (1997) sobre a casa e a rua. Segundo esse autor, a casa seria o domínio privado, com relações sociais mais íntimas, sem ameaças, com relações sanguíneas. No contraponto, a rua estaria no plano do domínio público, no contato maior com o perigo e com estranhos. “[...] visão interna do espaço da rua como algo movimentado, propício a desgraças e a roubos, local onde as pessoas podem ser confundidas com indigentes e tomadas pelo o que não são” (DA MATTA, 1997, p. 58). Nesse contexto, o *pedaço* seria o intermediário entre um e outro.

⁷⁵ Tese de doutorado sobre o lazer na periferia de São Paulo; estudou os circos-teatros.

Pelo fato de intermediar os dois domínios, o *pedaço* apresenta características de ambos, combinando-as, porém, na forma de novas regras: da casa, que reproduz o ambiente de segurança e, da rua, a possibilidade de contato com pessoas que não estão vinculadas pelos laços de parentesco. Desta forma, o *pedaço* pode ser considerado uma espécie de transformação, de passagem do âmbito doméstico em direção ao público. É como se de um lado, a casa se abrisse para fora e, de outro, a rua se tornasse mais acolhedora. A intersecção entre ambos é que permite a particular experiência proporcionada pelo *pedaço* (MAGNANI, 2012, p. 216-217).

O pedaço tem como elementos básicos a união entre um tipo particular de sociabilidade e a apropriação do espaço público. Estou me apoderando e me inspirando nessa ideia para situar o clube de malha no uso do espaço entre a casa e a rua; acho que este conceito traduz com propriedade o que acontece por lá.

Fisicamente, é uma pista de malha que se encontra separada da praça central por uma espécie de alambrado, com porta e cadeado (no início do trabalho de campo só alguns sócios⁷⁶ tinham a chave, mas com o tempo, entregaram uma cópia para o dono do bar que fica em frente à mesma⁷⁷). É margeada lateralmente por um campo de futebol e três ruas, como já descrito na introdução.

Do ponto de vista das relações sociais, é um lugar de encontro, seja para praticar o jogo de malha, jogar cartas, jogar *purriinha* ou simplesmente bater papo e passar o tempo. Reúnem-se ali jogadores e simpatizantes ou não do jogo, e nesse espaço acontecem as partidas e as comemorações festivas do grupo. Por vezes, recebem também jogadores de outros clubes, de maneira individualizada ou um time inteiro de outro clube, para algum amistoso. Há o caso do Ricardo, jogador da pista do Clube Mauá, que se situa no município de São Gonçalo e que em alguns momentos visitou o grupo e participou de algumas partidas. E também observei a recepção do Clube de Madureira a alguns jogadores do Clube de Bangu.

Alguns dos jogadores⁷⁸, não são todos, quando estão dentro desse lugar, cuidam dele: varrem a pista, organizam o lixo, lavam o chão, cuidam das plantas, das árvores que estão ali dentro, que alguns deles até plantaram. Consertam os alambrados que são destruídos por conta do tempo, ou pela tentativa dos de fora de invadirem o espaço, seja para pegar bola ou simplesmente entrar para dormir dentro dele (moradores de rua), por conta da cobertura que possui. Alguns têm um cuidado muito especial com aquele lugar,

⁷⁶ Os que têm chaves são os que possuem cargos no clube: presidente, tesoureiro e o mais antigo do Clube.

⁷⁷ Essa questão será discutida mais à frente, neste capítulo.

⁷⁸ Ver quem são os jogadores e suas características principais no apêndice 2.

uma extensão da sua casa; se sentem responsáveis por ele, alguns de certa forma mais donos do que outros. Não gostam que outros entrem ou façam algo ali sem permissão. O pedaço “[...] é o lugar dos colegas, dos chegados. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e o que se pode ou não fazer” (MAGNANI, 2012, p.89).

A ideia de *pedaço* evoca em vários momentos o estreitamento de laços de sociabilidade, e que de certa maneira também retroalimenta as manifestações de suas culturas ligadas às tradições familiares, aos laços de parentesco que foram fundamentais para que conhecessem o jogo e suas técnicas corporais. “Desta forma, elas conseguem descrever melhor e com mais nuance a dinâmica de sociabilidade e as alternativas de encontro, troca, afirmação identitária e mesmo situações de conflito proporcionadas pelas formas de interação social que ocorrem no âmbito da cidade [...] (MAGNANI, 2012, p. 217).

Acredito que Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira se encontre neste caso do uso do espaço urbano: são formados por homens velhos de uma cidade que fazem a todo tempo arranjos e rearranjos diferentes e particulares, buscando combinar a satisfação de suas necessidades e seus desejos pessoais com necessidades locais, seja dos comerciantes, da vizinhança, dos amigos, dos conhecidos, todas elas nem sempre de maneira amistosa. Com isso, no caso do clube, têm o intuito de preservar e expandir suas práticas de lazer, dedicando grande parte do seu tempo “livre” cultivando relações interpessoais.

As características para pertencer ao *pedaço* não se limitam a passar pelo local ou frequentá-lo simplesmente; é necessário ser reconhecido por seus pares como pertencente a uma rede de relações que tem traços em comum, e que se associa em diferentes casos aos laços de parentesco, vizinhança, conhecimento vindo de relações anteriores. Há um código criado pelo próprio grupo para dizer se fulano ou sicrano participam do *pedaço* (MAGNANI, 2012).

No caso do grupo de malha, creio que o código de aproximação é o gosto por jogar malha. Este é o ponto de referência. Estão ali envolvidos para praticar algo que a maioria conhece desde garoto e querem reatualizar as práticas coletivas de família e de vizinhança.

Como salienta Bourdieu (1983), a prática de determinada modalidade esportiva está em consonância com seu pertencimento a um tipo de classe social, de acordo com o

*habitus*⁷⁹ de cada uma. Dessa forma, nos princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser adaptadas ao objetivo do indivíduo ou do grupo em seu *habitus* (BOURDIEU, 1980), ressaltam-se *a priori*, no jogo de malha, formas de jogar que são criadas e recriadas no ambiente do jogo e da brincadeira a partir das experiências vivenciadas em ambiente familiar e da vizinhança.

Os jogadores têm uma relação familiar muito intensa quando falam sobre o jogo; as informações acumuladas das suas vivências lúdicas infanto-juvenis aparecem nitidamente em seus discursos. Alguns jogadores discorrem que o objetivo em jogar a malha é o prazer que advém da sua vivência: retornam a tempos passados, a suas vidas infantis, de “garoto”. Conhecem o jogo há muitos anos, décadas até, jogaram com pais, tios, vizinhos de rua. Usavam material adaptado, muitas vezes ferradura de cavalo. As pistas eram de terra batida, na maioria das vezes construídas pelo próprio pai ou por vizinhos. Esta questão dialoga com Lefebvre (1991), quando coloca que nossas subjetividades são marcadas pelo tempo que habitamos, carregam marcas históricas que influenciam nossas maneiras de ver e perceber o mundo. Sendo assim, o comportamento dos participantes da pista de malha frente a determinadas situações que aparecem durante as partidas, por exemplo, se apoia nas percepções estruturadas no decorrer da vida, baseando-se em uma intrincada rede de relações sociais.

Há uma característica sobre a qual Magnani (2012) discorre, o *pedaço* que “[...] para onde o indivíduo se dirige em busca dos iguais que compartilham dos mesmos códigos (p. 95). Não acho que eles compartilham dos mesmos códigos culturais e econômicos, por exemplo. As trajetórias não são iguais, em alguns casos são até parecidas, as camadas sociais e culturais não são homogêneas; fatores que interferem na construção desses supostos códigos comuns. Creio que, para a maioria, o que os aproxima é o gosto de jogar malha.

Os que não jogam, mas frequentam o *pedaço*, habitualmente teriam um campo de possibilidade para vivenciar a experiência do envelhecer naquela praça e na vizinhança de outras maneiras. No entanto, algo os atrai para estarem ali juntos com os que gostam de jogar o jogo de malha. Infiro que sejam características como: o acolhimento criado pelo clube de malha; serem do mesmo grupo etário com assuntos que os agradam; local sem consumo de bebida alcoólica; sem brigas físicas e até verbais

⁷⁹ *Habitus* como uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação (BOURDIEU, 1980).

(há desentendimentos, é claro), um local “sadio” para passar o tempo, isto tudo imbricado os faz optar por estar nesse *pedaço*.

Não. [*resposta sobre a pergunta se jogava ou não malha*]. Eu gosto de vim pra cá assim, pra ficar batendo papo, escutar um, escutar o outro, só pessoas de qualidade, entendeu? Só pessoas de qualidade, então é aonde prende a gente, então melhor assim do que ficar sentado na porta de um botequim (Entrevista com Guilherme, 30 de março de 2014. Não é sócio do clube, é frequentador da pista de malha).

2.4. O Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira e as relações para além da pista: família e eventos

Eu tinha a hipótese de que, pelo fato de se conhecerem há muitos anos, alguns há quase vinte anos, pudessem ter entre si mais convivência fora da pista de malha. Ledo engano. As relações sociais aconteciam efetivamente no dia a dia do clube de malha. No passado, em alguns momentos, fatos ocorreram, mas nem todos do grupo eram convidados, só os mais “chegados”. Por exemplo, alguns deles, quando mais jovens, aliavam o final das partidas de jogo de malha com a ida a um bar específico, “*da Janete*”, a fim de beber cervejas e comer aperitivos – certa extensão da sociabilidade do jogo para além dele próprio.

A prática de frequentar o bar depois do jogo não acontece mais. Elenco alguns possíveis motivos: o grupo mudou e as pessoas que gostavam deste tipo de prática se afastaram do clube; alguns morreram; isto acontecia quando mais jovens, e atrelados à época dos campeonatos, ao receber grupos de fora; com o processo de envelhecimento, houve a entrada de doenças, como a diabetes, e algumas prioridades, como a família, foram dando lugar ao hábito de ficar menos tempo fora de casa.

O máximo que fazem hoje, na maioria das vezes, sozinhos e raríssimas ocasiões em duplas, é irem à padaria que fica bem próxima a pista, seja para tomar um café, um café com leite, comer um pão com manteiga ou beber cerveja sem álcool (João Carlos, que está diabético); um deles ainda bebe cerveja comum, mas só uma garrafa.

É, é muito difícil, tem vez que vai um assim, aí toma café, aí daqui a pouco chega o outro, é muito difícil encontrar os três, às vezes chega dois pra tomar café e o senhor Marcelo tá lá tomando a cervejinha dele, aí fica ali, conversa e tal, mas junto assim, nunca chegaram junto não, muito difícil, só quando tem mesmo assim os torneios que chega lá junto e tal, conversa e tal, depois vai um pra cada lado” (Entrevista Norma⁸⁰, atendente da padaria, dia 24 de junho de 2014).

⁸⁰ No caso dela e de outros que tem papéis específicos dentro da dinâmica do Clube de Malha, optei por não deixar em anonimato.

Norma me disse que um deles, que era mais assíduo, achava que o nome era José (não tinha certeza), mas pela sua descrição identificamos que era, e ela nem sabe que ele faleceu; só percebeu que ele parou de ir à padaria, mas ninguém comentou sua morte quando aconteceu. Ficou sabendo tempos depois porque sentiu falta dele e perguntou a alguém do grupo. Ele conversava sobre vários assuntos, um deles era sobre a questão da diminuição do número de jogadores no clube e da mudança de perfil que se estabeleceu no clube de malha. Disse que morava em outro bairro, e que estava sempre em Madureira e o pessoal que morava no bairro estava muito desanimado.

Ele falou comigo: “Poxa, o pessoal não vem, tá desinteressado, aí a gente, não tem mais campeonato”. Aí fica comentando assim que tá, poxa, tá acabando, o grupo que era de encontro pra fazer a malha, até ia a gente, vinha gente lá de Campo grande, e falou, comenta assim que tá chateado assim pelo afastamento deles mesmo” (Entrevista Marília, 24 de junho de 2014).

Além dele, mais três também frequentavam a padaria. Um senhor mais baixinho,⁸¹ cujo nome ela não sabia, ia sempre lá, tomava um café, mas não conversava. Outro, que é o cantor de serestas, e com ele os assuntos ficavam em torno desta temática, não se reportava a questões da malha. Era o mais assíduo, ia toda semana lá, sempre após sua ida à pista de malha. E o senhor João Carlos, que é diabético, que toma café e cerveja sem álcool, por vezes também comentava que o pessoal estava muito desanimado. Ela conhecia algumas pessoas da sua família e pergunta por netos, por exemplo; ele responde, mas não aprofunda. Ela percebeu também que os próprios jogadores que outrora frequentavam bastante a padaria se afastaram dela, não sabe bem porquê motivo, mas acredita em certo desinteresse por parte dos jogadores.

Durante a etnografia, quando eu tocava no assunto se eles se encontravam fora da pista de malha, a maioria dizia que não, e alguns enalteciam este passado com uma sociabilidade vinculada à bebida. “Nada se deve buscar além da satisfação desse instante – quando muito, de sua lembrança. Assim o processo permanece exclusivamente limitado aos seus portadores, tanto em seus condicionantes quanto em seus efeitos” (SIMMEL, 2006, p. 66).

A relação entre eu e ele (*João Carlos e Alexandre*) era a melhor, que a gente tinha aquele bar do Janete, que não está mais entre nós, Deus levou. Então, esse bar de Janete, era a sede do clube de futebol, então eu sempre parava com ele, eu já jogava futebol, e jogava malha, então a gente ia para o bar do Janete beber cerveja e comer frango, muitos

⁸¹ Usei a caracterização das pessoas que ele me forneceu, suas impressões sobre os jogadores de malha.

frangos, né, Alexandre? Passamos muitos momentos juntos, curtindo e tirando onda (Entrevista do Alexandre⁸², com a participação do João Carlos, 13 de abril de 2014).

No dia a dia etnográfico, através das entrevistas e observando as fotos mostradas por eles, pude identificar que poucas vezes eles construíram outras sociabilidades para além do jogo de malha, de estar no Clube de Malha, nos fins de semana.⁸³ Pelos relatos, houve uma vez que um foi visitar o outro por conta de uma doença: “Quando operei a catarata, o Márcio foi me visitar. Não, a gente não se encontra não, o Márcio que foi só esta vez lá em casa” (Entrevista com Arthur, 24 de outubro de 2013). Excepcionalmente, há fotos da ida de alguns sócios do clube em comemoração a 25 anos de casamento de um dos jogadores – que é o mesmo sócio que na padaria falava com a atendente sobre o desânimo do pessoal, dos poucos campeonatos; e comigo enfatizava a pouca atividade social que o clube não fazia, por exemplo, festas de Dias dos Pais.

Ficou mais inteligível para mim esta separação do tempo-espço das sociabilidades do clube com outras atividades fora dele, quando houve o falecimento de dois sócios do clube. Um deles era um jogador muito ativo, antigo no grupo; e o outro sócio-contribuinte participativo, assíduo e antigo no grupo também.

No primeiro caso, só um jogador foi ao velório e ao enterro. Eu acompanhei este processo bem de perto, pois como havia ido visitá-lo na casa de sua filha, meses antes da sua morte, consegui certa abertura com a família. Trocamos telefonemas e com muita frequência ligava para saber da saúde dele. Por conta disto, no dia do falecimento, sua filha pediu a alguém da família para me ligar, avisando-me do ocorrido e solicitando que pudesse avisar ao clube de malha. Em um primeiro momento, achei que não devia fazer tal movimento, pois não gostaria de influenciar diretamente na dinâmica de relações outrora estabelecidas entre eles; ser uma “ponte” entre as informações. Porém, como fora um pedido da família, e esta acenou que só tinha o telefone de um dos membros do grupo e que não conseguia se comunicar, fiquei sensibilizada. Este canal

⁸² Alexandre só me concedeu entrevista em sua casa com a presença do João Carlos. Não foi à toa que foi o João Carlos quem me levou à casa de Alexandre e fez toda a intermediação para que eu pudesse entrar em sua casa e fazer a entrevista.

⁸³ Uma estratégia de pesquisa que utilizei para saber o quanto conheciam um da vida do outro era me utilizar de uma informação que eu tinha em *off*, pois um jogador falou para mim e aí eu perguntava para outro onde estava fulano (eu sabia onde ele estava, mas os outros não sabiam, por exemplo). Eu sabia de outra informação em *off* de alguém, e ficava esperando outros tocarem no assunto para saber o quanto conheciam do jogador citado. Na maioria das vezes, percebi que conheciam muito pouco uns dos outros, e o que estariam fazendo naquele momento, além de jogar malha.

afetivo criado acabou me impelindo a problematizar meu papel de antropóloga naquele contexto, e me dei conta, assim como outros autores também já assinalaram, que a etnografia não é uma mera captação e descrição das lógicas internas que encontramos nos grupos; constitui-se na produção de dados que advêm da relação de troca que acontece entre o pesquisador e o pesquisado. Optei por seguir a diante, e não ficar “em cima do muro”.

Escolhi avisar primeiramente a um dos membros do clube, o João Carlos, o mais antigo, que eu sabia que sistematicamente ligava para o jogador que se encontrava doente e por vezes, me perguntava se eu tinha mais informações sobre ele. Em seguida, fiz uma ligação para um sócio-contribuinte que conversava muito com ele no dia a dia dos jogos⁸⁴ para avisar do fato ocorrido. No horário do enterro, perguntei ao João Carlos se ele havia ligado para mais alguém; disse que para mais três.⁸⁵

No primeiro final de semana após o falecimento do jogador José, ouvi os comentários sobre sua morte. Um logo veio logo se desculpando comigo por não ter ido ao enterro.

Quando cheguei à pista, fui cumprimentar cada um deles e fui em direção a Sandro que logo foi falando do senhor José, se desculpando por não ter ido. Ele disse: “-E que também no dia do enterro outra pessoa morreu, e ele só foi o enterro, pois alguém o buscou em casa”. Eu disse: “- fica tranquilo Sandro” (Diário de campo, 15 de março de 2014).

Ao falar com Márcio, ele disse espontaneamente: “Perdemos o José.” Eu o abracei e perguntei sobre sua saúde (pois ele iria fazer uma cirurgia de catarata). O presidente do clube disse que só soube naquele dia (ele foi um dos que o João Carlos tentou falar ao telefone e não conseguiu). Dos outros que estavam jogando, não ouvi comentários. Não posso afirmar a maneira como lidaram efetivamente com essa situação, pois quando eu cheguei à pista, todos já estavam lá dentro e jogando (não tenho ideia se falaram sobre o assunto e o quanto o aprofundaram antes de começar a partida). O que pude ver e ouvir durante a manhã, após minha chegada, foram sobre outros assuntos, como futebol e a ida a pista de Bangu no domingo seguinte.

⁸⁴ “Liguei pela manhã para o Sandro que logo que eu falei, disse que não sabia, mas que tudo bem. Recebeu o recado e sem mais, desligou (não disse se ia ou não). Falei com ele se quisesse ligar para alguém, que o fizesse (Diário de campo, dia 13 de março de 2014).

⁸⁵ “Perguntei quem ele avisou, disse-me que ligou para o Miguel, que disse que estava trabalhando; para o Márcio, que não estava em casa e deixou recado para o Mário, para os números de casa e celular, mas não conseguiu falar” (Diário de campo, dia 13 de março de 2014).

Pelo tempo que se conheciam, esperava maior “comoção em torno do tema”, ou até o envio de uma coroa de flores em nome do clube, visto que ele era integrante antigo, muito assíduo e gostava muito de jogar malha. O jogador João Carlos, único que foi ao enterro, comentou durante o enterro sobre a coroa de flores: que eles deram uma vez para um jogador chamado Júpiter, muito querido por todos, e que foi exatamente o José quem agiu tudo e comprou a coroa (depois o clube o ressarcia).

A problematização que me coloquei perante a cena assistida vem ao encontro dos meus conceitos sobre este momento de um velório e a relação com algum grupo ao qual a pessoa pertencia. É neste ponto que muitos antropólogos indicam que fazer antropologia é identificar a lógica interna que impera nas relações sociais estudadas, o que Berger e Luckman (1985) chamam de “esquemas tipificadores”,⁸⁶ mas ao mesmo tempo fazer comparações possíveis com sua “cultura” e nesse diálogo criar os dados etnográficos.

O fato de eu ter pensado na coroa de flores me remeteu à tradição que identifiquei em vários grupos de amigos, de fazer este tipo de homenagem. Além disso, esta análise foi influenciada pela fala exatamente do jogador falecido José, que em agosto de 2013 havia me dito:

Levamos uma coroa, pra ele (morte do Júpiter) ofertado pelo Clube de Malha, aqui. Todo cara que morre, aqui, a gente faz isso. O Adilson (outro colega falecido) teve (fui até eu que paguei lá, depois o clube me pagou). Mande fazer uma coroa, que fui no enterro dele; meu xará até, ele (Diário de campo, fala de José, dia 18 de agosto de 2013).

O próprio José, em agosto de 2013, me contou que as relações sociais criadas no clube dependiam das atitudes individuais e também das interações mais afetivas que se construíam mais com uns e menos com outros (Diário de campo, 25 de agosto de 2013). Esse jogador sempre falava comigo que sentia falta desta parte mais social dentro do clube, por exemplo, comemoração do Dia dos Pais (Diário de campo, 18 de agosto de 2015). Outro também que salientou em sua entrevista as diferenças de tratamento entre eles foi o Miguel, como já discorri anteriormente.

O José, que faleceu, não era aceito facilmente por todos, porque sempre questionava algumas situações que ocorriam dentro do clube. Além disso, insistia em jogar do seu estilo, que muito diferenciava dos outros e era tido como um jogador de

⁸⁶ Eles acreditam que há certos padrões nas relações face a face. São eles que conduzem os papos, criam certa ordem, e organizam a convivência.

menor qualidade. Lembro-me de que quando comecei a aprender a jogar, eu era comparada a ele, quando ele não estava na pista, é claro. “Ingrid tá igual a José jogando, fica rodando, batendo a malha” (Diário de campo, 04 de janeiro de 2014).

No caso do outro falecimento, do Sandro, fui avisada do ocorrido pelo jogador João Carlos, por telefone,⁸⁷ no horário da manhã (o enterro seria à tarde). Sandro havia feito uma cirurgia de hérnia inguinal, não estava doente. Eu tinha ligado para ele dias antes para saber de sua saúde, estava bem. Tentei visitá-lo, mas ele disse que não precisava, que estava tudo bem. Tentei mais algumas vezes, mas sempre foram negativos seus retornos (ele já havia operado catarata, eu outrora tinha tentado a mesma coisa). Infelizmente, não pude ir ao seu velório e ao enterro, por compromissos pessoais no dia, previamente agendados. Na semana seguinte ao ocorrido, quando cheguei à praça, estavam sentados no banco João Carlos e Marcio esperando outros jogadores para dar início à partida. O tempo estava muito chuvoso e no dia anterior havia chovido muito; a pista estava bastante molhada.

Cheguei à praça às 8h10min. Cheguei cedo para tentar ver como eles iam tratar a morte do Sandro, quais seriam os comentários. Estavam sentados no banco, João Carlos e e Mário. Eu, ainda do lado de fora, Mário exclama: “Oba, agora já temos três! (contou comigo). Ainda de fora, falei: “ Tá vendo cheguei cedo... nem vai poder falar nada, hein, Joao Carlos??? Ele disse: “Nossa, madrugou!” Eles riram. Ao entrar, os dois me deram dois beijos e sentei ao lado do Mário. Como eu já sabia que os dois tinham conhecimento da morte do Arthur, eu fiz o comentário: “- E o nosso amigo, Mário? Ele disse: “- É a vida... e se lamentou.... Perguntei a ele como soube, ele disse que o Arthur o havia ligado, mas não sabia a causa morte. Eu disse que tinha sido um AVC, pois o genro dele tinha me dito. Os dois comentaram como ele era alegre, que estava sempre lá com eles, e falaram: “Mais um de nós se foi...” Arthur, que foi o primeiro a saber da notícia, falou que foi ao enterro, mesmo de baixo daquela chuva toda. Disse que pediu para o seu filho ir até a praça para ver se encontrava alguém, disse que ele falou com Guilherme também um antigo sócio-contribuinte que conversava muito com Sandro dentro da pista). Ele ligou para o Marcelo e chamou e chamou, ligou para senhor Marcio e conseguiu falar. Ele ligou para senhor João Carlos que ligou para mim (Diário de campo, 24 de junho de 2014).

Interessante que outros dois estudos antropológicos realizados com homens velhos também identificaram a mesma situação na relação afetiva entre eles, e a não extensão das atividades para fora do momento vivido juntos (praça e shopping). Travassos (1995) também identificou essa situação no grupo de homens velhos que jogavam cartas e jogos de tabuleiro na Praça do Largo do Machado. “Mas fui aos

⁸⁷ João Carlos recebeu um telefonema do Mario avisando da morte do Sandro. Quem avisou ao Mario foi o Arthur. Mas, nem seu Joao Carlos, nem Mario sabiam da causa morte do Sandro. Eu liguei para casa dele para confirmar o velório e enterro, visto que não sabiam com clareza onde seria (Diário de campo, dia 19 de junho de 2014).

poucos descobrindo, nas entrevistas ou nas conversas informais, que eles só se viam ali na praça. As relações de toda aquela gente estavam quase que totalmente restritas aos jogos. Não se visitavam em suas casas, não conheciam as famílias dos companheiros de jogo, não partilhavam outras atividades [...]” (p. 29). Brigeiro (2000) também identificou que os “seus homens velhos” não estendiam suas relações para além dos encontros no shopping e na praça.

Uma forte característica da sociabilidade desses senhores é a completa ausência de contatos com os familiares do membro do grupo. Eles não frequentam a casa um do outro, e mesmo em caso de doenças, raras são as visitas. As relações se dão restritamente no espaço público extradoméstico. Também sequer compartilham outras atividades de entretenimento. Em suma, não mantêm relações fora dos espaços da praça e do *shopping*, preservando esses contatos de qualquer possibilidade de intimidade familiar (BRIGEIRO, 2000, p. 42).

Obviamente, há exceções ao longo do processo, pois a vida é feita de discontinuidades, e não há uma homogeneidade nas relações, até por conta das afinidades pessoais e dos laços que se criam mais com um e menos com outros. Ainda faz-se necessário considerar o que Berger e Luckman (1985) apontam sobre o aparecimento dos significados subjetivos dentro de possíveis padrões que ocorrem nas relações sociais, modificando-os ou tornando-os mais flexíveis. Não podemos esquecer também que, muitas vezes, a sociabilidade masculina se estabelece no plano do espaço público, não se estendendo para o espaço doméstico. E muitas atividades, como comemorações de aniversário, visitas aos lares quando doentes, ligações para saberem se estão bem de saúde ou não, acabam sendo compreendidas como de relação direta com o âmbito caseiro. E aí, os homens velhos se afastam dessas características ligadas ao âmbito privado, doméstico.

Comparando as ações encontradas no Esporte Clube de Malha de Madureira com outros clubes que jogaram com eles, há o testemunho da Laura (única mulher jogadora de malha que jogou com o time de Madureira), que discorreu em sua entrevista que o ato de fazer uma ligação de um para outro muitas vezes soava como algum tipo de controle, e eles evitam fazer isto (pelo menos no clube ao qual ela pertencia). E que quando o marido dela ligava (que fora presidente do Clube IX de Junho, no bairro da Pavuna), alguns ficavam aborrecidos, pois achavam que ele estava querendo controlá-los, querendo saber de suas vidas. Não ficou ninguém doente a ponto de se internar, enquanto ele era presidente, mas ligava assim mesmo por preocupação, segundo ela.

Quando não ia jogar, ele tinha que era preocupação: “Filha, eu vou ligar para fulano e saber que que houve, se houve alguma coisa não é?” Aí ele ligava para saber, que aí ele falava. Teve uma vez que ele falou assim “Poxa, eu vou para de ligar, eu liguei” porque teve uma vez que falou que ele ligava para controlar. Ele falou assim: “não, não liguei por isso. Eu liguei para saber de você, porque você nunca faltou. De repente você faltou. Poxa, tanto desastre, tanta coisa. Eu liguei para saber se você estava bem ou se estava precisando de alguma coisa” (Entrevista Laura, 10 de julho de 2014)

No entanto, quando esse mesmo ex-presidente ficou doente e internado por cinco meses, nenhum jogador de malha foi visitá-lo, não ligavam para saber como estava. Ela disse que ficou muito sentida com o grupo por conta disso, que não esperava tal atitude.

Olha esse contato da malha principalmente, é um contato só momentâneo, é só enquanto você tá ali jogando, praticamente pra dizer a verdade ele não chegou ser um contato extraquadra, não. Então jogou, acabou ali, a gente quase não se vê, porque um mora pra lá, o cara às vezes mora distante um do outro, só no contato mesmo, só no dia que vai se jogar é que tem contato com a vida um com o outro (Entrevista, Laura, 10 julho de 2014).

Nesse contexto, o Esporte Clube de Malha de Madureira tem sua dinâmica própria, não identifiquei que se organizem em rede social com outros grupos ao redor. Alguns anos atrás, o clube de malha até poderia ter tido uma “rede de interação” com outros grupos que também praticam o jogo malha, quando ainda os campeonatos eram muito avivados e se visitavam com frequência. Hoje a prática se resume à vivência do jogo no espaço de Madureira, e eventualmente há alguma comunicação com dois times. Com relação à vizinhança, a mesma coisa acontece: não há uma rede social ligada a ela. Existem contatos pontuais com determinadas pessoas. Por exemplo, tem-se o grupo do futebol que joga ao lado da pista deles e a sede social fica muito próxima da pista. Nunca vi nenhum contato entre eles, nem com ajuda mútua de algo, festividades em comum ou trocas de favores. Os jogadores até comentam negativamente da existência dos jogos de futebol no mesmo horário da malha, pela quantidade de palavrões que eles proferem e muitos dos sócios do clube de malha não gostam de ouvir. São poucos que frequentam o espaço da malha. Não verifiquei esses contatos como rede.

No que diz respeito à participação das famílias nas festividades promovidas pelo Esporte Clube ou no dia a dia dos jogos, esta não acontece. José Carlos informou que chamou sua mulher e filhos várias vezes, mas nunca foram. Só foram assisti-lo quando ele era goleiro do time de futebol que jogava ao lado da pista de malha.

Não, pra não dizer que ela nunca foi, a minha esposa e os meus filhos, foram quando eu jogava bola aí... Ela ia torcer pro goleiro. Aí ia torcer, mas na malha eles nunca tiveram assim, eles nunca gostaram de participar assim não, não que eu não tivesse convidado. Ah, vamos lá na malha que vai ter um torneio e tal? Ah não, de repente eu apareço lá! E não aparecia, mas tudo bem, mas no futebol eles sempre iam. Na maioria das vezes eu defendia (Entrevista com João Carlos, 13 de abril de 2014).

Quando eu jogava bola, aqui, eu costumava trazer meu garoto; que agora vai fazer vinte e nove anos... Pequeninho. Isso aqui, no tempo do Seu Norberto, que era Presidente do futebol ali; o futebol era outro. Tinha seis... Tinha seis times. Acho que eram seis times; e eu fazia parte de um deles, que fui campeão. Não sei se você se lembra do Seu Edevair, pai do Romário. Lembra? (Diário de campo, Bate papo com senhor João Carlos, 13 de abril de 2014)

A família nunca comparecia, em negócio de... No nosso jogo. Não comparecia, era muito difícil. Muito difícil. Eu tiro pela minha. Meu filho nunca se interessou em jogar... Quer dizer. Mas era muito difícil (Diário de campo, Jose, 24 de agosto de 2013).

Um contraste que percebo é com o Clube de Malha Bangu, pois presenciei até festa de aniversário por lá. Foi a comemoração de 80 anos de um dos jogadores. Um bolo foi levado para a pista de malha, pela família do jogador e filhos, netos e genros participaram. Em outros dias de campo que realizei nesta pista, também identifiquei uma das mulheres dos jogadores, que ficou sentada nas cadeiras, vendo os jogos. Outro dia, vi o filho de um dos jogadores levando sua filha de apenas um ano para a pista. Ficaram por lá um bom tempo (ela andando bem à vontade pelo espaço do clube).

Cenas nem tão próximas foram vistas na pista de Madureira, assim como os jogadores relatam que suas mulheres e filhos não se interessam em participar das atividades. É relevante também refletir sobre as diferenças dos ambientes físicos das pistas de malha: a de Bangu é murada, reservada, tem banheiro e água. A de Madureira é totalmente exposta para rua, não tem banheiro e agora tem água. Os jogadores falam que também nunca insistiram muito para suas famílias irem por conta da falta de infraestrutura mínima observada no espaço. Contudo, o jogador Miguel compara esta situação com o clube de futebol da praça que ele também frequenta. Ele diz que lá também as mulheres e famílias não participam das festividades, por vezes só assistem aos jogos. A sociabilidade é eminentemente masculina.⁸⁸

⁸⁸ Como discutirei no capítulo 4, eu vejo este clube de malha como a “casa dos homens”, lugar interdito para as mulheres e famílias por diversos motivos que serão discutidos posteriormente.

Para fora da pista, seja no âmbito doméstico ou público, não presenciei durante esse ano e três meses de campo, nenhum tipo de ida a festas de aniversários, casamentos de filhos, batizados etc. No dia a dia do clube, também não há quase comentários sobre esses assuntos; muitas vezes alguns deles falam que já fizeram o aniversário, mas também não expandem o assunto, falando se comemoraram ou não em família, por exemplo. No clube eles não comemoram os aniversários deles mesmos (como senhor José apontara).

O que tenho de registro do passado é uma foto cedida por um dos jogadores que mostra dois jogadores de malha na comemoração de aniversário de 70 anos do José.⁸⁹ Atrás desta foto, há uma dedicatória “Ao amigo Marcelo, uma lembrança do meu 70º aniversário, assinatura e datado de 28 de agosto de 2009”.



Foto 26- Festa de aniversário de 70 anos de um dos jogadores- ano de 2006

2.5. As representações sobre espaços públicos e privados no Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira

Os assuntos público e privado são recorrentes nas ciências sociais brasileiras, tematizadas por Da Matta (1985), por exemplo. Sua abordagem carrega consigo tanto reflexões do plano simbólico quanto físico, e possui significados variados nas diferentes classes e segmentos sociais (GUEDES; LIMA, 2006).

⁸⁹ Infelizmente, não tive a oportunidade de conversar com senhor José sobre esta foto, quem ele chamou do clube e por quais motivos, por exemplo. Esta foto me foi cedida pelo o jogador que o recebeu do senhor José.

Como destacado anteriormente, a pista de malha foi sendo construída paulatinamente pelos próprios jogadores em uma praça pública do subúrbio carioca. Pouco a pouco foram se apropriando de uma região comum a todos os moradores do bairro e avançando na direção de delimitar a área onde o jogo poderia acontecer. Segundo os jogadores que atualmente fazem parte do clube e que conheceram os primeiros organizadores dos jogos, esses perceberam a possibilidade de usar um canto na praça onde pudessem colocar os dois pinos de madeira, um em cada extremidade a uma distância x um do outro e lançar as malhas sextavadas. Era um espaço na praça que não tinha, a princípio, nenhum uso coletivo, estava à mercê; era algo vazio, sem uso aparente. Tudo isto foi acontecendo de maneira solidária dentro do grupo; mas sem perguntas para a vizinhança sobre uma possível ou suposta apropriação privada de um local que seria teoricamente para todos. Os sócios mais antigos dizem que não presenciaram nenhum questionamento, seja por parte da vizinhança ou de entidades locais, tipo Associação de Moradores.

Segue abaixo um “olhar de fora” sobre o início do jogo de malha na pista, realizada pelo dono do bar que está nesta função a seis anos, mas conhece este canto de Madureira há 64 anos.

Era um pauzinho e areia mesmo, colocava um pauzinho lá, outro ali, e jogava ali naquele pedaço, aquela bordinha, e jogava ali, ainda não era esse pessoal que está aqui não, vinha chegando um ou outro, outros saiam, depois eles lutaram pra conseguir isso aqui, teve um moço branquinho que foi alguma coisa aqui durante um tempo, ele trabalhou muito [refere-se ao Carlito]. (Entrevista Daniel, 24 de junho de 2014).

Por outro lado, Carlito, ex-presidente do clube e que foi responsável posteriormente pela interlocução com a prefeitura, contou-me em sua entrevista que tinha consciência da privatização do espaço e que gradualmente foram invadindo o terreno público (termo utilizado por ele) à medida que ninguém reclamava. No período que ficou no cargo (em torno de cinco anos), ele nunca viu ninguém questionar o fechamento da pista, nem comerciantes locais, vizinhos, usuários da praça ou fiscais da prefeitura, por exemplo. Destaca, ainda, que nos anos 2000, com a intervenção da prefeitura fazendo obras na Praça do Patriarca, a princípio houve certa relutância por parte de alguns sócios do clube, pois a praça era um local público e fechá-la para a prática do jogo seria uma maneira indireta de torná-la particular. Porém, a maioria dos jogadores não teve esta postura, visto que já

vinham executando ações no espaço de forma sorrateira, por iniciativa própria, com esse caráter privativo.

Não era mais um assunto para eles, os olhares aparentemente se encontravam naturalizados para este ponto; como ninguém da vizinhança reclamou, continuaram sua jornada em busca de cada vez mais terreno para a organização da pista e, conseqüentemente, do Clube. Com a obra da prefeitura em diálogo com o grupo de sócios, houve uma legitimação outorgada por ela, não ocorrendo mais dentro do próprio clube diferenças de posicionamentos sobre o fechamento do espaço para o jogo de malha, até porque se fez também para o campo de futebol que ficava ao lado. Contudo, após o final das obras e com o uso sistemático do lugar, o clube foi percebendo a necessidade de fazer algumas importantes modificações na paisagem urbana, em prol de melhorias do usufruto para praticar o jogo de malha. Fizeram as mudanças necessárias sem dialogar com o órgão público, sem saber se podiam ou não realizar tais alterações. Por exemplo: tiraram os bancos que estavam fixados do lado de fora da pista de malha e os colocaram chumbados, por conta própria, dentro da área de convivência. Gradearam toda essa área e instalaram um portão com cadeado.

Só que nós resolvemos fazer o seguinte. Bem antes de acabar com o caramanchão, nós passamos esses dois bancos que estavam do lado de fora da pista, aqui para dentro, para que as pessoas pudessem ficar sentadas aqui, assistindo o jogo melhor. Fomos nós quem fizemos isto. Esses bancos foram instalados do lado de fora pela prefeitura. Aí, chumbamos eles aqui dentro, pra ter mais garantia da durabilidade dos bancos, né? E ficou esses bancos aqui, por dentro, conosco. Entendeu? Do momento que colocamos para dentro, conseguimos preservá-los. Os que ficaram de fora quebraram (Diário de campo, fala do José, 24 de agosto de 2013).

Interessante perceber, no discurso de um dos sócios, que mesmo intervindo diretamente na paisagem urbana local para aquilo que lhes convinha, de certa forma, na sua visão, eles contribuíram com a preservação do lugar e dos objetos do espaço público. Em uma análise superficial, poder-se-ia apontar que houve uma ação naturalizada dos sócios do clube sobre a privatização do espaço público, sem questionamentos acerca destas linhas tênues que se inter cruzam. Todavia, acredito que houve uma forma de empoderamento por conta do agenciamento criado pelo clube, ou por alguns dos seus membros, no sentido de perseguir determinados projetos que estariam no campo de tensão entre o que seria público e/ou privado. Acredito que os grupos estão embebidos em processos sociais que produzem e reproduzem certas

coerções; porém as pessoas podem ter consciência e perspicácia para pensar e executar ações que não se adequam àquilo que se vê como algo hegemônico (ORTNER, 2007).

Logo, temos o espaço do jogo como público, mas privatizado no seu uso. A forma de ocupação ocorre exatamente ligada aos limites desses territórios (SOUZA, 2003) e imbrincados com o direito de permanecer no local para jogar o jogo somente aqueles que pagavam as mensalidades cobrados pelo clube de malha. Houve ali uma forma de apropriação do local de uso coletivo, com o intuito de ser um exercício de experiência processual de determinado grupo de moradores do bairro, com o objetivo de gerar um lugar para o lazer com significados importantes no que diz respeito à própria noção de apropriação do espaço (SANTOS;VOGEL, 1985).

São responsáveis pelas chaves os representantes legais do Esporte Clube Malha Patriarca de Madureira, como o diretor e o tesoureiro, assim como o jogador mais antigo do clube, e eventualmente, o morador de rua que viveu por alguns meses por lá e o dono do bar que usava o espaço para promover eventos. Estes dois últimos casos não ocorreram sem estresse e serão explanados mais à frente neste trabalho.

Houve tensões nas relações de poder entre a prefeitura e o clube de malha; as transformações na pista não ocorreram de maneira extremamente amistosa. Como aponta Simmel (2006a), há conflitos de disputa nos espaços públicos; acontecem negociações para o uso do mesmo. Foi possível identificar essa situação na fala do ex-presidente Carlito, que também era delegado aposentado, enfatizando em sua entrevista as sucessivas investidas que fez junto à Secretaria de Esporte e Lazer da Prefeitura do Rio de Janeiro para conseguir melhorias para a pista de malha. Frisou que não tinha realizado isto sozinho; que o presidente da Federação de Malha do Estado do Rio de Janeiro da época o acompanhava na empreitada. Deslocaram-se várias vezes para aquele local, para “pedir pelo clube de malha”; levavam fotos da pista, dos outros clubes envolvidos e da quantidade de pessoas que a atividade movimentava. Ele acreditava que isto tivesse chamado atenção dos políticos naquele momento, por conta da possibilidade da arrecadação de votos – estavam em época de eleição.

Ao mesmo tempo, sabe-se que de 1996 até o início dos anos 2000, o jogo de malha viveu um momento áureo na Praça do Patriarca, com participação intensa tanto dos jogadores, dos clubes de fora (outros bairros e cidades) quanto de expectadores. Contudo, como sabemos que estas relações entre poder público e comunidade nem sempre sanaram as necessidades concretas de quem vive o dia a dia do bairro; muitas coisas foram realizadas à revelia do que a comunidade desejava. Por exemplo, do ponto

de vista do clube, alguns pedidos, que não foram atendidos, eram perfeitamente passíveis de ser realizados: colocação de pontos de luz e de água, construção de banheiro e cobertura da pista. Mesmo com as conquistas que obtiveram na interlocução com a prefeitura – como por exemplo, os engenheiros terem projetado e construído a pista com medidas sugeridas por ele –, até os dias de hoje reclamam e se reportam ao descaso da prefeitura com relação a seus outros “pedidos”.

Nesses termos, instalaram-se na pista construída pelo poder público e por lá permaneceram entre 2001 e 2012, sem cobertura, banheiro, pontos de água ou luz. Receberam grupos, fizeram campeonatos, organizaram churrascos de fim de ano e concomitantemente, acompanharam a queda do número de sócios do clube. A cobertura da pista de malha ocorreu em 2012, após terem participado de uma reunião convocada por um ex-policiaI aposentado que trabalha para um deputado estadual da região, que no período de eleição “prometeu a cobertura da quadra”, com a troca “velada” de votos. Tudo ocorreu de acordo com os planos da engenharia da prefeitura; eles não foram consultados sobre como deveria ser a cobertura da pista. Não gostaram da maneira como foi realizada, pois quando chove com um pouco mais de intensidade, entra água na pista.

No entanto, a nova configuração da raia de malha e do espaço de convivência lhes trouxe alguns contratemplos, que acho que eles mesmos não previam. O primeiro deles foi a entrada de moradores de rua para dormir no espaço; abriam buracos no alambrado para entrar no local e levavam colchão, roupa de cama, comidas e pertences pessoais. Quando os jogadores chegavam pela manhã para jogar, estava tudo espalhado pelos cantos, na área de convivência. Durante um período tiveram como “inquilino” o morador de rua Jatobá, cuja identidade para eles era “um mal necessário”. Com o tempo, o tesoureiro do clube passou a pagar para ele o valor de 10,00 reais por semana para os serviços que acabava fazendo no local: molhava e podava plantas, fechava os buracos do alambrado, limpava e fazia manutenção da pista de malha e da área de convivência, e de certa forma “tomava conta” para que outros não entrassem no local. Com sua estada por lá, houve a entrada do ponto de luz, pois ele tinha uma televisão pequena que usava com frequência, e também conseguiu um ponto da água, por exemplo, para lavar mãos e fazer pequenas refeições. Nestes quesitos, teve ajuda do comerciante do bar em frente à pista de malha, que já demonstrava interesse no uso da área também (Diário de campo, 03 de novembro de 2013). Contudo, com o passar do tempo, o morador de rua começou a abandonar o espaço, indo dormir em outro local,

deixando o portão aberto. Com o vulto que esta situação começou a tomar, resolveram mudar a conduta com ele, pagando os R\$ 10,00 reais somente aos domingos para estimulá-lo a não abandonar a pista aos sábados. Mas, não deu certo, ele começou a sumir do local.

Marcelo disse que tinha ido lá para pagar o morador de rua que dorme por lá. Pelo fato de ele estar abandonando o espaço e não tomar conta da maneira como querem, iria passar a pagar no domingo, para não gastar com bebida ou outras coisas aos sábados e não aparecer no domingo (Diário de campo, dia 17 de novembro de 2013).

Esse morador de rua viveu alguns meses na área do clube de malha, não sei precisar quanto tempo, mas uma situação ocorrida entre ele e um frequentador do clube de malha o fez não ser mais desejado ali dentro e isso acabou afastando-o do local. Jatobá foi acusado de roubar uma pochete de um dos frequentadores da pista de malha.

O sócio-jogador Januário entrou na pista logo cedo e perguntou sobre a pochete do seu irmão, que provavelmente tinha ficado de sábado para domingo lá. Seu irmão é o Vinicius que mora quase em frente à pista de malha, sempre passa por lá, entra, bate um papo, mas não é nem sócio atleta e nem sócio-contribuinte. O Mário disse que viu a pochete dentro da área de convivência e logo que chegou perguntou a Jatobá de quem era. Jatobá disse que era sua e o Mário não desconfiou de nada, acreditou no que ele disse. Januário disse que ia falar com irmão para saber mais detalhes. Logo que saiu começou a reflexão entre os sócios João Carlos, Mario e Marcelo sobre Jatobá e de ser um “mal necessário” dentro do clube de malha. Conversam entre si, que iriam dar “uma dura nele”, que tá na hora de colocar ele para fora, e ver como fazer. Nesse meio tempo, chegou Guilherme, frequentador da pista, e também entrou nesta discussão. O sócio Januário que deu falta da carteira do irmão entra e vasculha nas coisas do senhor Jatobá (sem ele estar lá), vê a pochete com todos os pertencentes dentro. Ficou furioso, pois disse que não tinha uma pessoa confiável entre eles, ainda apontou que o Mário, presidente do Clube, foi muito ingênuo em não ter percebido a farsa dele (como ele poderia ter uma pochete tão cheia assim de coisas) (Diário de campo, 17 de novembro de 2013).

Posteriormente ao Jatobá, outro morador de rua se instalou dentro da área de convivência, mas ficou poucos dias. Desde este último, nenhum mais fixou moradia por lá. Com este caso, os sócios do clube de malha perceberam que seu *pedaço* passou a ficar mais atraente para algumas pessoas da vizinhança. Até porque, faz-se importante recordar que o clube só funciona aos sábados e domingos pela manhã, restando as tardes e noites de fim de semana, assim como todos os outros dias, em diferentes horários desocupados. Nesse contexto, apareceu um interesse econômico de um comerciante que possui um bar na frente da pista. Um dos sócios jogadores que frequenta mais os bares

ao redor da praça, e também o clube de futebol local, disse-me que Daniel, dono do bar, o pediu para intermediar junto ao Clube a possibilidade de usar a área de convivência para fazer churrascos e festas particulares lá, como se fosse uma extensão do bar.

Perguntei como foi esta aproximação do Daniel com eles, para pegar a chave. João Carlos não sabe ao certo ou não quer explicar isto. Na realidade ele disse que Miguel intermediou isto e falou com ele que o Daniel queria usar a parte de dentro, sem a pista, pra fazer reuniões. E assim começou, mas aí, as pessoas começaram a invadir a pista. Aí, João Carlos disse que o Miguel ao invés de dar o retorno para o Daniel, pediu a ele que intervisse. Ele disse que ficou chato, pois na concepção dele o jogou contra o dono do bar. Nesta situação ele reforça que o presidente do clube é fraco para comandar, por isso também isto tá assim... uma bagunça. Por outro lado, João Carlos admite que o Daniel, usando o espaço, os ajudava retirando os moradores de rua do local ou tomando conta daqueles que já tinha invadido o espaço (Diário de campo, fala João Carlos, dia 28 de junho de 2014).

O clube, no sentido de continuar tendo “a política da boa vizinhança” (mesmo alguns sendo veemente contra), deu uma cópia da chave para Daniel e cedeu o uso somente da área de convivência; a pista não poderia ser usada, por conta do dano que iria acometê-la e são os próprios sócios que a mantêm. No entanto, com o tempo de uso, as festividades foram se esparramando para dentro da pista de malha. Quando chegavam pela manhã para jogar malha, a pista continha cadeiras, mesas, churrasqueira; a área de convivência estava com copos, restos de comidas, manchada de cerveja, danificada.

Na área de convivência, tinha uma mesa vermelha com quatro cadeiras (que tem ficado lá dentro da pista direto, com uma garrafa de cerveja, em cima). No chão, latas de garrafa de água e de refrigerante, sacos plásticos e marmita (ao redor sujo). Em cima do toco de árvore tinha outra garrafa de cerveja, com copo em cima da boca, dentro de vasilhame que esfria a cerveja. João Carlos e Márcio colocaram o lixo principal da pista dentro de sacos plásticos (Diário de campo, dia 21 de junho de 2014).

Esta situação foi ficando cada vez mais vultosa com o passar do tempo, e a tensão dentro do próprio grupo foi aumentando na mesma proporção. Durante muitos dias de campo, presenciei os sócios dialogando como iam enfrentar esta situação e que ações poderiam tomar para finalizar este tipo de cessão do espaço. O problema, para eles, era a noção de que o comerciante estava desrespeitando o que havia sido combinado; estava usando a pista de malha. Abaixo, discorro sobre um desses dias de preocupação, mas com a participação do comerciante (fora chamado para discutir a questão).

Em determinado dia, aconteceu um bate papo no final de um dia de partida sobre o uso do espaço da pista e chamaram o comerciante para conversar. Estavam presentes quatro sócios jogadores: mais antigo do grupo (João Carlos), o tesoureiro (Marcelo), o presidente (Mario) e um sócio menos assíduo, mas que intermediou o pedido do comerciante em usar o espaço, Miguel e um sócio-contribuinte, Sandro. João Luiz (mais antigo): “A pista tá cheia de marca, cheia de buraco. Cheia de cadeira, de mesa, bota churrasqueira aqui dentro, pera ai, né, se aqui tem comando, este comando tem que agir, pô? Ai eu vou falar com ele, ele pergunta: quem é o presidente? Então manda o Mario vir falar comigo. Eu mando tu falar e tu tem medo, pô?! Sandro, sócio-contribuinte “ O presidente tem que falar, ele quem tem que falar”. João Luiz – Pô, já falou com ele? Pô, isso gasta dinheiro! Não é brincadeira, não! Se continuar esta bagunça aqui, eu vou embora! Sandro: “Se você sair daqui, isso aqui acaba, você faz falta. Se você sair, eu saio também”. Mas ele botou a mesa ontem?” O sócio menos assíduo, mas que fez a intermediação com o comerciante, diz: Ele disse que botou ontem aí”. O Marcelo inflama: “O Melhor solução é trocar o cadeado” O que intermediou: “ Se trocar o cadeado, é guerra. Sabe o que vai acontecer? Vão arrebentar a tela” Sandro: “: não!”, Vão arrebentar a tela, falou junto com Miguel. Tem que conversar numa boa... não foi este o combinado...O mais antigo do grupo: “Tem este rapaz que dorme aqui, cuida daqui direitinho. Tem que dar um puxada de orelha nele, para se enquadrar. Mas que tampa os buracos são ele. Ele até pega o arame e fecha isto aqui. O mais antigo: “Mas por que não está cumprindo com o que prometeu? Sócio-contribuinte e o intermediador: “ Tem que discutir, tem que conversar. Conversando que se entende, né?(eu perguntei se queriam que eu sáísse, em coro disseram: Não! Intermediador: “Você não está participando de tudo? Então você tem que participar... Joao Luiz: “Você faz parte do nosso conceito.” Miguel disse: “Mas se tiver palavrão, você vai ter que ouvir... (rindo). Eu disse que eu era maior de idade... e todos riram! O presidente, após ouvir as falas sobre o assunto e também sobre ele, fala:” “Nós temos este problema e ele tem que ser resolvido hoje. Ou ele vai sair daqui, ou vai permanecer. O comerciante entra dentro da pista. Presidente do clube falando direto para o comerciante local: Tô encontrando churrasqueira aqui dentro... mesa... cadeira... tá tudo marcado. Então, estamos aqui para decidir este problema. Ai, surgiram os problemas da plantas (a área de convivência cheia de plantas externas). Comerciante: “Olha só vou falar uma coisa para você. Você é homem, todo mundo é homem, isto aqui não é meu (referindo-se às flores). João Carlos: “A gente não quer que você saia.” Comerciante “a minha intenção é até de ajudar, mas se estou errado... beleza.. então... João Luiz: “a gente não quer que você saia, a gente só não quer que use a pista. Comerciante: “Mas isto que você estão falando, eu falei para vocês, se tivesse algum problema que chegasse para mim e falasse. Presidente: “Então é o seguinte. Eu moro longe, todo mundo mora por aqui. Todo mundo aqui te conhece, então porque que só sugerem que só o presidente que tem que resolver??? Não, todo mundo mora por aqui.... Chega aqui e conversa com você. (ai começou cada um falando sua ideia sobre isto). Você bota o dedo na minha cara (falou para o João Carlos) que você é o presidente, todos nós aqui somos iguais, todo mundo tá sabendo... e fala com ele direto... O presidente para o comerciante: “se continuar a situação, eu moro longe, eu não tenho com ver... só passam para mim... eu só recebo notícias...a sua situação... quando eu vir, vou falar com ele... já falei com eles também.. por que se continuar assim, é melhor eu me afastar...O sócio pouco assíduo que intermediou a entrada do comerciante no local, voltando a tentar intermediar: “O que é que ele falou? É a mesa que está incomodando??? Se é a mesa que está incomodando, ele já disse que tira mesa, encerrado o assunto, não tem mais nada o que falar. Encerrado o assunto” Presidente: “Se você combinou, você pode continuar. Tá entendendo? Eu só quero que todo mundo me ajude. Você não quer chegar para falar com ele, você quer que eu chegue para falar. Ai começou uma discussão interna do grupo na frente do comerciante, que já não tinha mais

haver com o uso do espaço, mas sim das divisões internas de tarefas e como cada um deveria agir dentro do grupo. Comerciante: “Se o senhor vir alguma coisa errada, o senhor pode vir falar comigo. Tem que aproveitar este rapaz que está aqui, botar na rua não adianta. Não é isto? Tesoureiro: “O problema todo aqui, é esta mesa aqui. Comerciante: “um ajudando o outro, vocês me ajudando e eu ajudando vocês... Ele sai daqui (morador de rua) fica duas semanas fora, deixa tudo aberto ai, ai eu vou e fecho. Tá tudo resolvido, então? Todos concordaram que sim. Começaram a falar da função do presidente: vão falar disto de novo??? O intermediador falou. Despediram-se do comerciante (Diário de campo, 20 de outubro de 2013).

No contraponto, em entrevista realizada com o dono do bar (Daniel),⁹⁰ este destacou que sempre ajudou os sócios do clube, tirando os mendigos de dentro da pista, que urinavam no local e deixavam restos de comida. Ele tem a posse das chaves há uns seis meses, mais ou menos desde novembro de 2014, e aí começaram a retirar os mendigos de dentro da pista. Além disso, essas pessoas também o incomodavam pessoalmente, pois urinavam no jardim que havia construído na calçada em frente à pista, que era um lugar onde as pessoas jogavam muito lixo anteriormente. Disse-me que os sócios se esquecem de quanto ele ajuda naquele local; que só reclamam dele e de como se utiliza do espaço da pista.

Eles [os mendigos] entravam pelos buracos, arrebentavam só que a gente acaba até errando de vez em quando, né? Chegava de manhã e estavam tudo deitados, eu vinha com balde de água, ia lá, jogava água em todo mundo, aí não queriam ser incomodado, aí acabava que foram desse jeito que eles foram embora. Entendeu? E aí tu faz um monte de coisa, e depois tu vê, não vê recompensa nenhuma deles, eles não estão satisfeitos com nada, sabe? Pra se queixar com o outro rapaz que eu fiz isso ou aquilo, não estão satisfeitos com nada, porque não me chamou e falou comigo? Olha, dá pro senhor fazer assim, ou assim?” Isso não é meu, e outra coisa que me aborreceu muito, foi dizer que eu alugo, sabe? Me consulta direto, se eu faço isso. Entendeu? (Entrevista, Daniel, junho de 2014).

Estava particularmente aborrecido com o grupo, pois um deles fez queixa dele para um homem que trabalha para a prefeitura e que “toma conta” daquele local em Madureira e conhece todo mundo. Ele acha que eles deveriam ter ido falar diretamente com ele, como já acontecera em outros momentos. Daniel percebeu que muitos dos jogadores não moravam próximos à praça, que durante a semana ninguém tomava conta do lugar e, por conta disto, durante a semana o espaço ficava abandonado e os mendigos começaram a fazer muita bagunça. De tanto ver aquela situação, ele resolveu acabar

⁹⁰ A entrevista foi realizada em um dia de semana, dentro da pista de malha, na semana subsequente a certo desentendimento entre ele e os sócios, pois um deles foi reclamar do comerciante para um funcionário da prefeitura que conhece todo mundo no local. Esse foi até ao comerciante para falar que o pessoal da malha estava reclamando que ele estava usando a pista para fins comerciais. O comerciante, no dia da entrevista, demonstrava estar bastante irritado com o ocorrido, mas não se furtou em me conceder a entrevista e falar sobre o assunto.

com a entrada dos mendigos no local. Ele afirma que quando os sócios perceberam, deram a chave para ele “porque eles viram que não tinha jeito, me deram pela condição que eles estavam sós, que aí eu acabei com aquele problema, e eu acho que eles já esqueceram” (Entrevista, Daniel, 24 de junho de 2014).

Contrastando os discursos e as diferentes formas de interpretar a mesma situação, o comerciante em nenhum momento apontou que fez a intermediação para ter acesso à chave através de um dos sócios (como os sócios apontaram em suas falas). Por outro lado, os sócios por sua vez não enalteciram esta iniciativa que o comerciante teve de retirar os mendigos de dentro da pista e de uma possível grande ajuda realizada. Um reclama do outro, a partir dos seus pontos de referência, dos seus interesses e necessidades. Geertz (1978) nos ajuda a refletir sobre essas diferenças de posicionamentos, quando identifica que há vários indivíduos dentro da mesma cultura e que é necessário irmos além das etiquetas enganadoras, para identificarmos a interpretações que cada um formula a partir dos seus pontos de vista. A cultura aparece como um contexto “[...] algo dentro do qual eles podem se descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade” (GEERTZ, 1978, p. 24).

Segue-se a percepção do comerciante sobre a reclamação que recebera obre o uso inadequado do espaço.

Ele me chamou, o dono do Clube Brasil Novo: “Poxa, tenho uma queixa pra fazer pra você, fizeram uma queixa contra você, que você está, deixa eu lembrar o termo, que você aluga aquilo lá, mas bota cadeiras, está botando cadeiras na pista e está marcando a pista toda” O dono do bar disse: “Então vou fazer o seguinte contigo, se queixaram a você, é porque você é o cara que resolve as coisas, toma a chave. E dei a chave a ele. Tá? Aí vim embora, fiquei muito aborrecido, vim embora. Dias depois, o cara que trabalha na administração da prefeitura que “manda” neste dono do Clube Brasil novo, que é responsável, veio aqui e falou: “Não, não faz isso comigo não, rapaz, toma a chave, não faz isso não, ele não soube falar contigo, que não sei o que. Rapaz, eu lembro a bagunça que era, eu tinha que mandar ônibus de manhã e ônibus de tarde pra tirar os mendigos, pra fazer isso e fazer aquilo, e aquilo ali era uma fedentina, mandava carro pra tirar os mendigos pra fazer isso, e fazer aquilo, e poxa, aí era uma fedentina, mandava carro pra limpeza, daqui a pouco estavam ligando pra lá. Você ajeitou isso, não faz isso comigo não, me ajuda, faz isso não!”. Eu acabei ficando com a chave de novo, mas eu quase entreguei, e estou com vontade de entregar porque me aborreceu muito pelas coisas que eu tenho certeza que eu fiz, eles já esqueceram tudo. Eles já esqueceram que os caras chegavam aqui, e os caras estavam deitados ali fedendo, defecava aí mesmo, mijavam aí mesmo, sabe? Os caras da malha já esqueceram tudo, e o que eu faço? Eu posso te dizer que eu não tenho nada a esconder não, a vantagem que eu tenho nisso, o pessoal quando está chovendo alguma coisa, fica aqui tomando uma cerveja do bar, eu não alugo nada, eu ganho um trocado com isso (Entrevista Daniel, dia 24 de junho de 2014).

Até o final do meu campo, em agosto de 2014, essa certa desarmonia de ações ainda acontecia: os sócios reclamando muito da conduta não correta do comerciante, por não cumprir o acordo; e o comerciante se colocando que está “aberto” ao diálogo, mas que eles devem vir conversar com ele primeiramente⁹¹. Interessante destacar que, mesmo com problemas de relacionamento no uso do espaço público, o dono do bar acredita que o fechamento do espaço foi a melhor opção e que de alguma maneira aquele espaço está ligado diretamente ao grupo de malha.

Eu acho que tem que ser, porque se não for, vai ser uma bagunça, sabe? Eu vou dizer pra você, eu deixei aberto, eu vim fazer o que? A, bola, eu deixo aberto porque os garotos jogam bola, aí a bola cai aqui, e aí pra eles não subirem ali na grade, eu deixo aberto pra eles entrarem e apanharem a bola pra evitar, mas aí a noite eu fecho. Tá vendo aquela bola? Dali a pouco a bola vai cair aqui, e aí eles sobem, vai lá por cima. Aí eu deixo aberto que daí eles entram, é isso que eu faço. Dou água ali, se eles querem água, mas eu acho que tem que ser fechado, se não os mendigos entram e fazem moradia, fazem uma bagunça, e deixa tudo sujo, entendeu? Tem que ser fechado mesmo (Entrevista, Daniel, dia 24 de junho de 2014).

Entretanto, em nenhum momento em sua entrevista problematizou a questão do uso econômico que faz daquele espaço. Infiro que, na sua concepção usar o local onde o clube de malha acontece, é a mesma coisa que estender uma lona, como outros barraqueiros fazem em dias de festa na Praça do Patriarca; não há diferenças. Por isso não vê problemas em ganhar dinheiro com isto; outros também o fazem de maneiras diferentes.

Eu não vou nunca tirar ninguém daqui, nunca vou querer tomar nada dos outros eu entrego a chaves a eles, e boto a lona ali e fico ali do lado de fora entendeu? Aí, mas mesmo assim eu tomo conta da malha, dizem que eu tomei conta da malha, eu não quero nada, me aborreceu muito quando eles falaram que eu estava cobrando os outros pra fazer festa, eu fiquei muito aborrecido (Entrevista Daniel, dia 24 de junho de 2014).

A abertura do uso da área do clube de malha para festas e usos com bebidas alcoólicas (que é algo proibido no dia a dia dos jogos) também chamou atenção de

⁹¹ Quando estive em setembro de 2015 no campo, soube por um dos sócios que o comerciante não utilizava mais o espaço. Que ele dera o sumiço no cadeado e os sócios compraram outro e não foi dada uma nova chave ao Daniel, e ficou por assim mesmo. Não tive oportunidade de aprofundar tal questão, mas era notória a limpeza na qual se encontrava área de convivência, sem vestígios de bebidas alcoólicas, comidas, mesas, e marcação na pista de malha. Porém, havia um buraco enorme no alambrado e roupas de pessoas que possivelmente estão dormindo ali. Tinha dentro da área de convivência um monte de material para tampar o buraco, perguntei para dois sócios diferentes quem tinha dado aquele material: um disse que foi o comerciante quem cedeu; o outro me disse que foi o dono do Clube Brasil Novo. Enfim, não houve entre eles um mesmo tipo de opinião, mas também não tive “tempo” para conseguir aprofundar (Diário de campo, dia 26 de setembro de 2015).

peessoas que os conhecem ou têm algum tipo de relação com eles. A atendente da padaria, Norma, que serve os “jogadores velhotes da malha” (termo usado por ela) em sua entrevista, me disse que desde mais ou menos fevereiro de 2014 observa que tem havido festas (no entendimento dela) dentro da pista. Mesas e cadeiras espalhadas em cima da raia de malha, com bebidas, som alto e muitas pessoas dentro dela. Por ver tais situações ocorrendo com certa frequência na pista, e por conta do contato que estabelecera com os jogadores do clube, sentiu-se à vontade de pedir emprestado o espaço do clube de malha para realizar sua comemoração de aniversário. Ela consultou um dos jogadores que frequenta a padaria e ele disse que não; isto não era permitido lá dentro, mas também não explicou os motivos para ela.

Já pedi pra ele, pensei que podia, aí ele falou pra mim que não podia. Mas, uns meses atrás, eu vi uma festa aqui dentro, e vira e mexe tem festa aqui, porque acho que o moço, dono daquele bar, ele fica com a chave, eu não sei se eles sabem, os jogadores velhotes da malha sabem, mas que tem, tem. Estava cheio de mesas espalhadas e tal, eu até comentei: -“Engraçado, eu pedi pra mim fazer e não deixaram”. Aí me falaram: - “Ah, mas quem fica com a chave agora, quem tem a chave dali de dentro é o Daniel, o dono do bar” (Entrevista Marília, dia 24 junho de 2014).

Nesses termos, é possível identificar que a atendente naturalizou que aquele espaço tem dono e são os do clube de malha; em nenhum momento da sua entrevista refletiu sobre isto no sentido de apontar que ela também teria algum direito de usar o local por ser supostamente um espaço de uma praça pública. Porém, o que a fez questionar foi o fato de alguns poderem e outros, não. Contudo, não houve prosseguimento das reflexões, ela optou em não se importar com o fato. Tem noção do que acontece na pista no horário da noite, pois ao final do seu expediente, ela fica com seu filho pelos arredores da praça e consegue ver essas situações ocorrendo com frequência. Não fiz campo no horário da noite na Praça do Patriarca. Minha interpretação sobre os dados construídos sobre este caso específico foi realizada a partir das falas do cotidiano da etnografia, das entrevistas realizadas com as pessoas envolvidas e também aquelas que supostamente de “fora” observavam e produziam conhecimento sobre o assunto.

A fala da atendente da padaria é mais uma que trouxe questões para dentro do clube sobre a privatização do espaço realizado pelos jogadores, e posteriormente outras leituras que estavam sendo realizadas pela vizinhança, sobre a tensão entre público e

privado e que nem eles mesmos estavam se dando conta. A partir do momento em que outras pessoas passaram a frequentar tal espaço, chamou atenção, de certa forma, da vizinhança. Esta postulada solidez de que o clube é o único a poder usufruir do espaço passa a ser questionável pelos outros, mas, ao mesmo tempo, estas mesmas pessoas dialogam com o clube no sentido de respeitar aquele território como sendo deles, pedindo-lhes para fazer festas e usar para fins comerciais. Não há uma invasão do espaço de maneira arbitrária, há toda uma negociação para seu uso. Por outro lado, os sócios do clube entendem que se faz necessário “ceder” a alguns pedidos, pois isto contribui nas relações com a vizinhança, diminuindo as invasões dentro do *pedaço* deles.

A privatização do espaço trouxe para dentro do clube outras formas de relação entre os jogadores de malha e os que ficavam de fora assistindo. Tenho a impressão de que, quanto mais eles foram formalizando o espaço, acabaram se afastando corporalmente das pessoas. No início, tanto aqueles assistiam quanto os que esperavam a vez para jogar ficavam muito próximos (como nas fotos do capítulo 2). Depois de colocado o alambrado lateral, para que pudessem assistir melhor o jogo, com mais conforto, tinham que subir nos bancos para colocar a cabeça para dentro da pista ou ficar olhando pelo buraco do alambrado (Diário de campo, 01 de setembro de 2013).

Posteriormente, com a obra da prefeitura, o nível da pista ficou mais alto que o da calçada e, para verem com mais nitidez, sem o alambrado na frente, precisavam entrar na área de jogo. Como há um portão e um cadeado, que é aberto em dias de jogos, entendo que esta configuração causou certo distanciamento das pessoas, pelo menos de maneira mais espontânea para entrar e sentar com o intuito de assistir aos jogos de malha. Com as obras, criou-se um estilo de proteção da pista, como se fosse uma gaiola⁹².

Eu preferia quando era embaixo, mais baixo entendeu. Porque dava mais visão, agora, nesse estilo assim, tá meio, é meio embasado pra pessoa ver, tudo que moderniza muito, acaba saindo do gosto da pessoa. É por causa disso aí, da malha, do futebol, modernizou o campo também, começou a faltar torcida, porque tinha muita torcida (Entrevista Miguel, 13 abril de 2014).

Você tá aqui, mas você não vê mais lá, e quando era aberto, era tudo baixinho, e a cerca de arame, cerquinha de arame, então você via tudo aí, juntava gente pra caramba aqui, muita gente mesmo. Agora não, agora não

⁹² Termo usado por um dos jogadores, pois é a forma como ele vê a pista de malha.

tem ninguém, é difícil juntar aqui pra ver a gente jogar malha (Entrevista Arthur, 24 de outubro de 2013).

Acredito que muitos não se sintam confortáveis para entrar sem serem convidados. Nos dias de hoje, alguns passam, olham, como uma vitrine; outros param com maior interesse, mas, pelo que presenciei, “precisam” ser convidados a entrar. Esta concepção, do jogo de malha ser uma atividade pública de só um sexo, sendo o outro excluído de maneira total ou de certa maneira não aceito ou estimulado a participar, me trouxe a ideia de ser ali um palco de apresentações de uma masculinidade disputada em espaços públicos e que, para tal, é preciso ter expectadores. “Um senhor ficou olhando pela grade e aí eu perguntei para o João Carlos e Marcelo se eles o conheciam, se ele queria jogar”; aí Marcelo disse: “É só um expectador”. Só os iluminados jogam, e uma grande vitrine (Diário de campo, dia 03 de novembro de 2013). Sugiro, assim como Foote Whyte (2005), que a posição que um homem possui em relação aos outros também influencia na diferenciação social interna. Isto de certa maneira acontecia tanto neste “palco” com expectadores circulantes, assim como com os grupos de malha que jogavam entre si com alguma frequência: Bangu e Cosmo, especialmente o primeiro. Este sentimento acaba se alastrando para condições exteriores ao próprio momento de jogo – isto é, o jogador ganha prestígio em relação ao seu grupo social pelo ato feito durante a partida; se houver público, ele almeja a admiração pelo seu desempenho (HUIZINGA, 1980).

Esta passagem do campo lembrou-me as brigas de galo em Bali, efetuando-se as devidas mediações. Assim como em Bali, a briga de galos se apresenta como uma possibilidade de “[...] uma leitura balinesa da experiência balinesa, uma estória sobre eles e eles contam a si mesmos” (GEERTZ, 1978, p. 316). São reflexões que acometem os assuntos de violência, de uso da força, sobre aparência. No campo do jogo da malha, há certa apresentação onde os atores ali em cena, mesmo que não tendo consciência clara sobre tal ação, se mostram para o público, com o interesse de receber louros e também provocações que aumentem seus *status* perante o grupo e que alimente o *ethos*⁹³ de ser jogador de malha naquele contexto.

Identifiquei, com a etnografia realizada ao longo de um ano e um mês, que a maioria dos homens que ficavam do lado de fora do alambrado, dividiam-se em três tipos: 1) já fizeram parte do clube; 2) possuem uma história anterior com o jogo

⁹³ Tratarei deste assunto no capítulo 4.

de malha, em alguma fase da vida, seja assistindo ou tendo jogado o jogo em alguma circunstância; e 3) possuem interesse momentâneo para bater papo, cumprimentar e trocar ideias efêmeras. Um exemplo foi determinado senhor que já tinha visto o jogo quando possuía 12 anos, se aproximou da pista, fez um treino⁹⁴ e disse que iria voltar, mas até o fim do meu campo, no mês de agosto de 2014, não havia retornado.

Eu depois me apresentei e conversei com ele. Ele disse que via as pessoas jogarem em Vicente de carvalho, quando tinha 12 anos, mas só ficava olhando, nunca jogou. Não sei a idade dele, onde mora, e se trabalha ainda. Perguntei ao senhor João, se ele não poderia jogar hoje, ele disse que era melhor ele ficar olhando. Aí, houve a intromissão do meu marido (tava na pista jogando) que insistiu para que ele participasse... aí, senhor João e Mário entraram na pilha e disseram: “ Vão vai embora, sem jogar, vai sim”. Ele acabou jogando e não foi mal... O nome dele é Silvio. Silvio ficou do lado do Mário, e este como sempre ensinando. (fechar as pernas ao jogar, colocar a malha na palma da mão). Ele jogou um pouco, não tão ruim, e logo depois disse que voltava na outra semana. Os jogadores insistiram para ele voltar, pois disseram que tem colegas que vão lá entram e depois não voltam mais. Januário enfatizou que fazem brincadeiras, churrascos, eventos sociais (Diário de campo, dia 15 de junho de 2014).

Durante todo o campo, só ouvi um ex-jogador questionando a dinâmica de o espaço ser público por ele não ter direito a jogar quando quisesse. Sentia-se injustiçado em ter que esperar o tesoureiro chegar de viagem para pagar as mensalidades referentes ao ano de 2014 – só desta maneira poderia ter acesso ao jogo. Contudo, nos bastidores da vida ordinária, sei que o empecilho era enfatizado sobre a figura desse ex-jogador devido à maneira como ele já havia se “comportado” dentro do clube de malha. Não era bem-vindo por alguns do grupo; sua presença era dispensável, mesmo precisando de novos jogadores.

Fiquei no banco conversando com Jaime que desabafou comigo sobre o fato de não jogar, de ter que esperar o tesoureiro chegar da viagem dele, para que ele pudesse acertar o que deve. Já é a segunda vez que ele fala que não é justo, pois ele fez muita coisa por aquela pista. Que ela é pública, feita por eles (primeira vez que vejo alguém falando da questão pública do espaço). Ele falou: “Que quem é mal recebido, não volta. E é isso que acontece aqui”. (não disse que era o caso dele, mas deu a entender). “Venho jogar e não posso jogar, pois não paguei?” “Eu ajudei a construir isso aqui”. Ele falou que o presidente do clube (eu peguei o final desta conversa) disse que ele vai ter que esperar o tesoureiro chegar de viagem para acertar, pois um outro jogador, também pouco assíduo no clube, o viu jogando na semana anterior, sem pagar e reclamou. Disse também que tem outros que não voltam por conta de serem mal recebidos, e que ex-presidente Carlito também se afastara (Diário de campo, 15 de junho de 2014).

⁹⁴ Termo usado pelos jogadores: jogar uma partida, ou ter contato no lançamento da malha na pista. Exercitar o movimento.

3. A FORMAÇÃO DO ESPORTE CLUBE DE MALHA PATRIARCA DE MADUREIRA E OS PROCESSOS DE DESPORTIVIZAÇÃO

3.1. Pensando nos termos jogo, brincadeira e esporte

Não é possível conhecer os conteúdos e os sentidos dos termos jogo, brincadeira e esporte simplesmente pelo estudo de seus significados linguísticos. Essas palavras designam um grande número de fenômenos e podem, em alguns momentos, ser usadas de maneiras correlatas, e em outras, em oposição, dependendo de quem as utiliza e em que contexto são colocadas. Sendo assim, a língua nos permite ter acesso a um conhecimento preliminar dos significados e noções dos usos; mas não abarca a totalidade. É preciso estar atento também ao fato de que o significado dos termos está associado às diferentes experiências que adquirimos ao longo da vida; aquilo que percebemos e a que damos nomes é compreendido por nós de alguma forma (BUYTENDIJK, 1977).

Na presente tese, as ideias de jogo, esporte e brincadeira foram construídas a partir dos olhares dos sócios do clube, dos significados conferidos por eles aos termos. “Aquele que joga sabe muito bem o que é o jogo e que o que está fazendo é apenas um jogo’ [...]” (GADAMER, 1999). Para fins de aprofundamento acadêmico acerca das interpretações dos termos, o diálogo com as teorias dos jogos e esportes foi fulcral, estimulando reflexões e destacando contrapontos de análise. A separação dos conceitos, inicialmente, teve como intuito apresentar o campo teórico sobre tema; contudo, irei problematizar tal rigidez mais à frente, neste capítulo.

Tanto para o historiador Huizinga (1980) quanto para o antropólogo Caillois (1990), o jogo provoca naquele que joga e também no que assiste uma excitação contagiante. Esse envolvimento se configura como uma das características do jogo, vista como essencial. Os sentimentos variados que provêm desse fascínio pelo jogo, tais como alegria, tensão e, principalmente, divertimento, manifestam-se durante esses momentos e espaços, distintos da vida comum. O jogo é um lugar diferente da realidade concreta do cotidiano. Nele, as regras são específicas para a ocasião, e os elementos criados pelos participantes sustentam o prazer do ato de jogar. Para alguns jogadores, trata-se de um tempo de evasão circunstancial do cotidiano, paralelo a este; para outros, uma ruptura total com a dinâmica da vida. Para muitos, o jogo é também uma forma de

desenvolver a autonomia, visto que os jogadores têm a possibilidade de executar algo por conta própria e, para tal, têm de fazer escolhas e tomar decisões que podem acarretar em acertos ou erros.

De acordo com Huizinga (1980, p. 33), o jogo é

[...] uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotada de um fim em si mesmo, acompanhada de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana”.⁹⁵

Tal como esse autor, Caillois (1990) também identifica o jogo como uma atividade que se realiza em tempos e lugares próprios, suspensa da vida comum. Sua concepção de jogo baseia-se na ideia de um universo diferente da realidade, mas baseado nela. É uma “[...] atividade livre em que o homem se encontra liberto de qualquer apreensão a respeito dos seus gestos. Ele define-lhe o alcance. Define igualmente as condições e a finalidade” (CAILLOIS, 1990, p. 158).

Uma ponderação que acho necessária, por exemplo, no uso do termo jogo é a forma pelo qual ele é exposto e mesmo utilizado, com características tipificadoras de um “único ideal” de jogador, de jogo, com uma linha norteadora que pouco reflete sobre os contextos e os significados atribuídos pelos que vivem a ação. Além disso, a ideia de que o jogo se faz em todas as situações como um tempo suspenso da realidade, como se as ações acontecessem em um tempo-espaço paralelo à vida cotidiana, há de ser provocada; esta etnografia corrobora essa questão. Simmel (2006a) também nos ajuda a pensar quando problematiza que as formas e os conteúdos do jogo se tornam algo de caráter autônomo, mas refletem de certa forma “As forças, as carências e os impulsos reais da vida [...]” (SIMMEL, 2006^a, p. 62) e, para mim, estes últimos são contextuais e por vezes com caráter pessoal.

Sendo assim, de maneira mais abrangente e contextualizada com as pessoas e o momento vivido no e pelo jogo, apoio-me nas ideias de Brougère (2003) compreendendo que o jogo pode ser um espaço social criado intencionalmente pelos participantes, onde há um aprendizado social e possui uma convenção aceita ou não por todos (muitos dos conflitos advêm daí). Não nasceu a partir do nada, mas daquilo com que o participante é colocado em confronto, com os símbolos do seu cotidiano. Assim, de maneira geral, os jogadores manipulam as imagens e os símbolos culturalmente

⁹⁵ Este conceito de jogo foi criado por Huizinga (1980) a partir da sua observação e catalogação de diferentes jogos e suas características comuns.

criados por diversas sociedades e, dentro da esfera lúdica, lhes dá ou não uma nova roupagem e diferentes sentidos. Durante o ato de jogar, pode-se reestruturar e imaginar tais imagens e símbolos das mais variadas formas, conferindo-lhes significados próprios. Nesse movimento imaginário, o jogador pode se submeter ao jogo que lhe está sendo exposto ou criar outras formas de jogar. O envolvimento com o jogo é uma ação importante para o ser humano. Na maior parte do tempo, busca satisfazer desejos, almeja vivenciar novas experiências, diferentes emoções e momentos de êxtase, que, às vezes, ele não controla com exatidão. Ocorre um fascínio pelo conteúdo imaginário criado e também representado no jogo. Na perspectiva de que o jogo se faz no seu próprio desenrolar, temos o esporte como um conceito que se utiliza também dessas características, não se afastando completamente delas, até porque seus possíveis significados estão atrelados às maneiras pelas quais as pessoas dão sentidos a estes dois conceitos, por vezes vistos como separados por outros, totalmente imbricados.

No que tange ao esporte, a partir do século XVIII⁹⁶, inicialmente na Inglaterra, principalmente na segunda metade do século XIX, na França e nos EUA, eram genericamente chamados de *sport* os passatempos tais como a corrida de cavalos, o boxe, a caça à raposa, os jogos com bola, etc. O termo foi utilizado também em outros países, por não terem em seu vocabulário palavras correlatas (ELIAS; DUNNING, 1992). Destarte, essas práticas corporais foram paulatinamente se sistematizando, marcadas pelas características disseminadas pela Inglaterra, de uniformização, racionalidade, modernização e, principalmente, aquelas ligadas às ideias de um “mercado” que se organizava em torno de interesses comerciais e financeiros da época (MELO, 2010).

Certamente há uma forte relação com o cenário sociocultural inglês, notadamente com os desdobramentos da Revolução Gloriosa. Nesse cenário, no decorrer do século XVIII, o esporte progressivamente estruturou-se, marcado pela ideia de racionalidade, bem como inserido em um mercado de entretenimento em gestação (MELO, 2010, p. 84).

Segundo Melo (2010), no Brasil, além do termo “*sport*”, foram utilizados outros dois vocábulos: *desporto* e *esporte*. No século XIX, utilizou-se o termo “*sport*” relacionando-o às práticas corporais institucionalizadas que vieram com os navios a

⁹⁶ É nesse contexto que o *club* (clube em língua portuguesa) ganha o significado de um grupo de pessoas associadas com um objetivo em comum (MELO, 2010).

vapor ingleses. Uma suposta “importação” da nova sensibilidade moderna, com a emergência de um mercado de entretenimento em conjunto.

No início do século XX, além de *sport*, o termo “desporto” foi se tornando cada vez mais comum. Importado da língua portuguesa de Portugal, ele advém de *diporto*, que em italiano significa divertimento, recreação. Foi com esses sentidos que se introduziu o termo *desporto* no Brasil⁹⁷ (MELO, 2010). Logo, tornou-se comum o uso do termo *sport* (prática sistemática de exercícios físicos) com o mesmo sentido de *desporto*.

Aparece nesse cenário o termo *esporte*, sobretudo a partir da metade do século XX, como uma tradução literal do termo *sport*, mesclando-se com os sentidos iniciais do termo “desporto”.

Não tendo existido na Antiguidade, em determinado momento, se sistematiza uma palavra, *sport*, que passou a expressar um determinado conceito. A palavra se manteve, os conceitos foram se alterando, até que se conformou o que chamamos de *esporte moderno*. Os conceitos seguiram se modificando, surgiram mesmo neologismos (ou adendos como esportes de quadra, esportes náuticos, esportes da natureza, esportes radicais) (MELO, 2010, p. 81).

Com a “importação dos modelos estrangeiros”, os passatempos, os jogos, as brincadeiras e, posteriormente, as práticas esportivas vão adquirindo contornos de acordo com os diálogos estabelecidos com as especificidades históricas e culturais locais. Para aprofundar a questão, trago as reflexões de Bourdieu (1983b), quando problematiza o esporte e as apropriações dos conceitos e termos:

Ainda que seguramente um esporte, uma obra musical ou um texto filosófico definam, devido às suas propriedades intrínsecas, os limites dos usos sociais que podem ser feito deles, eles se prestam a uma diversidade de utilizações e são marcados a cada momento pelo uso dominante que é feito dele (BOURDIEU, 1983b, p. 214).

Em momentos históricos diferentes, utiliza-se determinado termo com sua hegemonia de sentidos, que também se atrela às influências sociais do seu tempo. Por exemplo, a cidade do Rio de Janeiro foi o local pioneiro na construção do campo esportivo brasileiro, por sua condição de capital do Império após a vinda da Corte portuguesa, em 1808. Junto com a Corte, vieram usos e costumes que faziam alusão ao uso do termo e ao conceito atribuído ao desporto, vinculando-o às práticas de divertimento e vivências públicas, tais como: turfe e remo, corridas a pé, corrida de velocípedes etc. (MELO, 2009).

⁹⁷ O *Grande Dicionário de Língua Portuguesa* traz em 1945 o termo “desporto” como prática sistemática de exercícios físicos e seus derivados – desportista, desportivo.

Aprofundando a questão, Melo (2009) destaca, através do exemplo da prática das touradas na cidade do Rio de Janeiro, que os passatempos tidos como rurais realizados muitas vezes em momentos de festa, ao longo do século XIX, foram se modificando em função das “novas sensibilidades” surgidas com a crescente urbanização, remodelando as práticas coletivas de divertimento.

O que se percebe no Brasil nos dias atuais é a predominância do uso do termo “esporte” (como identificado no meu trabalho de campo). Além disso, em muitos contextos, empregam-se as palavras “jogo” e “brincadeira” com o mesmo significado. Na etnografia realizada, além de “*esporte*”, outros dois foram utilizados de maneira corriqueira pela maioria dos sócios do clube de malha: *jogo/jogar* e *brincadeira/brincar*. “Três deles usam com muita frequência o termo ‘brincadeira’: - ‘Eu cheguei aqui, era tudo de terra, e *tava* todo mundo brincando aqui’. Ele perguntou quem era o responsável, e o senhor Carlito se apresentou como tal” (Diário de campo, 24 de maio de 2014). É mais um dia de “treino”, ou de “brincadeira” – termos utilizados por alguns jogadores sobre dias de jogos em que não há times de fora para competir contra eles, são partidas realizadas internamente no grupo, no seu dia a dia.

Acredito que os sentidos do termo brincadeira estejam bem próximos aos conceitos de liberdade e maior espontaneidade no momento vivido (ludicidade em ação). Reúnem-se porque querem jogar algo de que gostam muito; escolhem as duplas, as maneiras de jogar. Mudam de cabeceira quando querem, param a hora que der vontade ou ao chegarem ao fim de uma partida. Estabelecem o número de arremessos de acordo com o número de duplas, visando não cansar o grupo. Enfim, as regras são acordadas internamente no grupo, sem muita rigidez de compromisso com as regras ditas oficiais. Nesse contexto, muitas vezes utilizam-se os termos “jogo” e “esporte” com os mesmos sentidos de “brincadeira”.

Através das experiências de campo realizadas tanto em encontros entre os times de Bangu, Cosmos e Madureira, quanto no dia a dia de jogos neste último, não identifiquei diferenciação no uso dos termos jogo e esporte entre os sócios. Aliás, percebo que os utilizam com muita frequência, alternando-os no seu linguajar. Mais do que o uso da terminologia, não se distinguem os significados atribuídos a seus usos, na minha interpretação, até porque na linguagem comum o que se fala é *jogo de malha* e não *esporte de malha*, por exemplo. Usa-se o termo *jogo de malha* quando se descreve tanto sua origem na Praça do Patriarca quanto a prática dos campeonatos promovidos pela Federação de Malha Estado do Rio de Janeiro.

A partir da ideia acima, interpreto que os significados de esporte/jogo (de malha) construídos pelos sócios do clube estão diretamente ligados a um dos objetivos do ato de jogar: a competição (HUIZINGA, 1980). Porém, em outros momentos, existem os sentidos de passatempo, brincadeira, sociabilidade, desafio, manter-se ativo, saúde, lazer, gosto pessoal. São esses múltiplos sentidos que foram acionados pelos jogadores nos diversos contextos vividos.

3.2. A constituição do campo esportivo do jogo de malha: um breve panorama histórico

O jogo de malha surgiu como uma maneira de ocupar as horas ociosas nos acampamentos dos soldados romanos. Aproveitando ferraduras já usadas, atiravam-nas contra estacas. Com sua difusão pela Europa, o jogo se sistematizou e seu objetivo passou a ser lançar as malhas – peças de aço em forma de disco, com peso em torno de 750 gramas – em direção a um pino dentro de um círculo (CABRAL, 1986).

Com o tempo, o jogo de malha assumiu lugar de destaque entre os portugueses, sendo praticado de acordo com o calendário religioso e no conjunto das atividades agrícolas e pastoris locais. Serra (2001, p. 28) relembra: “[...] Os velhos jogos eram organizados, tal como os trabalhos agrícolas, na base da cooperação e da participação alargada da população, sem grande distinção de idades ou estatutos [...]”.

Em Portugal, o jogo de malha é tradicionalmente conhecido como *chinquilha*, mas há variações, conhecidas como *fito* ou *patela*. O chinquilha é jogado por dois ou quatro parceiros, que lançam uma patela de ferro, tendo como objetivo principal derrubar *paulitos* ou *mecos* (pinos) da equipe adversária ou chegar o mais perto possível deles. A partida termina quando a dupla consegue alcançar 31 pontos. Entretanto, deve-se ter cuidado para não ultrapassar (“arrebentar”) esse número, senão a dupla volta à partida com 15 pontos.

O *fito* é uma variante do chinquilha. Joga-se com seis malhas e dois *paulitos*, com regras bem similares ao chinquilha. A diferença consiste na pontuação da partida, que termina em 30 pontos. Quando o primeiro jogador alcança 15 pontos, pode posicionar o *meco* em outro lugar dentro da área de jogo, dificultando a ação dos adversários (colocando-o, por exemplo, atrás de barreiras).

Há também outra variante do chinquilha: a *patela*, cujo nome também pode ser atrelado ao disco de ferro que se atira no *meco*. A diferença entre o chinquilha e a patela

relaciona-se também à pontuação: a partida termina com 30 pontos, como no fito, mascada jogador pode fazer no máximo oito pontos, pois cada derrubada do *meco* vale três pontos, e as duas malhas que ficarem mais próximas ganham um ponto cada uma.

Com relação ao material, as malhas chegaram a ser de ferro, pedra e madeira, sendo atualmente de aço. Suas formas já foram as mais diferentes possíveis: quadradas, hexagonais e octogonais; hodiernamente, sendo redondas. No que diz respeito ao pino, como destacado anteriormente, este pode receber diferentes nomes: fito, meco, chito (xito), chino, vinte, palhaço, belho, paulito, palito, piço, bicho, pinoco, etc.

Em Portugal, o jogo de malha também é encontrado com outros nomes: jogo do cepo, jogo da pavela, caliche, toka, etc. A diferença de nomenclatura se relaciona ao material a ser lançado, ao lugar onde o pino é posicionado e à possibilidade de alterar o esquema inicial (CABRAL, 1986). Infere-se que o jogo praticado no Brasil tenha sido trazido pelos portugueses na época da colonização. Tal como praticado aqui, o jogo antigamente utilizava ferraduras (atualmente malhas feitas de aço), arremessadas em direção ao pino com o intuito de derrubá-lo. As partidas são ganhas por contagem de pontos.

Segundo informações do *site* da Federação Paulista de Malha,⁹⁸ o estado precursor do jogo no Brasil foi São Paulo. Acredita-se que, em torno de 1890, ou até antes, os moradores da Rua 25 de Março, na capital paulista, após um dia inteiro de trabalho, reuniam-se para participar das competições. Atrela-se o fato de se usarem na época peças bastante rudimentares (pedras, ferraduras e pedaços de chapas de ferro) à presença do jogo na vida de pessoas mais humildes, principalmente homens.

À medida que outros bairros também começam a praticar o jogo de malha, começam a se formar associações esportivas. Posteriormente, com o aumento do número de adeptos e com o empenho dos representantes das associações, fundou-se em dezembro de 1933 a Federação Paulista de Malha, que segue atuante até os dias atuais. Paralelamente, instituiu-se o Departamento de Jogo de Malha na Confederação Brasileira de Desportos (CBD),⁹⁹ com o intuito de organizar e difundir sua prática. Posteriormente, o jogo passou a fazer parte da Confederação Brasileira de Desportos Terrestres (CBDT). A 1ª Taça Brasil de Malha começou a ser disputada em 1969, organizada pela CBD. Em 2003, foi fundada a Confederação Brasileira de Malha.

⁹⁸ www.federacaodemalha.com.br. Acesso em: 16 de abr. 2013.

⁹⁹ Atualmente, essa entidade é o Comitê Olímpico Brasileiro (COB).

Atualmente, na Região Sudeste, principalmente no estado de São Paulo, em cidades como São José dos Campos, Taubaté, Santos, Mogi das Cruzes e Bauru, existem equipes que competem em vários torneios pela região e atletas registrados na Federação Paulista de Malha. Muitos deles participam de torneios como os Jogos Abertos do Interior e a Taça Brasil de Malha.

Mesmo conhecido como um esporte exclusivamente praticado por homens velhos, nesse estado é possível ver crianças e jovens que se interessam e são membros das equipes. Em alguns clubes, há escolinhas que ensinam o jogo de malha para crianças e adolescentes a partir de 11 anos. Aperfeiçoando-se no jogo, alguns se tornam atletas amadores, federados, e são contratados pelos municípios para fazer parte do time da cidade, ganhando uma bolsa que em 2014 era de cerca de mil reais. Além do valor concordado, algumas prefeituras do interior do estado de São Paulo ainda custeiam as faculdades dos atletas.¹⁰⁰ Uma cidade pode contratar um jogador que more em outra, não sendo necessário jogar pelo município onde reside (Diário de campo, Taça Brasil de Clubes, julho de 2014, Bauru).



Foto 29 – Membros do time do município de Suzano cujas idades variam entre 18 e 35 anos. Todos recebem uma bolsa (em dinheiro) para participar do time e representar a cidade. O senhor de boné é o treinador do time e pai de um dos jogadores. Julho, 2014

¹⁰⁰ O presidente da Confederação Brasileira de Malha, Sr. Mauro, disse-me que o pagamento de jogadores iniciou-se na cidade de Guarulhos, em 1997, numa época em que a cidade incentivava todos os esportes e, com isso, tinha muito bons resultados frente a outros municípios (Diário de campo, julho de 2014, Bauru).

Minha ida, em julho de 2014, a um campeonato nacional organizado pela Confederação Brasileira de Malha e a outro evento dinamizado pela Federação Paulista de Malha, ambos em municípios do estado de São Paulo, me permitiu identificar outras maneiras de praticar o jogo e interpretar diferentes significados atribuídos a ele pelos participantes.

Assisti a um jogo de malha inserido em um campo esportivo¹⁰¹ organizado e estabelecido, que até então não tinha presenciado no Rio de Janeiro. Diferentes formas de fruição de sociabilidades foram identificadas naqueles eventos. Os dados antropológicos construídos a partir do contraste entre as experiências vividas em São Paulo e aquelas já evidenciadas nas pistas percorridas por mim, no Rio de Janeiro, trouxeram-me questões para problematizar o processo de esportivização do jogo da malha no interior do Esporte Clube de Malha, bem como sua interface com a atuação da Federação de Malha do Estado do Rio de Janeiro (FEMAERJ).¹⁰²

Como já destacado, no capítulo anterior, o jogo era uma prática coletiva de divertimento, na qual se lançava uma peça de ferro, bronze ou outro material pelo alto, fazendo uma curva, com o objetivo de atingir um toco de madeira que ficava a uma distância convencionalizada pelos participantes. Uma época em que ainda havia pouco calçamento nas ruas da cidade – jogava-se em terra batida. As medidas da pista eram combinadas por cada grupo, assim como as regras do jogo.

As “novas sensibilidades”, materializadas através do contato com outros jogadores e clubes, de certa forma agiram no sentido de “remodelar” essas práticas de lazer, esportivizando-as em algumas situações. Sendo assim, o Clube de Malha, lócus da minha pesquisa de doutorado, sofreu efeito das “novas ou diferentes sensibilidades” trazidas para os campos dos passatempos e das atividades de lazer e entretenimento dos diferentes grupos sociais, principalmente ao longo do século XX, como dito no início do capítulo.

[...] constitui-se em poderosa representação de valores, sensibilidades e desejos que permeiam o ideário e o imaginário da modernidade: a necessidade de superação de limites, o extremo de determinadas situações (comuns em um cenário em que a tensão e a violência foram constantes), a valorização da tecnologia, a consolidação das identidades nacionais, a busca de uma emoção controlada, o exaltar de certo conceito de beleza (MELO, 2010, p. 94).

¹⁰¹ Apoio-me na ideia de campo esportivo de Bourdieu (1983b, p. 89), que destaca que os campos são: “[...] espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características dos seus ocupantes (em partes determinadas por elas)”.

¹⁰² Discorrerei sobre esse assunto mais à frente, neste mesmo capítulo.

Com relação à questão econômica, há uma nítida diferença entre os investimentos a favor de alguns times sediados no estado de São Paulo, em comparação com outros estados. A Federação Paulista tem parceria com prefeituras que investem nos esportes, ou em alguns deles, pelo menos. O que se percebe nas falas dos jogadores de estados como Minas Gerais, Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul, é a situação inversa em relação aos municípios do estado de São Paulo. Isso dificulta muito o desenvolvimento do jogo de malha naqueles lugares. Na maioria das vezes, por exemplo, para participarem de eventos fora da sua região, os próprios jogadores precisam pagar suas passagens.

Em um dia de campeonato em Bauru, conversando com um time de Minas Gerais, eles enfatizaram que não possuem incentivo do governo. Antigamente tinham muitos clubes, mas agora não têm mais, muitos foram acabando por falta de investimento. Lamentam o fato da prefeitura não ajudar, tudo é feito por conta deles. Exemplo: um jogador mora a 80 quilômetros da pista de malha. Ele sai da sua cidade na sexta-feira e retorna para casa no domingo. Quem ajuda nas despesas com gasolina são os próprios colegas de jogo (Diário de campo, Bauru, julho de 2014).

Relaciono a situação acima, no campo esportivo da malha brasileira, com o que Bourdieu (1983b, p. 142) discorre sobre as “lutas” que os campos esportivos enfrentam.

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte prática contra esporte – espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – massa etc. [...].

Nesse campo esportivo, há também um comércio de malhas; do produto jogado na pista, antes do jogo, para a malha deslizar com mais facilidade (bolinhas de polietileno); das ceras que podem ser passadas nas malhas para ajudar no deslizamento, etc. Além disso, há jogadores que confeccionam garrafas com *design* exclusivo para carregar o líquido que também facilita o deslizamento da malha.



Foto 30 - Garrafas onde são colocados os líquidos borrifados nas malhas. Confeção de um jogador paulista, que as vende em dias de campeonatos. Muitas delas são encomendadas antecipadamente, com *design* escolhido pelo cliente.

As ceras são produzidas pelos próprios jogadores. Ao prepararem um produto que serve a eles mesmos, passam posteriormente a comercializá-lo. As garrafas com *designs* diferenciados também seguem a mesma lógica. Inicialmente desenvolvidas para uso individual, com a frequência de uso, foram sendo solicitados outros tipos. A partir daí, pensou-se em confeccionar novos tipos de garrafas, com o intuito de comercializá-las para outros times. Esses itens só produzem sentidos nesse universo esportivo particular, com funções e significados apropriados a esse contexto.

Segundo relato do presidente da Federação Paulista de Malha, Marcio Pinto, a Federação de Malha do Estado do Rio de Janeiro participou de vários campeonatos com a Federação Paulista. Porém, como deixaram de pagar a mensalidade para a Confederação, não participaram mais (Diário de campo, abril de 2014, cidade de Caraguatatuba). A participação em campeonatos nacionais com times de outras regiões do país também foi enfatizada por Luizinho, atual jogador do time de Nilópolis, que se encarregou de atualizar o CNPJ da Federação, sem, no entanto, comandá-la.¹⁰³

De 1992 até 2005, aconteceram muitos eventos que a gente ia pra fora, ia pra São Paulo, como eu te falei, Paraná, Mato Grosso, tudo jogar fora. Federação fazia isso, mas nunca Federação pagando, nunca o Governo dando aquela verba, eu nunca fui a fundo pra saber, que todos nós temos direito, mas nunca recebemos isso, né? E a Federação nunca, nós íamos com os nossos meios, a gente mesmo pagava a nossa passagem e íamos participar. Ah, quem tinha

¹⁰³ Luizinho disse, em sua entrevista realizada em julho de 2014, que já tentou reorganizar a Federação para retomar suas atividades, mas, por falta de interesse dos pares, não levou a ideia adiante. “Por isso, as pessoas não queriam assumir nada, não queriam formar uma diretoria pra manter, quem mantinha o nome, chamava-se: Luiz Carvalho, falecido, e Luiz Claudio (eu), entendeu?” .

dinheiro podia ir, inclusive a seleção não era nem de melhores, a gente procurava os melhores, mas não era quem era o melhor, quem podia, quem tinha dinheiro é que ia (Entrevista Luizinho, julho de 2014).

A Federação de Malha do Estado do Rio de Janeiro foi criada em 1956 e permaneceu em atividade provavelmente até 2008 (não consegui ter acesso aos documentos e atas da federação, precisar seu encerramento nem seus motivos). Essas informações me foram fornecidas pelos próprios jogadores dos clubes com os quais tive contato e o último presidente da federação, Luizinho. Atualmente nenhum clube que visitei está filiado a ela, que se encontra inativa.¹⁰⁴

Os sócios do clube de Madureira relataram que, durante muitos anos, participaram de campeonatos organizados pela Federação de Malha do Rio de Janeiro, juntamente com clubes como Nilópolis, São Gonçalo, Cosmos, Santa Teresinha (Campo Grande) e Pavuna. Em torno de 2008, desfilaram-se da entidade, por não acharem mais vantajoso pagar a mensalidade de R\$ 250,00 para uma federação que, na visão deles, não ajudava o esporte a se desenvolver: “Não faziam nada pela gente” (Diário de campo, 12 de abril de 2014).

Isso aqui veio através do IX de junho, um clube da Pavuna. A gente foi tomando conhecimento através do pessoal do IX de junho, que era a sede da federação. O presidente da federação morava lá, na Pavuna. Através deles que passamos a ser federados. Aí começou a bagunça, e a cota mensal aumentou muito na época: R\$ 250,00. E a federação não fazia nada, não estava tendo jogo. Muitos clubes abandonaram, desistiram ou faliu (o pessoal deixou de pagar). A federação não fazia nada e só pegava dinheiro. Muitos clubes desistiram por conta disto, aí ficou: Mauá, Maricá, IX de junho, Municipal, Vila Olímpica (Cosmos, Paciência) (Entrevista Carlito, agosto de 2013).

A partir daí, os clubes começaram a organizar campeonatos entre si, principalmente os de Madureira, São Gonçalo, Maricá, Bangu e Cosmos. Com o passar do tempo, e principalmente após a morte de jogadores que dinamizavam esses torneios, estes acabaram se tornando raros. Em um ano e meio de campo, não vivenciei nenhum deles, somente amistosos entre clubes ou jogos muito esporádicos.

Atualmente, no estado do Rio de Janeiro, é possível encontrar jogos de malha em diversos municípios, como Miguel Pereira, Paty dos Alferes, Pinheiral, Volta

¹⁰⁴ “É, aí que tá, a Federação tem CNPJ, inclusive declara ate o imposto de renda todos os anos, que pra não pagar multa, mesmo não tendo nada com isso, mas eu declaro” (Entrevista, Luizinho, jogador do time de Nilópolis, realizada em julho de 2014).

Redonda, São Gonçalo, Santo Antônio de Pádua, Rio de Janeiro, Maricá, São Pedro da Aldeia, Nilópolis. A localização desses jogos foi possível graças a trabalhos anteriores de Fonseca e Telles (2006a; 2006b) e à minha observação empírica. Contudo, alguns deles, como o praticado na cidade de São Gonçalo, baseiam-se prioritariamente nas regras da federação, por possuírem uma pista com medidas oficiais. Em outros, como em Paty dos Alferes, as regras e formas de jogar acontecem de acordo com as especificações do grupo que o pratica, e a pista não tem medidas oficiais.

3.3. De “Grupo de Malha” para “Esporte Clube de Malha”: a desportivização do jogo dentro do clube

A adoção do modelo inglês de esporte,¹⁰⁵ que preconizava a unificação, a tipificação e normatização das práticas corporais, como apontam Serra (2001) e Elias e Dunning (1992), aconteceu dentro de contextos sociais, políticos, culturais e econômicos em transformação. “O advento da revolução industrial, ao provocar transformações profundas nas sociedades rurais, organizadas em bases essencialmente comunitárias, como microcosmos [...] induziu mudanças marcantes no modo de entender os jogos de tradição” (SERRA, 2001, p. 13).

O ideário da modernidade se disseminou em diferentes sociedades, modificando as relações entre o rural e o urbano e alterando a paisagem das formas de sociabilidade. Ocorreram mudanças no crescimento do urbano e na diminuição de espaços para práticas coletivas; o processo de individualização foi cada vez mais crescente, modificando as motivações para as vivências de sociabilidade coletiva; a diversidade de interesses estimulados pela mídia em ascensão, etc. Seguindo tal direção, modificaram-se alguns jogos conhecidos como de tradição,¹⁰⁶ que absorveram outras configurações voltadas para maior regramento, organização interna, construção de clubes, divisão de cargos e tarefas etc. É dentro de todo esse contexto que desponta o processo de desportivização.

Trata-se de um processo de regulamentação de jogos/passatempos tradicionais, que foi adquirindo características baseadas numa maior regulamentação dos

¹⁰⁵ Segundo Elias e Dunning (1992), só é possível falar em esporte a partir do momento em que há o estabelecimento de regras cuja função é a contenção da violência e a introdução do tempo regado para garantir uma competição justa.

¹⁰⁶ Jogos tradicionais: “Estas actividades lúdicas e corporais que, em grande parte, já eram praticadas na Idade Média, prosseguiram com maiores ou menores alterações até aos nossos tempos, numa perfeita comunhão com a natureza, no campo ou em espaços comunitários de utilização multifuncional” (SERRA, 2001, p. 14). Muitos provêm de actividades lúdicas que envolviam lançamento de pedras ou paus, por exemplo.

comportamentos, na unificação das regras regionais, no ideário da competição e nas noções de trabalho e mercado, seguindo os moldes da prática esportiva moderna em ascensão (ELIAS; DUNNING, 1992). Com isso, paulatinamente, os jogos vão ganhando contornos mais autônomos em relação ao jogador, situação que Elias e Dunning chamam de “desenvolvimento organizativo” (1992, p. 67).

A fim de refletir com mais profundidade sobre o assunto, destaco a necessidade de avaliar o processo de desportivização, não simplesmente posicionando o jogo dentro de uma esfera menor do que o esporte, sendo o primeiro um passo inferior na evolução em direção ao segundo. Essa é uma crítica que Elias e Dunning (1992) sofrem quando correlacionam o evolucionismo aos jogos e aos esportes.

Interessante problematizar que outros jogos, tidos também como tradicionais, foram afetados pelos traços da modernidade. Por exemplo, a urbanização trouxe consigo a necessidade de calçamento das ruas, modificando as formas de jogar. Porém, nem todos os jogos sofreram o processo de desportivização identificado por Elias e Dunning (1992). Cito, neste caso, o jogo de bola de gude, tema de minha dissertação de mestrado (FONSECA, 2000). Quando ainda havia espaços urbanos mais livres e com terra batida, uma das modalidades mais comuns era a *búlica* (fazer três buracos no chão). Essa maneira de jogar foi desaparecendo, abrindo espaço para a prática do *jogo do triângulo* (desenhar um triângulo no chão), adaptável em terrenos cimentados ou de terra batida.

No caso do jogo de malha, no clube pesquisado, identifiquei que houve na passagem do *Grupo de Malha* para o *Esporte Clube de Malha* um processo de desportivização. As sucessivas reestruturações que o espaço físico sofreu lhe conferiram mais formalidade, metrificacão e homogeneidade, facilitando a introdução das normas estabelecidas pela Federação de Malha do Estado do Rio de Janeiro. E, em decorrência disto, potencializou a desportivização do jogo. As “novas” e diversificadas mentalidades que adentraram também ajudaram a constituir a sociabilidade esportiva local; uma situação ajudou a alimentar a outra. O fato de novos membros do grupo quererem participar de campeonatos os fez lutar pela melhoria do espaço físico, como já discorrido. “Para jogar, jogar fora, entrar em campeonatos e torneios. Madureira nunca jogou fora do estado do Rio e nunca teve nenhum jogador na seleção do RJ” (Diário de campo, dia 20 de julho de 2013).

A fim de aprofundar o debate sobre o tema, destaco as reflexões realizadas por Bourdieu (1983b), de que o campo esportivo é um espaço fechado com ordenamento próprio, mas em contato direto com as questões sociais, econômicas, culturais do seu

tempo. O caso do clube de malha exemplifica o diálogo necessário que os setores esportivos e de lazer precisaram estabelecer com as políticas públicas locais, principalmente por se tratar um espaço público, gerenciado pela prefeitura. A dinâmica esportiva foi se consolidando naquele local por conta das conquistas físicas e simbólicas atreladas às relações com os setores políticos e econômicos da cidade.

Ao tratar do processo de desportivização sofrido pelos diferentes jogos, Serra (2001) destaca a existência de dois objetos em diálogo (jogo tradicional e jogo esportivo), como que num campo de forças, onde estariam disputando posições. É possível que, no contexto do jogo em Portugal, essa polaridade venha a ocorrer, visto que coexistem jogos de malha esportivizados e aqueles em que as malhas são lançadas pelo alto. Contudo, a partir das visitas ao Esporte Clube e a todos os outros clubes e também das informações obtidas através dos jogadores, questiono-me se tal polaridade existe no contexto de Madureira, construindo, assim, argumentações que vão à contramão do exposto pelo autor.

A desportivização ocorrida dentro do grupo de malha estudado possibilitou a reformulação de regras e a criação de novas formas de jogo. A incorporação de elementos da modernidade, tais como a demanda por regras e a formalização, não aconteceu de maneira direta, linear e sem nenhum tipo de elaboração por parte dos participantes. Acredito que os atores sociais, em muitos momentos, tinham consciência do processo, canalizando suas ações e interesses em uma síntese cujo desdobramento foi a criação de algo novo (SAHLINS, 1997).

Conseqüentemente, houve o apagamento de algumas características do jogo de malha jogado pelo alto, em terra batida, em detrimento de outras, referentes ao jogo rasteiro e em pista cimentada. Infiro que, no caso do jogo de malha, aconteceu algo similar ao que Sahlins (1997) indica ter ocorrido com os povos colonizados por outras culturas, isto é, o desenvolvimento simultâneo da diferenciação local com integração de âmbito global. Em outras palavras, adaptando a tese de Sahlins para o campo esportivo, no grupo de malha houve imbricações das características dos passatempos com aquelas advindas dos jogos desportivizados. As regras esportivas não foram totalmente seguidas, senão quando convinham ao grupo. Tampouco foram completamente abandonadas as formas de jogar tidas por alguns dos jogadores como “ultrapassadas”, associando a tradição à ignorância e atraso (SAHLINS, 1997).

Durante o trabalho de campo realizado junto ao grupo de malha, não presenciei nenhuma partida que seguisse fielmente as regras da federação.¹⁰⁷ À medida que deixaram de ser federados,¹⁰⁸ foram se afastando da rigidez que as condutas esportivas exigiam, conquistando maior tomada de decisão e, assim, foram construindo suas formas próprias de jogar. Aliam-se as regras advindas do contato com a Federação de Malha com as que consideram interessantes serem praticadas no momento atual. Por exemplo: nas regras da federação, os jogos são constituídos de 12 arremessos; no dia a dia de *treino*, executam seis arremessos, argumentando que se sentem menos cansados dessa forma.

Independentemente do tipo de jogo, com malhas lançadas pelo alto ou por baixo, há uma convenção reconhecida pelos jogadores dos diferentes clubes do que seja o jogo de malha. Contudo, há diferenciações locais que revelam reflexões sobre os processos de reinvenção a partir dos contextos e das necessidades de cada indivíduo ou grupo (WAGNER, 2010).

Os significados convencionais, coletivos, do homem e de sua socialidade podem ser aspectos implícitos ou explícitos da ação humana, e, portanto, da própria invenção, mas estão sempre presentes (WAGNER, 2010, p. 81).

Como dito anteriormente, o Esporte Clube segue determinadas regras remanescentes do contato de muitos anos consecutivos com a federação, recriando-as a partir de suas vontades e necessidades atuais. São as composições e os rearranjos locais que ocorrem quando realizam torneios entre os clubes com que possuem maior ligação, Bangu e Vila Olímpica, por exemplo.

Interessante destacar que esse processo evoca um ponto importante para Sahlins (1997), para quem a heterogeneidade e a homogeneidade no âmbito cultural não estão em campos opostos, sendo, antes, partes constitutivas da realidade. Trazer essa questão para o âmbito esportivo significa entender que seguir um regulamento geral quando se está participando de um campeonato dito oficial, por exemplo, não exclui a

¹⁰⁷ Pude comparar tal fato quando realizei a etnografia em um campeonato organizado pela Federação Paulista de Malha.

¹⁰⁸ Os sócios não conseguiram precisar o ano em que pararam de jogar filiados à federação, e indicam 2008 como possibilidade. No que diz respeito a documentos, encontrei um alvará de funcionamento expedido pela Federação de Malha do Estado do Rio de Janeiro, datado entre 1º de janeiro e 31 de dezembro de 2004. Além disso, identifiquei um convite de 2005 da Federação ao presidente do Esporte Clube de Malha para participar em assembleia geral na sede do clube IX de Junho, para eleição do presidente e do vice-presidente da federação, cujo exercício seria a partir de 2006.

possibilidade de, em outros momentos, os clubes criarem seu próprio regulamento, com as peculiaridades dos diferentes contextos.

Como um exemplo dessas recriações produzidas pelos jogadores, estabelece-se um regulamento. Foi elaborado por um dos jogadores para organizar o Campeonato de Malha Zona Oeste em 2010, do qual participavam três clubes: Madureira, Bangu e Vila Olímpica. No corpo do texto, encontravam-se os seguintes parágrafos: 1) “Quando um jogador for lançar sua malha, seu adversário deverá ficar à sua esquerda para que esse não se sinta pressionado”; 2) “Se a bandeira tiver um apito, vai ser bom, pois todos ouvem com mais nitidez”; 3) “A digníssima senhora _____ deverá ser bem tratada por todos os presentes”.

Ao ler as regras oficiais, não encontro itens confluentes com os descritos acima. Contudo, no geral, os jogadores não se desvencilham da lógica normalizadora que o campo esportivo prega.¹⁰⁹ Por outro lado, com sua capacidade inventiva, os grupos sociais criam regulamentos próprios, com base em suas formas de entender as relações sociais.

É fundamental salientar que as culturas possuem a capacidade de se reinventar, através de movimentos contínuos e descontínuos. Existem determinados ajustamentos culturais, em função dos contatos estabelecidos com outros enfoques culturais, que, muitas vezes, “fogem às vistas” dos antropólogos. Faz parte do nosso trabalho, identificar e reconhecer a capacidade inventiva e de ressignificar dos atores sociais que se desenvolvem ao entrar em contato com outras formas de relações de sociabilidade, como no caso deste estudo, com diferentes maneiras de jogar um mesmo jogo (WAGNER, 2010).

Nesse contexto, houve a criação de um tablado para que o anotador das pontuações nas partidas pudesse ter maior visualização do jogo. Esta foi uma ideia do presidente do clube, que construiu esta peça e fez todo o processo de conseguir um gerador para ter luz, com a ideia de “chumbar” a mesma no concreto e pudesse ficar firme. Em 2009, quando estive lá pela primeira vez isto não existia; em 2010, quando retornei, estava construída e colocada no lugar. Vi um dos dias que eles a utilizaram, numa reunião de fim de ano (2010). Em nenhuma outra pista que visitei vi algo

¹⁰⁹ No caso do estado de São Paulo, quando há competição entre clubes federados, demanda-se a contratação de um corpo especializado para aplicação das regras, os juízes e os bandeirinhas. No campo que realizei nos Jogos Regionais dos Idosos (cidade de Caraguatatuba, abril de 2014) e na Taça Brasil de Malha (cidade de Bauru, julho de 2014), pude acompanhar uma partida esportiva de malha de acordo com o regulamento da Confederação Brasileira de Malha, com todas as regras necessárias para a prática do esporte.

parecido com o que eles criaram, em função das necessidades do seu espaço físico e das demandas de jogos.



Foto 31- O tablado construído por um dos sócios para ajudar na visualização dos arremessos e marcação das partidas. Nesta local fica o mesário do jogo. Dezembro de 2013

Paralelamente às práticas tanto do jogo de malha na perspectiva do lazer quanto do esporte malha – nome dado ao jogo pelos participantes de campeonatos regionais e nacionais –, existem páginas em redes sociais com a intenção de constituir canais de divulgação do campo esportivo do esporte malha. Têm-se como exemplos grupos públicos com páginas no *Facebook*, tais como: “Amantes do Esporte Malha” (apresentação dos jogos de malha e dos campeonatos pelo Brasil); *Revista da Malha* (liga esportiva) e um *website* que funciona como um portal de jogo de malha, ferramenta de divulgação do esporte, com caráter de produção nacional que pode ser alimentado por todos os dirigentes dos esportes (<http://www.portaldojogodemalha.webnode.com>). Nesses locais tive acesso a fotos e documentos sobre campeonatos que acontecem entre Brasil e Argentina nas areias de praias situadas na cidade de Camboriú, estado de Santa Catarina, por exemplo. Além disso, tomei conhecimento do jogo “tejo”, bastante parecido com o jogo de malha e que ocorre, por exemplos, na Colômbia e na Argentina.

As pistas com as quais tive contato e que seguem a metragem exigida pelas Federações do Rio de Janeiro e de São Paulo possuem uma espécie de vala/trilha na

pista (de cabeceira a cabeceira), para facilitar o deslizamento da malha e sua batida no pino.



Foto 32- trilha/vala - marca de um caminho de ida e volta na pista. Não é de fácil visualização por conta dos desenhos da pista; uma prática comum nas cidades em São Paulo. Para o jogador identificar a trilha, tem estar mais acostumado a jogar na referida pista e ou pegar a “batida da malha”. Ao “vivo” é possível visualizar melhor a trilha. Bauru, julho de 2014



Foto 33- Trilha valha- Pista de Nilópolis. As valhas são as marcas mais proeminentes que há no chão. Uma á direita e outra a esquerda (ida e volta para a malhar “correr”. Julho de 2014

No que se refere ao piso, o parágrafo 17 das regras oficiais destaca: “O campo deverá se apresentar plano e firme, não sendo permitidas lombadas, costeletas e jacarés que desviem a malha em sua trajetória de atingir o pino e que impossibilitem ou

dificultem o atleta em seus arremessos”. Esse parágrafo subentende que haja uma trilha, pois é ela que vai permitir que a malha siga uma trajetória até o pino. A distância de 30 metros de pino a pino dificulta que a malha bata no pino. Além disso, a pista é muito lisa, e ainda se passasse nela um tipo de cera e um líquido para facilitar o deslizamento. Assim, faz-se necessária uma vala/trilha para ajudar a conduzir a malha em direção ao pino. No campo em São Paulo, vi muitas vezes a malha passar direto, sem parar dentro do círculo, por conta da lisura da pista.

Sobre essa vala/trilha, presenciei no congresso técnico (um encontro entre todos os times antes do evento acontecer) na cidade de Bauru o questionamento de um jogador de Minas Gerais: para o jogo de malha evoluir, como os outros esportes seria necessário unificar as pistas, e tornar iguais todas as trilhas (cada pista faz do seu jeito). Desta forma, segundo ele, não seria o campo de jogo que determinaria o ganhador daquela partida, mas a habilidade do jogador: “Não dá para treinar em um lugar e jogar de outra forma. Em eventos oficiais, precisa-se seguir mais o regulamento; unificar os campos, não pode ter lombadas, jacarés, por exemplos”. Para ele, a habilidade do jogador fica à mercê do tipo de pista com que vai se confrontar. Em outros esportes, o piso é sempre igual. Entretanto, essa não é uma opinião comum a todos. Os defensores de que as pistas tenham peculiaridades enfatizam exatamente o contrário: como há diferenças entre as pistas, as habilidades do jogador são colocadas à prova. Nesses contextos, ele demonstra ser ou não um bom atleta (Diário de campo, 30 de julho de 2014).

Interessante destacar que o argumento em torno da ideia de progresso do jogo de malha parece estar ligado à concepção de modernidade, segundo a qual “[...] os costumes tradicionais eram considerados como um obstáculo ao ‘desenvolvimento’” (SAHLINS, 1997, p. 11). Além disso, o discurso desse jogador informa que a não uniformidade provoca desigualdades entre os times. Acabam vencendo os campeonatos os times que alguma vez já jogaram nessa pista ou em outras similares, como é o caso dos do estado de São Paulo. Por outro lado, os que argumentam a favor das pistas com nuances diferenciadas são aqueles que têm possibilidade de jogar nelas com mais frequência e conhecê-las melhor. Na visão dos times dos outros estados, os jogadores de São Paulo têm condições concretas de se adaptar melhor às pistas, mantendo, assim, sua hegemonia no esporte em âmbito nacional.

Quando conheci o clube de Madureira, em 2009, a existência da vala/trilha já era motivo de discordâncias. Uns achavam que ela facilitava demais o arremesso, anulando

as características mais genuínas do jogo (com mais graça e mais inventividade, como no passado, quando se batia a malha no chão de várias maneiras). Por outro lado, os demais defendiam a vala/trilha para que se imprimisse menos força no lançamento da malha, uma vez que a distância entre um pino e outro tinha se tornado maior e os jogadores já tinham certa idade. Além disso, as pistas de campeonatos também contavam com esse aparato. Assim, era necessário que a pista fosse a mais próxima o possível desse modelo para que o grupo continuasse sendo competitivo. Quando retornei ao campo, em dezembro de 2012, a vala/trilha não estava mais lá.¹¹⁰

José era um dos sócios contrários a essa vala/trilha. Ele sempre queria jogar o jogo de malha como antigamente: de cima para baixo, batendo-a e depois a deslizando no chão (rodando a malha). Esse movimento, porém, é impossível com a vala/trilha, por ser obrigatório jogar a malha dentro desse espaço. José dizia que isso era possível quando a pista era de terra batida. Apesar de mais difícil com a pista cimentada, ele sempre tenta (Diário de campo, agosto de 2013).

Eu percebia claramente que havia uma tensão na maneira de jogar a malha entre José e os outros jogadores (sua conduta exemplifica e problematiza o novo e velho, o jogo esportivizado e o tradicional, o avançado e o ultrapassado). Muitas vezes, era desafiado na sua forma de jogar e visto por muitos como um jogador ruim. Pude presenciar algumas falas sobre o José, em determinado dia de campo. Durante uma conversa com um jogador que, debruçado na grade, comentou: “O José é o pior daqui, ele joga rodando a malha”. Interrompe, então, nossa conversa e faz um comentário direto para o próprio José, que estava jogando: “O José ficou no ovo”, logo em seguida, retoma: “José, coloca para quebrar, em tom de chacota” (Diário de campo, 19 de setembro de 2013).

Em outras palavras, e como destaca Caillois (1990), existem duas maneiras de jogar aparentemente antagônicas, mas que, na realidade, são complementares, a *paidia* e o *ludus*, que têm sentidos diferentes nas situações vividas pelos jogadores.

A primeira aparece no jogo como a vontade de transgredir, de não seguir um único caminho. É possível dar vazão à improvisação e à fantasia, por vezes contidas, assim como à exuberância, à diversão, à alegria e à despreocupação. Joga-se com o prazer de se distrair. Goza-se com a liberdade de poder curtir as coisas sem medida, de maneira impensada, desregrada. Posso dizer que, nas partidas que observei e joguei no

¹¹⁰ Infelizmente, não participei da retirada da vala, pois não tinha voltado a fazer trabalho de campo.

meu fazer etnográfico, os jogadores jogam mais à vontade, sem estar “valendo nada apostado”, conversam sobre diferentes assuntos durante as partidas e seguem de maneira adaptada as normas da Federação de Malha do Estado do Rio de Janeiro, ou não as seguem.

Já o *ludus* tem a característica do controle e do cálculo. Há a preocupação em seguir as situações com maior formalização, com disciplina e sem improvisações, subordinando-as às regras convencionais. Há uma relação com o prazer de criar barreiras para dificultar o alcance de seus objetivos. Com tudo isso, o jogador, à luz do *ludus*, precisa ter perseverança e habilidade. Alegria-se e se diverte quando consegue passar por essas barreiras que surgem por sua própria vontade ou impostas por outrem. Essa maneira de jogar ocorre em torneios e campeonatos, em geral mais tensos e com maior foco nos sentimentos de derrota e fracasso.

Foi possível vislumbrar a manifestação dessa maneira de jogar em uma festa de confraternização, em 2013, quando o Esporte Clube de Malha organizou uma confraternização, com um campeonato interno, com entrega de troféus e medalhas e um churrasco, para a qual foram convidados jogadores do clube de Bangu. O que presenciei foram comportamentos totalmente distintos do que havia visto antes.

Quando os jogadores passaram a dar destaque à competição e à organização do torneio, com regras e prêmios, suas falas, expressões faciais e ações mudaram completamente. Houve discussão sobre a organização das regras, e também sobre se a partida seria em duplas (como de costume), ou individual (como acabou ocorrendo); se vestiriam ou não a camisa oficial do time e quem o faria, etc. Delegou-se ao presidente da malha a tarefa de “por ordem da casa”. O presidente tentava falar; outro sócio jogador solicitava atenção (“Eles são muito indisciplinados”). Um jogador muito assíduo no clube disse: “Se continuar assim, vou embora”. O ambiente começou tenso, com discussões verbais em tons mais agressivos e com os jogadores muito irritados. Com o passar do tempo, os ânimos foram se acalmando e as partidas começaram (Diário de campo, 16 de dezembro de 2013).

Neste capítulo, abordei mais diretamente a problemática de como o Grupo de Malha se tornou Esporte Clube de Malha e as interfaces dessa mudança com a desportivização do jogo de malha. Foi interessante construir dados acerca do que acontece atualmente no cenário do jogo de malha esportivizado: um tipo de jogo ideal para muitos dos jogadores do Esporte Clube de Malha, que nunca compuseram a equipe da Federação do Rio de Janeiro, mas que o almejavam durante anos, seja através da

regulamentação de suas práticas ou da metrificação de sua pista. O Esporte Clube de Malha tinha como espelho uma representação de como seria esse mundo, através da experiência de outros jogadores que já haviam tido a oportunidade de estar nele.

Existe uma gramática ligada ao jogo esportivo de malha, o esporte malha, de cuja complexidade eu só consegui realmente me dar conta quando fui assistir aos jogos da Taça Brasil de Malha, em julho de 2014, em Bauru, São Paulo. A ida a um campeonato teve exatamente esta função: trazer-me questões que me ajudassem refletir sobre situações que acontecem na pista de Madureira e naquelas com as quais seus jogadores têm interlocução direta: clubes de malha de Bangu e Cosmos.

Compartilho das ideias de Barth (2000, p. 130) quando discorre que “[c]onsiderar o significado como uma relação faz com que o pesquisador dê mais atenção ao contexto e à práxis”. Deve haver uma busca consciente das relações existentes entre as “culturas” que, no meu campo, aponto como as práticas e vivências de jogo de malha em cada um dos espaços visitados, a partir especialmente dos contatos estabelecidos pelos jogadores do clube de Madureira. Pude perceber tais reflexões de Barth (2000) nessa vivência com o jogo de malha esportivizado, seja através dos campeonatos organizados pela Federação Paulista de Malha e a Confederação Brasileira de Malha, seja nos jogos ocorridos em outros clubes de malha no estado do Rio de Janeiro.

Identifiquei nitidamente que o significado das práticas advém do conjunto das relações estabelecidas. Essa interpretação só foi possível a partir dos contrastes realizados entre o que acontece no clube de Madureira e os dados construídos na etnografia realizada nos campeonatos no estado de São Paulo e de outros clubes no estado do Rio de Janeiro. Essa situação contribuiu com minha familiarização nos assuntos e ações, que interpretados por mim, somente a partir do ponto de vista do grupo de Madureira e dos frequentadores da pista, pareciam muitas vezes continuar no plano do “exótico”. Por fim, com as comparações possíveis estabelecidas e as relações claramente destacadas, pude conhecer melhor o grupo de Madureira e interpretar com mais profundidade algumas de suas representações sobre a vida, seus processos sociais de construção de sociabilidade, de masculinidade e seus entendimentos sobre o ato de envelhecer.

3.4. As corporalidades no jogo de malha: representações sobre o homem velho

O conceito de técnica corporal, largamente discutido por Mauss (1934) em seu texto “Noção de técnicas do corpo”, significa a “[...] expressão, as maneiras como os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (p. 401). As diferenças de técnicas estão diretamente ligadas aos hábitos que cada sociedade possui (MAUSS, 1934). “[t]odos esses modos de agir eram técnicas, são técnicas do corpo [...]. Chamo técnica um ato tradicional eficaz [...]. Não há técnica nem transmissão se não houver repetição” (MAUSS, 1934, p. 407). Nesse contexto, o corpo é o primeiro instrumento do ser humano (MAUSS, 1934), o canal de modificação dos padrões estabelecidos ou incorporados (WACQUANT, 2002) ou simplesmente de sua repetição.

Sendo assim, a partir deste parâmetro de pensar as técnicas corporais relacionadas às diferentes maneiras pelas quais as variadas sociedades sabem se servir do corpo, foi possível aprofundar as reflexões sobre o corpo velho que joga malha nos clubes de Madureira. Outro elemento que contribuiu enormemente para refletir sobre o assunto foram os contrastes possíveis de serem realizados a partir do momento em que tive contato com as experiências corporais dos times de várias cidades do estado de São Paulo, e posteriormente, com os de outras cidades de estados brasileiros, como Minas Gerais e Mato Grosso. Porém, neste caso, temos os corpos novos e velhos como pertencentes a um mesmo universo de praticar o esporte malha, por ora podendo ser comparados e em outras ocasiões, não.

Nas competições organizadas pela Confederação Brasileira de Malha, conheci vários times do estado de Minas Gerais, do município de Volta Redonda (região Sul Fluminense do estado do Rio de Janeiro), do estado de Mato Grosso do Sul e do estado de São Paulo. Chamou-me bastante atenção a biomecânica do movimento corporal dos times de São Paulo, cujas características principais eram muito semelhantes: os jogadores abaixavam bastante o corpo para arremessar a malha e colocavam um pé bem à frente do outro na hora da jogada, encostando o joelho no chão no início do jogo. Mais do que ilustrar, a observação detalhada e as descrições das fotos contribuem para a interpretação da corporalidade.



Foto 34 - Um jogador do time da cidade de Bauru, estado de São Paulo. Julho de 2014

Logo, há uma especificidade na técnica corporal paulista que identifica, naquele movimento de soltura de uma malha, com o tronco muito flexionado para frente, em direção ao pé, o aparecimento de um jogador do jogo de malha naquele local. Por outro lado, nos outros estados, nem todos os jogadores executavam o mesmo movimento. Uns abaixavam ou levantavam mais; outros abriam mais as pernas na hora do arremesso; outros ainda conseguiam fechá-las um pouco mais. Essas diferenças na dimensão da corporalidade trouxeram-me questões para pensar sobre os fatores que influenciam sua construção dentro do campo esportivo. Infiro que existam vários motivos para essa heterogeneidade de movimentos.

Um deles é que, no estado de São Paulo, estão catalogados em torno de 400 times de malha, muitos dos quais participam durante todo o ano de campeonatos e torneios organizados pela Federação Paulista, com apoio dos diferentes municípios e do próprio governo do estado. Sendo assim, os jogadores estão em constante contato, jogando entre si com mais frequência, aperfeiçoando suas técnicas e observando a maneira como seus adversários jogam, muitas vezes imitando-os. Além disso, cada pista “tem sua batida da malha”; logo, quanto mais vezes o time jogar na pista do adversário, mais vai conhecendo seus detalhes e identificando essa “batida”. Associado a isto, tem-se também o tipo de líquido que se passa na malha bem polida, peculiar também nos times do estado de São Paulo.

Os líquidos que molham a malha também não são iguais entre os clubes, sendo, de certa forma, “um segredo” entre eles, que pode fazer a diferença na hora da jogada. O tipo de líquido influencia no deslizar da malha pelo chão, demandando mais ou menos esforço no arremesso por parte do jogador. Cada time tem seu líquido, e não há troca de informações sobre o assunto. Os clubes presentes confidenciaram-me as maneiras como preparam seus líquidos. Como me pediram para que eu não as divulgasse, manterei tal conduta na escrita etnográfica. Outro elemento importante é o polimento da malha. Cada time joga com suas malhas, polindo-as do seu jeito – uns têm seu próprio equipamento, outros mandam polir em serralherias, como é o caso dos times de Madureira e Bangu. Por conta disso, o peso das malhas pode variar, mas observei que nas competições não são pesadas antes das partidas – algo um tanto curioso de acontecer, visto que isto também facilita ou não o deslizar da malha na pista.

No caso das outras regiões do Brasil, como o próprio estado do Rio de Janeiro, o número de times é infinitamente inferior ao de São Paulo. Não há com frequência campeonatos e torneios que os estimulem a jogar o ano todo e entre si. Muitas equipes de outras regiões do país só se encontram nesses campeonatos a nível nacional¹¹¹ uma vez ao ano. No campo descrito abaixo, é perceptível estas diferenças no que diz respeito às repetições das técnicas corporais adquiridas para se tornar um jogador de jogo de malha.

Pra gente ganhar em outra pista existe uma grande dificuldade, dá pra ganhar? Dá, mas é muito difícil você sair da sua pista e ganhar numa outra, entendeu? É muito difícil, o cara tem que ser bastante técnico, olhar bastante o outro que tá jogando, são dez arremessos, no primeiro arremesso você tem que se dedicar aonde o cara joga. Se você bater errado ela sai, depois você dá uma olhadinha, eu vou falar pra você “Bateu errado, vai sair” pode acontecer que não, dê uma sorte e vai, mas a gente sabe que se bater daquele jeito já errou, entendeu? Ih bateu mal, bateu errado, já sabe, então existe a trilha, quando a malha cair, ela tem que cair no lugar certo, ela quer um pouquinho mais pra lá ou mais pra cá, ela faz um caminho diferente, então tem todo esse macete técnico (Entrevista Luizinho, 08 de julho de 2014).

Outro elemento fundamental nas variações das técnicas corporais é a idade do indivíduo praticante (MAUSS, 1934). Essa premissa é sem dúvida identificável no campo esportivo da malha. A maioria dos componentes dos times de São Paulo era mais

¹¹¹ Na época em que a Federação de Malha do Estado do Rio de Janeiro encontrava-se em atividade, os times que participavam dos campeonatos tinham também este tipo de problema com relação à falta de investimento: “Porque a gente não tem base, a gente não tem base, não tem apoio. E aqui no Rio de Janeiro a gente fazia, todo ano tinha três, quatro campeonatos; tínhamos datas comemorativas, como primeiro de maio, dia do trabalhador, a gente fazia, Sete de Setembro, aniversário da federação, alguma coisa assim” (Entrevista com Luizinho, junho de 2014).

jovem do que dos outros estados, o que facilitava aos primeiros a flexão total da coluna para frente em direção ao chão – fato que auxiliava lançar a malha em direção ao pino. A questão etária também influenciava no equilíbrio, pois em São Paulo os mais novos colocavam um pé bem à frente do outro (foto 34). Evidentemente, não é possível generalizar, pois alguns jogadores com mais idade também conseguiam flexionar a coluna em quase sua totalidade; porém esse é mais um dado a ser considerado dentro dessa dinâmica esportiva e na influência que a questão etária pode promover neste cenário esportivo.

Roberto, 65 anos, componente do clube de Caraguatatuba, estado de São Paulo, mostra na foto a seguir sua maneira de abaixar o tronco. Fazendo uma comparação com a foto anterior, percebe-se que ele não consegue executar a flexão total do tronco para a frente, igual ao jogador mais jovem do time de Bauru. Contudo, a biomecânica geral do movimento é muito parecida em ambos os casos.



Foto 35 - Roberto, da equipe da cidade de Caraguatatuba. Abril de 2014

Infiro que, como indica Mauss (1934), a sociedade em que você vive influencia a forma como você modela seu corpo. No estado de São Paulo, é comum este tipo de flexão de coluna, até porque o tipo de pista, a malha muito polida, o produto que se passa nela e uma lógica de um campo esportivo competitivo corroboram tal movimento corporal; ele não é um elemento descontextualizado.

Fazendo contraste com os jogadores da pista de Madureira, particularmente com o de maior idade, destaque, na foto que se segue, o jogador Arthur (84 anos) no arremesso de sua malha. A altura do seu tronco no lançamento difere totalmente das fotos anteriores. Associado a isto, tem-se o piso da pista, que não é tão escorregadia quanto a de São Paulo; o polimento da malha é menor; o produto que se passa na malha é uma cera; e o que se coloca no chão para ajudar no deslizamento da malha. A técnica corporal de um jogador de malha não se limita somente ao próprio movimento corporal, mas também às condições físicas e ambientais para executá-lo – uma situação alimenta a outra. É um conjunto harmonioso que se oferece e que se une ao grupo etário, promovendo diferenças no lançamento de malhas.



Foto 36 - Jogador arremessando, Clube de Madureira. Outubro de 2013

Jogadores mais jovens entre os velhos tendem a se abaixar mais na soltura da malha, para facilitar seu deslizamento, e com isto o resultado deles geralmente é mais positivo do que os “mais velhos dos velhos”.¹¹² Porém tem um elemento surpresa muito importante nesta questão: o tempo de vivência com o jogar as malhas. Mesmo sendo mais novo, não garante maior habilidade, caso o indivíduo não tenha o aprendizado do movimento, o domínio da técnica corporal para tal. (Ver o apêndice 3 para comparar

¹¹² Esta forma de me referir aos velhos em Madureira foi criada por mim; não é conceito deles. Uma categoria de análise de tipificação que criei para me ajudar a pensar nas diferentes lógicas que operam neste cenário esportivo e na maneira como os sócios se veem dentro do cenário da velhice. Uma subdivisão da categoria “velhos” – “mais velhos dos velhos” e “mais novo dos velhos”.

três tipos diferentes de soltura da malha: um jogador mais novo, mas com menos domínio; o mais velho do grupo e um menos velho do grupo.

Não em todos os casos, mas identifica-se que os mais jovens levam certa vantagem sobre os mais velhos, pela maior flexibilidade do corpo, tendo menos problemas ligados a doenças da coluna, dos joelhos, equilíbrio corporal, e de visão. Pude comparar tais aspectos a partir campo que realizei em São Paulo, na Taça Brasil, no ano de 2014 cujos primeiro e segundo lugares eram compostos pelos times dos jogadores mais jovens, inexoravelmente superiores na quantidade de acertos no pino. E entre os “mais novos dos velhos” e os “mais velhos dos velhos” os elementos destacados acima também se sobrepõem com outros que se inter cruzam, tais como: habilidade desenvolvida e conquistada, o parceiro de jogadas, a cabeceira escolhida para arremessar a malha, o tipo de cera que se utiliza conjuntamente com o polimento da malha e concentração na hora das jogadas. Correlacionado ao grupo etário, há o tipo de piso da pista, que estimula diferentes maneiras de arremessar a malha, e o estilo escolhido pelo jogador para jogar, este último intimamente ligado às construções corporais realizadas ao longo dos anos: “[...] ainda faço este gesto, não consigo me desembaraçar-me de minha técnica” (MAUSS, 1934, p. 402).

A tentativa de um uso hábil do corpo de certa maneira contribuiu para mascarar a ideia de uma velhice presente nos corpos dos jogadores. Durante as partidas, não se ouviam queixas sobre dores de coluna (de abaixar e levantar para pegar a malha do chão), do joelho (ao flexioná-lo para lançar a malha). Porém, ao final delas, em alguns casos, era possível ouvir alguns relatos de dores nessas regiões.

Não acredito que o fato de pouco se queixarem de dores, ou não o fazerem, signifique que estão preocupados em aparentar ter menos idade, ser mais novos, como em outras pesquisas com velhos, quando há um culto do corpo como objetivo (ALVES, 2004). O que para mim fica evidente é que, no caso deles, não havia preocupação com uma identidade de ser velho, mas sim de não perder as características de ser um bom jogador de jogo de malha. Ser “mais velho dos velhos” ou um “mais novo dos velhos”, porém em ambos os casos, continuar sendo um bom jogador de malha.

Há um controle corporal na hora do jogo com o intuito de não demonstrar uma possível queda de rendimento por conta das perdas físicas e motoras em função do processo de envelhecer. O que identifiquei com muita frequência eram as partidas sendo interrompidas, de maneira coletiva, por conta de um cansaço, em função de serem em número reduzido e terem poucos jogadores para fazerem rodízio, sobrecarregando-os.

Nesse contexto, os jogadores de malha de Madureira nos falam de um corpo velho, mas que é camuflado por eles próprios pelos nomes que se autointitulam: jogadores e atletas. E ainda fazem contraste com aqueles que ficam nos bancos da praça jogando cartas, na porta de bares ou padarias. Esses são os velhos; e eles os jogadores. De alguma forma esta comparação nos indica um olhar negativo sobre o processo social de envelhecer e as sequelas disso no corpo masculino e do jogador de malha. Mantendo-se na categoria jogador, há objetivos, corpos ativos que os permitem abaixar e levantar para pegar as malhas em sequência, por exemplos. Os outros que são denominados de “velhos” são os não ativos, desgastados com o tempo, não fazem nada.

Olha, pra dizer a verdade, muitas pessoas pensa que a malha é um negócio só pra ficar ali, passar tempo, não é passar tempo não. A malha é um, tipo assim, como que chama uma atividade física também, que facilita, por exemplo, a gente faz inclusive um exercício abdominal, por isso que eu gosto de sempre tá apanhando a malha (*pegar a malha que está no chão, grifo meu*) E, outra coisa, diz a lenda da medicina, que todas as pessoas deveriam abaixar a cabeça várias vezes pra oxigenar o cérebro, e aquela abaixada que a gente dá na cabeça, oxigena o cérebro também. Eu ouvi uma história uma vez que tinha um senhor, que todo dia levantava, jogava pela casa vários grãos de feijão, pra depois vim catando, aquilo era pra oxigenar o cérebro. E de fato é mesmo, porque se, na minha idade, a pessoa na minha idade (*77 anos, grifo meu*) se ficar muito tempo sem abaixar a cabeça, quando vai abaixar pra fazer qualquer coisa dá aquela tonteira. E aí já jogando malha, você abaixa e levanta a cabeça com facilidade sem sentir essa tonteira, e é por isso que eu gosto às vezes de vir aqui. Faço isso por dois motivos: pra exercício mesmo abdominal e oxigenação no cérebro, entendeu? Independente de ser um esporte que tem vários amigos e tudo mais (Entrevista do Miguel, 13 de abril de 2014).

A opção da maioria deles de não se designarem como velhos, exceto em alguns momentos que usam esta nomenclatura para justificar uma queda de habilidade ou em relação à doença de outro jogador, é uma característica que não é enaltecida no dia a dia do clube. Essa negativa de certa maneira nos revela representações e valores sobre suas experiências do ato de envelhecer, a maneira como veem a velhice. “Há uma construção social dos significados conferidos à velhice e ao processo de envelhecimento” (LINS DE BARROS, 2006b, p. 8).

Há entre eles e denominado por mim de um jogador “mais velho dos velhos” e os sócios tem uma fala carinhosa de trata-lo de “café com leite”. Fazer esta separação de certa maneira representa um respeito pela pessoa e por sua “idade”. O próprio jogador acaba destacando a velhice como algo que de certa forma fará com que o clube um dia termine. “Participo do clube, é bom, mas, acontece que meus colegas uns estão morrendo e outros desistindo, então não tem mais gente nova pra vir pra aqui. É a falta

que tá fazendo, gente nova não tem, só tem velho, acabados como eu [risos]” (Diário de campo, fala do Marcio, 13 abril de 2014).

4. A SOCIABILIDADE NO ESPORTE CLUBE DE MALHA PATRIARCA DE MADUREIRA E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MASCULINIDADE

4.1. Construção social da masculinidade

Os estudos acadêmicos que possuem um recorte sobre as questões de gênero vêm crescendo vultosamente na área da Antropologia, sobretudo a partir dos movimentos feministas e do grupo de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais (LGBT) que eclodiram a partir da década de 1960, em diferentes países, como Estados Unidos e Canadá (CECCHETTO, 2004).

O que hoje se chama de categoria analítica “gênero”, no início era, por essência, analisada na perspectiva da história das mulheres. Questionava-se a premissa, que parecia ser incontestável, de que as diferenças entre homens e mulheres estavam intimamente atreladas ao corpo biológico. Os estudos começaram a problematizar os papéis sociais de mulheres e homens, enfatizando que eles variavam de cultura para cultura e, principalmente, nos diferentes contextos.

Como, de certa forma, os estudos científicos vieram por consequência da militância das mulheres contra os diferentes modelos de dominação masculina, havia de se esperar que aqueles fossem pautados, no princípio, na perspectiva das mulheres de se pensar as relações de gênero. Acreditava-se também que, ao refletir sobre assuntos ligados às mulheres, direta ou indiretamente os homens estariam envolvidos, pois as análises baseavam-se no caráter relacional.

Neste contexto, as discussões trazidas pelo movimento LGBT contribuiu enormemente com inquietações e questionamentos sobre a existência ou não de um só modelo de “ser homem”. “*Women and gay men are no longer the ‘problem’ to be unravelled. Now the spotlight is on the heterosexual male*¹¹³” (CORNWALL; LINDSFARNE, 1994, p. 1).

Ao longo dos anos de 1980, principalmente nos países anglo-saxões, outros estudos trouxeram à tona discussões que ampliaram o olhar sobre as relações entre sexualidade e identidade(s) masculina(s), fundamentalmente no escopo das relações de

¹¹³ Mulheres e homens gays não são mais o problema a ser revelado. O foco é o heterossexual masculino [tradução própria].

gênero. É importante destacar que as reflexões acerca da construção social da masculinidade não estão sendo concebidas como algo separado das discussões de gênero, até porque este é o campo sociológico com maior abrangência. Porém, como discorre Cecchetto (2004, p. 53), é possível problematizar tal temática a partir da realização de recortes “[...] das perspectivas que alguns autores vêm considerando mais promissoras na abordagem da masculinidade”. A questão principal “O que é ser homem?” passou a ser um tema em debate, porém, nesse contexto, não interessavam respostas que estivessem marcadas por características universalizantes, anistóricas e simplistas. Era preciso refletir sobre a identidade masculina do ponto de vista particular, contextual.

O que se tinha na época, especialmente nos países ocidentais, era a noção de que “ser homem” estaria fincada, principalmente, na negação das características que no senso comum eram atribuídas exclusivamente ao sexo feminino. “[...] não se comportar como uma mulher, não ser uma moça, uma cocota, uma mulherzinha” (FALCONNET; LEFAUCHEUR, 1977, p. 26).¹¹⁴ Deve-se ressaltar que as campanhas publicitárias corroboraram enormemente a divulgação de determinada forma de “ser homem”, associando-a diretamente a qualidades ditas viris, como poder, potência e posse. Acabavam por reforçar valores e representações sobre um tipo de masculinidade tipicamente monogâmica, heterossexual e reprodutiva (VALE DE ALMEIDA, 1995)

De maneira geral, a mídia explorava a noção de que o comportamento dito feminino ou masculino estava relacionado ao binarismo de sexo (homem e mulher), havendo uma demarcação nítida entre as características do que seria ser homem e do que seria ser mulher. A propagação de um suposto modelo de “ser homem” contribui, diretamente, para o reforço de valores que já se faziam dominantes (BOURDIEU, 2009), sobretudo nos países ocidentais.

[...] o homem “verdadeiramente homem” é aquele que se sente obrigado a estar à altura da possibilidade que lhe é oferecida de fazer crescer sua honra buscando a glória e a distinção na esfera pública. A exaltação de valores masculinos tem sua contrapartida tenebrosa nos medos e angustias que a feminilidade suscita: fracas e princípios de fraqueza enquanto encarnações da vulnerabilidade da honra [...] (BOURDIEU, 2009, p. 64).

Desse modo, a categoria (hetero)sexualidade era refletida como algo que abarcava todas as formas de sexualidade masculina, não recebendo assim a devida

¹¹⁴ Esses autores são um dos primeiros a voltarem suas preocupações e seus estudos para a temática da masculinidade, privilegiando as reflexões acerca da sua relação com a mídia, principalmente no que diz respeito às mensagens propaladas aos diferentes públicos, fundamentalmente ao masculino da época.

atenção, por ser considerada óbvia demais (GUTMANN, 2000). Na abordagem essencialista dos conceitos de homem e de mulher, naturalizada entre o binômio: masculino e feminino, respectivamente (FALCONNET; LEFAUCHEUR, 1977), facilitou a sublimação da manifestação das diferentes possibilidades de “ser homem” em distintos contextos culturais e sociais. Sendo assim, não se problematizou esta categoria em referência às questões de idade, gênero, etnia e classe social. Contudo, com o crescimento das problematizações em torno do tema, mesmo que ainda de maneira tímida, começou-se a “[...] demonstrar que eles possuem tipos particulares e não universais em suas sexualidades [...]” (GUTMANN, 2000, p. 8).

Nos últimos anos, no âmbito brasileiro, temos acompanhado pesquisas focadas na construção social da masculinidade (CECCHETTO, 2004; SOUZA, 2003, 2010; ROJO, 2015), inferindo que os homens estão inseridos em culturas mediadas por relações hierárquicas, com desigualdades de poder, de relações de gênero, questões étnicas e etárias.

Uma das linhas que analisam a construção social da masculinidade está ligada aos chamados *men's studies*,¹¹⁵ de perspectiva norte-americana, que se aliam às teorias feministas, rompendo com o determinismo biológico da divisão entre os sexos, e “[...] se colocam dentro de uma perspectiva relacional do gênero, em que a masculinidade, assim como a feminilidade, é construída socialmente; é histórica, mutável e relacional” (CECCHETTO, 2004, p. 57).

Por conseguinte, Cornwall e Lindisfarne (1994) problematizam o conceito de masculinidade não como algo coeso, estático e preconcebido, mas como uma categoria que possui múltiplos e ambíguos significados que se modificam de acordo com os contextos culturais, sociais e históricos. Em outras palavras, existe um repertório de masculinidade(s) baseado em novas combinações. O significado da categoria “masculinidade” não é necessariamente igual em todos os lugares; as pessoas operam de acordo com seus conceitos, seus domínios e suas identidades. *“The many different images and behaviours contained in the notion of masculinity are not always coherent: they may be competing, contradictory or mutually undermining”*¹¹⁶ (CORNWALL; LINDSFARNE, 1994, p. 12).

¹¹⁵ Estudos masculinos.

¹¹⁶ As muitas diferentes imagens e comportamentos contidos na noção de masculinidade nem sempre são coerentes: podem estar competindo e, contraditoriamente, minando-se mutuamente [tradução própria].

Assim como as autoras destacam, corroboro a ideia de que não existe um significado único de “ser homem” que consiga abarcar os múltiplos contextos. Porém, é factível pensar que, em cada um deles, há uma possível masculinidade, no plano ideal, que é negociada e reforçada entre os pares. As disputas, as competições internas são maneiras evidentes de reafirmar tal masculinidade desejada (que é perseguida pelos pares, ou que é incorporada por alguns deles, nas combinações encontradas no campo). Por outro lado, não posso afirmar que não existam outras formas de masculinidade que se tensionam mutuamente.

No bojo dessas considerações, o campo esportivo tem-se paulatinamente preocupado com questões tanto das masculinidades quanto das feminilidades (KNIJNIK, 2010; ARCHETTI, 2003; ROJO, 2015). Os questionamentos que estão em pauta são: há uma construção e um reforço de um suposto ideal de masculinidade, daqueles que estão participando ou usufruindo dos valores do campo esportivo? Ou existem diferentes masculinidades operando dentro de cada contexto, sobretudo a partir do agenciamento dos participantes, tanto no plano individual quanto no coletivo?

A fim de refletir sobre o assunto, estou me baseando em conceitos que estão em consonância com a teoria antropológica do campo de estudos sobre masculinidade na ótica dos estudos de gênero. A intenção é ponderar como os discursos e as práticas ocorridas entre os sócios do clube de malha, assim como os frequentadores do espaço, constroem e reforçam determinada identidade de gênero masculino. Nesses termos, é necessário lembrar que, por mais que o exercício da masculinidade atravesse os diferentes grupos etários, meu olhar está mais direcionado para o homem velho.

Faz-se importante evidenciar que o tema “gênero” não deve ser tratado como uma variável isolada nas pesquisas acadêmicas, porém como mais uma maneira de “olhar” o grupo nativo, permitindo, conjuntamente com outros recortes, contribuir com a interpretação das situações vividas pelos povos/grupos pesquisados – “[...] as relações sociais com base no gênero passaram a ser entendidas como um conjunto a mais a acrescentar aos das relações com base na idade, status, prestígio, classe social e outras” (VALE DE ALMEIDA, 1995, p. 15).

Este estudo explora a ideia de que o jogo de malha é uma arena social em cuja masculinidade pode ser produzida e reproduzida pelos atores sociais envolvidos (ARCHETTI, 2003). Os dados construídos no meu campo certificam tal premissa, visto que a masculinidade é construída, desconstruída e reproduzida nas situações sociais, vivenciadas no dia a dia das competições ocorridas no interior do clube de malha.

A prática de disputas e competições pode ser considerada uma característica bastante generalizada do *ethos* masculino, sendo um tema recorrente de pesquisas na área de ciências humanas. Em culturas as mais diversas, a afirmação social do ‘ser homem’ passa pela disputa com outros homens, seja do modo mais direto, em uma luta corpo a corpo, seja por vias mais sutis, como desafios verbais, torneios de insultos ou apostas em rinha de galos (GASTALDO; BRAGA, 2011, p. 880).

Para discutir o assunto, inspirei-me nas ideias de Vale de Almeida (1995),¹¹⁷ que indica que a sociabilidade é um dos caminhos para a identificação da construção e reprodução dos discursos e práticas de masculinidade. Em seu caso, utilizou-se do contexto dos cafés, na Aldeia de Pardais, Portugal, entendendo-o como uma “casa de homens”: um local para interação de um grupo social específico; os homens da chamada “camada operária”. Eles têm como objetivo beber bebidas alcoólicas, ver televisão, jogar determinados jogos, tais como dominó e comer petiscos. “A conversa em torno da bebida é regida pela retórica das histórias exageradas, em que predominam as de caça, pesca e sexo, e o comentário em voz alta sobre o trabalho, o sexo, as mulheres e o futebol, evitando a política [...]” (VALE DE ALMEIDA, 1995, p. 187). As mulheres que frequentam o café o fazem em horários que os homens habitualmente não estão por lá.

Durante todo um ano de etnografia, identifiquei que no jogo que acontecia na Praça do Patriarca só houve a presença de homens.¹¹⁸ “Um ambiente, a princípio, imerso em discursos e práticas que reforçam a construção e manutenção de gênero masculino. É importante destacar que a maioria dos esportes já não é mais só “casa de homens”, pois cada vez mais mulheres estão participando das modalidades, como é o caso das lutas em geral. No que se refere ao jogo da malha no contexto estudado, no clube de Madureira nunca houve mulheres participantes. Porém, não posso generalizar essa análise, mesmo que em um ano de trabalho de campo, nunca tenha presenciado tal fato. Os sócios dos outros clubes alegam que já presenciaram mulheres participando. A

¹¹⁷ O livro *Senhores de Si*, do antropólogo português Vale de Almeida (1995), é dos destaques na Antropologia brasileira quando o assunto é a construção social de gênero, principalmente o masculino. De certa forma, o texto trouxe para o círculo dos debates antropológicos, o tema da masculinidade e contribuiu enormemente para a entrada dessas reflexões no Brasil.

¹¹⁸ Em outros clubes, tais como Bangu e Ipiranga (cidade de Maricá), foi possível ver mulheres no espaço da sociabilidade, tais como esposas e ou filhas. Porém, elas não jogaram bem ficaram durante todo o tempo que o cônjuge ou pai esteve por lá. Vou refletir sobre a presença de mulheres, neste campo esportivo, ao final deste capítulo.

partir desse pressuposto, verifico que este território é ainda simbólica e hegemonicamente essencialmente masculino.

Nesses termos, compreendo que o masculino só se constrói na relação com seus pares – e, no meu caso, com outros homens velhos – com os homens mais novos e, no contraponto, também com o feminino. Discuto a questão da construção social da masculinidade no plano da ausência do feminino, visto que não há mulheres no meu campo. Identifico que em locais onde há a presença mais marcante das mulheres, outras representações de gênero podem ser construídas e identificadas. Os contextos trazem consigo diferentes esferas de significação social, demarcando mudanças de atitudes, assuntos e representam pontos de vista e éticas diferenciadas (DAMATTA, 1985).

No clube de malha de Madureira, a maneira como cuidavam do espaço, e a divisão de tarefas dentro do próprio clube trazem à baila sentidos e valores atrelados à identidade masculina dentro desse ambiente de lazer. Aparecem, nessas atividades, reprodução de ações e interesses entendidos no senso comum como “de homem”: “[...] limpar o quintal, consertar coisas como eletrodomésticos e fazer reparos na casa, construir a casa” (SIQUEIRA, 1998, p. 217). [Pode-se ver tal ideia na descrição do diário de campo abaixo:

Os jogadores vão chegando aos poucos na pista de malha. Por volta das 8:00h, a maioria deles já está por lá. O Marcelo, tesoureiro do Clube, possui as chaves que abrem o portão, é um dos primeiros a chegar. Abre-se o portão, abrem-se os armários, se pega a caixa com as malhas e coloca-se a disposição de todos. O João Carlos, sócio jogador, pega a vassoura e já vai varrendo o local, tirando as impurezas, tais como: as folhas que caem das árvores que ali se acumulam. Outros vão pendurando placas com mensagens sobre o próprio jogo, eles penduram o placar. Posteriormente, outro jogador pega a canjiquinha e espalha-a sobre a pista para facilitar o deslizar da malha. Há uma nítida divisão de trabalho, não sendo muito necessário pedir algo a alguém. Neste momento, fala-se pouco, o estritamente necessário para a arrumação do local. Nem todos participam da organização do espaço para o jogo, alguns sentam no banco na área de convivência e leem seu jornal, por exemplo - geralmente são os sócios contribuintes que fazem isto. À medida que vão chegando, começa-se a definir quem vai ser dupla com quem (Diário de campo, 15 janeiro de 2014).

Além dessas práticas, encontram-se outras que estão baseadas nas chamadas “relações jocosas”: “[...] apercebi-me rapidamente que ser homem é algo, sobretudo, do nível discursivo e do discurso enquanto prática” (VALE DE ALMEIDA, 1995, p. 16). É sobre esta noção, bastante conhecida na Antropologia, que me debruçarei a seguir.

4.2. Jocosidades “um jogo dentro do jogo” – base das relações de sociabilidade masculina

Com as leituras de Mauss (1983) e Radcliffe-Brown (1978; 1973), tive acesso às noções conceituais do termo “relações jocosas”, e de que maneira este se tornou um subtema dos estudos de parentesco em etnologia. O termo em francês “*parentés à plaisanteries*” – “parentesco de brincadeira” – acabou se limitando às estruturas de parentesco: “[...] a questão entre os membros dos clãs e das famílias entre si e com as famílias e os clãs aliados: fenômeno social absolutamente humano” (MAUSS, 1983, p. 164). Por outro lado, no caso de “*joking relationship*”, termo que em língua portuguesa é denominado de “relações jocosas”, apareceu potencialmente através das estruturas de parentesco (RADCLIFFE BROWN, 1978).

O autor utilizou estudos comparativos entre sociedades tidas por ele como primitivas para discorrer sobre esta noção. Concentrou-se na concepção de que “se permite a um homem, ou mesmo se exige dele, que use de comportamento insultante para com alguns dos parentes de sua esposa de sua própria geração” (RADCLIFFE BROWN, 1978, p. 54). É neste sentido, que problematizei tal assunto, correlacionando-o com os momentos de sociabilidade vividos pelos membros do clube de malha, sendo aparentadas ou não.

Para endossar ainda mais meu argumento, a inspiração teórica sobre o assunto se deu efetivamente a partir da leitura do texto “As relações jocosas futebolísticas. sociabilidade, futebol e conflito no Brasil”, do antropólogo brasileiro Édison Gastaldo (2010). Seu foco era “[...] explorar elementos de um fenômeno social particularmente intenso no Brasil, que denomino “relações jocosas futebolísticas” (GASTALDO, 2010, p. 311). Trata-se de formas lúdicas de interação social mediadas pelo futebol, na forma de provocações, sátiras, pilhérias, desafios ou apostas, isto é, “jogos” paralelos¹¹⁹ aos jogos de futebol propriamente ditos” (GASTALDO, 2010, p. 311).

O autor escolheu como ponto de análise o estudo das relações jocosas que revelam os temas das diversas situações relacionadas ao futebol. Meu objetivo não foi comparar os dois objetos de pesquisa, mas sim, inspirando-me em suas reflexões teóricas, e dos autores destacados acima, discorrer sobre as relações jocosas que

¹¹⁹ Pude perceber tal situação de jogo dentro do jogo, na minha dissertação de mestrado, quando na situação de *baculejo ou rapa*, os meninos, durante uma partida do jogo de bola de gude, faziam uma ação inesperada de pegar as bolinhas que estavam dentro do triângulo, por exemplo, sem estarem participando daquela partida (FONSECA, 2000).

acontecem internamente entre os sócios do clube de malha, e entre eles e alguns dos homens que passam pela praça e participam de alguns momentos de provocações, de sátiras. Após as descrições das situações, refleti sobre os possíveis significados para os envolvidos, sobretudo para os sócios do clube, e de que maneira elas afetaram as redes de sociabilidade criadas por eles.

No clube de malha, em diferentes momentos da partida, foi possível observar esses tipos de ações: um jogador que se encontrava na pista, jogando e zombando do seu próprio companheiro ou do adversário, principalmente no que diz respeito a sua habilidade e seu desempenho dentro do jogo. Por vezes um retrucava, ou não falava nada; simplesmente jogos de olhar se estabeleciam. Contudo, em outras situações acontecia a mesma coisa, só que ambos devolviam a gozação. Existiam ainda nesses casos, aqueles que estão do lado de fora da pista, não são jogadores e faziam piadas sobre a habilidade de um homem que está jogando.

Um sócio-contribuinte chamado Sandro estava dentro da área de convivência e debruçado sobre a grade que fica do lado de fora da pista. Observando atentamente as jogadas dos colegas, diz a Juca - “O que está havendo contigo?”, “Tá nervoso? (risos)”. O José, que acabara de ser provocado, não demonstrou aparentemente nenhum tipo de desequilíbrio emocional em relação à fala de Sandro; deu uma olhada “de rabo de olho” e continuou jogando (Diário de campo, 26 de outubro de 2013).

Esta forma de comportamento adotado por José, de não retrucar a zoação sofrida, não aconteceu em todas as circunstâncias. Houve outras em que se percebeu que a jocosidade foi uma maneira encontrada para mediar relações, algumas até de conflito, porém com muito bom-humor. Para Radcliffe Brown (1978), não há uma linearidade nas formas de relações sociais; há uma produção de variados tipos de comportamentos: fulano zomba de outro que retruca; sicrano zomba de outro que não retruca, são exemplos. As combinações desta jocosidade são inúmeras, mas o importante, nesse processo, é um homem desafiar a todo instante o outro, provocando suas habilidades em determinados tipos de condutas.

Seguindo a linha de raciocínio desse autor, as provocações só ocorrem entre os considerados conceitualmente iguais. No caso do clube de malha, os que participam das relações jocosas fazem parte do referido clube, são frequentadores da pista ou são vizinhos que passam por ela, e têm algum grau de afinidade com alguns dos sócios do clube. Pitt- Rivers (1988) corrobora esta ideia quando enaltece que: “Um homem só tem

que responder pela sua honra entre os que socialmente lhe são iguais, entre aqueles com quem pode conceptualmente competir” (PITT-RIVERS, 1988, p. 22).

A foto abaixo demonstra espacialmente como podem estar localizadas as pessoas que participam destas relações jocosas.

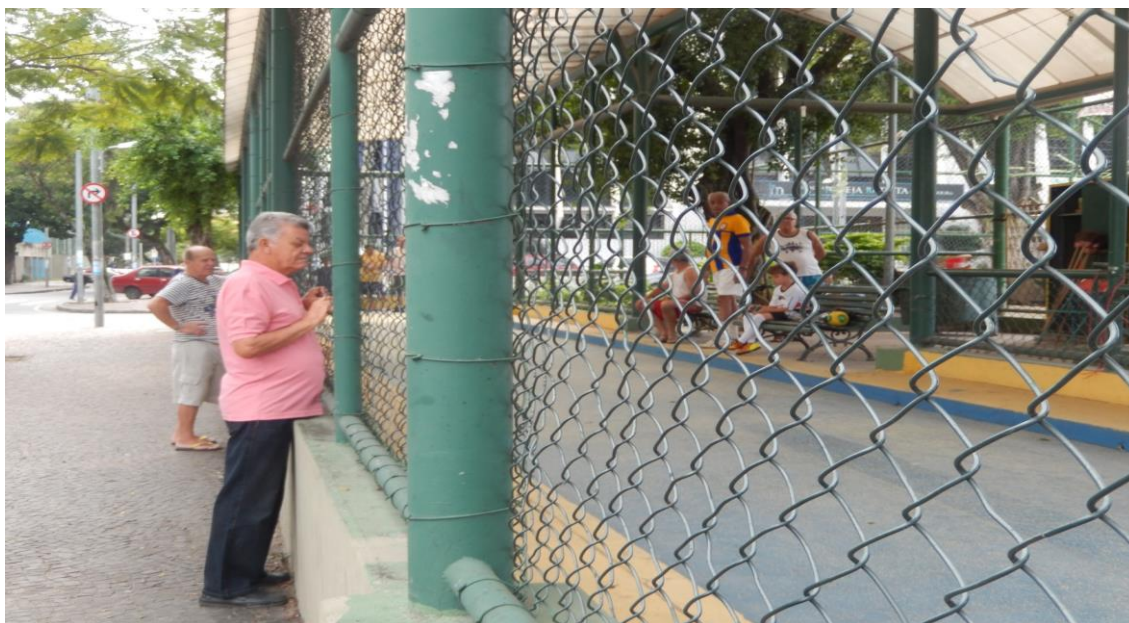


Foto 35- - À direita da foto, área de convivência, com sócios sentados no banco ou em pé, visualizando o jogo e esperando a vez para jogar. À esquerda da mesma, os passantes que param para assistir ao jogo e comunica-se com os sócios do clube, pela grade. Junho de 2014

As jocosidades colocam publicamente à prova o(s) desempenho(s) do(s) jogador durante as partidas do jogo de malha. Os desafios são enaltecidos entre os próprios jogadores da partida em tela: são frases proferidas de um para o outro, tendo ou não desforra. “Dois jogadores, um de cada lado da cabeceira. Um deles estava naquele dia com a habilidade em baixa, acertando pouco o pino, jogando mal. Depois que acertou, o seu concorrente diz: “Até que enfim conseguiu acertar!” (Diário de campo, dia 26 de outubro de 2013). Aconteceram outras também, através de algumas piadas tecidas pelos observadores ou passantes que estão do lado de fora da pista, e param na grade para provocar os de dentro, que estão jogando: “xi, colocou o cara nervoso!” ou “ficou nervoso só porque estou ao seu lado?” (Diário de campo, 16 de dezembro e 2013).

Os frequentadores, que fazem as piadas, trazem à tona os mecanismos psicológicos acionados pelos jogadores para lidar com a provocação da sua honra, suportando as zoações sem se desequilibrar, e não mostrar nenhum tipo de vergonha ou de inferioridade em relação ao que o satirizou.

Além desses momentos de zombaria uns com outros, existem aquelas gozações que fazem aparecer outros assuntos. Um passante fez graça sobre um tipo esperado de vestimenta para homens velhos praticantes de malha: “Por que tá com este chapeuzinho?” (Diário de campo, seis de julho de 2014). Há também certo controle social, travestido com um humor, sobre o hábito de vida que um dos jogadores possui de ingerir bebida alcoólica, com frequência, e antes de entrar na pista de malha. “Um jogador fala para o outro: ‘Tomou muita cachaça hoje’” (Diário de campo, 13 de julho de 2014).

As jocosidades demandam uma defesa da honra (PITT- RIVERS, 1988), do autocontrole e da dignidade que são características comumente relacionadas à identidade masculina no Brasil (GASTALDO, 2010). Destarte, as provocações, sátiras e pilhérias são meios de construção e reprodução de determinadas características atribuídas ao gênero masculino. E são elas, na minha interpretação, um ponto-chave de sustentação da rede de relações sociais e de lazer que ocorrem naquela praça, especialmente no clube de malha, e das suas interações sociais com o entorno.

No início do trabalho de campo, não fui com questões pontuais sobre as possíveis identidades de gênero que poderiam existir naquele contexto. Obviamente que por ser um grupo só de homens, à primeira vista, existiram características mais ligadas ao mundo masculino. Porém, com a continuidade do trabalho de campo, o não aparecimento de mulheres no lugar, além das gozações e dos desafios que ocorreram no dia a dia entre os sócios do clube de malha, os frequentadores do espaço e a vizinhança, reforçaram a imagem de que aquele lugar é nutrido por valores que estão intrinsecamente ligados à sociabilidade masculina – é sobre elas que este capítulo também vai versar.

Segundo Mauss (1983), um elemento que atravessa essas relações de brincadeira é o uso da hierarquia como tabu, isto é, o respeito ou não que se cria em torno de certas pessoas, e não de outras, do mesmo clã, ou de outros aliados. Mesmo que esse autor não tenha previsto as relações de brincadeira fora do âmbito das estruturas de parentesco, tomei a liberdade de, inspirada em suas ideias, contrastá-las com aquelas encontradas no meu campo, em um contexto de etnografia urbana.

Durante o campo, o senhor mais velho do grupo (84 anos) e também um dos mais antigos frequentadores do clube, não teve seu nome envolvido em piadas, palavras de desafios ou provocação. Houve certa reserva nas brincadeiras com ele; o que ocorreu foi um grande cuidado com sua saúde e com seu bem-estar geral quando estava entre os

pares. E ele, por sua vez, não participava de nenhuma jocosidade com outro membro do grupo. Assim, pode-se inferir que pelo fato de ele ter sido poupado por alguns, e ser considerado possivelmente como “café com leite”¹²⁰ por outros, indica que esse jogador, de alguma forma, não deixou de participar indiretamente desses jogos de provocações. Nesse contexto, não ser zombado por mais ninguém pode significar que o mesmo tenha pouca habilidade, dificuldades no jogo, menos força, tenha diminuído a virilidade etc. Sendo assim, não participar deste lugar de provocações da masculinidade já é, em si, uma maneira de ser satirizado, mesmo que indiretamente.

Johan Huizinga (1980) discorre que as competições que exigem força, habilidade e perseverança sempre tiveram grande destaque nas diferentes culturas, sejam com caráter de ritual ou puramente de divertimento. “Em algumas dessas formas, as provas de força e velocidade constituem a própria essência da competição, como nas corridas a pé, na natação, no mergulho, no tiro ao alvo etc.” (HUIZINGA, 1980, p. 218). São modelos de competição cujo sentido agonístico tem grande ênfase, sejam aquelas que, de alguma forma, são jogos sob a forma de esportes ou aqueles que ficam no plano das brincadeiras e divertimento.

O próprio termo jogo deriva da terminologia *jocus*, cujos significados são troçar e gracejar (BROUGERE, 2003). Esses me levam a pensar em situações que sugerem a brincadeira e jogos de palavras, tais como: jocosidade e provocação. Assim, o jogo é um campo fértil para o aparecimento das relações jocosas – brincadeiras, gozação, desafio – provocações entre pessoas que possuem uma relação de afinidade.

As jocosidades exemplificadas podem ser comparadas com o que Huizinga (1980) chama de “características lúdicas dos jogos”? Para ele, o jogo sob a forma de esporte, com sua organização técnica e científica, ameaça, muitas vezes “retira” o caráter lúdico das atividades, aquilo que é essencial ao jogo e à brincadeira, seja de caráter ritual ou não. Por outro lado, Archetti (2003) argumenta que o esporte, assim como a arte, a dança é um mote envolto por “zonas livres”.¹²¹ Constituem espaços de maior liberdade e criatividade dos atores sociais envolvidos. Dessa forma, acredito que estas “zonas livres” funcionem como espaços de aparecimento do espírito lúdico,

¹²⁰ Não é um termo nativo, foi utilizado por mim na escrita etnográfica. Esta noção, no senso comum, representa aquilo que é intermediário nas relações: não é fraco, nem forte, nem ágil, nem lento, está no meio termo.

¹²¹ “Las zonas ‘libres’ son espacios para la mezcla, la aparición de híbridos, la sexualidade y la exaltación de desmeños físicos” (ARCHETTI, 2003, p. 42) e “[...] permiten y lo articulación de lenguajes y prácticas que pueden desafiar um domínio público oficial y puritano” (p. 42).

abrindo caminhos para a criação de “jogos dentro do jogo principal”, tal como discorre Gastaldo (2010).

Mauss (1983) indica caminhos para problematizar os significados dessas relações de gozações. Ele discorre especialmente sobre duas preposições: a primeira delas, de que “[...] exprimem um estado sentimental, psicologicamente definido: a necessidade de um relax; uma atitude descontraída [...]” (MAUSS 1983, p. 171); e a segunda: “parece que no interior de um grupo social, uma espécie de dose constante do respeito e da irreverência, que os membros do grupo conseguem manifestar, é desigualmente distribuída entre os diferentes membros do grupo” (p. 171).

Cheguei à praça na manhã do domingo, dia 16 de dezembro de 2013, e as duplas já estavam formadas, iniciando o jogo. Em um determinado momento, um senhor - que até então eu não conhecia, mas é um sócio-contribuinte - entrou na área de convivência do jogo, e disse para um dos jogadores - “Joga direito, Arthur” - falando alto, em tom de brincadeira, rindo à vontade e se dirigindo para entrar na pista de malha. O jogador, que fora provocado na sua habilidade, falou para o provocador - “Sai para lá!” e fez com o corpo e com as mãos o movimento de retirada dele da pista de malha. O sócio-contribuinte saiu da pista, mas continuou falando e rindo conjuntamente: - “Tá vendo, joga direitinho!”. Quando olhei para o jogador na pista, ele automaticamente após a cena virou-se para o jogo e focou o seu olhar para o mesmo e ficou resmungando (Diário de campo, 16 de dezembro de 2013).

Além destes momentos de relaxamento e das tensões entre respeito e brincadeira que ocorrem entre os membros de um grupo (MAUSS, 1983), as relações jocosas, como exemplificadas no diário de campo acima, produzem a reflexão de como esses discursos e ações apresentam em suas formações, valores tidos como do âmbito masculino. As falas de provocação, em primeiro lugar, me fazem correlacionar com um aprendizado e um ensinamento constante de um tipo “ideal” de masculinidade. Esse prioriza virtudes, tais como ser resistente, jamais manifestar dependência, sinais de fraqueza, ser atento, racional e disciplinado. Interessante pensar que, mesmo na fase idosa, ainda há uma exigência social, entre os próprios pares, de continuarem reforçando suas formas de pensar e representar sua masculinidade.

Nesse sentido, é necessário entender o entrecruzamento de discursos e práticas produzidas em torno do envelhecimento, bem como o gênero, para compreender as experiências dos velhos, uma vez que os valores e padrões construídos cultural e socialmente sobre o que é ser homem e ser mulher estão presentes nos discursos, representações e práticas daqueles que envelhecem, influenciando o comportamento e as atitudes dessas pessoas, na medida em que determina como deve ser o masculino e o feminino na velhice (PERURENA; MAIA, 2009).

No campo descrito abaixo, a atenção sobre o tipo de malha que está sendo utilizada, naquela partida, também é motivo de piadas. O jogador tem que estar a todo o momento em estado de alerta, observando suas jogadas, para não ser “passado para trás” pelo adversário, sobretudo quando acontecem as jogadas sob seus olhos.

O jogador é parceiro daquele que está do lado oposto da cabeceira. Eles escolhem se vão jogar com a malha dois (numerada na mesma) ou com a três. E aí, na hora que a malha é jogada, ficam conferindo se é sua malha ou não. É também motivo para zoação: - “Tá pegando minha malha?”. E aí, ficam conferindo e rindo uns dos outros (Diário de campo, 15 de dezembro de 2013).

Para Pitt-Rivers (1988), a construção da masculinidade nas culturas mediterrâneas acontece principalmente em lugares abertos e públicos, pois neles se colocam à prova a honra e a vergonha, seja com sinônimos ou antônimos da virtude. Podemos ver isto acontecer no caso dos sócios e dos frequentadores do clube da malha, cuja masculinidade é testada e aprovada a todo tempo no dia a dia entre si e em relação aos outros. “Ou seja, a masculinidade, por ser frágil e constantemente (re)reconstruída, muito ameaçada, une e opõe os homens” (VALE DE ALMEIDA, 1995, p. 187-188).

Um dos sócios jogadores chamado Leandro, que acabara de participar de uma partida, estava do lado de fora da pista, esperando a sua próxima vez para jogar. Debruçado sobre a grade, provoca um dos colegas que estava jogando na pista: “Faz alguma coisa antes de morrer”, com um tom de riso. O jogador que estava na pista lançando a malha, ouviu tal frase de provocação da sua habilidade e entra no “jogo” e diz: “Agora, vou lhe ensinar como se faz ponto”. Assim, ele traz a atenção dos que estavam mais próximos para sua jogada e para a maneira como iria lançar a malha no chão. Faz o movimento de soltura da malha e, como consegue fazer a batida certa no pino, dá um sorriso de “sensação de dever cumprido” em relação ao provocador, e todos riem. Durante a jogada, esse desafio foi em todo tempo, em tom amigável e em estilo de brincadeira (Diário de campo, quatro de janeiro de 2014).

Com relação à visibilidade social no campo da masculinidade, ganha destaque aquele que consegue desequilibrar o outro com falas de provocação sobre sua habilidade ou desempenho no jogo. E, ao mesmo tempo, esse que foi provocado não deve demonstrar através dos atos corporais, seu possível desequilíbrio em função da intimidação. “Pode-se provocar os outros, pondo em causa a sua masculinidade [...], testando a sua capacidade de responder ainda melhor, com uma espécie de calma superior que ponha o provocador ‘em seu lugar’” (VALE DE ALMEIDA, 1995, p. 190). São jogos de disfarces, em cujos atores sociais se movimentam para provocar habilidades, um tentando prevalecer sobre o outro. “A ação do gênero requer uma

performance repetida, é uma forma de ritualizar uma determinada legitimação [...] o gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo [...] com uma repetição estilizada de atos (BUTLER, 2003, p. 200).

Identifiquei também que alguns dos conteúdos das relações jocosas reforçaram determinado *ethos* de ser jogador de malha, com comportamentos e valores tidos como ideais, a serem perseguidos e reafirmados a todo o momento no Clube.

Rial (1998) indica que cada grupo esportivo cria um *ethos* de jogador que, de uma forma ou de outra, possibilita aos pares a apropriação, a ênfase ou a negação de determinados tipos de comportamentos e não de outros. “Cada esporte possui seu modo de codificação específico e constrói um *ethos* específico” (RIAL, 1998, p. 242). Por outro lado, os pontos enaltecidos por Rojo (2009) sobre as relações de gênero dentro do hipismo, de certa maneira me trouxeram questões para pensar que o esporte em si mesmo não teria um único *ethos*.

Lo que voy presentar, en esta parte de este artículo, es el recorrido teórico y etnográfico que hice para intentar comprender cómo la no distinción entre hombres y mujeres, en las pistas de competición de los deportes ecuestres, puede borrar las diferencias entre los sexos como una estrategia para la creación de nuevas identidades de género (ROJO, 2009, p. 54).

Além da influência dessa leitura, os campos realizados por mim, tanto no estado do Rio de Janeiro quanto no de São Paulo, também me trouxeram assuntos de comparação, que apontaram outros elementos para pensar a questão de existir um único *ethos* esportivo, destacado por Rial (1998).

Segundo Rojo (2009), o hipismo é o único esporte em que mulheres e homens competem juntos. É uma prática dividida em diferentes modalidades. “*Los deportes ecuestres son divididos en ocho modalidades: salto; adiestramiento; concurso completo (CCE) – que son las tres modalidades olímpicas – especial (paraecuestre); redeas; enduro; volteo y ‘driving’*” (p. 52). No entanto, para alguns dos entrevistados da referida pesquisa, tanto da cidade de Montevideu quanto do Rio de Janeiro – que foram etnografias comparativas –, o adestramento é uma modalidade vista com mais feminina e o salto uma prova mais masculina. Interessante pensar nesta diferenciação de gênero, em um esporte visto como unificador dos sexos.¹²²

¹²² Para mais detalhes sobre a pesquisa, acessar: <http://www.vibrant.org.br/issues/v6n2/luiz-fernando-rojo-borrando-los-sexos-creando-los-generos>.

Fue por este camino comparativo, entre el salto y el adiestramiento, que llegué a la percepción de que, si no existían distinciones formales entre hombres y mujeres en el deporte – aunque solamente en relación a sus practicantes, dada su explícita presencia en la parte directiva – esto no significaba la inexistencia de distinciones de género en él (ROJO, 2009, p. 54).

Desta maneira, por conta das características destacadas para cada uma das modalidades, que de certa maneira exaltam diferenciações de gênero, indica-se uma não homogeneização de um *ethos* esportivo; pelo contrário, o reforço de um *ethos* específico para cada grupo em particular.

No meu campo, também foi possível visualizar a questão da existência de mais de um tipo de *ethos* para o esporte, mas intrinsecamente em cada contexto, a busca por um tipo ideal. Esta ideia advém da própria interpretação de que não existe um único jogo-esporte malha. Encontra-se o jogo esportivizado, chamado assim por mim, que se configura a partir das relações travadas com a confederação e as federações. E há o jogo, percorrido no capítulo 3, imbricado nas ideias de esporte-brincadeira que também seguem regras organizadas pelo próprio grupo ou em comunicação com outros. Um seria mais esporte do que o outro? Meu campo indica que não, como já discuti no capítulo 1.

Distinguiram-se várias combinações que são organizadas por aqueles que vivem a prática – portanto, encontram-se exigências de atitudes que se diferenciam em cada contexto. Especificamente no campo de Madureira, elenco como atitudes esperadas dos jogadores, em primeiro lugar: gostar de jogar malha, como um apaixonado; não falar palavrão; ser assíduo; não arranjar confusão durante os jogos; suportar as jocosidades durante os jogos; lançar malha sem cutucar a pista (cravar a malha); não fazer barulho ao soltá-la; sacrifício por uma suposta dor sentida durante a partida.

Em comparação com o campo realizado em São Paulo, por haver jogadores que recebem uma bolsa para jogar, não posso afirmar que todos gostam de jogar malha, como apaixonados, que tenham uma relação familiar com a mesma, como os de Madureira. Reconhecem-se aqueles que, circunstancialmente, se aproximaram do jogo, até gostam da prática, mas só se fixaram nele por conta da “bolsa atleta” que recebem das prefeituras. Igualmente, a menor idade nos grupos paulistas, de certa maneira interfere nestas expectativas de não falar palavrão, e da contenção de uma possível situação de sentir dor - situações mais observáveis em senhores de maior idade.

Entretanto, deve-se estar atento para o fato de que ter um *ethos* de jogador não significa que outras condutas sejam eliminadas; que não haja tensões de valores e de atitudes no campo esportivo. Para explicar melhor meu raciocínio, acredito que seja importante, aproveitando a questão em torno do *ethos* esportivo e em relação aos estudos de masculinidade(s) na interface com os de sociabilidade esportiva – no meu caso, o jogo de malha “[...] não é o (evidenciar) “papel” masculino, mas sim uma variedade particular de masculinidades que subordina outras variedades” (VALE DE ALMEIDA, 1995, p.149).

Muitas vezes, nesses momentos de tensões, as relações jocosas emergem como uma forma bem humorada de tratar assuntos, os quais poderiam ocasionar algum tipo de atrito, caso não fossem exploradas de maneira brincante. Neste sentido, acredito que o clube possui certo código de valores (ética)¹²³ que deve ser seguido por seus componentes e que ajuda alimentar também o *ethos* de ser jogador de malha – como discorrido aqui. Não é algo necessariamente escrito, que possa ser encontrado nos documentos, mas de caráter simbólico, que está presente nas representações que eles têm sobre as relações de convivência. Nos momentos de jocosidade, os conflitos em torno daqueles valores aparecem com nitidez, porém mediados pelo humor, pela piada. Por exemplo, o tema “velhice” é praticamente inexistente nas jocosidades que ocorrem no clube, sendo possível pensar em um tema interdito para todos que participam daquele *pedaço*. Porém, houve um dia de campo citado abaixo, cujo tema foi enaltecido e gerou provocações.

Estavam os senhores João Carlos e Raimundo jogando malha, cada um em uma cabeceira, adversários naquela circunstância. O senhor Raimundo, durante suas ações no jogo, enaltecia suas habilidades dentro do mesmo. O Senhor João Carlos começou dizendo que o senhor Raimundo era convencido. O Raimundo retruca desafiando senhor João Carlos na habilidade: “Vamos ver se você consegue!”. Até que em certo momento aquele diz: “Eu não bato em velho, não!” (com tom de risada). O João Carlos continua na provocação, não com relação ao tema velhice, mas retruca dizendo que tinha se lembrado que ele havia perdido para uma mulher, lá dentro da pista. Aí, começaram a “discutir” sobre formas de “bater a malha errada”, trazendo para o contexto as diferenças de habilidades. O senhor João Carlos quase xingou um palavrão, mas se desculpou por eu estar ali (Diário de campo, dia 03 de janeiro de 2013).

¹²³ Outros valores que acredito estarem imbricados nestas ocasiões: não falar de suas mulheres e das dos outros, assim como dos familiares diretos (filhos e netos); não falar dos aspectos de envelhecimento do outro, só o seu é permitido; não enaltecer as diferenças de bens de consumo, ou de seus provimentos e não fazer graça com a saúde do outro, podendo fazer da sua própria.

É nítido, neste caso, que o gozador (Raimundo) desafiou João Carlos em situação pública e zomba do mesmo, sobre ser velho, em voz alta para que se sinta envergonhado. A fim de se recompor, o que sofreu a provocação lançou mão de uma chacota que envolve o nome do gozador e que os outros membros do clube também sabem. É algo que atinge sua imagem de bom jogador – perder para uma mulher no próprio campo de jogo. Tal circunstância alude à ideia de que a jocosidade funciona como um controle social de valores (há coisas que não devem ser ditas) e se houve alguma transgressão dessas condutas, o tido como transgressor terá como penalidade outra forma de jocosidade que mencione um assunto que também seja do campo do interdito. Assim, sua ridicularização aconteceu de maneira bastante aludida.¹²⁴

Percebeu-se também que a jocosidade, por ser um ato de repetição, problematizou assuntos que nem sempre alguns sócios gostavam de ouvir de forma recorrente. Desta forma, o que foi zoadado na hora do acontecimento participava ou não da brincadeira. Mas quando aquele que provocou saía de cena, o provocado dizia que fulano é chato, falava sempre da mesma coisa. Por conta disto, em outras ocasiões, a fim de não incitar os que têm o hábito de fazer piadas, alguns do grupo evitam contato contínuo com eles. Às vezes, o excluía das rodas de conversa. “Um sócio-contribuinte destacou, um dia de campo, que o Januário passou por lá e o João Carlos fez um comentário, em sua concepção ruim: “Com ele eu não jogo, eu não jogo com esta porcaria, não!” [rindo e na frente do senhor Raimundo que também sorriu] (Diário de campo, dia 06 de abril de 2014).

Identifiquei que há um jogo social, ou como diz Gastaldo (2010) – um jogo dentro do jogo – que se baseia nessas relações de zombaria, de conflitos com base no humor, de piadas entre os participantes do clube e os que circulam por lá também. Contudo, como antropóloga, não foi fácil interpretar que tal situação ainda continuava sendo simplesmente um comentário jocoso ou, para aqueles que participam da ação, já tinha virado ofensa, encoberta com certo tom de graça. Sobre essas outras possibilidades de sociabilidade que vou tratar adiante.

¹²⁴ Alguns detalhes sobre este sócios ajudam a dimensionar o contexto de ocorrência desse tipo de jocosidade. Raimundo é o mais novo do grupo. Sempre enaltece suas habilidades e é reconhecido pelos demais por ter muita habilidade, porém perdeu, em algum momento da história da pista, para a senhora Laura, única jogadora que jogou contra o time de Madureira. Este fato, de certa maneira, “manchou” sua imagem de exímio jogador de malha. João Carlos é o mais antigo do grupo, mas não o mais velho, tem 70 anos. Por vezes, em alguns momentos do campo, reclamou sobre a maneira soberba como o Raimundo se colocava dentro do jogo. Neste dia, estas questões afloraram e foi um dos temas das sátiras realizadas.

4.3. Outras formas de sociabilidade para além das relações jocosas

Seja durante o jogo de malha, nos intervalos, ao final das partidas, ou durante jogo de cartas, de *purrrinha*, nunca presenciei nenhuma jocosidade que tenha se tornado uma situação de ofensa e/ou virado uma agressão física. Os frequentadores da pista também afirmaram que nunca houve briga corporal entre nenhum deles – discórdias mais sérias de opiniões e bates bocas verbais, algumas vezes. Em um dia de campo, dois sócios se desentenderam verbalmente e acredito que, se fossem mais jovens, por conta da ênfase dada à virilidade,¹²⁵ poderia ter havido uma briga corporal, ou pelo menos, insultos mais agressivos.

Estávamos a sós eu e João Carlos conversando dentro da área de convivência, o jogo já havia terminado e os outros tinham ido embora. Chegou Jaime, abriu o portão e logo foi dizendo que o João Carlos deveria virar presidente, que assim ele ia voltar para a pista para colocar ela para cima, pois estava muito para baixo. Aí o João disse: “se todos pensarem como você, isso aqui já tinha acabado”. Jaime enalteceu, sempre rindo, com certo ar de deboche, me transpareceu que foi ele sozinho quem arrumou a pista de saibro. João Carlos, nesta hora, se exaltou profundamente, virou para ele e disse: “Você é mentiroso, você é mentiroso! (falando muito alto)” (fiquei só ouvindo para ver até onde ia a discussão). Ao dizer que ele era mentiroso, senhor João Carlos enfatizava: “Quem trazia na cabeça as latas de água para fazer a pista?” (indicando que era ele quem fazia isto). Jaime não confirmou a informação. João Carlos disse que trabalhou de graça, enquanto ele cobrava. Jaime disse que o dinheiro era para comprar material. Ficaram neste bate boca e aí João Carlos se afastou dele, foi até o armário onde guardam as coisas. Mudaram de assunto, não sei nem como. Começaram a falar do passado, de como eram as relações por lá, sobre os lugares onde jogaram. Falaram da dona Laura, a única mulher que jogou contra eles. Lembrou-se de quando o Raimundo perdeu para ela dentro do campo do Madureira. E continuaram a conversação de maneira amistosa (Diário de campo, 24 de maio de 2014).

O caso acima exemplifica que existem as rivalidades pessoais, seja por conta da habilidade no jogo, pelo cargo que ocupa ou já ocupou dentro do clube, seja pelas tarefas realizadas em prol dele, ou assuntos particulares e situações antigas que aconteceram no clube, que se tornam pano de fundo para as ações de hostilidade. Percebe-se, ao mesmo tempo, um espírito de camaradagem que contribui para que, mesmo no plano verbal, que por ora mostrou-se desafiador, logo em seguida, ou no dia posterior, voltem a jogar e, por vezes, até conversar animadamente. Como destaca Huizinga (1980), a perda do humor é mortal para o jogo; é necessário estimular o

¹²⁵ “A virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em casa de vingança, é acima de tudo uma carga)” (BOURDIEU, 2009, p. 64).

espírito de camaradagem para o retorno após uma discussão, por exemplo. No caso acima, Jaime nunca mais voltou.

Igualmente, deve-se ressaltar que as pessoas atribuem significados diferentes para a mesma situação: o que para um pode ser uma simples gozação, para o outro se pressupõe ser uma ofensa. Os limites, muitas vezes, são tênues nas relações sociais; tanto o atacado quanto aquele que atacou utiliza parâmetros, a partir de seus pontos de vista criados socialmente, mas que lhes proporcionam percepções diferentes em cada caso. Esta possibilidade de “fechar os olhos” para determinada provocação está ancorada nas percepções diferenciadas dos jogadores sobre o mesmo fato; os jogadores que não reconhecem o que o outro disse como insulto muitas vezes justificam através do seu silêncio, que não identificam naquele espaço/tempo que sua honra fora colocada à prova (PITT-RIVERS, 1988).

A vítima de um insulto só perde honra quando reconhece que o insulto existiu. Um homem é portanto sempre o protector e árbitro da sua honra, porque esta se relaciona com a sua consciência e está demasiadamente ligada à sua pessoa física, à sua vontade, ao seu juízo para que mais alguém possa tomar responsabilidade dela (PITT-RIVERS, 1988, p. 19).

Discorri acima acerca da percepção daqueles que participam diretamente da ação de enfrentamento, mas nesta perspectiva ainda temos os olhares dos de fora – por exemplo, um frequentador da pista de malha que muitas vezes entende as gozações como humilhação. Geertz (1978) já nos alertava sobre as diferentes maneiras de interpretação sobre um fenômeno, com uma simples piscadela que se faz para outra pessoa; as situações são interpretadas, percebidas e produzidas de maneira diferentes entre as variadas culturas e, conseqüentemente, entre as pessoas.

Guilherme fez um comentário um em determinado momento, enquanto eu via o jogo, sobre a forma como senhor João Carlos destrata os outros que não sabem jogar, ou que somem da pista. Guilherme disse: “Araujo cansou de ser humilhado aqui dentro” (fez sinal como se fosse pelo João Carlos. José também foi humilhado” (Diário de campo, 26 de outubro de 2013).

Às vezes, alguns do grupo toleram determinado jogador por uma questão estratégica: para continuar tendo pessoas participando, conservar mais um que goste de jogar. Para outros, a sua presença seria dispensável, pois é tido como inconveniente. Por conseqüência, não valorizam a sua fala, nem se tiver boas ideias.

Leandro entrou na pista, com cara tensa, nervosa. Dirigiu-se ao Mario e ao João Carlos, quase “pulou” o senhor Januário. Cumprimentou-o e ai Januário

falou: “Achei que você ia me pular?”. Pela forma de abordagem do senhor Leandro parecia que ele ia realmente “pular” o Januário, sem dar um aperto de mão. Começou a falar rápido, como de costume, e se afastou de mim e do Januário, como se quisesse falar só com Mario e também como João Carlos (Diário de campo, 16 de agosto de 2014).

Luiz Fernando Duarte (1987) discorre que na pesquisa que realizara com trabalhadores de pescada de Jurujuba havia um padrão de agressividade verbal “[...] dedicam-se a um intrincado jogo de agressões, que sempre pareciam ao pesquisador bordear perigosamente as “vias de fato” - sem atingi-las, no entanto, jamais” (p. 173). Acredito que não haja uma agressividade entre os frequentadores do clube. O que identifiquei, muitas vezes, são conflitos disfarçados através das jocosidades no clube de malha, como Gastaldo (2010) frisou em relação ao futebol. Por exemplo, Leandro é sempre muito satirizado sobre como vem para a pista, por ter ingerido algum tipo de bebida alcoólica. Todos do grupo o conhecem há vários anos e sabem que ele tem o costume de aos sábados, antes de ir para a pista de malha, tomar alguma bebida. Apesar disso, em diversos momentos, ao longo dos dias de campo, alguns sócios tocavam insistentemente nesse assunto.

Ele é sempre muito “zoadado”, “provocado” por conta da sua bebida. É o único jogador que percebo que vai jogar depois de beber alguma bebida alcoólica. E aí Rodrigo fala para Leandro: “Já tomou a sua”? (Rodrigo é brincalhão, sempre fala isso para ele). O que fora provocado não falava nada, mas quando eu estava por perto, levantava os olhos como se quisesse me dizer “olha só, estão falando de mim mais uma vez, tá bom...” (Diário de campo, dia 31 de maio de 2014).

No contexto do clube de malha este assunto tem relevância, pois é proibido o uso do mesmo no recinto do jogo. Não só em Madureira, mas em outros clubes, isto também acontece, exceto em Maricá, cujo bar funciona dentro do clube onde acontecem as partidas de malha. Vários jogadores de Madureira se recordam da vez que um deles entrou na pista bastante alcoolizado, fez muitas graças ali dentro, desacatou o presidente do clube e foi expulso pelo mesmo.

Há alguns atritos entre eles quando ocorrem situações de cobranças internas, sobre o jogador estar mais disponível para jogar, não faltar, estar sempre na pista, ajudar a limpar e organizar o espaço.

Mário chega se desculpando que chegou tarde, pois pegou muito trânsito, por conta de obra. Ele mora em outro bairro, por vezes vai de carro ou de ônibus para a pista. Logo, que ele chegou tinham quatro pessoas para jogar, porém um deles se levanta e diz que precisa ir embora e disse para todos para eu (Ingrid) entrar no lugar dele. Insistiram para ele ficar, mas disse que não dava. Senhor Mário, sem perguntar nada a ninguém, pega a vassoura e

começa a varrer sozinho a pista, ai senhor João Carlos diz: “ Mário não vai ter jogo não”(isto significa que ele não me considerou como jogadora para jogar). Mário retruca: “Eu venho de outro bairro, Ingrid de Niterói e não vamos jogar?”, “Ingrid, vamos treinar nós dois!”- O João Carlos e o Miguel não fazem comentários (sentada estava, sentada permaneci). Ficou um silêncio, ai eu disse: “- já que vou jogar, vou ajudar a varrer”. À medida que nós dois estávamos varrendo, Miguel e João também começaram a fazer o mesmo. Percebi certa fala do João Carlos sobre o Mario: “Que ele não manda aqui... por exemplo... chega tarde ainda quer mandar...”. Miguel tenta amenizar: “Aqui é lazer, não é lugar para estressar” (Diário de campo, 12 de abril de 2014).

Um das perguntas que ficam latentes neste aspecto é: mesmo com todas essas relações sejam elas jocosas ou não, é possível falarmos de amizade? Que tipo(s) de amizade(s) encontro naquele grupo de homens idosos? Ou será que a amizade propagada por eles, existe exatamente porque essas jocosidades lhe proporcionam tempero e sabor¹²⁶?

4.4. A construção da identidade masculina e a participação no Esporte Clube

Parafrazeando Miguel Vale de Almeida (1995): o que é que se passa no clube de malha que permite compreender a construção social da masculinidade? De que masculinidade se está falando? Será a mesma entre homens jovens, adultos e idosos?

Acredito que as representações que os frequentadores da pista de malha têm sobre a construção social de sua masculinidade estão diretamente correlacionadas com as dimensões de gênero, classe social, etária e poder que ali circulam. Os significados produzidos pelo grupo encontram-se engendrados em uma trama de sentidos que são reelaborados nos contextos de interação social. “Se a interpretação antropológica está construindo uma leitura do que acontece, então divorciá-la do que acontece – do que, nessa ocasião ou naquele local, pessoas específicas dizem, o que fazem, o que é feito a elas, a partir de todo vasto negócio do mundo, é divorciá-la das suas aplicações e torná-la vazia” (GEERTZ, 1978, p. 28).

Destarte, a ideia de construção de uma sociabilidade masculina marcada por fatores etários é de fundamental importância no modo como os dados etnográficos foram construídos e interpretados. Corroborando esta análise, Brigeiro (2000) interpreta seus dados etnográficos acerca da construção da sexualidade e da masculinidade, utilizando interfaces entre as categorias “gênero” e “fatores geracionais”. “A primeira é

¹²⁶ Deixei tal pergunta em aberto, pois é um tema do qual tratarei ainda nesta tese.

a de que os estudos do envelhecimento, de uma forma geral, trazem a possibilidade de demonstrar como a dimensão geracional e/ou etária é um aspecto estruturador das relações sociais” (BRIGEIRO, 2000, p. 1).

A construção social de gênero e a constituição da masculinidade têm visibilidade nas divisões de trabalho manual dentro do próprio grupo. Nos dias de jogos, há aqueles que limpam o espaço, penduram os cartazes, organizam o local para o jogo. Geralmente são os mesmos que fazem as coisas; chegam primeiro na pista e saem por último. Com relação a esse assunto, não há uma opinião convergente entre os jogadores. Um dia, no qual estiveram no campo dois jogadores Marcelo, tesoureiro do Clube, e Marcio, um jogador que falta muito aos treinos, e também, por vezes, atrasa o pagamento da mensalidade, se desentenderam sobre como são formadas as duplas e também a relação disso com a organização do local.

O Marcelo afirmou que: “O critério para a organização das duplas é a ordem de chegada”. Márcio retrucou dizendo que: “Ordem de chegada não é critério certo, pois tem gente que fica atrás da árvore esperando chegar aquele que joga melhor”. O Marcelo, mais agitado por conta do desentendimento de ideias, diz: “Em tese o senhor está certo, mas como tem que ter alguém para abrir o espaço, limpar, organizar, acaba ficando dupla quem chega primeiro”. Como os ânimos estavam ficando mais exaltados, outro jogador interrompeu a discussão verbal, chamando a atenção deles para outro assunto (Diário de campo, 01 de setembro de 2013).

Essa divergência entre eles tem, como pano de fundo, o fato de Marcelo não aceitar o atraso no pagamento da mensalidade do Miguel – que são frequentes –, aliás, de nenhum outro também, pois considera ser um valor muito pequeno. Neste contexto, surge o fato do menor comprometimento do segundo em relação ao clube de malha; chega tarde, vai quando quer, não ajuda em nada na organização do local e ainda reclama sobre as pessoas que acabam jogando primeiro do que ele. Por outro lado, ele alega que há certa “panela” na escolha das duplas, pois são sempre os mesmos. No capital simbólico da masculinidade, trabalho e prestígio social são elementos fundamentais que constituem a identidade masculina e, neste caso especialmente, alimentam o *ethos* do ser jogador de malha.

A divisão de cargos e de responsabilidades dentro do clube traz consigo uma visibilidade das diferenças entre os *status* sociais, e, por vezes, econômicos dos participantes, tendo consequências nas relações de sociabilidade entre eles e no significado de “ser homem” naquele contexto. Alguns participantes ficam paralisados em suas ações, por conta de determinado *status* que um tem em relação ao outro – por

exemplo, quando quem fala é o tesoureiro do grupo. Além de estar há anos neste cargo, por sua vez, é um jogador que possui uma aposentadoria que o permite viajar, alugar apartamento em outros estados, como casa de veraneio e ter um carro (ações que nem todos do grupo têm acesso, alguns recebem um salário mínimo de aposentadoria). É um militar da esfera estadual reformado. O diário abaixo descreve tal situação do *status* social dentro do clube.

Marcelo, que é o tesoureiro do grupo, é o mais exigente. Cobra a mensalidade, pergunta pelo não uso do uniforme, fala sério com os sócios sobre diferentes assuntos. Essa forma mais “rigorosa” de tratar os sócios acaba sendo introduzida na prática esportiva. Em um dia de campeonato, com outro Clube, estava Marcelo sentado à mesa de anotações da pontuação, colocando os pontos de uma determinada partida e, ao observar as jogadas dos colegas, faz um comentário num tom de voz mais baixo para um dos sócios que estava ao seu lado: “No treino até esnoba, mas no jogo, no dia do amistoso, cai muito...” e continua – “olha lá, tá nervoso... se coloca a camisa, pesa (risos). O colega que ouviu faz o seguinte comentário: “é, é é...” e continuam a olhar para o jogo das duplas (Diário de campo, dia 01 de setembro de 2013).

A fim de refletir sobre este assunto com mais profundidade, apoio-me em Vale de Almeida (1995), quando discorre que a divisão do trabalho, o *status*/prestígio social, as relações de poder e os padrões de ligação emocional, na Aldeia de Pardais, são elementos que definem a identidade social, ajudando a reconhecer as diferentes identidades de gênero masculino. “A prática da ‘casa dos homens’ faz muito pela palavra e pela retórica. A perspicácia verbal, a capacidade da réplica, o relato de proezas e a predominância da ênfase narrativa sobre o conteúdo explícito, são artes que se treinam e se exibem ali” (VALE DE ALMEIDA, 1995, p. 189-190).

Possuem também prestígio social aqueles que quase não perdem as partidas e ficam várias rodadas jogando na pista. Dentre os jogadores mais assíduos, Mario e João Carlos, de acordo com os outros jogadores, só querem ganhar, são bastante competitivos. Logo, não querem trocar de dupla. Como uma maneira de provocá-los, até com o intuito de tirá-los a atenção do jogo, para dificultar seu desempenho na partida, e, possivelmente, saírem logo da pista, outro sócio jogador fala insistentemente e bem alto: “ Vou lhe tirar!” e então João Carlos retruca: “Ninguém vai me tirar daqui!” (fala com um tom sério, pois é no momento de jogada importante). Essas falas estão imbrincadas em um emaranhado de situações que destacam ou camuflam as diferenças e

as hierarquias internas de poder no próprio grupo, e que acabam se revelando quando há, por exemplo, as diferentes entonações de vozes¹²⁷ em alguma situação no jogo.

O ganhar é uma ação importante no jogo. Significa mostrar superioridade e, por isso, precisa ter adversário. Pode ser o ganho de algum prêmio, seja ele material ou simbólico, que fora acordado entre os participantes, ou então, possibilidades de estima, aplausos (caso haja espectadores) e honrarias. É um dos aspectos relativos à função do jogo: lutar por algo. Esse sentimento acaba se alastrando para condições exteriores ao próprio momento de jogo – isto é, o jogador ganha prestígio em relação ao seu grupo social pelo ato feito durante a partida; se houver público, ele almeja a admiração pelo seu desempenho. Portanto, esta sensação de êxito pode ser rapidamente sentida ou pode durar um tempo maior, dependendo das consequências que o ato de vencer produz no indivíduo e no seu grupo social (HUIZINGA, 1980).

Este aspecto entre vencer e o *status* social que se adquire e se reforça internamente no grupo também é salientado por Foote-Whyte (2005), quando identifica a relação entre o desempenho nas pistas de boliche e a posição hierárquica no “grupo da esquina”. O boliche havia se tornado entre os *Norton*,¹²⁸ uma prática rotineira, extremamente significativa entre eles.

As classificações da temporada 1937-38 mostram uma correspondência muito próxima entre posição social e desempenho no boliche. Isso aconteceu porque o boliche tornou-se a mais importante atividade social do grupo. Passou a ser o principal meio pelo qual o indivíduo podia manter, ganhar ou perder prestígio (FOOTE-WHYTE, 2005, p. 46).

Encontrei no clube de malha algo similar que existe entre os *Norton* – isto é, além do desempenho no jogo, distinguem-se outras maneiras de se comportar, aquelas também que tensionam as relações entre os membros dos grupos. “As principais dentre essas eram a maneira de escolher parceiros e os ataques verbais que faziam uns com os outros” (FOOTE-WHYTE, 2005, p. 46). Essas formas já foram abordadas anteriormente, neste capítulo.

Interessante destacar que não presenciei os frequentadores do espaço do jogo, tanto na malha quanto nas cartas, conversando sobre assuntos que geralmente são temas recorrentes entre os homens, e, classicamente, evidenciadas pelas etnografias (BRIGEIRO, 2000; SOUZA, 2003; 2010). São elas: mulheres e sexualidade. No meu

¹²⁷ Por vezes, as falas são proferidas com humor, com jocosidade e, outros momentos, de maneira séria, podendo até chegar a discussões com tons mais elevados.

¹²⁸ Nome do grupo estudado por Foote-Whyte (2005).

campo, inicialmente desconfiava que os motivos pelos quais eles não tocavam nestes assuntos aconteciam, primeiramente, pelo fato da idade das pessoas deste grupo ser mais avançada. Nesse sentido, entre os 60 e 80 anos, possivelmente há menos interesse de falar sobre o tema, até porque há variações com relação à virilidade neste grupo etário e há diferenças entre os “mais velhos dos velhos” e o “os novos dos velhos”; ou seria certa exposição falar do tema, ou por outro lado seria uma dos caminhos dos reforço da masculinidade naquele local. Além do fator etário, talvez, devido a minha presença como mulher e pesquisadora, em um ambiente só com homens, possivelmente, pode ter alterado em todos os momentos do campo suas formas de comportamento.

A primeira questão foi logo refutada, pois o grupo de homens velhos estudados por Brigeiro (2000, p. 43) eram conhecidos como os “senhores sacanas” e tinham, como estilo de sua sociabilidade, a *sacanagem* – termo nativo que expressa a jocosidade de interação desses homens. As brincadeiras eram de caráter sexualizado e, recorrentemente, eram de grande apelo sexual. “*Sacanagem* pode assumir um perfil pastelão ou irônico, e outras vezes possui forte conteúdo obsceno e indecoroso”. Sendo assim, era uma característica daquele grupo de Madureira falar pouco ou não falar sobre este tema caro para este grupo etário.

Sobre minha presença como mulher no campo ter mudado a maneira deles se comportarem sobre tais assuntos, posso relativizar tal ideia, pois meu marido em campo também não ouviu nem percebeu tais temas – pelo menos de maneira tão vultosa, como no grupo de homens idosos de Brigeiro (2000). Não tocavam seus órgãos genitais, não proferiam palavrões ou, quando os faziam, eram repreendidos pelos outros. Como aponta Souza (2003), esses são comportamentos esperados por um grupo de homens reunidos em um momento de lazer. Contudo, meu campo demonstrou que tais atributos, associados ao mundo masculino, não eram significativos naquele lugar. Obviamente que não posso afirmar que não havia tais assuntos no interior do grupo. O que intento alertar é que as duas situações que avengei como hipotéticas, e que supostamente afastavam o debate sobre os temas dentro do Clube, foram por mim mesmas relativizadas.

Como insinuei ao longo do texto, acredito que haja outros significados atrelados à ideia de masculinidade para aquele grupo, tais como: a manutenção do público como algo do plano masculino; ter habilidade e capacidade de executar jogadas que faziam quando mais novos, mesmo percebendo suas limitações físicas; suportar determinada gozação sobre sua habilidade no jogo, ou algo que tenha falado dentro da pista de malha

e, na contramão, retrucar e debater tais ideias. Acredito que esses assuntos eram mais significativos naquele contexto suburbano do que os temas “mulheres” e “sexualidade”.

Arthur é bastante falante na lateral da pista, conta com fluidez as histórias sobre os jogos de malha, naquele local. Enquanto conversa comigo, está atento ao jogo, e faz sempre comentários em tom de brincadeira para os colegas que estão jogando. Ele me disse: “Eu falo para caramba, para ficar animado, senão fica muito calado”. Continua o bate papo comigo e, por vezes interrompe, dizendo algo para os seus colegas: “Não tomou café não” (para aquele que jogou a malha de maneira fraca) e “ah, eh” para outro que fez uma jogada bem feita. Nem todos dão atenção para o que ele diz, muitas vezes a sua fala parece despercebida, porém um dos jogadores retrucou: “Vou caprichar mais” e riu logo em seguida (Diário de campo, 18 de agosto de 2013).

As falas de desafio citadas acima, assim como outras já referidas ao longo do estudo, me permitiram refletir que a masculinidade, além de ser uma construção social, é uma experiência coletiva que acontece através de ritos, provas e situações conflitantes. Essas indicam que o homem demonstre publicamente sua adequação ou não a certa maneira de viver sua masculinidade. Não podemos perder de vista, como nos alerta Butler (2003), que o gênero é performaticamente produzido de maneira repetida no interior de determinado discurso e constitutivo pelos atos que fazem parte da realidade.

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos (BUTLER, 2003, p. 194).

Os discursos e as práticas observadas no campo indicam que a construção da masculinidade, que acontece através da sociabilidade do clube de malha, baseia-se em dois eixos centrais e que são faces de um mesmo espectro. Identificam-se uma busca e um reforço, por um *ethos* masculino, com características muitas vezes pertencentes ao senso comum sobre determinados estereótipos de identidade masculina. São elas: suportar as pressões, firmeza de opinião, equilíbrio nas ações, dominar falas, ações e gestos, a fim de não prejudicar o desempenho no jogo, não demonstrar fraqueza diante das dificuldades e, principalmente, não mostrá-las para os concorrentes – ocultando suas expressões de sentimentos. Como destaca Pitt-Rivers (1988, p. 14), “[e]m qualquer competição por honra, a reputação do vencedor é acrescentada pela humilhação do vencido”. Estas seriam as características de “ser homem” naquele local: atacar e se defender, seja através das relações jocosas ou através das situações ditas como sérias, os quais levam, muitas vezes, a discussões e aborrecimentos, aparentemente, passageiros.

Wacquant (2002), através de alguns dos seus argumentos, discorre que o aprendizado tanto da masculinidade quanto do *habitus* pugilista, no caso da sua pesquisa com o boxe, se dá através da incorporação, isto é, transforma-se em carne, é corporificado. “Se é verdade, como afirma Pierre Bourdieu, que nós ‘aprendemos pelo corpo’, e que ‘a ordem social inscreve-se no corpo por meio desse confronto permanente, mais ou menos dramático, mas que sempre abre um grande espaço para a afetividade’ [...]” (WACQUANT, 2002, p. 12). Todavia, mesmo que desde a infância haja um processo contínuo de introjeção de certas ações estruturantes e as maneiras de se comportar de forma dominante, com o processo de envelhecimento, esses indivíduos adquirem, também através do diálogo com seus contextos, algum grau de “perspicácia”, ou até de consciência plena, em relação às suas condições de dominação (ORTNER, 2007).

No que diz respeito ao clube de malha, mesmo que os homens velhos possuíssem um leque de experiências, estilos e visões de mundo, aponto a existência de uma identidade masculina sendo construída e reforçada entre eles. Avista-se, porém, que a mesma, em vários momentos, é tensionada pelos atores sociais que acionam seus repertórios durante a interação social. Os discursos e as práticas sugerem a ocorrência de diferentes valores no mesmo contexto, mas não são suficientes para permitir o aparecimento de múltiplas identidades de gênero. No final das contas, há um “ideal” de masculinidade aceito e vivenciado pelo grupo cujo reforço está atrelado a valores relacionados a um *ethos* de ser jogador de malha. Contudo, dentro desta dinâmica social, posso intuir que há possíveis variações que pressionam o modelo tido como “ideal” e que não chegam a comprometer o masculino ali circulante – são as incoerências da vida real que se apresentam neste cenário.

Estávamos falando sobre a frequência na pista. Fui perguntando por alguns dos sócios, os quais não tenho visto, até para saber o quanto um sabe da vida do outro. Quando perguntei pelo senhor Mario, um deles deu um sorriso de deboche e disse: “Ele tá servindo a esposa”. Em dias anteriores, Mario avisou aos colegas da malha, que iria se afastar um pouco da pista, pois sua esposa iria fazer uma cirurgia de catarata, e que era ele quem ia ajuda-la com as coisas de casa: cozinhar, arrumar a casa e também cuidar dela, pois só eram eles dois, frisou (Diário de campo, 08 de junho de 2014).

Nesse momento, Mário trouxe para a arena da masculinidade um novo elemento no que diz respeito à inversão de papéis sexuais: o homem que iria cuidar da casa, da esposa. E esta situação acabou detonando gozações – os outros que estavam juntos,

também riram – mas com aspecto pejorativo. O discurso evidenciou as diferenças individuais com relação à expectativa do ser masculino. Os membros do grupo esperavam que Mário fosse manter as dicotomias: casa *versus* rua, privado *versus* público, tão emblemáticas no mundo masculino _ no entanto, isto não ocorreu.

Neste cenário, não estou propondo que haja uma masculinidade hegemônica,¹²⁹ nos moldes que Connel (2005) aponta, no sentido de identificar que existe uma hegemonia, um único modo de representar o masculino. O que percebo no meu campo, e que me traz questões para problematizar, é a ocorrência de outros elementos que, em alguns momentos, sugerem outras combinações que podem acontecer, por serem essas “hegemonias remanescentes” ou “futuras”.

[...] mas retomando o argumento de Gramsci de que as hegemonias nunca são totais e absolutas, em diversos sentidos. Nunca são totais em sentido histórico porque, no curso da história, embora se possa falar de formação/formações hegemônicas no presente, sempre há também hegemonias remanescentes do passado (“residuais”) e o começo de outras futuras (“emergentes”) (ORTNER, 2007).

Cabe ressaltar que a autora indica que, mais do que ficarmos presos em nossas análises em reconhecer se há dominância masculina, o interessante é pontuarmos que esta existe, sim, porém há outros modelos de relações de gênero operando dentro do espaço social. Em alguns momentos, há uma identidade masculina mais evidenciada e, em outras, uma mistura de elemento. Partindo do “tipo ideal weberiano”, uma masculinidade local implica dizer que, como o próprio conceito de Weber afirma um modelo nunca é plenamente alcançado, abrindo espaços para diferentes aproximações do mesmo. “O “tipo ideal” não é uma reprodução fiel dos fenômenos na vida real; é apenas uma espécie de abstração que permite uma definição de fenômenos por meio da ênfase a um ou vários de seus aspectos, valorizando suas interdependências, seus nexos causais e seus significados” (FARIA, 2009, p. 3). Posso usar como exemplo, a conduta do Mário – aqui descrita anteriormente – em relação a sua esposa, quando a mesma esteve doente, e as maneiras encontradas por ele, para conciliar com a prática do jogo de malha.

Entendo que os estudos mais recentes sobre masculinidades, sobretudo os de linha americana, têm trazido para os debates de gênero o objetivo de desconstrução crítica dos modelos tidos como ainda hegemônicos, em especial as noções que ligam diretamente o homem ao espaço público e político (CECCCHETO, 2004). Ainda assim,

¹²⁹ Utiliza a ideia de hegemonia segundo Antonio Gramsci.

preciso salientar é que, exatamente como esses artigos valorizam, faz-se necessário refletir a partir dos contextos, o que eles revelam de mais apropriado para si mesmos. Neste sentido, o estudo de pequenos grupos, principalmente nos países latinos, nos ajuda a problematizar quais são os valores relacionados à ideia de “ser homem”, analisando se há o reforço de práticas e discursos incorporados por essas culturas ou se há espaços para combinações, como sugerem os estudos americanos e europeus.

4.5. Mulheres no campo esportivo da malha

Nas incursões realizadas a campo, seja no dia a dia do jogo, em campeonatos com outros times ou em festividades do próprio grupo, no clube de malha de Madureira, não observei nenhuma mulher, tanto jogando quanto assistindo. Na rua, algumas até param para observar, e aquelas conhecidas cumprimentavam os sócios do clube. Em conversas com os jogadores, dizem que suas esposas ou companheiras não participam, e poucas vezes foram assistir aos jogos. Como eles enfatizam o local não é confortável para as mesmas – não tem banheiro, por exemplo. E também esclarecem que elas não se interessam por este tipo de jogo, que ficam em casa cuidando das “coisas do lar”, dos filhos, dos netos ou vão à Igreja. Outros estudos sobre envelhecimento (TRAVASSOS, 1995; BRIGEIRO, 2000) apontam que na sociabilidade de velhos, estudadas por eles, também não havia mulheres circulando pelo lugar.

Aliás, as mulheres dificilmente se aproximam. Algumas vezes eu vi vendedoras ambulantes, amigas de suas filhas ou de suas esposas, ou mulheres que conheceram ali mesmo na praça ou no *shopping*, passarem rapidamente, trocar algumas breves palavras e seguirem. Nunca presenciei a situação de uma mulher se sentar junto a eles ou estar de pé em uma de suas rodas de conversa. Era como se uma fronteira invisível, mas perceptível, pairasse sobre eles impedindo que qualquer mulher se aproximasse ou ali permanecesse (BRIGEIRO, 2000, p. 45).

Seguindo nessa direção, de acordo com Souza (2003), em sua investigação sobre a constituição do *ethos* masculino do grupo de homens que estudou, o autor enfatizou que foi construído a partir da sociabilidade fomentada por um churrasco no subúrbio carioca. Indicou que o lugar onde se celebra e se afirma a masculinidade não parece ser espaço para as mulheres; ali se encontram interesses e gostos culturalmente conferidos ao mundo masculino. Nesse contexto, no Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira, as mulheres dos sócios não jogam malha e não participam das atividades

promovidas pelo mesmo. Algumas nunca estiveram na pista, mesmo morando muito próximo. É o caso da esposa do senhor Alexandre, um dos ex-presidentes do clube, que mora a poucos metros da praça e nunca esteve lá.

Durante a entrevista com um dos ex-presidentes do clube, a sua esposa também se encontrava em casa e em determinado momento do bate papo, tentei incluí-la, perguntando se já havia estado lá, visto o marido jogar, por exemplo (a praça fica a umas cinco ruas da sua casa). Ela disse que nunca tinha ido lá, que não conhecia a malha, só pelas fotos. “Ele saía pra jogar, e eu sempre ficava em casa”. Não se lembra do período que o marido jogava, o que se recorda é que ele saía aos sábados e domingos pela manhã para jogar. Frisou que tinha vindo do Ceará e que lá não tem o jogo, pelo menos nunca o viu? (Diário de campo, dia 12 de abril de 2014).

Nesses termos, há o caso da esposa de outro jogador, que já passou pela pista algumas vezes, mas enquanto o mesmo vai para a praça jogar malha, ela vai para a Igreja. “Já. De vez em quando ela passa aqui. Ela trabalha pra igreja, ela gosta muito da igreja. Ela gosta muito da igreja” (Diário de campo, bate papo, Márcio, abril de 2014). Miguel, outro sócio, também concorda com Márcio, durante a entrevista concedida a mim, sobre o papel importante que a Igreja tem na vida da sua esposa e das preferências serem diferentes entre ele e ela:

Não, não porque elas criaram o habitat delas, como se diz, eu tenho o meu que é aqui, pessoal aqui da redondeza, é malha e tudo, e ela também já criou o dela, aquele negócio de igreja e tudo, ela participa de igreja, então fica ela na dela e eu na minha, entendeu? Não sou contra ela, ela também não é contra o que eu pratico, nem eu também sou contra o que ela faz. “É, vivemos bem, sem aborrecimento, sem contrariar um ao outro; ela faz excursão aí, esse mês mesmo que passou ela foi lá ao Padre Marcelo Rossi, em São Paulo” (Entrevista Miguel, 13 de abril de 2014).

Nos casos expostos acima, fica nítida no discurso dos sócios a conservação da divisão sexual do trabalho entre os homens e mulheres. Os primeiros continuam no espaço público, não mais na esfera do trabalho, com era anteriormente, mas na dimensão do lazer, da ocupação do tempo livre no âmbito público. Preservam certos atributos da masculinidade e a manutenção da organização da vida como era antes do avanço da idade. A segunda com a responsabilidade pelos cuidados com a casa, com filhos e netos, e também com o marido. E alguns casos, frequentam espaços públicos como Igreja ou eventos de maior porte, também religiosos.

Para as mulheres que hoje [1998], tem mais de 60 anos (no final da década de 1970), a família foi quase sempre o ponto de referencia principal. Poucas tem alguma profissão ou atuam como profissionais, e a velhice é a continuação desse predomínio doméstico, privado [...]” (LINS DE BARROS, 1998, p. 150).

Deve-se ressaltar que, diferentemente deste olhar que os homens do clube de malha de Madureira têm sobre suas mulheres e suas ocupações, outras pesquisas sobre a construção de velhice feminina, como de Alves (2004),¹³⁰ vão em outra direção. A partir do ponto de vista das mulheres velhas, ocorre a necessidade de uma mudança de paradigma de suas vidas, e buscam, exatamente no espaço público, romper com padrões antigos estabelecidos, desconstruindo a ideia de um isolamento social.

Interessante perceber que a posição dos sócios do clube ratifica a oposição natureza e cultura no que diz respeito ao domínio público (homens) e doméstico (mulheres).¹³¹ Em seus discursos, aparece claramente a divisão dos papéis sexuais como “[...] um conjunto de valores e atitudes socialmente determinados, correspondentes às representações e expectativas do ser homem e do ser mulher em todas as sociedades” (CECHETTO, 2004, p. 58). No caso do grupo estudado, acredito que o fato deles reproduzirem a dicotomia casa, no âmbito feminino *versus* rua, no âmbito masculino, alimenta um grande discurso sobre a construção do “ser homem” naquele lugar.

É fundamental destacar que essas considerações destacadas por mim, de certa maneira, contribuem com os estudos sobre envelhecimento e as questões de gênero. Os questionamentos em torno desses temas estão pautados nas seguintes reflexões: no processo de envelhecimento há maior liberação dos papéis tradicionais de gênero e/ou mudanças nas identidades de gênero? Ou ao contrário, há a conservação e reforço dos modelos tidos hegemônicos por toda uma vida? Atenta-se também para o fato de que estes arranjos sociais podem acontecer, ao mesmo tempo, nos diferentes estilos de vida cuja mudança ou manutenção dos valores perpassa questões étnicas, de classe e de gênero.

No contexto etnografado, pode-se identificar as considerações do Miguel sobre o porquê as mulheres não frequentarem o clube de malha. Destaco aqui sua interpretação, a maneira como percebe a conduta das mulheres que, possivelmente, estão ao seu redor, sobretudo do que vê e do que ouve. São representações tecidas acerca de papéis sexuais que devem ser e são desempenhados pelas mulheres em seus contextos de vida.

Porque são feministas, entendeu? Existe machista, o homem machista, não existe? E a mulher é feminista, acha que é escândalo, se ela ficar aí ela jogando, é um troço meio escandaloso, sei lá. É exposta e tal, então eu acho

¹³⁰ Sobre mulheres que escolhem a dança de salão como prática de lazer fora de casa.

¹³¹ Faz-se importante destacar que não possuo a versão do lado das suas mulheres, para de alguma forma, contrastar com suas interpretações sobre as relações entre casa e rua (DAMATTA, 1985).

que eu, minha opinião, não tô dizendo que elas falam isso, eu acho que era por isso que elas se julgam, que vai ficar exposta tal, quem passa pensa: - “Ah, se metendo com os homens aí, não sei o que”, e talvez ela não vá. Já teve essa dona Laura que você tem a intenção de entrevistar, ela participava junto com o marido; teve outra também que participava junto com o marido também, outra que eu esqueci o nome. São umas duas ou três só que participava¹³² (Entrevista Miguel, 13 abril de 2014).

Uma possibilidade de problematizar tal assunto é correlacionar o grupo etário dos sócios e suas mulheres com a classe social da qual provêm. Estou me reportando a pessoas que em sua maioria tinham mais de 70 anos de idade no ano de 2014 e que são de classe trabalhadora. Seguindo o norte dos seus relatos, interpreto que há, na relação entre os homens e a mulheres, a nítida divisão sexual de trabalho. As mulheres no âmbito privado, cuidando dos filhos, e posteriormente, contribuindo no cuidado com os netos. E os homens trabalhando fora de casa, provendo o sustento do lar, e depois da aposentadoria, mantendo o hábito de ficar fora do ambiente doméstico. A geração da criação dos mesmos foi entre as décadas de 1940-60, cujo ideal da mulher era preparação para o lar, cuidando da família e dos filhos. Ao homem, cabia-lhe o provimento familiar, fora do lar. No grupo da malha, essas configurações foram mantidas e são reforçadas na velhice.

Assim, a distribuição sexual do trabalho na família, a inserção no mercado de trabalho de forma assalariada ou não, os padrões de interação com a vizinhança e com as famílias de origem, a relação com os filhos, inscrevem-se neste quadro amplo em que elementos de ordem simbólica estão sempre presentes, mediando as interações e as ações no mundo (SIQUEIRA, 1998, p. 215).

Arthur, em entrevista realizada em outubro de 2013, me contou que a esposa dele não vai à pista vê-lo jogar, que fica em casa arrumando as coisas do lar. E hoje, por conta da idade avançada, sai pouco à rua. Ambos têm acima de 80 anos.

Não, não (vê-lo jogar), nem aparece direito (na rua). Ela não gosta (da malha), ela não gosta, ainda mais agora com essa idade que ela tá, a gente nem sai pra lado nenhum, só mesmo pra ir a médico, a Clínica da Família. Ela tá até com exame marcado aqui pra fazer agora. (Ela não vem) por causa dos serviços de casa mesmo, ela fica em casa, arruma tudo lá. (Ela não reclama de ir à pista). -“Ah não, não, reclama não, ela disse pra mim não ficar muito no sol, porque a minha doutora disse pra não andar muito no sol não, mas como é que eu vou ficar sem apanhar sol?” Não pode” (Entrevista Arthur, 24 de outubro de 2013).

¹³² Não consegui saber quem são essas outras mulheres às quais ele se refere. Só esse jogador se lembra delas. Dona Laura é a pessoa lembrada por todos e a única que tive a oportunidade de entrevistar.

O presente estudo problematiza as noções de “ser homem e ser mulher” como se fossem antagônicas, simples reflexos biológicos, pensando de maneira essencialista e funcionalista entre as relações de sexo e gênero. As falas foram captadas em conversas e observações das atividades realizadas, também com as entrevistas feitas com os sócios. São recortes das suas interpretações de primeiro grau (GEERTZ, 1978) sobre seus estilos de vida e aprendizagens realizadas. Como indica o autor, o antropólogo faz interpretações de segundo e terceiros graus, principalmente no meu caso, que não acompanhei o dia a dia familiar e nem tive oportunidade de ter contato com suas mulheres para comparar falas e opiniões. Minhas interpretações advêm dos olhares dos homens sobre suas relações familiares.

Nestas circunstâncias, além das questões de sexo e gênero, trouxe também para a cena social elementos sociológicos discutidos por Da Matta (1985) sobre os significados atribuídos à casa e à rua. O primeiro, interpretado como o espaço do aconchego, da tranquilidade, de carinho, de repouso e, no contraponto, a rua como o lugar do perigo eminente, que possui fluidez, movimento e está voltado para o “povo”, para o “público”. Destaco que os papéis sexuais são, de certo modo, facilmente relacionados com cada uma destas formas de entender o público e privado – mulheres no privado e homens no público.

Todavia, para fins desta tese, como destaquei no capítulo 2, não identifico no clube malha o binarismo apresentado por Da Matta (1985), visto que a praça e, principalmente, a pista, constituem exatamente em um *pedaço* intermediário entre o público e o privado. É o lugar que combina certos valores, citados por Da Matta (1985), no que se refere a casa, tais como: cuidado, preservação, a vivência da afetividade. Ao mesmo tempo, valores ligados ao mundo da rua: espontaneidade e naturalidade e a ideia de público. Porém, naquele local, se encontram relações não necessariamente fundadas em laços familiares e mais estáveis que as encontradas no contexto da rua. “[...] em que o determinante é constituído por relações estabelecidas entre seus membros e pelo manejo de símbolos e códigos comuns, o espaço como ponto de referencia é restrito, interessado mais a seus *habitués*” (MAGNANI, 2012, p. 94).

A única mulher convidada para entrar na pista de malha foi a atendente da padaria; porém não foi pelo clube, mas um dos sócios, o que mais frequenta a padaria e

conversa com ela, que a chamou. Este dia não estava no campo, portanto não presenciei; só tenho o relato da Marília.

Ele [Marcelo, o seresteiro, que mais frequenta a padaria e conversa com ela] mesmo comentou: “Você não vai lá assistir loirinha?” eu falei: “Poxa, mas não dá” o meu horário, eles jogam cedo, o meu horário é de tarde, uma vez, eles estavam, acho que era campeonato, aí eles fizeram um churrasquinho aqui, aí ele: “Ah, depois tu leva uma cervejinha lá pra...” Aí eu vim trazer, foi quando eu parei ali e fiquei olhando, ele: “Aí, até que fim você veio” eu falei “Mas assim, eu vim, mas tive que voltar correndo, porque a Maria tava lá sozinha, mas ficar aqui assistindo não dá pra assistir” (Entrevista Marília, 24 de junho de 2014).

Um momento importante nos clubes de malha, no qual as mulheres possivelmente poderiam acompanhar seus cônjuges, os pais, ou os avós são as festividades de fim de ano. Muito comum, em diferentes grupos de lazer; poderia ser um momento em que as famílias são convidadas para estarem juntos e se conhecerem. Entretanto, esta ação não é encontrada no grupo de Madureira.

Em uma etnografia de um grupo de velhos que frequentavam um *shopping center* e uma praça na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, Brigueiro (2000) se confrontou com um momento no cotidiano etnográfico. Colocaram em discussão se as mulheres poderiam ou não participar daquele momento. “Na época do Natal, quando organizavam o almoço de confraternização, acompanhei uma polêmica sobre a presença das mulheres. A maioria rejeitou a ideia, devido ao impedimento, que se colocaria para eles, de falarem ‘à vontade’ na presença delas” (BRIGEIRO, 2000, p. 38).

Comparando com o grupo estudado por mim, participei diretamente de duas preparações de festas de fim de ano (2012 e 2013) e, em nenhuma delas, houve reflexões sobre a participação ou não de suas mulheres e/ou familiares nesse momento de festividade do grupo. Parece-me que estes possíveis questionamentos já se encontram naturalizados dentro do grupo, e que utilizam como argumento que suas mulheres e famílias não têm interesse em participar dos seus momentos de lazer ou têm outras coisas para fazer no âmbito da casa, não permitindo ter “tempo” para estar junto com seus cônjuges.

Contrastando com esta situação, no clube de malha de Bangu, em dezembro de 2013, um dos sócios estava fazendo 80 anos de idade. Sua família (filho, nora e duas netas que moram em São Paulo) levou um bolo para a pista de malha, a fim de que os “colegas da malha” – frase dita pelo filho – pudessem comemorar junto com ele o

aniversário. Observei também que, nas vezes que estive nessa pista, que alguns parentes dos jogadores entravam e saíam do espaço do jogo – o filho de um deles levou a neta de cerca de um ano e meio – que ficava andando pra lá e para cá.



Foto 36- Jogador do time de Bangu, à esquerda da foto, com sua família. Dezembro de 2013

Além disso, no mesmo clube, em conversa com um dos sócios, me mostra fotos antigas do time e, em muitas delas, a sua esposa aparece. Disseram-me que ela já o acompanhou em muitos campeonatos – as fotos dele estavam muito focadas em campeonatos nas pistas fora de Bangu –, mas enaltece que ela já esteve em Bangu em vários momentos (Diário de campo, 28 de dezembro de 2013).



Foto 37- Esposas dos jogadores do Clube Bangu, participando da festa de fim de ano – data desconhecida, foto tirada por um dos jogadores clube

Sendo assim, não é possível afirmar que em todos os locais onde há uma organização homossocial não haja mulheres que eventual ou frequentemente estejam no lugar, junto com seus maridos, pais ou avós. O que reflito é que elas até podem estar no recinto, participando, por exemplo, de uma confraternização, como os casos acima demonstram, mas não fazem parte da sociabilidade cotidiana local, da rede de significados (GEERTZ, 1978) que ali se constroem e reconstroem. O que posso tecer é que as práticas e os discursos utilizados pelo grupo acabam reforçando a presença de valores que, no senso comum, são relacionados à celebração do mundo masculino, afastando também, por outro lado, as mulheres deste lugar.

O único contato que Madureira teve com uma mulher foi com a jogadora Dona Laura, esposa do senhor Luiz, ex-presidente do clube IX de Junho e da Federação de Malha do Estado do Rio de Janeiro. Está presente no meio da foto a seguir (foto tirada dentro da pista de malha de Madureira).



Foto 38 - Dona Laura no centro da foto, jogadora do IX de junho. Foto de um campeonato na pista de Madureira. Tirada por um dos jogadores. Data provável: ano de 2000

Ela conheceu o jogo através do seu marido Luiz, porque ele já era um jogador de malha. Aliás, quando o conheceu, estava vindo de um jogo de malha. Em casa, sempre comentava muito sobre o jogo. Depois que eles passaram a morar juntos, e como ele ia muito à pista, ela começaram a ir juntos. Certo dia, ele chegou para ela e disse: “Filha, porque você não joga? Você vai a todos os jogos comigo! Vem para o treino comigo!” Aí eu falei: “Não sei se eu vou conseguir.” E ele disse “Consegue.” Ele começou a ensiná-la, tanto na pista de jogo, quanto no corredor de casa. E, por ter gostado do jogo, dona Laura continuou praticando. Tinha 54 anos quando aprendeu a jogar, e disse que não teve dificuldades para aprender: “Peguei logo o ritmo!” (Entrevista Laura, 01 julho de 2014).

Em sua opinião, as mulheres dos outros jogadores não iam à pista, pois alguns homens não gostavam de levá-las, outras achavam o jogo chato e também tinham aquelas com o compromisso de fazer almoço nos fins de semana. Contudo, à medida que ela começou a frequentar o Clube IX de Junho, do bairro Pavuna, algumas mulheres de outros jogadores também começaram a ir. Ela destacou em sua entrevista que ficava muita à vontade dentro do clube: “Todo mundo respeitava, não falavam palavrões, era assim uma coisa muito séria” (Entrevista Laura, 01 de julho de 2014). É importante salientar que o lugar social que a jogadora Laura ocupava dentro do clube era de esposa do presidente, aquele que, segundo suas palavras, organizou e moralizou as ações dentro do clube.

Depois que eu comecei, juntaram cinco mulheres de outros jogadores. – “Ah vamos formar um time só de mulher.” Mas não foi adiante, porque elas faltavam, não iam para o treino. Só ficou eu. Era aquele negócio, aonde ele ia eu tinha que ir com ele assim. Entendeu? Ele nesse aspecto assim, ele dependia muito de mim para andar com ele. Aí na malha começavam a chamar a gente de casal 20. Porque onde ele estava, eu estava. Eu fui para, logo antes de eu deixar a malha, Volta Redonda, fui para Ipatinga, eu rodei muito por aí (Entrevista Laura, 01 de julho de 2014).

Mesmo gostando de jogar o jogo, ela decidiu parar de jogar, pois seu marido se aborreceu no clube do qual era presidente e o abandonou, deixando de jogar. Logo depois ficou doente e não conseguiu mais jogar malha.

Eu parei porque ele saiu do clube, ele se aborreceu. Ele dizia: “Filha, vamos parar de jogar malha?” Aí ele parou, eu parei. – Ele falava: “Quer jogar? Eu trago você.” “Não, aí é sem graça eu ir sozinha, se você parou, eu parei.” Aí eu parei. Eu sinto falta, antes dele morrer, ele falava para mim: “Qualquer dia nós vamos lá em Madureira”. Aí eu falei “Vamos sim, vamos passear.” Depois, quando chegava o o outro domingo, eu dizia: “E aí filho, vamos?” Ele respondia: “Ah vamos não” (Entrevista Laura, 01 de julho de 2014).

A maneira como a jogadora Laura entrou e saiu do clube de malha, de certa maneira, exemplifica um das dominações do homem que é a subserviência da mulher em relação a ele. Obviamente, esta premissa não é tão homogênea quanto parece, pois há resistências. Tanto as mulheres quanto os homens acionam repertórios de acordo com seus contextos, que vão delineando muitas de suas práticas e discursos. Sob esse olhar, não desejo enfatizar o binômio agência/estrutura, tal como o interacionismo simbólico o fez, por exemplo. No entanto, quero destacar que as práticas sociais são processos que podem promover o diálogo entre as estruturas e a agência humana, dando destaque a segunda (ORTNER, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como começar as considerações finais sobre um campo que não termina? Não foi algo fácil de elaborar, mas me provocou no sentido de fazer pensar sobre muitas questões que foram discutidas ao longo dos capítulos e, destarte, as uni com as percepções mais gerais e prospecções para o futuro em relação ao campo pesquisado.

Optei por um recorte no tempo e no espaço da vivência de um grupo de homens velhos que usufruem um pouco de suas vidas participando de um clube de malha. Surgiram nesse lugar assuntos ligados aos processos de envelhecer, de reforçar valores vinculados ao mundo masculino através das relações jocosas, das sociabilidades baseadas no gosto por jogar ou praticar algo e estar entre os pares e em determinado *pedaço* construído por eles, numa praça, no subúrbio carioca. Um clube de malha aparentemente com relações sociais homogêneas; porém no seu dia a dia cheio de conflitos, como se esperava encontrar em espaços de sociabilidade (SIMMEL, 2006), ainda mais naqueles que evocam a excitação, a competição (ELIAS; DUNNING, 1992).

As vicissitudes das dinâmicas urbanas, e mais propriamente do subúrbio, onde se encontra funcionando o clube nos colocam desafios para pensar em uma etnografia de nós mesmos, das sociedades complexas como aponta Velho (2013). Foi instigante realizar uma Antropologia que conseguisse aproximar as experiências próximas e distantes (GEERTZ, 2009) dos pesquisados e da antropóloga; creio que tenha atingido isto. Consegui estranhar situações que me pareciam ser extremamente familiares, como no caso da não coroa de flores no funeral do José (citado no capítulo três), e me familiarizei com situações aparentemente exóticas, como ser um lugar de valores masculinos, em um bairro onde a bebida sempre foi marca registrada, e, ao contrário disto, no interior do clube ser proibido o seu uso.

Em ambos os casos, minhas interpretações tiveram como intuito valorizar os conceitos e noções dos envolvidos na pesquisa, e ao mesmo tempo, realizar contrastes com minha maneira de interpretar as coisas e as situações. Em alguns momentos, não foi fácil realiza-las, mas estes são alguns dos desafios ofertados aos antropólogos e antropólogas, e cabe a nós dialogar com os reptos do cotidiano do trabalho de campo.

No que tange às questões metodológicas, a tese também problematizou um tema bastante caro para a Antropologia, que é a reflexão do fazer etnográfico, com seus dilemas e questões éticas, principalmente ao reconhecer a subjetividade da antropóloga

como parte integrante da etnografia e concedendo valor a este aspecto. Fiz uma aposta de inserir no campo meu marido, figura masculina, como ajudante de pesquisa; poderia ter dado certo ou não. Ao final do processo, acredito que tenha sido feliz nesta escolha, pois cumpriu seus papéis de abrir caminhos para maior interlocução com os jogadores, e ter acesso a situações não identificadas por mim, e também de auxiliar na construção dos dados etnográficos.

Nesse contexto, o tema “ser mulher em campo exclusivamente ocupado por homens” foi algo necessário de ser discorrido na tese. Com as problematizações desenvolvidas no primeiro capítulo, acho que foi possível aliviar certa “ansiedade” da academia e também de algumas pessoas no senso comum, no que diz respeito à abordagem deste assunto. Toda vez que apresentava o trabalho em algum congresso, ou o tópico surgia em bate-papo com amigos e colegas, as perguntas sobre a minha questão de ser mulher em campo sempre foram recorrentes: “Como você fez para pesquisar aquele grupo de homens sendo mulher? Como foi o acesso ao grupo de homens, sendo mulher e também bem mais jovem que o grupo?”. Ao trazer estas tensões da experiência de campo para o texto etnográfico, tive como objetivos não deixar de dar visibilidade a alguns dos “andaimes” (SILVA, 2000) utilizados por mim para a construção das minhas representações sobre o grupo estudado; agregar novos dados empíricos e analíticos que possam contribuir com reflexões e críticas sobre o fazer etnográfico, no campo especialmente da Antropologia.

Com relação ao objeto da tese, insiro no debate acadêmico um assunto que para muitos pesquisadores das ciências sociais ainda é periférico em relação a outros que tradicionalmente possuem espaços mais garantidos nas discussões antropológicas; reporto-me aos campos dos esportes, do jogo e do lazer. Sabemos, como aponta Durham (1986, p. 18), que a própria Antropologia, ao longo da sua trajetória, experimentou ver sua imagem envolvida com temas tidos como “marginais”, “[...] que se colocavam à margem das grandes correntes políticas e das forças sociais mais dinâmicas que estavam modelando sociedade em transformação”. No seu processo de legitimação social, estes dados foram se modificando à medida que “[...] essas minorias desprivilegiadas emergem como novos atores políticos, organizam movimentos e exigem uma participação na vida nacional da qual estiveram secularmente excluídos” (p. 18). A própria disciplina também foi acumulando conhecimento e se desenvolvendo dentro de contextos urbanos mais próximos das realidades sociais dos antropólogos e antropólogas.

No caso do esporte, do jogo e lazer, essas perspectivas não se revelaram diferentes. Como tratei no terceiro capítulo, o assunto futebol foi e ainda continua sendo um tópico majoritário nos trabalhos acadêmicos do campo da Antropologia das Atividades Esportivas, mesmo que tenhamos tendo tido avanços significativos para estudos de outros objetos de pesquisa ao longo dos últimos anos. Temos presenciado trabalhos sobre skate, surfe, vela, jogos de aposta etc., mas em quantidade ainda são tímidos em relação aos de futebol. Nesse contexto, esta tese se baseia em um objeto que também é pouquíssimo conhecido no campo esportivo, e que traz questões antropológicas importantes e interessantes que versam sobre assuntos relacionados ao campo dos esportes, jogo e lazer e também das corporalidades. Além disso, apresenta um material etnográfico provocativo e ao mesmo tempo estimulante para pensar a realidade social daqueles que jogam o jogo de malha, trazendo à baila um objeto de pesquisa ainda pouco explorado no universo dos esportes, do jogo e do lazer. Sendo assim, é uma maneira de contribuir para que este tipo de fazer antropológico amplie os olhares sobre os temas de pesquisa.

Interessante pensar também que esta questão abarca tanto as necessidades de pesquisas na área da Antropologia quanto da Educação Física (minha formação inicial e atuação profissional). A Antropologia emprega perguntas para nos fazer pensar como aqueles que estão envolvidos nas práticas corporais constroem significados acerca de suas vivências. Com as pesquisas etnográficas, é possível, como destaca Geertz (1978), e discorri no capítulo da metodologia, ir além da descrição superficial, construindo interpretações mais densas que conseguem, em muitos casos, relativizar conceitos e ideias que aparentemente estão naturalizados, seja no senso comum ou nos olhares e estudos da própria academia. Por vezes, isto é muito comum tanto nas áreas dos esportes, quanto dos jogos e do lazer, como se todos que praticassem tivessem as mesmas sensações e projetassem sentidos num plano único de realização.

Alguns teóricos dos jogos se referem assim a estes conceitos, construindo ideias mais homogeneizadoras sobre essas noções. Minha pesquisa, por exemplo, contribui no sentido de ajudar a desconstruir olhares naturalizado sobre essas práticas corporais e as diferentes maneiras pelas quais as pessoas envolvidas ou não com elas produzem sentidos e significados em relação a, por exemplo, os termos jogo, esporte, treino e brincadeira. Como conclusão, identifiquei a não similitude de impressões sobre os termos, indo de encontro a alguns referenciais teóricos clássicos que indicam, em suas formulações de conceitos, a unificação do que é jogo, por exemplo.

Minha reflexão antropológica estava atenta a todo o tempo de que realizava uma etnografia de pessoas que vivem nas cidades, e são frutos dela; porém, o objeto de estudo, o jogo de malha, não necessariamente advém de culturas urbanas. “A cidade é, portanto, antes o lugar da investigação do que seu objeto” (DURHAM, 1986, p. 19). Como discorri no segundo capítulo, minha intenção em todas as etapas da pesquisa foi privilegiar o estudo de indivíduos que vivem em contextos urbanos, que buscam o diálogo com os espaços públicos que estão ao seu redor, e as contradições nestas relações quando, por exemplo, há caracterização de espaço privado em dimensão pública. O clube de malha construiu um *pedaço*: um interstício entre a casa e a rua, ao mesmo tempo social e territorial, cuja observação está baseada na sociabilidade esportiva e de vizinhança.

Seguindo nesta direção e trazendo para a reflexão as ideias de Antropologia *na e da cidade*, apontadas no segundo capítulo, analisei situações naquela circunstância (*na cidade*) e que promoveram um olhar mais ampliado sobre a própria cidade (*da cidade*). Assim ficou evidente, para mim, a necessária interlocução entre essas duas maneiras de se pensar a cidade, onde o olhar mais microscópico das interações sociais também pode e deve, por vezes, contribuir com visões mais macroscópicas sobre o urbano.

O estudo dos chamados “homens velhos suburbanos e jogadores de malha” não teve a intenção, em nenhum momento, de reforçar estigmas sobre suas maneiras de ser e de estar, corroborando a ideia que se tinha de [...] Madureira na década de 1920 de ser um lugar do “primitivo”, do “popular” e do “negro”. Ou seja, o bairro aparece como “interessante” porque era exótico, e esse exotismo tinha etnia e classe: ele era negro e pobre (MENDONÇA, 2007, p. 13). Pelo contrário, refletindo sobre o clube de malha e suas relações com alguns atores sociais do bairro, foi possível identificar as características urbanas que aquele local possui, distanciando-se da memória naturalizada e muitas vezes perpetuada sobre um bairro boêmio, que encanta pelo samba e suas escolas de samba, inúmeros bares, jogos de azar, criando a falsa noção de que há um grupo homogêneo nos aspectos tanto culturais quando sociais naquele bairro. O Esporte Clube de Malha aparece neste cenário para desconstruir certa uniformidade de percepções sobre aquela “conhecida Madureira”. Nesses termos, indico que existem muitas Madureira(s) dentro de um nome, de um rótulo.

E é exatamente pela falta de trabalhos que problematizem a história e a memória existente sobre o bairro que certas lembranças são perpetuadas no tempo. Essas lembranças, porém, não surgiram do nada. São frutos da vivência de múltiplos sujeitos sociais no decorrer do tempo, que através de relações sociais distintas, produziram marcas não só na memória individual e/ou coletiva de seus habitantes, mas também nos espaços que constituem a paisagem urbana. Histórias ainda pouco documentadas, tendo em vista o reduzido número de trabalhos cuja problemática seja o cotidiano dos moradores dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro, ajudando na perpetuação de certas memórias produzidas por autores em diferentes momentos históricos, como aquelas produzidas por memorialistas, urbanistas, geógrafos, intelectuais ligados às escolas de samba, além de historiadores (MENDONÇA, 2007, p. 19).

Não obstante, este estudo não se propôs a apresentar com profundidade as contradições e diferenciações do que se chama “subúrbio”. A pesquisa partiu do princípio que as palavras “subúrbio” e “suburbano” “[...] expressam práticas culturais e relações sociais e históricas vividas nesse espaço que se alternam no tempo e, portanto, seus significados não são estanques” (MACIEL, 2010, p. 193).

Para explicar melhor o raciocínio aqui desenvolvido, acredito que é importante reforçar que, através de um clube de malha situado em uma praça pública de um bairro do subúrbio carioca, foi possível questionar e ao mesmo tempo relativizar alguns argumentos enaltecidos pela mídia e também por análises acadêmicas sobre como os problemas urbanos desembocam em complicações similares nas grandes cidades, como foi o caso do uso privado de um espaço público, no interior do clube. Pesquisas antropológicas contribuem na revisão de conceitos estereotipados que levam em consideração que estar na cidade é participar da “[...] deterioração dos espaços e equipamentos públicos com a consequente privatização da vida coletiva, segregação, evitação de contatos, confinamento em ambientes e redes sociais restritos, situações de violência etc.” (MAGNANI, 2000, p. 47). O Esporte Clube de Malha é um exemplo do contrário disto. Não é possível pensar *na* cidade como um bloco monolítico, com estruturas sólidas, constituída de peças de encaixe onde o resultado parece ser sempre o mesmo, em qualquer lugar. É fundamental considerar aspectos como: as camadas sociais, os gêneros, os grupos etários, a etnia etc. nesse tipo de avaliações. Fazer etnografia em sociedades complexas significa revelar uma pluralidade de ações que nos ajuda a perceber e destacar as maneiras pelas quais as pessoas constroem suas relações com espaço urbano, e os caminhos encontrados por eles para reinventar suas interações.

Sobre o tema “masculinidade”, que se configurou com um dos assuntos fulcrais na dinâmica de sociabilidade dentro do Esporte Clube de Malha, principalmente através das relações jocosas que lá ocorriam, faço críticas ao campo dos estudos sobre

masculinidade, principalmente aos tidos como clássicos, ou que se propõem a discutir a epistemologia desses assuntos, pois seus escritos, de certa forma, homogeneizam as observações sobre a construção social da masculinidade, não dando destaque para as nuances que podem ocorrer dependendo do momento que o homem se encontra no ciclo da vida e as atividades nas quais se envolve, que reforçam ou não padrões de masculinidade. As visões de homem e de suas possíveis masculinidades aparecem interligadas ao grupo adulto, não citando ou pouca alusão fazendo a possíveis distinções nos diferentes grupos etários; analisa-se uma categoria nominada “Homem”. A questão da masculinidade também segue na mesma direção, sem haver problematizações mais específicas sobre como ela é construída e reforçada ao longo da vida por homens e mulheres. Será que realmente em todas as fases da vida, tudo se apresenta igual?

Esta foi uma preocupação que norteou toda a minha etnografia. Assim como a minha, a de outros colegas, como Brigeiro (2000) e Travassos (1995), carrega para o debate acadêmico a construção social da masculinidade entrelaçando com determinado tipo de grupo etário. No meu caso, especialmente a masculinidade na fase do envelhecimento, assim como nos dois estudos elencados acima. Essa é reafirmada dentro do Esporte Clube de Malha e encontra-se diretamente conectada com as relações jocosas: em diversas situações as “brincadeiras” são no sentido de provocar o outro jogador na sua habilidade, no seu desempenho individual ou perante os outros. Frases como “Tá fraco?” “Tá com fome?” “Que é um lanchinho?” são emblemáticas e corriqueiras naquele universo masculino. Além disso, a afirmação a todo o momento de um *ethos* de ser jogador de malha, e, por fim as corporalidades apresentadas na forma de execução do movimento de soltura da malha das mãos dialogando com a construção social da velhice (visto no capítulo três). Por outro lado, não houve, durante minha estada no campo (problematizei esta questão no quarto capítulo), as gozações ligadas a conotações sexuais - situação que ocorre na etnografia de Brigeiro (2000). As relações jocosas dentro do clube, de alguma forma, contribuem para perpetuar uma masculinidade que foi construída e apropriada por esses homens desde a infância, correlacionando-a com sua camada social, família, ao local onde moraram etc. Algumas falas proferidas pelos “meus homens velhos” podem ser encontradas em bate-papos de meninos adolescentes ou homens adultos, sobretudo em momentos ligados a atividades esportivas e que também não são exclusivas do jogo de malha. Em outros esportes também observamos tais posturas (GASTALDO, 2010).

Segundo Souza (2010), ser homem é algo que se aprende e se ensina a vida toda, mas o autor acredita que na fase do envelhecimento isto fique menos dramático. Não compreendi muito bem o que ele chama de “menos dramático”, mas o que experienciei durante meu trabalho de campo é que, independentemente do grupo etário, as interações sociais são fundamentais no processo de viver e olhar a vida, e a cada ciclo que passamos há os desafios necessários e importantes para os desenvolvimentos pessoais e coletivos. Não há um mais e outro menos; são tempos de vida diferentes que merecem situações que vão ao encontro de suas necessidades.

Importante destacar que em momentos não atrelados necessariamente às relações jocosas e em outros que não se previa a abordagem do tema “masculinidade”, desafios surgiram entre os pares e a condução foi no sentido de provocar no outro atitudes esperadas do ser homem, como na situação ocorrida sobre o uso do espaço do clube por um comerciante local, que aflorou diferenças sobre as formas de comando dentro da pista.

Nesta caminhada, problematizei a temática da masculinidade, valorizando aspectos ligados ao processo de envelhecimento tanto dos homens quanto das mulheres envolvidas com o clube de malha. Sendo assim, desenvolvi argumentos sob o ponto de vista daqueles que vivem este momento da vida. Não busquei construir uma interpretação unívoca do processo social da velhice, mas baseei-me na perspectiva dos frequentadores do clube de malha e das pessoas com os quais eles interagiram durante o trabalho de campo, destacando sempre que possível o contexto social em que estavam inseridos. Segundo Debert (2006), não indiquei nem a idade cronológica nem a aparência dos jogadores como as únicas ferramentas para tratar da questão da categorização etária. A ênfase neste contexto foi em como os sócios, os frequentadores do clube se viam e se classificavam no contexto etário e em que momentos evocavam ou não características da fase do envelhecimento para dar suporte a suas identidades de jogadores de malha.

A negativa dos meus pesquisados em se identificarem com a categoria velho, enaltecendo sempre os atributos de ser jogador ou atleta, me confundiu inicialmente; fiquei focada estritamente naquilo que me falavam ou que eu observava. No meu campo, a ideia de ser jogador de malha, de ser atleta era reforçada por eles, em quase em todos os momentos. Porém com a continuidade do campo, com mais uso da descrição densa (GEERTZ, 1978) e com minha saída para além dos muros de Madureira, seja indo para outros clubes ou para campeonatos no estado de São Paulo,

me trouxeram questões para pensar sobre os significados da velhice para aquele grupo. Identifiquei que era uma maneira simbólica de mascarar um processo de envelhecer que os acomete; de não assumir que estão nesse processo, pois “os velhos são os outros”: os que jogam cartas na mesma praça, como alguns dizem. Como disse claramente um dos meus pesquisados: “Tô desconfiando que estou ficando velho” quando se reporta a dores no corpo após uma partida. Nesses termos, dentro do próprio grupo existe uma subdivisão não expostamente dita, mas que aparece tanto no trato um com outro quanto na não inclusão de alguns deles nas relações jocosas. Tem o mais “mais novo dos velhos” e mais o “mais velho dos velhos” - não são todos velhos do mesmo jeito, logo não são tratados entre si da mesma forma.

Para aqueles cuja adoção de estilo de vida fica em torno principalmente de praticar o jogo de malha, estar frequentemente aos sábados e domingos na praça, tomando um café na padaria, jogando cartas, conversando sentado ou em pé na frente do comércio, preenchendo seu tempo livre nas redondezas, se enquadram com características que no senso comum se espera ou se tolera deste grupo de homens velhos suburbanos e jogadores de malha. Isto é, papéis presumidos a serem desempenhados naquele canto de Madureira. Por outro lado, há no clube de malha aqueles poucos que não seguem esses estereótipos do que se imaginaria ser o estilo de vida de homens velhos e jogadores de malha. Adotam outros estilos de vida (viajam, namoram, vão a bailes à noite etc., cuidam de suas esposas quando estão adoentadas, ainda trabalham mesmo aposentados) ou que por vezes são tidos como muito “caseiros” por seus companheiros. Os que ficam mais no âmbito familiar são os mais “velhos entre os velhos”. São aqueles que possuem uma rotina mais delimitada. Vão à pista, não ficam tanto tempo, jogam algumas partidas, não se envolvem mais nas discussões e reflexões sobre os assuntos que dizem respeito ao Clube, “ tá tudo bom para eles” e vão para casa, almoçar, ver televisão; vão à Igreja, a médicos, fazer compras e dormir. Dois deles são os que estão na faixa etária entre os 82 e 84 anos e possuem este tipo de estilo de vida descrito anteriormente. Reportam-se em suas falas acerca de suas esposas e filhos com mais frequência. “Minha filha depois do jogo vem me buscar para irmos ao oftalmologista”. “Minha esposa, antes de eu vir para cá, me lembra sempre de eu passar o filtro solar, pois sou muito branquinho” (Diário de campo, 20 de maio de 2013).

Percebe-se nestes casos, possivelmente pelo avançar da idade, menores práticas de autonomia e independência. Contudo, são exatamente nestes momentos do jogo de

malha que os dois conceitos citados acima são exercitados e realimentados (um deles vai de bicicleta para pista e o outro vai a pé, ambos sozinhos).

Esses diferentes estilos de vida me fazem refletir sobre o não padrão no processo social de envelhecer nas sociedades complexas e quais são os assuntos que interferem diretamente nisto (classe, gênero, família etc.). E ao mesmo tempo, penso na importância de nos debruçarmos cada vez mais em etnografias com este grupo etário, para identificarmos sobre que valores e normas estão construindo seus processos de envelhecer. Existem ainda as opções individuais adotadas perante a vida, a maneira como cada um escolhe viver esse momento no ciclo da vida e de como as famílias interferem tanto positiva quanto negativamente nesse período.

Para compreender um pouco os mecanismos que levam aos fatos narrados acima, tomei por base Velho (2013) quando ele indica que há uma fluidez nas sociedades complexas que são marcadas pela heterogeneidade e múltiplas experiências que dão contornos mais nítidos à vida psicológica individual. Desta forma, as pessoas compartilhem determinados códigos comuns, seja no âmbito familiar, do trabalho ou lazer, por exemplos, e simultaneamente transitam entre estes diferentes mundos intimamente ligados a suas vivências pessoais. Existe na fala de alguns a ideia de jogar malha como projeto de envelhecimento ativo, que tem por trás um julgamento do que seja ser velho, mesmo que eles não tenham consciência disto.

Neste processo, à guisa de finalização desta tese, pelo menos do recorte até aqui realizado, um tema que não posso me furtar a abordar é a sobrevivência ou não do clube de malha de Madureira nos próximos anos e, paralelamente a isto, do próprio jogo de malha no cotidiano de bairros mais periféricos ou no subúrbio carioca. É um tema caro para os sócios do clube de malha, assim como para aos outros grupos que possuem interlocução direta com eles e que se encontram especialmente no estado do Rio de Janeiro.

Durante vários momentos da etnografia e também através das informações coletadas pelas entrevistas semiestruturadas realizadas, surgem no clube sensações e incertezas sobre sua sobrevivência. Há certa expectativa de que o clube está fadado a terminar, pois falta entrada de novos jogadores (durante um ano e três meses que estive por lá, só um jogador entrou para o grupo; por outro lado, dois faleceram e um se afastou). Os discursos giram em torno de que não há renovação dos pares; muitos saíram por diferentes motivos; o aspecto monetário para eles parece ser um deles e

talvez o mais importante;¹³³ alguns são tidos como preguiçosos; outros estão morrendo; ou estão/são desanimados; há os conflitos internos que afastaram alguns deles; outros sentem falta do passado, quando a pista vivia cheia de colegas e participavam de campeonatos; alguns sentem falta das festividades, de maiores momentos de confraternização e os que estão lá não vão dar conta por muito tempo (há certo silenciamento sobre o aspecto da morte). Eles também observam que outras pistas não funcionam mais, mas há algumas que conseguem existir e até ampliar o seu quadro de sócios. Contudo, acredito que no Esporte Clube de Malha haja especificidades que podem ser contrastadas com outras pistas, se assemelham até, mas que cada uma delas tem sua dinâmica interna, e foi isto que mostrei ao longo da tese sobre a de Madureira.

Por exemplo, na pista de Madureira existe uma configuração espacial que não permite maior proximidade “corporal” entre aqueles que jogam e os que assistem; há uma distância física e simbólica com a existência tanto do alambrado quanto do portão com cadeado. De certa maneira, é necessário que a pessoa seja convidada a entrar ou ela se sentir à vontade de fazer este movimento. Passei por esta sensação quando fiz o primeiro contato com o clube, quando parei para vê-los jogando. Não me senti à vontade de abrir o portão no “espaço deles”; foi necessário alguém me convidar para que eu pudesse entrar. Alguns da vizinhança que já os conhecem há algum tempo entram, sentam para assistir uma partida, leem o jornal, batem um papo, jogam jogos eletrônicos, mas não se interessam em praticar o jogo em si. Como ouvi no relato dos sócios-jogadores e também dos passantes que possuem algum contato com eles, gostam de estar ali participando das atividades do grupo, mas não se interessam no jogo de malha, seja por acharem-no monótono ou porque tentaram aprender as regras e maneira de enviar a malha e perceberem que não tinham habilidade. Neste sentido, como os próprios jogadores apontaram para jogar, tem que gostar e saber jogar. Parece-me que não é uma prática que atraia a muitos; alguns param olham, perguntam as regras, vão embora, como discutido no segundo capítulo; a maioria que gosta de jogar teve uma relação de infância com o jogo. Sendo assim, existe uma relação das suas trajetórias

¹³³ Eles acreditavam que a questão monetária era a única forma de atrair os jogadores; fizeram esta aposta durante seis meses ao longo do ano de 2014 e nada aconteceu. Não houve retorno ou entrada de novos jogadores por conta disto. Depois, por telefone, após o término do meu campo, um dos jogadores me disse que abaixaram o preço para R\$ 5,00 reais por ainda acreditarem que possibilitariam a entrada de novos sócios. Posso até concordar que a questão relacionada a dinheiro seja mais uma dentro desta rede de significados, porém eles mesmos já refutaram esta hipótese, quanto deram a anistia e não houve diferenças no engajamento. O ponto de desencontro não é o monetário.

peçoais que se inter cruzam com o campo de possibilidades de práticas de lazer dos homens velhos nos espaços suburbanos (VELHO 2013).

Percebo na atualidade, especialmente no contexto urbano que observei com profundidade, maior frouxidão dos laços familiares, vínculos afetivos de pais e filhos, que poderiam ser um dos caminhos para que seus filhos e netos pudessem conhecer o jogo e dar continuidade a ele. Os jogadores aprenderam a jogar com seus pais, vizinhos, tios e não conseguiram “passar para os seus filhos o gosto pelo jogo”. Todos falam a mesma coisa sobre esta questão. Eles creditam estas dificuldades de perpetuarem a prática para seus descendentes, pois hoje os tempos são outros, os meninos, especialmente, têm outras opções de lazer, sobretudo os jogos eletrônicos e de âmbito doméstico, e acabam se interessando menos pelos jogos de rua.

Nesse contexto, o clube tentou, em momentos distintos, implantar “uma escolinha” de jogo de malha para crianças e adolescentes da comunidade, porém nem todos do grupo aceitaram tal condição. Há no senso comum a ideia da necessidade da renovação, mas quando os “meninos” iam treinar, alguns não gostaram da ideia. Tenho algumas suposições para a negativa de ter os mais jovens inseridos no grupo. Primeiramente, o desgaste da pista de malha quando há pessoas que não sabem jogar; a malha várias vezes “cava o chão”, danificando o piso (como discorri no terceiro capítulo). As malhas rolam no chão, fazem barulho ao serem arremessadas. Para aqueles que já estão acostumados a jogar, estas situações não são confortáveis. Acho que também, de maneira indireta, havia certo receio do mais novo “tomar o lugar” do mais velho nas partidas. Continua na partida aquele que vence (tratei desta questão da corporalidade e envelhecimento no terceiro capítulo).

Interessante ponderar que quem está de fora do clube, mas mantém um olhar atento ao mesmo, por ser um vizinho do bairro e passar pela praça com muita frequência, também tem sua opinião sobre a diminuição do número de jogadores de malha. Um deles atribuiu à questão de política interna. Quando a pessoa que comanda sai do grupo, o local tende a declinar e isto já aconteceu algumas vezes por lá. E tem outro frequentador que acha que há pouco incentivo do governo do estado com relação aos esportes de maneira geral e o esporte malha se enquadra nisto. Interessante que estes fatores não foram elencados por quem realmente vive a situação, quem tem a interpretação de primeiro grau (GEERTZ, 1978).

Até pode ser que o jogo de malha termine por todos os porquês colocados pelos jogadores, ou até por conta de outros não previstos; pode ser que os de “fora” tenham

mais razão. Mas acredito que as culturas são inventivas de si mesmas, fazendo reajustes em momentos que pareciam que a “morte” era eminente (SAHLINS, 1997). Esse autor discorre que o contato de uma cultura com a outra, através dos símbolos, valores e códigos, não necessariamente indica a morte de uma em detrimento de outra; pelo contrário, afirmar “[...]que os outros povos não são tão facilmente deculturados seria reconhecer o desenvolvimento simultâneo de uma integração global e de uma diferenciação local” (p. 57). Por exemplo, ao longo dos anos a pontuação da partida mudou. Infiro que alguns dos motivos pelos quais a pontuação por partida modificou-se para número de arremessos, assim como o tipo de malha mudou de ferro sextavada para de aço circular; o tipo de piso que deixou de ser de saibro para cimentado; a metragem da raia de malha etc. tenham relação direta com o contato que os jogadores do Clube de Malha estabeleceram com outros que jogavam em diferentes pistas e que por sua vez também já tinham tido algum tipo de ligação com membros que eram filiados ou pelo menos conheciam as regras da Federação Carioca de Malha. Com isto, diversos desejos, interesses e necessidades dos jogadores do Clube de Madureira foram surgindo, confluindo em novas conformações das regras e da organização do próprio grupo. Seguindo esse raciocínio, com a entrada de novos participantes no clube, com suas formas de jogar, seus conhecimentos sobre o jogo e também como membros da sociedade e da política local, aos poucos o grupo foi modificando suas regras internas, e muitas transformações foram surgindo para dar conta das “novas” necessidades. Uma delas, como descrito anteriormente, foi o cimentado na área da batida da malha, mudando radicalmente as maneiras de lançamentos da malha.

Presenciei no meu retorno ao campo no dia 26 de setembro de 2015, depois de um ano afastada, uma dinâmica diferente dentro do clube. Tudo muito limpo e organizado. Algumas pessoas que não conhecia dentro da área de convivência; até um casal conhecido de uma deles estava neste local, senti um clima diferente. Estavam quase todos os jogadores que participaram da pesquisa e mais dois novos para mim. Atribuo tais mudanças à entrada de um jogador mais novo do que a maioria - ele tem 58 anos. Veio convidado por outro ex-jogador, que agora também retornou juntamente com ele. Este novo sócio chega mais cedo, limpa todo o espaço, cuida das plantas e será o novo tesoureiro do grupo. Em três meses, já ganhou as chaves do portão e liberdade para fazer ações pelo clube. A fala dele é positiva; tentando apaziguar os desentendimentos entre os outros. Pude perceber as ações dele no dia 3 de outubro de 2015, quando o presidente queria fazer um jogo com quatro jogadores em cada time,

como é a maneira jogada oficialmente. Porém, não havia oito pessoas; somente seis sócios, um foi embora mais cedo. O que este novo sócio sugeriu, até por não conhecer esta malha esportivizada, e ainda muito pouco do jogo que jogam ali na praça, é que ficassem três de cada lado e uma “equipe” jogasse contra a outra. Eles acataram a ideia, mas depois de muitas reflexões sobre o que seria esta forma de jogar, pois nunca tinham visto isto, nem eu.

Nesse contexto, deve-se ressaltar aqui a noção de “fluxos” de Hannerz (1997), que conduz a uma preocupação com as relações interculturais e de como estas estão localizadas nos estudos antropológicos contemporâneos. Nas sociedades ditas “complexas”, como há uma maior interação de pessoas do que nas chamadas “simples”, aquelas são mais instáveis, e ao contato com diferentes culturas, acabam realizando novos arranjos (HANNERZ, 1992).

[...] E, para manter a cultura em movimento, as pessoas, enquanto atores e redes de atores, têm de inventar cultura, refletir sobre ela, fazer experiências com ela, recordá-la (ou armazená-la de alguma outra maneira), discuti-la e transmiti-la (HANNERZ, 1997, p. 30).

Esta ideia de fluxo indicada por Hannerz (1992) me remete às reflexões de Wagner (2010), no que diz respeito à capacidade da cultura de se reinventar, através de movimentos contínuos e descontínuos. Há determinados ajustamentos culturais em função dos contatos estabelecidos com outros enfoques culturais. Sendo assim, é a capacidade inventiva e de ressignificações dos atores sociais que se desenvolvem ao entrar em contato com outras formas de relações de sociabilidade, através dos jogos entre equipes.

Se nossa cultura é criativa, então as culturas que estudamos, assim como outros casos desse fenômeno têm, de sê-lo. Pois toda vez que fazemos com que outros se tornem parte de uma “realidade” que inventamos sozinhos, negando-lhes sua criatividade ao usurpar seu direito de criar, usamos essas pessoas e seu modo de vida e as tornamos subservientes a nós (WAGNER, 2010, p. 46).

Os pós-modernos de maneira geral tentaram a todo custo nos mostrar que os objetos da Antropologia estavam fadados a morrer, pois a própria cultura a estava. Os clubes de malha que encontrei pelo caminho da pesquisa, toda a dinâmica esportiva que atualmente acontece, principalmente no estado de São Paulo, a divulgação do esporte malha realizado pelas redes sociais e a entrada deste novo membro do grupo de Madureira, me fazem refutar tal ideia. Aponto que os objetos vão se transformando e

mostrando novas facetas, e cabe a nós, antropólogas e antropólogos, estarmos atentos aos movimentos culturais que estão ocorrendo e aos necessários recortes a serem realizados - esta é uma de nossas tarefas.

Para finalizar, através do contexto particular estudado, surgiram questões que trouxeram à tona assuntos debatidos pela Antropologia contemporânea e que cada vez vêm ganhando espaço no cenário acadêmico, por sua urgência em descrever e refletir sobre os fenômenos culturais em um mundo cada vez mais globalizado, seja em suas formas de pensar, seja em suas ações e necessidades.

Neste sentido, este estudo foi construído a partir dos interesses e demandas teóricas da linha de pesquisa “Antropologia do Corpo e do Esporte”, no Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA-UFF), dando vazão a problematizar um objeto de estudo original que permitiu discussões de assuntos relacionados às teorias antropológicas aliadas a uma densa pesquisa de campo. É uma área cujo espaço vem aumentando progressivamente no cenário da Antropologia contemporânea, especialmente da brasileira, e que, no caso da Universidade Federal Fluminense, tem se consolidado como uma linha de pesquisa com interessantes e novos temas.

REFERÊNCIAS

AGIER, M. Lugares e redes- as mediações da cultura urbana. In: (Orgs.) GODOI, E. P. e NIEMEYER, A. M de. **Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena os estudos rurais e os estudos urbanos**. Campinas: Mercados de Letras, 1998. P. 41-63.

ALVES, A. M. **A dama e o cavalheiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

_____. Mulheres, corpos e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas. In: LINS DE BARROS, M (org.). **Família e gerações**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. P. 67-89.

ARCHETTI, E. **Masculinidades: fútbol, tango y polo em la Argentina**. Bueno Aires: Antropofagia, 2003.

BARTH, F. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BERGER, L.P. e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOURDIEU, P. **Le sens pratique**. Paris: Éditions de Minuit, 1980

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983a.

_____. Programa para uma sociologia do esporte. In: **Coisas ditas**. São Paulo: brasiliense, 1983b, p. 207- 220.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRIGEIRO, M. M. C. **Rir ou chorar: envelhecimento, sexualidade e sociabilidade masculina**. (Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: UERJ/ Instituto de Medicina social, 2000.

BROUGERE, G. **Jogo e Educação**. São Paulo: Artmed, 2003.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUYTENDIJK, U. O jogo humano. In: **Nova Antropologia: o homem em sua existência biológica, social e cultural**. São Paulo: EPU-EDUSP, 1977. P. 63-87.

CABRAL, A. **Jogos populares portugueses (Coleção Coisas novas)**. Porto: Editorial Domingos Barreira, 1986.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Cotovia, 1990.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CECCHETO, F. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CIOCCARI, M. Reflexões de uma antropóloga “andarina” sobre etnografia numa comunidade de Mineiros de Carvão. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n 32, p. 217-246, 2009.

COELHO, M. C. Uma certa antropologia urbana: a experiência subjetiva em ambientes fragmentados. In: CARNEIRO, S de S. e SANT’ANNA, M. J. G. (orgs.). **Cidade: olhares e trajetórias**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. P. 293- 308.

CONNEL, R. **La organización social de la masculinidad**. Biblioteca Virtual de Ciencias Sociales, Peru, 2005. P. 1-25.

CORDEIRO, G.I., BAPTISTA, L. V. E., DA COSTA, A. F. (orgs.). **Etnografias urbanas**. OEIRAS: Editora Celtas, 2003.

CORNWALL, A. & LINDISFARME, N. Dislocating masculinities: gender, power and anthropology. In: Cornwall & Lindisfarne (orgs.). **Dislocating masculinity. Comparative ethnographies**. London and New York: Routledge, 1994. p. 11-47.

DA MATTA, R. Espaço: casa, rua e outro mundo – o caso do Brasil. In: **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 25-54

DEBERT, G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias da idade. In: LINS DE BARROS, M. **Velhice ou terceira idade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

DUARTE, L. F. D. Identidade social e padrões de agressividade verbal em um grupo de trabalhadores urbanos. In: LEITE LOPES, J. S (org.). **Cultura e identidade operária. Aspectos da cultura da classe trabalhadora**. Rio de Janeiro: Marco Zero; UFRJ; PROED, 1987. P. 171-202.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974

DURHAM, E. R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, R. C. L e DURHAM, E. R. **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986. P. 17-37.

DUVIGNAUD, J. Prefácio. In: HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: centauro, 2006. P. 7-16.

EL- KAREH, A. C. Quando os subúrbios eram arrabaldes: um passeio pelo Rio de Janeiro e seus arredores no século XIX. In: OLIVEIRA, M. P. e FERNANDES, N. da N (orgs.). **150 anos de subúrbio carioca**. Niterói: EDUFF, 2010. P. 19 - 56.

ELIAS, N. e DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

EVANS-PRITCHARD, E. Trabalho de campo e tradição empírica- antropologia aplicada. In: **Antropologia social**. Lisboa, edições 70, 1972. P. 67-85.

FALCONET, G. & LEFAUCHEUR, N. **A Fabricação dos Machos**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1977.

FARIA, J. E. Prefácio. In: KRONMAN, A. T. **Max Weber**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. (p. 1-14).

FOOTE WHYTE, W. **Sociedade de Esquina**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005.

FONSECA, I. F. **Um possível papel do professor de educação física na área do lazer: reflexões no âmbito da formação profissional**. (monografia de final de curso de licenciatura plena em educação física). UERJ, 1996. 79 pgs.

_____. **Jogos jogados com a bola de gude: a atração e o fascínio que marcam os seus atuais e ex-jogadores**. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF, 2000. 204 pgs.

_____ e TELLES, S. The “malha” game as a leisure choice to the Elderly Residents in the city of Miguel Pereira. In: **Fiep Bulletin (Federation Internationale d’ Education Physique)**. Volume 76, 2006a, p. 347- 350.

_____ e TELLES, S. O jogo de malha: sua trajetória histórica no Clube Esportivo Mauá (São Gonçalo-Rio de Janeiro). In: **Anais do X Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança**. UFPR, maio/junho de 2006b.

GADAMER, H. G. **Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

GASTALDO, E. As Relações Jocosas Futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. **Mana**, v. 16, p. 311-325, 2010.

_____. e BRAGA, A. A. Corporeidade, esporte e identidade masculina. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19, n 3, setembro-dezembro/2011. P. 875-893.

GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1978.

_____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis:Vozes, 2009.

GERALDO, J. **Projeto Rio Boa Praça: História da Praça do Patriarca**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro; Secretaria Municipal de Educação e Cultura, s/d. 4 p.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GILMORE, D. D. **Manhood in the making cultural concepts os masculinity**. Yale University, 1990.

GOFFMAN, E. **Comportamento em lugares públicos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

GUEDES, S. **Jogo de corpo**. Niterói, EDUFF: 1997.

_____. Esporte, lazer e sociabilidade. In: Carlos Benedito Martins; Luiz Fernando Dias Duarte. (Org.). **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil - Antropologia**. 1ed. São Paulo: Anpocs; Discurso Editorial, Barcarolla, 2010, v. 1, p. 431-456.

GUEDES, S. L. e LIMA, M. da S. Casa, família nuclear e redes sociais em bairros de trabalhadores. In: LINS DE BARROS, M. **Família e gerações**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. P.131- 163.

GUTMANN, M. **Ser hombre de verdad en la ciudad de México**. Ni macho ni mandilón, El Colegio de México, 2000.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: centauro, 2006.

HANNERZ, UIF. **Cultural complexity: studies in the social organization of meaning**. Columbia: Columbia University Press, 1992.

_____. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. In: **Revista Mana: estudos de Antropologia Social**. Revista da vol.3. n.1 Rio de Janeiro. Abril, 1997. p. 1-30.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

INGOLD, T. Anthropology is not Ethnography. In: Wacquant, Loic. **Radcliffe-Brown Lecture of social anthropology**, British Academy, 2008.

JARDIM, D. F. **De bar em bar: identidade masculina e auto-segregação entre homens de classe popular**. (Dissertação de mestrado). PPGAS/ UFRGS, 1991. pgs. 177

KNIJNIK, J. D. (org.) **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

LASK, T. Apresentação. In: BARTH, F. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000, p. 7-23.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LINS, A. J. P. S. Ferrovia e segregação espacial no subúrbio: Quintino Bocaiuva, Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, M. P. e FERNANDES, N. da N (orgs.). **150 anos de subúrbio carioca**. Niterói: EDUFF, 2010. P. 138- 160.

LINS DE BARROS, M. Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas. In: LINS DE BARROS, M. **Família e gerações**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006a. P. 17-37.

_____. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: LINS DE BARROS, M. **Velhice ou terceira idade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006b. P. 113- 168.

MACHADO, P. S. Entre homens: espaços de gênero em uma perspectiva antropológica. Sobre masculinidades e decisões sexuais e reprodutivas. In: BONETTI, A.; FLEISCHER, S. **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: Edunisc, 2007. P. 155-184.

MACHADO, L. A. e VELHO, G. Organização social do meio urbano. In: **Revista Anuário**, Universidade de Brasília, 1977. P. 71-82.

MAGNANI, J.G.C. **Festa no pedaço: cultura e lazer na cidade**. São Paulo, 1998.

_____. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J.G.C. e TORRES, L. d. L. **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Fapesp, 2000. P. 15-53.

_____. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. In: *RBCS*. Vol. 17, nº 49, junho/2002.

_____. **Da periferia ao centro- trajetórias de pesquisa em antropologia**. São Paulo: Editora Terceiro nome, 2012.

MACIEL, L. A. Outras memórias nos subúrbios cariocas: o direito ao passado. In: OLIVEIRA, M. P. e FERNANDES, N. da N (orgs.). **150 anos de subúrbio carioca**. Niterói: EDUFF, 2010. P. 187-218.

MALINOWSKI, B. Na ethnographic theory of language and some practical corollaries” In: **Coral Gardens and their Magic. A study of the methods of tilling the Soil and of Agricultural rites in Trobiand islandas**. New York: Dover Publications, 1978, parte IV, p. 3-74.

MARCELINO, N. C. **Lazer e educação**. Campinas: Papyrus, 1987.

MAUSS, M. Noção de técnica do corpo. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 1934, p. 401- 419.

_____. “As relações jocosas de parentesco”. In: R. C. Oliveira (org.), **Antropologia**. São Paulo: Ática, 1983. (pp. 164-176).

MELO, V. A. **Esporte e Lazer: conceitos**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. Das touradas ‘as corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos a configuração do campo esportivo no Brasil. In: Melo e Priore (orgs.). **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: Unesp, 2009. (p. 35-70).

MENDONÇA, L. C. Memória e vida cotidiana em Madureira, um bairro da cidade do Rio de Janeiro. **Monografia (Bacharelado em História)** – Universidade Federal Fluminense, 2007. 83 fl.

MOURA, M. L. S. **Manual de elaboração de projetos de pesquisa**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

OLIVEN, Ruben George. **A antropologia de grupos urbanos**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. Cidades, territórios e identidades. In: **cidade: olhares e trajetórias**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. P. 73- 84.

OLIVEIRA, M. P. A trajetória de subúrbio industrial chamado Bangu. In: OLIVEIRA, M. P. e FERNANDES, N. da N (orgs.). **150 anos de subúrbio carioca**. Niterói: EDUFF, 2010. P. 95- 137.

OLIVEIRA, A. C. T. de. e FERNANDES, N. da N. Marechal Hemes e as (des) conhecidas origens da habitação social no Brasil: o paradoxo da vitrine não vista. In: OLIVEIRA, M. P. e FERNANDES, N. da N (orgs.). **150 anos de subúrbio carioca**. Niterói: EDUFF, 2010. P.57-94.

OLIVEIRA, R. C de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 1998.

ORTNER, S. B. Uma atualização da teoria da prática. In: GROSSI, M. P.; CORNELIA, E. FRY, P. H. (orgs.) **Conferências e práticas antropológicas**. Reunião Brasileira de Antropologia. Blumenau: Nova Letra, 2007. P. 19 – 45.

PERURENA, F. C. V. e MAIA, G. F. Velhice, masculinidade e formas de sociabilidade entre homens em Santa Maria. IN: **Anais do XIV Congresso Brasileiro de Sociologia**. Rio de Janeiro, 2009. P. 1-14.

PITT-RIVERS, J. Honra e posição social. In Peristiany, J. (org.). **Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas**. Lisboa: Gulbenkian, 1988. p. 11-60.

RADCLIFFE- BROWN. O método comparativo em antropologia social. In.: Mellatti, Júlio Cezar (org.). **Radcliffe-Brown: Antropologia**. São Paulo: Ática, 1978. (Coleção *Grandes Cientistas Sociais*, nº 3). P. 43- 57.

_____. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.

RIAL, Carmem. Rugby e judô: esporte e masculinidade. Pedro, Joana e Grossi, Miriam (orgs.). **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998. p. 229-258.

RODRIGUES, R. P. Prefácio. In: WOFF, S. H. (org.) **Vivendo e envelhecendo: recortes de práticas sociais nos núcleos de vida saudável**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2009. P. 7-8.

ROJO, L. F. **Borrando los sexos, creando los géneros: construcción de identidades de género en los deportes ecuestres en Montevideo y Río de Janeiro**. In: *Vibrant (Virtual Brazilian Anthropology)*, V. 6, N. 2. July to December, 2009.

_____. **Vivendo ‘Nu’ no paraíso”: comunidade, corpo e amizade na colina do sol**. Rio de Janeiro: DÍgrafo, 2012.

_____. Other Masculinities: Equestrianism in Uruguay. In: ADAIR, I. D; KNIHNIK, J. **Embodied masculinities in Global Sport**. 2015. P. 53- 69.

SANJEK, R. “The secret life of fieldnotes”. In: SANJEK, Roger (ed.) **Field-notes. The makings of anthropology**. Cornell University Press, 1990. p. 187-270.

SANTOS, C. N. F. dos e VOGEL, A. **Quando a Rua vira a casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. São Paulo: Projeto, 1985.

SAHLINS, M. O Pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (Parte I). **Mana**, v. 3, 1997, p. 103-150.

SERRA, M. C. **O jogo e o trabalho: episódios lúdico-festivos das antigas ocupações agrícolas e pastoris coletivas**. Lisboa: Inatel, 2001.

SILVA, V. G. **O antropólogo e sua magia**. São Paulo: EDUSP, 2000.

SILVA, M. L. A favela e o subúrbio: associações e dissociações na expansão urbana da favela. In: OLIVEIRA, M. P. e FERNANDES, N. da N (orgs.). **150 anos de subúrbio carioca**. Niterói: EDUFF, 2010. P. 161- 186.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (org.) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

_____. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, E. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p. 165-181.

_____. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

SIQUEIRA, M. J. T. A constituição da identidade masculina: homens das classes populares em Florianópolis. In: Pedro, Joana e Grossi, Miriam (orgs.). **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis: Editora: Mulheres, 1998. p. 209- 227.

SILVEIRA, R da. Jogo da bocha: a “cachaça” do seu Inácio. In: SILVEIRA, R de; STIGGER, M.P. e GONZALEZ. F. J. (orgs.). **O Esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: editora do UFRGS, 2007.

SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Fisionomia e estrutura do Rio de Janeiro. Separata da **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, IBGE, ano XXVII, n3, 1965, p. 330-370.

SOUZA, R. R. de. **A confraria da esquina: o que os homens de verdade falam em torno de uma carne queimando: etnografia de um churrasco de esquina no subúrbio carioca**. Rio de Janeiro: Bruxedo, 2003.

_____. **O lazer agonístico: Como se aprende o que significa ser homem num bar de um bairro suburbano**. (Tese de doutorado). Niterói: UFF/PPGA, 2010.

TRAVASSOS, S. **Jogo, praça pública e sociabilidade masculina**. (Dissertação de mestrado em antropologia). UFRJ: Museu Nacional, 1995.

VALE DE ALMEIDA, M. **Senhores de si**. Lisboa: Ed. Fim de século, 1995.

VELHO, G. Unidade e fragmentação em sociedade complexas. In: VELHO, G. **Projeto e metamorfose- a antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: editora Zahar, 1994. P. 11- 30.

_____. Um antropólogo na cidade: ensaios de uma antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

WAGNER, R. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

WACQUANT, L. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2012.

HANNERZ, UIF. **Cultural complexity: studies in the social organization of meaning**. Columbia: Columbia University Press, 1992.

_____. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. In: **Revista Mana: estudos de Antropologia Social**. Revista da vol.3. n.1 Rio de Janeiro. Abril, 1997. p. 1-30.

**APÊNDICE 1 – Regras do jogo de malha no Esporte Clube de Malha Patriarca de
Madureira**

APÊNDICE 2 - Participantes da pesquisa¹³⁴

Fiz a caracterização dos sócios destacando seus dados pessoais, sua profissão, sua proximidade de moradia com a praça, seu passado ou não com o jogo de malha, como são algumas formas de atuação dentro do clube. Usei nomes fictícios.

Os frequentadores e pessoas que foram entrevistadas continuaram com seus nomes oficiais por serem únicos dentro do contexto do clube de malha.

Esporte Clube de Malha Patriarca de Madureira

a) Sócios-jogadores

- 1) **João Carlos** - Nascido em 1944, na cidade de Quiçamã, estado do Rio de Janeiro. Casado, com cinco filhos e alguns netos. Mora perto da pista, vai a pé. Assistente de manutenção da Rede Ferroviária Federal aposentado. Conheceu o jogo com aproximadamente 35 anos e conciliava o trabalho, o futebol e o jogo de malha. Jogava malha na pista de Bento Ribeiro e, em 1994, foi convidado para participar do Grupo de Malha de Madureira, pois era compadre de um dos fundadores. Nunca quis estar à frente de nenhum cargo no clube. Atualmente é o jogador o jogador mais antigo do clube e o mais frequente também. Sua opinião tem forte influência sobre o grupo. Cobra a participação dos outros sócios e sempre exige do presidente do clube uma voz mais ativa tanto para marcar jogos quanto para resolver problemas do cotidiano.
- 2) **Márcio** - Nascido em 1930, em Portugal. Mora há mais de 50 anos no Brasil. Tem dois filhos, quatro netos e quatro bisnetos. Mora perto da pista, vai a pé. Era dono de caminhão de frete. Conheceu o jogo de malha em Portugal, quando era garoto, sob o nome de *chinquillo*; a diferença é que os arremessos eram realizados em cima de tabuleiros, em tabernas, em troca de vinho e cervejas. Conheceu a pista de Madureira ao passar pela praça quando ia à igreja. É sócio do clube há aproximadamente treze anos. É o

¹³⁴ Nomes fictícios, exceto quando sinalizado.

jogador mais velho do Clube. Por conta disso, não é mais um jogador frequente.

- 3) **Raimundo**¹³⁵ - Nascido em 1965, acredita que começou a jogar malha com o clube em torno de 1995, com 30 anos. Trabalhava como segurança (armado) e conciliava os fins de semana com o jogo de malha e o futebol. Mora perto da pista. É casado e tem dois filhos. Seus filhos jogavam o jogo de malha em casa, pois ele comprou um par delas. Afastou-se do clube ao longo do campo.
- 4) **Mário** - Nascido em 22 de maio de 1937, no Espírito Santo. É casado e tem dois filhos. Aposentado encanador da *General Eletric*. Mora no bairro da Penha e vai para a praça de ônibus ou de carro. Conheceu a malha ainda garoto, com oito ou nove anos, como uma brincadeira chamada “Volta atrás¹³⁶”, no lugar onde nasceu. No Rio de Janeiro, jogou durante anos representando a *General Eletric* nos campeonatos de malha que existiam na época. Conheceu o grupo de Madureira, pois um colega da *General Eletric* o avisou que vira um grupo jogando malha em uma praça. Ele foi até lá e pediu para participar. Não sabe precisar o ano em que entrou, mas acredita que tenha sido entre 2001-2002. É presidente do clube desde 2005. Jogador frequente.
- 5) **Miguel** - Nascido em 29 de março de 1935. É casado, tem três filhos e não tem netos. Começou varrendo chão de fábrica e chegou e alcançou o cargo de encarregado da manutenção em uma indústria têxtil, e hoje é aposentado pelo INSS, mas ainda faz uns “bicos” como eletricitista e serralheiro. Mora a dez minutos da praça e vai para a pista a pé. Tem como lazer frequentar a Praça do Patriarca e o comércio local. Conheceu um jogo na infância que consistia em jogar “qualquer coisa em cima de uma marca”; não julgava que fosse malha, mas quando viu o jogo na praça, fez relação direta com o que fazia na infância. Um dia, passou pela praça e pediu para brincar. Conhece a

¹³⁵ Construí poucos dados acerca dele e de sua relação com a pista, pois foi poucas vezes à pista no ano de 2013, tendo se afastado no ano de 2014, pelo menos até o fim do meu campo etnográfico. Tentei contato com ele, pelos sócios, mas ninguém sabia onde morava, trabalhava, ou não quiseram me dizer. Tive acesso à ficha dele de sócio do clube, com endereço e telefones não válidos.

¹³⁶ “Arrumava aquelas moedas de quatrocentos réis, um tostão e botava na cabeça do pino. Esse pino aí (como da malha). Na estrada, não tinha marcação, era a distância que a gente achava que tinha que ser. Conforme a gente jogava a malha lá no alto (aqui, também acontecia com a gente, jogando a malha no alto), então, a malha caía em cima do pino, derrubava o pino. O dinheiro que ficasse mais próximo do pino, era o dono do dinheiro” (Diário de campo, dia 24 de agosto de 2013).

pista desde que era de terra batida, mas não sabe precisar o ano em que aconteceu o primeiro contato. Não tem frequentado com assiduidade o clube, indo mais nos dias em que há torneios com outros clubes; não tem concordado muito com algumas situações que vê acontecer lá dentro.

- 6) **Januário** - Em 2014 tinha 62 anos. Nasceu no bairro de Irajá e mora perto da praça há 25 anos, desde quando se casou. Separado, tem um filho. Tem segundo grau incompleto. Trabalhou no IBGE como digitador e se aposentou por invalidez devido a problemas nos tendões, há aproximadamente 20 anos. Para complementar a renda, faz “bicos” como montar barracas para venda de bebidas em festas locais. Na infância, jogava tampa de leite em pó em um pino e sabia que tinha boa mira. Quando viu na praça o jogo de malha, pediu para tentar jogar. Como já conhecia muitas pessoas de lá, entrou para o grupo. Não sabe precisar quando, mas acha que isso faz por volta de 20 anos.
- 7) **Arthur** - Em 2014, tinha 83 anos, sendo o segundo mais velho do clube. Mora desde que nasceu em Oswaldo Cruz, bairro que fica a 25 minutos da praça, para onde vai de ônibus ou, mais comumente, de bicicleta. É casado, tem filhos, netos e bisnetos. Trabalhou sempre com comércio; seu último emprego foi como balconista de padaria. Tem o 6º ano do ensino fundamental. Conheceu o jogo de malha na Ilha do Governador, ainda quando criança/adolescente, mas sua descrição é similar à do senhor Mário¹³⁷. Um dia, já aposentado, ao passar pela praça, viu uma pessoa conhecida no meio do grupo, e os que estavam lá o chamaram para entrar. “Aí eu logo na primeira vez acertei o pino, acertei o pino, disse pô, então tá bom. Aí começamos, acertou, acertou” (Entrevista, outubro de 2013). Não soube precisar o ano em que isso aconteceu, mas acha que foi antes dos anos 2000, quando a pista ainda era de terra batida. Jogador frequente.
- 8) **Samuel** - Nascido em 1941 no estado de Minas Gerais. É casado, tem dois filhos e não tem netos. É aposentado por tempo de serviço, porém ainda trabalha como empreiteiro no ramo da construção civil. Desde a década de

¹³⁷ “A regra era que botava uma roda e botava um pino ali, com dinheiro em cima, cada um botava a sua parcela, e que nem aqui, joga pro ponto pra vê que o que ficasse mais perto, o que ficasse mais perto era o primeiro a jogar pra apanhar o dinheiro do pino lá. E aí depois o pessoal ia jogando, aí o pessoal gritava ‘É pra mim sozinho’, ‘É pra nós’ tinha que ter outro mais perto pra dividir, a gente jogava com mais força pra dividir o dinheiro do pino ali. E a gente ia brincando o tempo todo, quando tinha dinheiro, quando não tinha ninguém jogava” (Descrição integral do entrevistado, ano de 2013).

1960, mora no Rio de Janeiro. Desde 2012 mora em Madureira, perto da praça, para onde vai a pé ou de carro. Conheceu o jogo de malha ainda criança na cidade de Divinópolis, Minas Gerais. Brincava com aquela malha antiga, sextavada, quadrada nas laterais. Em seu jogo, colocava-se um pino de cada lado e se arremessava a malha. Seu irmão trabalhava em uma oficina que confeccionava a malha para ele e os colegas, meninos e meninas, jogarem na rua; não havia pista de malha. Ao vir morar em Madureira, passava pela pista, olhava, ficava encostado na grade e tinha vontade de entrar, até que um dia o fez e foi bem recebido. Começou a frequentar em novembro de 2013. É o sócio mais recente do clube.

9) Marcelo - Nasceu em 20 de dezembro de 1941, no Alto da Boa Vista, cidade do Rio de Janeiro. Jogava malha desde criança com seu irmão, colocando um pedaço de madeira em cada extremidade e jogando um pedaço de caco de telha para tentar derrubá-lo. Era seu pai quem fazia a malha, passando-a no chão para alisá-la. Viúvo, não tem filhos. Reformado pelo corpo de bombeiros. Mora em Madureira e vai de carro para a pista. Começou a jogar a malha na Praça do Patriarca em 1996. É tesoureiro do clube desde 2001. É cantor de serestas e viaja frequentemente para outro estado, onde tem um imóvel alugado. Joga com frequência mediana por conta dessas outras opções de preenchimento do tempo livre.

10) Leandro - Nascido em 14 de dezembro de 1954. Casado há 30 anos, tem filhos. Mora bem próximo e vai a pé à pista. Trabalha em uma indústria de fragrâncias e, nos fins de semana, também vende os produtos que produz em casa. Participa do clube só aos sábados, pois aos domingos joga cartas em outro clube, próximo à praça. Jogador mais novo do grupo, frequenta só aos sábados.

11) José - Nascido em 28 de agosto de 1939 e falecido em março de 2014, com 74 anos. Divorciado, dois filhos e netos. Morador do Méier, se locomovia de carro para a pista. Passou sua infância em Cascadura, onde jogava o jogo de malha desde os oito anos de idade (seu pai foi dono de uma pista). Era reformado da Aeronáutica, mecânico de aviões. Adulto, jogava na pista de Bento Ribeiro. Quando esta terminou, foi para a pista de Madureira. Não sabe precisar quando. Era muito frequente na pista; sua última vez visita aconteceu em 20 de dezembro de 2013.

b) Sócios-contribuintes

12) Sandro - Desde 1943, morava perto da praça. Faleceu em junho de 2014, com aproximadamente 75 anos. Ia à praça para ver as pessoas jogando e participar da sociabilidade local. Sempre contava com muita alegria e sorrisos o que acontecia no clube e lembrava sempre coisas do passado. Tentou jogar uma vez, mas achou que não tinha habilidade. Resolveu ser sócio-contribuinte. Participava e dava sua opinião sobre as questões que aconteciam no clube, do qual era muito assíduo. Ajudava na arrumação do local. Os assuntos nos quais mais se envolvia eram médicos e exames, o custo de vida e o preço de produtos, questões do bairro e futebol.

Ex-jogadores e ex-presidentes do clube

1) Alexandre - Nascido em 14 de março de 1938, no Espírito Santo. É casado pela segunda vez, tem quatro filhos do primeiro casamento e sete netos. Os filhos e netos já foram assisti-lo na pista, mas, segundo ele, não gostam de jogar malha. Trabalhava na oficina mecânica da Petrobrás. Conheceu o jogo de malha no Espírito Santo, quando tinha em torno de 18 anos. Jogava as malhas em terra batida e com os primos, tios, avós, na casa de algum parente. No Rio de Janeiro, começou jogando malha em Bento Ribeiro, graças a um amigo que o chamou para participar, e conciliava o jogo com o trabalho, jogando apenas nos fins de semana, pela manhã. Foi o primeiro presidente do grupo de malha e ficou no cargo por volta de quatro anos (1996-2000).¹³⁸ Parou de jogar em 2011, depois de ser submetido a uma cirurgia no joelho e ter dificuldades de se locomover, além de ter problemas na coluna.¹³⁹ Mora perto da pista, porém não a frequenta mais, nem para assistir aos jogos.

¹³⁸ Através das atas das reuniões é que conseguimos identificar que o senhor Alexandre fora presidente do Clube entre 1996 e 2000.

¹³⁹ Fiz uma entrevista semiestruturada com ele em sua residência. Ele fez questão que outro senhor, jogador da malha, estivesse presente. Por vezes, este falou durante a entrevista, ajudando até na transcrição das falas de Alexandre, já comprometidas por causa da idade e problemas de saúde. Fala em tom baixo, o que dificultou nossa transcrição.

- 2) **Carlito** – Nascido em 1938, em Coelho Neto, cidade do Rio de Janeiro. Casado, tem dois filhos e netos. Aprendeu a jogar malha na adolescência, no bairro onde nasceu, com seu pai. Jogava em praças e ruas, sem local específico. Servidor público (delegado), com formação superior em contabilidade. Conheceu a pista de Madureira em 1994, quando comprou uma casa nesse bairro. Passava pela praça e via o grupo jogando, até que um dia pediu para participar. Foi presidente do grupo entre 2000 e 2005 (não soube precisar e as atas não são específicas sobre quanto tempo ele ficou no cargo). Quando começou a jogar, ainda trabalhava. Saiu do clube de Madureira em torno de 2005 e foi jogar no Clube IX de Junho (Pavuna).

Frequentadores da pista de jogo

- 1) **Guilherme** - Nascido em novembro de 1945, na cidade de Natividade, Rio de Janeiro. É casado, tem uma filha e um neto. Mora bem próximo à Praça do Patriarca. Aposentado, trabalhava no comércio como gerente de uma loja de sapatos. Estudou até o 6º ano do ensino fundamental. Já foi sócio-contribuinte, mas não quis mais pagar; prefere ajudar quando há necessidade de gastos no clube. Preparava os churrascos nas festividades, mas por conta de um desgaste com um ex-sócio-contribuinte, deixou de fazê-lo. Mesmo assim, gosta de ir à pista para ficar batendo papo, por acreditar que ali há pessoas *de qualidade* (termo usado por ele para se referir aos sócios do clube). Conversava bastante com Sandro.
- 2) **Luiz** - Policial militar inativo, coronel. Tinha 63 anos em 2014. Tem duas filhas e dois netos. Mora perto da praça desde 1976. Não gosta de jogar e também tem uma lesão na coluna lombar que o impossibilita de abaixar e levantar. Vê-se como simpatizante do jogo; porém, nunca foi chamado pelo grupo para ser sócio-contribuinte. Já foi chamado para participar de festas de fim de ano. Prefere ficar conversando com os sócios do Clube. Ele passa, olha, brinca e conversa sobre os mais variados assuntos, não só o jogo de malha, e também conta piadas. Tenta ajudar e dar uma opinião quando lhe pedem uma sugestão. Conheceu o grupo através de um dos seus membros, por serem colegas na seresta. Frequenta a pista há aproximadamente dez

anos. Nos fins de semana, vai ao comércio local, faz algumas compras e, depois, passa na pista. Tem mais contato com três membros do clube os quais conhece pelo nome.

- 3) **Vinícius**¹⁴⁰ - Irmão de um dos jogadores. Vai à pista para ver seu irmão jogar e também conversar um pouco. Sempre leva um jornal e o lê dentro da área de convivência da pista de malha. Por vezes, leva seu filho pequeno também. Mora há 23 anos em Madureira. Frequenta a Praça de Madureira e o comércio ao seu redor desde 1991, e viu o jogo de malha se constituir no local.

Frequentadores externos à pista

- 1) **Fernando** - - Tinha 77 anos em 2014. É casado e tem três filhos. Escriturário reformado da Aeronáutica. Foi sócio-contribuinte do clube por aproximadamente oito anos, e disse que saiu porque cansou. Nasceu bem próximo à pista e mora lá até hoje. Para quase todos os fins de semana do lado de fora da grade e “puxa papo” com alguns dos sócios que estão dentro. Só o vi entrando uma vez, quando estava chovendo.
- 2) **Eduardo** – Em 2014 tinha 88 anos. Nunca foi sócio do clube e sem interesse em jogar, acha o jogo chato. É morador de Madureira, bem próximo à pista, desde os sete anos. Anda de bicicleta e passa pelas ruas ao redor da pista, nos fins de semana. Cumprimenta os jogadores e, por vezes, conversa com um ou outro, sem entrar na pista (eu, pelo menos, não presenciei tal fato). Antigamente, quando a pista ficava cheia de jogadores, parava para assistir às partidas; hoje não faz mais isso. Foi um dos meus informantes sobre o desenvolvimento da praça; desde quando se desativou a linha de trem, a fase do abandono e depois as obras para virar praça pública.

Interlocutores da vizinhança

¹⁴⁰ Não consegui entrevistar esse frequentador. No dia a dia do clube, ficava calado e concentrado no jornal que levava e lia dentro da pista. Não ficava muito lá dentro e, por vezes, levava seu filho (com aproximadamente dez anos). Disse-lhe umas três vezes que queria “bater um papo sobre a sua experiência no clube de malha”, mas não tive retorno. Os dados construídos com a participação dele foram obtidos através da etnografia desenvolvida.

- 1) **Roda** - É dono do bar há seis anos. Este estabelecimento fica em frente à pista e tem uma cópia da chave do cadeado do Clube e usa o espaço para fins comerciais, promovendo festas e reuniões (uma extensão coberta do bar). Já teve alguns aborrecimentos com os sócios do clube por conta do uso do espaço; não gostou de uma reclamação que fizeram dele a outra pessoa, gosta que falem diretamente com ele. Em 2014, tinha 64 anos. Mora bem próximo a pista.
- 2) **Norma**- Tem 43 anos, atendente da padaria, mora no bairro de Cascadura. Trabalha nela há nove anos. Larga do serviço às 14h00min e nos fins de semana estende seu horário na Praça até as 22:00h na com algumas colegas e seu filho de 12 anos fica brincando nela.
- 3) **Rogério**- Morador de rua que viveu por uns meses dentro da área de convivência da pista. Ficou responsável por tomar conta da pista, na ausência dos jogadores. Limpava, podava as plantas, tapava os buracos. Os pontos de luz e de água foram improvisados por ele. Saiu do espaço, pois roubou uma pochete de um dos frequentadores da pista. Nunca conseguiu conversar com ele direito para saber de sua vida. Uma vez jogou o jogo com o grupo. Mesmo sendo um “mal necessário”, como alguns apontavam, era uma pessoa respeitadora e tinha boa interlocução com o grupo, Até que começou a sumir e deixar tudo aberto. A gota da água foi o roubo da pochete.
- 4) **Jaime** - Ex-jogador que, por vezes, esteve na pista; sempre dizia que ia voltar a jogar e durante o tempo que estive por lá, não o fez. Tido por alguns como um ex-jogador que só voltaria para o clube se houvesse o não pagamento de mensalidade, pois achava que já tinha feito muito por aquela pista. Houve uma anistia durante seis meses e ele não retornou.
- 5) **Sílvio** - um vizinho da praça que parou para ver o jogo mais atentamente e foi chamado para entrar. Entrou e jogou uma partida, pois houve uma fala do meu marido que influenciou para que isto acontecesse. Não vi claramente um movimento dos jogadores em convidá-lo para jogar. Nunca mais voltou.

Entrevistas realizadas¹⁴¹

¹⁴¹ Nesses casos, não alterei seus nomes, pois foram pessoas específicas que procurei para que me ajudassem a construir os dados sobre a sociabilidade no grupo.

- 1) **Luiz** - jogador do clube de Nilópolis. É quem que atualiza o CNPJ da Federação de Malha do Estado do Rio de Janeiro.
- 2) **Mauro** - jogador do Clube de Malha de São Gonçalo que, por vezes, visitou os clubes de Madureira, Bangu e Cosmos.
- 3) **Laura** - única jogadora mulher com que o clube de Madureira teve contato. Esposa de ex-presidente da Federação de Malha do Estado do Rio de Janeiro. Aprendeu a jogar com ele tanto em casa, quanto em pista no bairro da Pavuna.

APÊNDICE 3 – Fotos com jogadores lançando a malha

1) Uma forma de arremesso.

Jogador com 74 anos do Esporte Clube de Malha. Conhece o jogo desde infância e participou de muitos campeonatos pelo SESI, seguindo as regras da Federação Paulista de Malha.



1- Passando a cera na malha



2- Início da inclinação do corpo e flexão de joelhos



3- Ligeira projeção do braço para tras, com flexão total dos joelhos e tronco



4- Lançamento da malha com projeção dos braços para frente, pernas menos afastadas, flexão da coluna.



5- batida do disco dentro da área branca- Malha válida e levantando o corpo após o arremesso.

2) Outra forma de arremesso.

Jogador com 84 anos do Esporte Clube de Malha. Conhece a malha desde infância, só participa do jogo na praça. Já participou poucas vezes de campeonatos regionais.



1) Projeção da perna para frente, mais afastadas, conjuntamente com a mão a frente do corpo. Malha na mão direita



2- Mão mais a frente do tronco



3- Flexão do tronco na eminência da soltura da malha, pernas bem abertas e mão a frente do corpo, com a malha em sua posse



4- Soltura da malha dentro da área branca- malha válida. Com projeção do tronco para frente.

3) Outra forma de arremesso.

Jogador mais novo de idade 58 anos, mas tem menos conhecimento sobre o jogo. Em proceso de aprendizado.



Passando a cera, com a perna aberta e tronco levemente fletidos



Abertura de pernas, com malha mais a frente do corpo e abaixando a coluna.



Maiores flexão de coluna, com projeção do braço para trás, com a mão como se fosse “rodar” a malha.



Lançamento da malha dentro da área branca, com extensão total dos braços a frente do corpo, pernas abertas e flexão de joelhos.